



**UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

**PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE: NEXOS COM
A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM (1972-
1985)**

**FLORIANÓPOLIS/SC
2015**

DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

**PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE: NEXOS COM
A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM (1972-
1985)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Área de Concentração: Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem.

Linha de Pesquisa: História da Educação e do Trabalho em Saúde e Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha.

**FLORIANÓPOLIS/SC
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carlos, Djailson José Delgado

Projeto HOPE no Rio Grande do Norte : nexos com a saúde e o ensino superior de enfermagem (1972-1985) / Djailson José Delgado Carlos ; orientadora, Maria Itayra Coelho de Souza Padilha - Florianópolis, SC, 2015.

287 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3. Cooperação internacional. 4. Profissional de saúde. 5. Ensino superior. I. Padilha, Maria Itayra Coelho de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Enfermagem. III. Título.

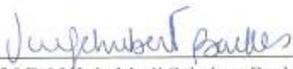
DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

**PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE: NEXOS COM A
SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM (1972-1985)**

Esta TESE foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de

DOUTOR EM ENFERMAGEM

e aprovada em sua versão final em 02 de dezembro de 2015, atendendo às normas da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, área de concentração - Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem.

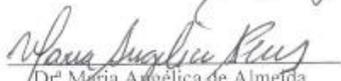
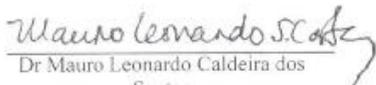


Profª Drª Vânia Marli Schubert Backes
Coordenadora do PEN/UFSC

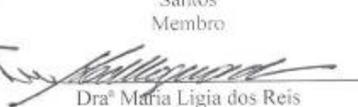
Banca Examinadora:



Drª Maria Itayra Coelho de Souza Padilha
Presidente


Drª Maria Angélica de Almeida
Peres
Membro
Dr Mauro Leonardo Caldeira dos
Santos
Membro

Drª Miriam Susskind Borenstein
Membro


Draª Maria Ligia dos Reis
Bellaguarda
Membro
Drª Isabel Cristina Alves Maliska
Membro

Dedico este trabalho aos meus pais
– Djalma Carlos e Lourdes
Delgado – minhas melhores
referências e maiores
incentivadores.

Agradeço a DEUS toda vez que
me lembro de vocês.
Em todas as minhas orações em
favor de vocês, sempre rezo com
alegria.
Filipenses 1:3-4

AGRADECIMENTOS

A **DEUS** pelo dom da vida e saúde;

Aos meus **pais** pelos afetos, ensinamentos, dedicação e exemplos;

Ao companheiro **Jaldir da Silva Cortez** pela compreensão da distância e dos momentos de isolamentos necessários e dedicados a esta Tese;

Aos meus queridos **irmãos** Lúcia, Diógenes, Djalma Júnior e Luciane, com quem sempre posso contar;

À **Universidade Federal do Rio Grande do Norte** e ao **Hospital Universitário Onofre Lopes** pela concessão do meu afastamento para Florianópolis/SC;

Ao Prof. Francisco de Assis Pinheiro – **Prof. Diá** – pelo empenho no processo da minha liberação;

Às professoras **Vânia Marli Schubert Backes**, **Jussara Gue Martini** e **Flávia Regina Souza Ramos**, que me permitiram cursar disciplinas como aluno especial na turma do Doutorado DINTER (UFSC/UFRN);

Ao casal amigo – **Luiz Benício** e **Joelma Siqueira** – que facilitou minha acomodação em Florianópolis;

Aos professores do **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**, da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC), pelos preciosos ensinamentos;

Aos colegas da **Turma 2012** – Daniela Ries Winck, Daniela Simoni Espíndola, Jacks Sorato, Luciana Ramos Silveira, Luizita Henckmaier, Juliana Gulini, Márcia Borck, Aline Pestana, Eleine Maestri, Danielle Lazzari, Bruna Canever, Fernanda Miranda, Micheline H. Koerich, Cecília Arruda, Fernanda Paes, Mariely Bernardi, Cilene Volkmer, Manuela Beatriz Velho e Joyce Green Koettker, pelos estudos, trabalhos e discussões;

Ao **Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde** (GEHCES), pela acolhida afetuosa, reuniões quinzenais, troca de experiências e saberes;

Ao amigo-irmão **Jaime Alonso Caravaca Morera**, pelos momentos musicais – meu *disc jockey* favorito – horas de estudo, ajuda, incentivo, gargalhadas – e pelo convívio respeitoso;

Às amigas potigüares, também doutorandas, **Cristiane Ribeiro de Melo**, **Kátia Regina Barros Ribeiro**, **Luciane Paula Batista Araújo de Oliveira** e a **Wanessa Cristina Tomaz dos Santos Barros**, pelas ajudas, carinho, horas de estudos, passeios e convívio em Florianópolis/SC;

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** (CAPES) pela realização do Estágio de Doutorado no Exterior – **Doutorado Sanduíche** – em Sevilha, Espanha (agosto-dezembro 2014) e à Prof^a Dr^a **Maria Carmen Gimenez Muñoz** pela disponibilidade de me receber, acompanhar e apresentar a História da Enfermagem espanhola;

A **Monique Vicente Rocha** e **Viviane Aaron Xavier**, funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, e a **Anna Kris Furtado Dutra Pereira**, da Revista Texto & Contexto, que sempre me receberam com atenção e competência;

Aos membros da Banca de Defesa de Tese – Dr^a **Maria Angélica de Almeida Peres**, Dr. **Mauro Leonardo Salvador Caldeira dos Santos**, Dr^a **Míriam Süsskind Borenstein**, Dr^a **Isabel Cristina Alves Maliska**, Dr^a **Maria Lígia dos Reis Bellaguarda** e Dr^a **Ana Rosete Camargo Rodrigues Maia** – pelo aceite do convite e valorosas contribuições;

Aos colaboradores desta pesquisa – **Abgail Moura**, **Aldemir José de Albuquerque**, **Alzirene Nunes de Carvalho**, **Ângela Maria Leal Moraes Vieira**, **Barbara Allen Pinto de Campos**, **Carlos Ernani Rosado Soares**, **Cleide Gomes de Oliveira**, **Dayse Maria Gonçalves Leite**, **Dalton Melo de Andrade**, **Enilda Barbosa de Oliveira**, **Erilda Rodrigues de Araújo Silva**, **Genivaldo Barros**, **Graciela Farinas Pinheiro**, **Guiomar Pereira Barreto**, **José Cristovam Martins Vieira**, **Leonete Fernandes da Costa**, **Marcos César Formiga Ramos**, **Maria de Lourdes Pedrosa Pinto**, **Marta Filgueira Bezerra**, **Nadir Soares Vila Nova**, **Neide Maria Freire Ferraz**, **Normélia Maria Freire Diniz**, **Onofre Lopes da Silva Júnior**, **Oscarina Saraiva Coelho**, **Raimunda Medeiros Germano**, **Regina Maria dos Santos**, **Rosana Lúcia Alves de Vilar**, **Rosineide Santana de Brito**, **Sheron Redding**, **Thereza Obrien de Brito**, **Veneta Masson** e **Vera Lúcia da Silva Ferreira** – pela cooperação voluntária ao registro de parte da História da Enfermagem do Rio Grande do Norte e do ensino na Universidade Federal do Rio Grande do Norte;

E, em especial, à Prof^a Dr^a **Maria Itayra Coelho de Souza Padilha** – minha querida, carismática e admirável orientadora –, exemplo de competência e dedicação à vida acadêmica, com quem divido a enorme satisfação da realização deste sonho, pois, mesmo sem me conhecer, me fez crer na possibilidade e me deu a oportunidade de desenvolver esta pesquisa de Doutorado em Enfermagem.

Pesquisar é, sobretudo, um ato de muita paciência e de muita paixão pelo objeto procurado. (SOUZA, 2008)

CARLOS, Djailson José Delgado. **Projeto HOPE no Rio Grande do Norte**: nexos com a saúde e o ensino superior de enfermagem (1972-1985). 2015. 287 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMO

Pesquisa sócio-histórica, de abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender a importância do Projeto HOPE (1972-1985) para a saúde da população do Rio Grande do Norte e o ensino superior enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no período de 1972 a 1985. Teve como questão de pesquisa: Qual a importância do Projeto HOPE para o Rio Grande do Norte e como foram desenvolvidas suas atividades junto às instituições de saúde, à enfermagem, e à UFRN? Para sua execução foram utilizadas as bases filosóficas e teóricas da Nova História, com o propósito de desvelar os contextos e as relações sociais da época, bem como para conhecer e revelar personagens que contribuíram para o registro de partes dessa história contemporânea. O cenário deste estudo foi a UFRN e o Projeto HOPE, que esteve sediado em Natal no período do estudo. A coleta de dados consistiu da utilização de fontes documentais e orais. Participaram deste estudo 32 colaboradores, sendo cinco enfermeiras-professoras do Departamento de Enfermagem; quatro enfermeiros-professores colaboradores do Departamento de Enfermagem; quatro enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE; quatro ex-alunas do Departamento de Enfermagem; três ex-alunas da Escola de Enfermeiras de Mossoró; três Secretários de estado; duas técnicas de enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes; dois médicos-professores da Faculdade de Medicina; um odontólogo-professor da Faculdade de Odontologia; uma enfermeira do Hospital Universitário Onofre Lopes; uma enfermeira-professora da Universidade Federal de Alagoas; uma enfermeira-professora da Universidade Federal de Pernambuco; uma funcionária do Projeto HOPE. Utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática, que culminou na elaboração de quatro manuscritos: 1 - “O navio-hospital SS HOPE em Natal, Rio Grande do Norte (1972): estratégias e desdobramentos”, o qual destina-se a apresentar o Projeto do Projeto HOPE, suas finalidades, atividades e países visitados. Mostrou as estratégias e esforços necessários à sua vinda, assim como seus desdobramentos assistenciais e treinamento profissional durante os 10 meses em que o navio permaneceu em Natal; 2 – “A Enfermagem do Projeto HOPE em Natal, Rio Grande do Norte (1972): aproximações e distanciamentos”,

que registrou a estruturação, as atividades e as rotinas do Serviço de Enfermagem do navio, assim como ressaltou a interação entre enfermeiras norte-americanas e a Enfermagem potiguar como resultantes do sistema de trabalho em contrapartes; 3 - “O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte: revisitando a História”, tendo como cenário a expansão do ensino na UFRN e o funcionamento do Curso de Enfermagem, e que demonstrou a participação de enfermeiros-professores colaboradores de estados circunvizinhos e relações com os norte-americanos do Projeto HOPE Terra; e o manuscrito 4 - “O Projeto HOPE Terra e o ensino de Enfermagem no Rio Grande do Norte (1974-1981)”, que versou sobre as atividades das enfermeiras-professoras norte-americanas no Departamento de Enfermagem, como professoras visitantes. A conclusão do estudo confirma, pois, a tese defendida de que a passagem do navio-hospital SS HOPE (1972) e a permanência do Projeto HOPE Terra (1973-1985) em Natal criaram novas possibilidades de práticas assistenciais e para a formação profissional em saúde e enfermagem na UFRN.

Palavras-chave: Enfermagem. História da Enfermagem. Cooperação internacional. Profissional de saúde. Ensino superior.

CARLOS, Djailson Jose Delgado. **The HOPE project in Rio Grande do Norte: nexus with the health and higher Nursing education (1972-1986)**. 2015. 287 f. Dissertation (PhD in Nursing) – Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ABSTRACT

A socio-historical research with a qualitative approach, aimed at understanding the importance of the HOPE Project (1972-1985) for the health in Rio Grande do Norte and for the higher Nursing education system at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), in the period of 1972-1985. The research question was: What was the significance of the HOPE Project in Grande do Norte and which activities were developed among health institutions, nursing and UFRN? To conquer this, we used the philosophical framework of the New History, aiming at revealing the contexts and social relationships in which the events took place, and in order to unveil the characters that previously remained anonymous. The setting for this study was the UFRN and the HOPE Project in Natal. The data collection occurred with documentary sources and oral sources. Participated in this study 32 employees: 05 nurse-teachers of the Nursing Department; 04 nurse collaborators teachers of the Department of Nursing; 04 American nurses of the HOPE Project; 04 former students of the Nursing Department; 03 alumnae of the School of Nursing of Mossoró; 03 secretaries of state; 02 Nursing Assistants of the Onofre Lopes University Hospital; 02 physician-professors of the Faculty of Medicine; 01 dentist-professor of the School of Dentistry; 01 nurse of the Onofre Lopes University Hospital; 01 nurse-professor at the Federal University of Alagoas; 01 nurse-professor at the Federal University of Pernambuco and 01 Project HOPE worker. The Thematic Content Analysis was used and as a result four manuscripts were prepared: 1- "The SS HOPE hospital-ship in Natal, Rio Grande do Norte (1972): Strategies and splits", aims at presenting the HOPE Project, its goals, activities and visited countries. We analyzed the strategies and efforts needed to concrete his coming, and its splits, as well as the assistance and professional training during the 10 months that remained in Natal. 2- "The HOPE Nursing Project in Natal, Rio Grande do Norte (1972): approximations and distancing", registered the structure, activities and routines of the Nursing Service within the vessel, and highlighted that the interaction between American nurses and the nurses from Rio Grande do Norte among the system of counterparts 3- "Higher education

in Nursing in Rio Grande do Norte: revisiting the history" this study parts from the re-reading of studies already carried out in the area, having as a backdrop the teaching process at the UFRN specifically in the Nursing Career involving nurse-teachers from the neighboring states, and even from the American, HOPE Project. 4- "The Land HOPE Project and teaching nursing process in Rio Grande do Norte (1974-1981) which focused specifically on the activities of the American nursing professors at the Department of Nursing and they performance as visiting professors . The conclusion confirms the thesis that the path of the SS HOPE Hospital Ship (1972) and its consequently Project HOPE Land (1973-1985) in Natal, built new possibilities of caring practices and health and Nursing training at the UFRN.

Keywords: Nursing. History of Nursing. International Cooperation. Health professional. Higher education.

CARLOS, Djailson José Delgado. **El proyecto HOPE en Rio Grande do Norte**: nexos con la salud y la enseñanza superior en enfermería (1972-1985). 2015. 287 f. Tesis (Doctorado en Enfermería). Programa de Post-Grado en Enfermería, Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMEN

Investigación sociohistórica, de abordaje cualitativo, que objetivó comprender la importancia del Proyecto HOPE (1972-1985) en la salud de Rio Grande do Norte y en la enseñanza superior de la Universidad Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), en el período de 1972-1985. Tuvo como pregunta de investigación: Cual fue la importancia del Proyecto HOPE para Rio Grande do Norte y como fueron desarrolladas sus actividades junto a las instituciones de salud, enfermería y la UFRN. Para su realización, fueron utilizadas las bases filosóficas de la Historia Nueva, con el propósito de revelar los contextos y las relaciones sociales en los cuales los hechos acontecieron, así como para conocer y revelar los personajes que hasta entonces permanecían en el anonimato. El escenario de este estudio fue la UFRN y el Proyecto HOPE que tuvo su sede en Natal. La recolección de los datos se dio por medio de la utilización de fuentes documentales y fuentes orales. Participaron de este estudio 32 colaboradores, siendo 05 enfermeras-profesoras del Departamento de Enfermería; 04 enfermeros-profesores colaboradores del Departamento de Enfermería; 04 enfermeras norteamericanas del Proyecto HOPE; 04 ex-alumnas del Departamento de Enfermería; 03 ex-alumnas de la Escuela de Enfermeras de Mossoró; 03 secretarios de Estado; 02 técnicas de Enfermería del Hospital Universitario Onofre Lopes; 02 médicos-profesores de la Facultad de Medicina; 01 odontólogo-profesor de la Facultad de Odontología; 01 enfermera del Hospital Universitario Onofre Lopes; 01 enfermera-profesora de la Universidad Federal de Alagoas; 01 enfermera-profesora de la Universidad Federal de Pernambuco; 01 funcionara del Proyecto HOPE. Se utilizó el Análisis de Contenido Temático que culminó con la elaboración de cuatro manuscritos. Como resultado fueron elaborados cuatro manuscritos: 1- “El navío hospital SS HOPE en Natal, Rio Grande do Norte (1972): estrategias y desdoblamientos”, objetivó presentar el Proyecto HOPE, sus finalidades, actividades y países visitados. Se analizaron las estrategias y esfuerzos necesarios para concretizar su venida, así como sus desdoblamientos asistenciales y de entrenamiento profesional durante los 10 meses en Natal; 2- “La

Enfermería del Proyecto HOPE en Natal, Rio Grande do Norte (1972): aproximaciones y distanciamientos”, registró la estructuración, actividades y rutinas del Servicio de Enfermería dentro del navío, así como resaltó la interacción entre enfermeras estadounidenses y la Enfermería de Rio Grande do Norte, como resultantes del sistema de trabajo en contrapartes; 3- “La enseñanza superior en Enfermería en Rio Grande do Norte: revisitando la Historia”, parte de la relectura de algunos estudios en el área ya realizados, teniendo como escenario, la expansión de la enseñanza en la UFRN y el funcionamiento de la Carrera de Enfermería que contó con la participación de enfermeros-profesores colaboradores de estados circunvecinos y estadounidenses del Proyecto HOPE; y el manuscrito 4- “El proyecto HOPE Tierra y la enseñanza de la Enfermería en Rio Grande do Norte (1974-1981) que versó específicamente sobre las actividades de las enfermeras-profesoras estadounidenses en el Departamento de Enfermería como profesoras visitantes. La conclusión del estudio confirma la tesis de que el recorrido del navío-hospital SS HOPE (1972) y la permanencia del Proyecto HOPE Tierra (1973-1985) en Natal, creó nuevas posibilidades de prácticas asistenciales y de formación profesional en salud y enfermería en la UFRN.

Palabras clave: Enfermería. Historia de la Enfermería. Cooperación Internacional. Profesional de Salud. Enseñanza superior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Escolas de Enfermeiras no Brasil, décadas de 1920-1940.....	47
Figura 2 –	Escolas de Enfermeiras no Nordeste, 1943-1975...	48
Figura 3 –	Grupo de Religiosas Filhas de Sant'Ana (Livro Diário, 1927)	70
Figura 4 –	Casa do Maine em Natal/RN.....	127
Figura 5 –	Anúncios jornalísticos sobre a vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN, 1972.....	128
Figura 6 –	Navio-hospital SS HOPE, Natal/RN, 1972.....	131
Figura 7 –	Palestras no navio-hospital HOPE e divulgação, Natal/RN, 1972.....	133
Figura 8 –	Cursos realizados no navio-hospital HOPE, Natal/RN, 1972.....	136
Figura 9 –	Fluxo de profissionais norte-americanos e período de permanência no navio-hospital HOPE, Natal/RN, 1972.....	142
Figura 10 –	Partida do navio-hospital SS HOPE, Natal/RN, 6 de dezembro de 1972.....	152
Figura 11 –	Ficha cadastral da ABEn-RN (Mary Anne Small).	219
Figura 12 –	Ficha cadastral da ABEn-RN (Sheron Redding)....	219
Figura 13 –	Mary Anne Small.....	226
Figura 14 –	Grupo de Promotoras da Saúde, Natal/RN (1974-81)	230

LISTA DE SIGLAS E ABREVIÇÕES

ABEN	Associação Brasileira de Enfermagem
ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AI	Atos Institucionais
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CNCT	Companhia Nacional Contra a Tuberculose
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
DOH	Divisão de Organização Hospitalar
EAEN	Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEN	Escola de Enfermagem de Natal
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
FAEN	Faculdade de Enfermagem de Mossoró
HOPE	Health Opportunity for People Everywhere
HUAB	Hospital Universitário Ana Bezerra
HUOL	Hospital Universitário Onofre Lopes
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MEJC	Maternidade Escola Januário Cicco
MS	Ministério da Saúde
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PETROBRAS	Petróleo Nacional AS
PIS	Programa de Integração Social
PEN	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
RN	Rio Grande do Norte
SAH	Sociedade de Assistência Hospitalar
SAE	Sistematização da Assistência de Enfermagem
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SUS	Sistema Único de Saúde
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	23
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	39
2.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM MODERNA NO BRASIL.....	39
2.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM MODERNA NO NORDESTE.....	43
2.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM MODERNA NO RIO GRANDE DO NORTE.....	58
3	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	81
3.1	SOBRE A NOVA HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS.....	81
3.2	TIPO DO ESTUDO.....	84
3.3	HISTÓRIA ORAL.....	86
3.4	CONTEXTO DO ESTUDO.....	88
3.5	COLETA DE DADOS.....	90
3.5.1	Fontes orais.....	90
3.5.2	Colaboradores do estudo.....	93
3.5.3	Fontes documentais.....	109
3.6	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	111
3.7	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	114
4	RESULTADOS.....	115
4.1	MANUSCRITO 1: O NAVIO-HOSPITAL SS HOPE EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE (1972): ESTRATÉGIAS E DESDOBRAMENTOS.....	115
4.2	MANUSCRITO 2: A ENFERMAGEM DO PROJETO HOPE, EM NATAL/RN (1972): APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.....	158
4.3	MANUSCRITO 3: O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE: REVISITANDO A HISTÓRIA.....	185
4.4	MANUSCRITO 4: O PROJETO HOPE TERRA E O ENSINO DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE (1974-1981).....	212
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	237
	REFERÊNCIAS.....	243
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista.....	269
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido....	271
	APÊNDICE C – Termo de cessão do depoimento oral.....	273
	APÊNDICE D- Carta de intenção do estudo.....	275

APÊNDICE E – Carta de anuência Departamento de Enfermagem da UFRN.....	277
APÊNDICE F - Carta de anuência da Escola de Enfermagem de Natal.....	279
APÊNDICE G - Carta de anuência do Hospital Universitário Onofre Lopes - HUOL.....	281
APÊNDICE H - Carta de anuência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - IHGRN.....	283
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética.....	285

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as ações de saúde ficaram, por muito tempo, sendo praticadas de forma leiga, voluntária, vinculadas a rituais místicos, impregnadas pelo discurso religioso-caritativo e executadas sob o controle religioso de diversas ordens auxiliadas, na maioria das vezes, por indivíduos de pouca instrução, escravos alforriados ou não e, às vezes, por ex-doentes. Também eram cultuados sentimentos de humildade, obediência e submissão às ordens religiosas e médicas. E, dessa maneira, por séculos, no Brasil, foram as religiosas das Santas Casas de Misericórdia¹ as responsáveis pela assistência aos pacientes, assim como pela formação e preparo de seus profissionais, principalmente os de Enfermagem (PADILHA, 1998; BORENSTEIN, 2000; GIOVANINI et al., 2005; GERMANO, 2007; BARREIRA et al., 2015).

Quanto a esse período, Nascimento e Oliveira (2006) chamam a atenção às profundas transformações sociais pelas quais passavam o Brasil e o mundo. Destacam a Abolição da Escravatura (1888) e Proclamação da República (1899), no campo político interno, e a I Guerra Mundial (1914-18) e a Revolução Comunista (1918), como fatores externos. Prosseguem enfatizando as fortes repercussões socioeconômicas desses acontecimentos e seus desdobramentos nos movimentos sociais sobre o processo de industrialização brasileira. Ressaltam o início das campanhas de higienização e vacinação, no setor sanitário, com vistas à urbanização e à melhoria das condições de vida da população. Também destacam a realização da Semana de Arte Moderna (1922), em defesa da arte e da cultura nacionais.

A institucionalização da Enfermagem no Brasil, nos moldes anglo-americanos, teve início na cidade do Rio de Janeiro, capital da

¹ São instituições de saúde, privadas e filantrópicas, construídas a partir do século XVI, geralmente, próximo a um colégio ou conventos. Atendiam a interesses políticos e destinavam-se à assistência social caritativa a todos aqueles que não tinham como pagar um médico. Suas fundações obedecem à seguinte ordem: Santos/SP (1543), Salvador/BA (1549), Vitória/ES (1551), São Paulo/SP (1560), Rio de Janeiro/RJ (1582), João Pessoa/PB (1602), Belém/PA (1619), São Luiz/MA (1657), Campos dos Goytacazes/RJ (1792), entre outras. Acredita-se que a Santa Casa de Misericórdia de Olinda/PE seja a mais antiga, porém não existe comprovação documental quanto à sua fundação. Por isso, oficialmente a de Santos/SP é considerada a primeira do Brasil (PADILHA, 1998; GIOVANINI et al., 2005; GERMANO, 2007).

República, à época, através da criação (1922) e funcionamento (1923) da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), hoje Escola de Enfermagem Anna Nery² (EEAN), pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sobre essa instituição, é importante registrar que outras iniciativas em outros modelos³ a antecederam, porém coube à mesma o pioneirismo do sistema *nightingaleano*⁴ no país.

² Personagem da História do Brasil que deu nome à Escola de Enfermeiras do DNSP, era filha de José Ferreira de Souza e Luiza Maria das Virgens, nascida em 13 de dezembro de 1814, na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, Bahia. Na condição de irmã, esposa (viúva) e mãe de militares, aos 51 anos de idade, solicitou à Presidência da Província da Bahia sua participação como “enfermeira” voluntária em hospitais brasileiros durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) ou da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai). Sua dedicação, desprendimento, bondade e caridade lhe renderam o título de Mãe dos Brasileiros pelos soldados brasileiros; a consagração como uma das mais ilustres mulheres da História do Brasil e da Enfermagem; o recebimento de uma coroa de folhetos dourados; o agraciamento do Imperador D. Pedro II com a Medalha de Campanha de 2ª Classe e uma pensão anual de Rs 1:200\$00 (um conto e duzentos mil Réis). Retornou à Bahia após o término da guerra, porém viveu seus últimos anos na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu aos 66 anos de idade, no dia 20 de maio de 1880, e onde permaneceu sepultada no Cemitério São Francisco Xavier até o ano de 1979, quando foi exumada e seu restos mortais foram transportados pela Força Aérea Brasileira (FAB), definitivamente, para a Igreja Matriz de Cachoeira/BA (PAIXÃO, 1979; COELHO, 1997; CARDOSO; MIRANDA, 1999; GERMANO, 2007; PORTO; OGUISSO, 2010).

³ Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro (1890), Escola de Enfermeiras do Hospital Evangélico, em São Paulo (1901) e Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, no Rio de Janeiro (1916) (MEDEIROS; TRIPPLE; MUNARI, 2008).

⁴ Instituído em 24 de junho de 1860, com a fundação da Escola de Enfermeiras, anexa ao *St Thomas Hospital*, em Londres, na Inglaterra. Tinha por finalidade o treinamento organizado, prático e científico de enfermeiras e destinava-se à formação de *lady nurses*, para as atividades de supervisão, direção e organização do trabalho em Enfermagem, e as *nurses*, responsáveis pelo trabalho manual, cuidado direto ao paciente e obediência. Para os estudiosos, esse modelo deu início à divisão do trabalho em Enfermagem. Quanto à difusão dos preceitos *nightingaleanos*, iniciou-se pela Alemanha (1861), seguida pelo Canadá (1864), Finlândia (1866), Austrália (1868), Escócia (1873), Estados Unidos (1873), Irlanda (1876), Nova Zelândia (1883), Japão (1885), Índia e Argentina (1886), Holanda (1890), Itália (1894), Grécia (1899), Cuba, África do Sul e Dinamarca (1900), República Dominicana (1904), Coreia do Sul (1905),

A Enfermagem permaneceu assim por muito tempo, visto que o ensino da Enfermagem Moderna, dadas as proporções continentais do Brasil, vagarosamente se expandiu do centro-sul do país para os outros estados da federação. Sobre essa realidade, tomando-se como exemplo a Região Nordeste, suas primeiras iniciativas ocorreram duas décadas após a EEAN, com o funcionamento da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, em Fortaleza, no Ceará (1943)⁵, Escola de Enfermagem da Bahia, em Salvador (1946)⁶ e Escola de Enfermagem do Recife, em Pernambuco (1947)⁷ (CARLOS et al., 2014).

No Rio Grande do Norte (RN) do início do século XX, especificamente no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL)⁸, foram as religiosas Filhas de Sant'Ana⁹ que se mantiveram, por décadas, à frente da assistência aos pacientes e responsáveis pela seleção dos candidatos ao serviço de Enfermagem, muitas vezes entre os funcionários da limpeza ou acompanhantes de pacientes. Para isso, deveriam atender aos critérios, nem sempre respeitados, de saber ler e escrever, assim como a realização de um treinamento, com duração de

China, Líbano e Filipinas (1906), Suécia e Bélgica (1907), e o Brasil (1923) (MOLINA, 1973; CARRARO, 2001; COSTA et al., 2009).

⁵ Decreto Estadual nº 133, de 24 de agosto de 1943 (CEARÁ, 1943).

⁶ Lei nº 8.779, de 22 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946a).

⁷ Decreto Estadual nº 1.702, de 25 de junho de 1947 (PERNAMBUCO, 1947).

⁸ Data de 9 de setembro de 1909 a fundação do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Inicialmente chamado de Hospital de Caridade Jovino Barreto (1909), Hospital Miguel Couto (1934), Hospital das Clínicas (1960) e, a partir de 1984, como homenagem ao primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), passou a denominar-se HUOL. Funciona como Hospital Escola desde a criação da Universidade (1958) e, na atualidade, é uma instituição de saúde pública federal, vinculada ao Ministério da Saúde (MS) através do Sistema Único de Saúde (SUS). É referência para os cursos de Graduação e Pós-Graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Como tal, desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência à população, do atendimento ambulatorial a serviços de maior complexidade. (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

⁹ Vindas de Recife/PE, foram contratadas para assistência aos enfermos e direção doméstica. Timóteo (1997) informa serem em número de sete, sob a supervisão de Cosma Campani e que, entre elas, havia uma licenciada em Serviços Farmacêuticos. Cascudo (2010) relaciona cinco: Cosma Campani, como Superiora, Rosa Sampaio, Helena Maria Meneses, Rinalda Mereti e Alinda Gararaglia, as auxiliares.

noventa dias, ministrado pelas irmãs¹⁰. Apesar do caráter essencialmente prático, cujo aprendizado ocorria pela troca de experiência com os mais antigos, essa realidade em nada desqualifica a assistência de Enfermagem do HUOL, em seus primórdios, tendo em vista a dedicação, a seriedade e as condições de trabalho com que o serviço era realizado pelas religiosas (CARLOS, 2005).

Tal realidade vagarosamente se modificou e, nesse processo de transformação, a autorização e o funcionamento, em 1955 e 1956, respectivamente, da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, atual Escola de Enfermagem de Natal (EEN), trouxe novas perspectivas à formação e qualificação profissional em Enfermagem no Rio Grande do Norte. Esta escola foi estruturada de acordo os preceitos nithingaleanos e respaldada na Lei nº 775/1949, que dispunha sobre o ensino de Enfermagem no país, mas, por questões de recursos humanos e materiais, destinou-se à formação profissional em nível médio. Sua abertura corresponde, portanto, ao marco inicial do ensino da Enfermagem Moderna no estado e ao detalhe de ter funcionado, por décadas, nas dependências do HUOL, chamado neste período de Hospital Miguel Couto, podendo ser considerada a primeira experiência deste com o ensino, que, anos depois, transformar-se-ia na mais importante e tradicional instituição formadora de profissionais de saúde do estado. A partir de então, gradativamente, o ensino possibilitou a profissionalização dos trabalhadores de Enfermagem daquela instituição, em regime de parceria estabelecido entre a Escola e a Direção do Serviço de Enfermagem do Hospital, que, por anos, após a federalização da universidade, foi exercida por um docente¹¹ da EEN (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2015).

¹⁰ Da composição inicial, em 1909, no ano de 1935, o grupo de religiosas apresentava-se composto por nove, sendo a Irmã Plácida Possi a superiora. Em 1945, havia treze delas e, em 1952, eram dezesseis: Irmã Albina Vieira (Superiora), Teodolinda Amazonas (secretária), Natália Maia (farmacêutica), Vilma Vila (pavilhão de luxo), Delfina Lorena (pavilhão de 1ª classe), Damielina Amaral (setor de internamento), Inez Mineli (centro cirúrgico), Donata (pavilhões de 2ª e 3ª classes), Pierina Albuquerque (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª enfermarias), Alessia Barbosa (6ª e 7ª enfermarias), Izaura Rego (8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª enfermarias), Geralda Carvalho (14ª, 15ª e 16ª enfermaria), Miquelina Cassiraghi (portaria e gabinetes de odontologia e otorrinolaringologia), Emerentina Montenegro (cozinha), Conceição Busatta (lavanderia) e Emerenciana Costa (sala de costura) (CARLOS, 2005).

¹¹Por ordem alfabética: Francisco de Assis Pinheiro; Guiomar Pereira Barreto, Jacinta Maria Morais Formiga, Leda de Melo Morais, Lucimar Gomes de

Anos depois, o país encontrava-se sob o governo militar¹² instaurado com o apoio dos Estados Unidos, desde 31 de março de 1964, e que foi, paulatinamente, sendo legitimado através dos Atos Institucionais (AIs) que ditavam normas e processos a serem utilizados como instrumentos para a regularização do novo governo. Tais Atos foram capazes de sedimentar um sistema de ideias, valores e interesses necessário à manutenção do governo e assim asseguraram ao Presidente da República – um General do Exército – alterar a Constituição Federal; o poder de decretar Estado de Sítio; extinguir os partidos políticos; cassar mandatos; intervir na economia; fechar o Congresso Nacional; eliminar os espaços de liberdade; instituir o controle dos meios de comunicação e culturais; decretar intervenção nos estados e municípios; suspender o direito de votar e ser votado; proibir atividades de natureza política, entre outros. Os poderes, legislativo e judiciário, deixaram de exercer suas funções, pois os militares determinaram todas as regras necessárias à manutenção da ditadura (GERMANO, 1994; RESENDE, 2013).

O início dos anos de 1970, auge do regime militar, representa um momento de expansão para a Enfermagem do RN e do HUOL, particularmente. A promulgação da Lei nº 5.692/71, que fixou as diretrizes e bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, possibilitou um processo de renovação para os funcionários através da complementação dos estudos para aqueles que haviam concluído o curso de Auxiliar de Enfermagem, habilitando-se, a partir de então, em Técnicos em Enfermagem. Convém frisar que nessa mesma década começou o funcionamento do ensino superior em Enfermagem nas cidades de Mossoró (1971) e Natal (1974) (CARLOS, 2005; TEODÓSIO, 2014).

Foi um período fortemente marcado pela repressão, prática de tortura, cerceamento da liberdade de expressão e censura à imprensa, à educação e à cultura. Na economia registram-se o incremento das exportações, diversificação da produção agrícola, crescimento dos investimentos estrangeiros na indústria automobilística, aumento médio do Produto Interno Bruto (PIB) acima dos 10%, possibilidades de

Freitas, Maria Élide Santos de Souza, Nadir Soares Vila Nova e Oscarina Saraiva Coelho (CARLOS, 2005).

¹² Sucederam à Junta Militar, composta por ocasião do golpe militar, os seguintes Generais: Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), Artur Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Baptista de Figueiredo (1979-1985) (GERMANO, 1994).

realização dos “sonhos da casa própria” e a aquisição do carro pela cessão de créditos pessoais, ficando registrado na história nacional como o “Milagre Econômico” (1968-1973). Em meados da década de 70, a situação econômica do Brasil o posicionava entre os dez maiores PIBs mundiais e como sendo o mais próspero entre os países em desenvolvimento (FAUSTO, 2010).

Dessa maneira, o governo militar se esforçou em construir sua aceitabilidade, cerceando a liberdade e reivindicando uma democracia na qual ser democrático implicava em lutar contra as possibilidades de reformas de base, as convicções não cristãs e as organizações sindicais e trabalhistas de esquerda (RESENDE, 2013).

Essa prosperidade nacional foi destacada no ano de 1976, no jornal paulista *El Alcázar*, ao publicar, nos dias 9 e 10 de setembro, matérias com o seguinte título: *A los 154 años del grito de Ipiranga. Brasil, historia y futuro. En la fiesta patria*. A primeira publicação – *Breve reseña de grandes episodios* – apresenta uma compilação da história do Brasil e a segunda – *Desarrollo en marcha de un gran país* – trata dos recursos naturais disponíveis e sobre a realização projetos grandiosos; das relações comerciais entre Espanha e Brasil; e na aposta do Brasil como uma grande nação do futuro (PELLÓN, 1976).

Ainda no que se refere a esse período, ressalta-se a criação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)¹³, do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)¹⁴, do Plano de Integração Social (PIS), o Programa Nacional do Alcool¹⁵ ou Proálcool e as grandes construções: ponte Rio-Niterói, Rodovia Transamazônica, Usina Nuclear de Angra dos Reis, Usina Hidrelétrica de Itaipu, dentre outras. Embora o clima fosse de euforia, o Brasil enfrentou a crise internacional de petróleo (1973), o aumento das dívidas interna e externa, o endividamento junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI), a dependência do comércio internacional, o aumento das importações, altos índices de inflação, a queda no poder de compra do salário mínimo, a estatização da economia, a ausência de programas e

¹³ Autarquia federal da Administração Pública criada para realizar a Reforma Agrária através do Decreto nº 1.110 (BRASIL, 1970).

¹⁴ Trata da alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos conforme Lei nº 5.379 (BRASIL, 1967).

¹⁵ Iniciativa do governo federal para enfrentar a crise mundial do petróleo e incentivar a produção de álcool combustível de acordo com o Decreto nº 76.593 (BRASIL, 1975b).

políticas sociais, educacionais e de saúde, bem como aumento da concentração de renda (FAUSTO, 2010).

Do ponto de vista político, os partidos concentravam-se em apenas duas legendas: Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de sustentação política aos militares, e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), composto por lideranças opositoras ao regime. Foi instituído o regime de eleições biônicas para Governadores¹⁶ dos estados, Senadores e Prefeitos, ou seja, sem realização do processo eleitoral. Estas e outras colocações políticas transformaram-se em cargos de confiança da Presidência da República, quer dizer, as nomeações – majoritariamente – passaram a ser entre correligionários (GERMANO, 1994).

Apesar das tensões impostas pela ditadura, esse período apresentou importante desenvolvimento para a Região Nordeste a partir de investimentos públicos como: criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)¹⁷; incentivos fiscais do Fundo de Investimento no Nordeste; investimentos da Petróleo Brasileiro SA (PETROBRAS), na Bahia, e da Companhia do Vale do Rio Doce, no Maranhão; concessão de linhas especiais de crédito pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Assim, muitos projetos foram executados, pois era preciso integrar não só essa região, mas todo o país. Criou-se a infraestrutura necessária ao desenvolvimento econômico, levando energia elétrica a quase toda a região, abrindo rodovias, asfaltando estradas, construindo-se habitações populares, expandindo-se as telecomunicações, entre outros feitos (SUASSUNA; MARIZ, 2005; MELO; SIMÕES, 2009).

Na particularidade do Rio Grande do Norte, a década de 70 foi assolada por um longo período de estiagem, causando forte impacto na agricultura e pecuária, embora setores como a mineração e das

¹⁶ No Rio Grande do Norte, foi empossado José Cortez Pereira de Araújo (1971-75), natural de Currais Novos/RN, formado em Filosofia e Direito. Exerceu cargos políticos de Deputado Estadual, Senador e, por último, Prefeito de Serra do Mel/RN. Como primeiro Governador biônico do estado foi responsável pela criação de projetos socioeconômicos como: Vilas Rurais (produção e beneficiamento da castanha de caju); Boqueirão (produção e beneficiamento de coco); Sericultura (criação do bicho da seda); Camarão (viveiros em áreas de mangue e salinas). Chegou ao final seu o mandato com baixa popularidade por causa do nepotismo (SUASSUNA; MARIZ, 2005).

¹⁷ Autarquia criada para estimular e coordenar o desenvolvimento da região por meio da intervenção direta do Estado conforme Lei n° 3.692/59 (BRASIL, 1959).

indústrias têxtil, salineira e carcinicultura tenham apresentado bons índices econômicos. Em termos de grandes feitos, foram inaugurados a Ponte de Igapó, sobre o rio Potengi, e o Hospital Walfredo Gurgel, ainda hoje o maior e mais importante hospital público do estado. Comemorava-se a chegada da energia elétrica da Usina de Paulo Afonso às cidades norte-rio-grandenses; festejava-se a aquisição da casa própria, com crédito do BNB; ampliação do número de linhas telefônicas de 2 mil para 4 mil; e Natal começava a despontar para o turismo. Em meio a esse contexto é criado pelo governo estadual o Banco de Desenvolvimento do RN (BANDERN), para, em parceria com a SUDENE, tratar de projetos e de políticas de incentivo à indústria e ao comércio norte-rio-grandense. Também é realização desse período a perfuração do primeiro poço de petróleo no território potiguar. (SANTOS, 2002; SANTOS, 2005; TRINDADE; ALBUQUERQUE, 2005).

No ano de 1971, a UFRN¹⁸ comemorava 12 anos de funcionamento e despontava como a segunda maior instituição nordestina de ensino superior, com taxa de crescimento em 19% ao ano, índice duas vezes maior que a média nacional. Nesse ano, o número de matrículas em cursos de graduação passou de 360, em 1959, para 2.712. Dos 133 servidores, em 1961, são 1.500 colaboradores de todos os níveis e categorias, em 1971. Apresentava um quadro de 100 docentes em regime de tempo integral e dedicação exclusiva e mais de 200, em regime de 24 horas semanais. Nesse mesmo ano foi realizado concurso público para docentes, para o preenchimento de 128 vagas necessárias à expansão do ensino superior no RN (UFRN, 1971).

Do processo de ampliação dos recursos humanos e materiais iniciados em 1968, com a implantação da Reforma Universitária, foi na década de 70 que a UFRN, por meio de um sistema integrado de planejamento e administração, consolidou alguns projetos, como: a construção do *campus* universitário; modernização institucional;

¹⁸ Criada pela Lei Estadual nº 2.307, de 25 de junho de 1958, no Governo de Dinarte Mariz (1956-61), para ser uma instituição de ensino superior e de alta pesquisa, com personalidade jurídica e natureza autárquica, dotada de autonomia técnico-didática, administrativa, financeira e disciplinar, conforme os termos de legislação federal e dos Estatutos que a regulamentam. Na época, foi composta pelos cursos Farmácia e Odontologia (1920), Serviço Social (1945), Direito (1949), Filosofia e Medicina (ambos, em 1955) teve sua federalização assegurada pela Lei Federal nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960 (RIO GRANDE DO NORTE, 1958; BRASIL, 1960c; CARLOS, 2005).

funcionamento da TV Universitária; melhoramento dos hospitais universitários (HUOL, Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) e Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB); implantação do sistema departamental; criação do Núcleo Avançado de Caicó; plano de desenvolvimento de recursos humanos; consolidação das reformas acadêmico-administrativas; e ampliação da oferta de cursos (UFRN, 1975a, 1975b).

Esse crescimento e a busca pela consolidação da Universidade como espaço de ensino, pesquisa e extensão, muito provavelmente, motivaram a realização de diversos projetos, dentre os quais merece destaque a permanência do navio-hospital SS HOPE¹⁹ (*Health Opportunity for People Everywhere*), de bandeira norte-americana, objeto deste estudo, a serviço da *People to People Foundation*, sediada em Washington²⁰. Este evento tornou-se inicialmente possível, após a assinatura de convênio entre a UFRN – no reitorado de Genário Alves da Fonseca – e o governo do estado – com José Cortez Pereira de Araújo, então governador (1971-75) (RIO GRANDE DO NORTE, 1972a).

O Projeto HOPE é uma iniciativa não governamental e filantrópica surgida no ano de 1958, quando Dwinght David Eisenhower, então presidente norte-americano (1953-1961), convidou o médico cardiologista Dr. William B. Walsh para coordenar e desenvolver atividades de promoção e cuidados à saúde em países em desenvolvimento. A ele também foram designadas a responsabilidade de angariar recursos financeiros e a organização de uma equipe de saúde, voluntária e multiprofissional (BARNES²¹, 1969; PEAKE, 2006).

¹⁹ Este navio, utilizado na II Guerra Mundial (1939-1945) e na Guerra da Coreia (1950-1953) pela Marinha norte-americana, possuía 168 metros de comprimento, o equivalente a 550 pés, pesava 15 mil toneladas e após ter sido reequipado passou a se chamar SS HOPE, popularmente conhecido como Navio Esperança. Sua manutenção e despesas operacionais eram de responsabilidade do governo norte-americano, na importância de US\$ 5 milhões de dólares/ano (DAVIS, 1968; BARNES, 1969; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

²⁰ Contava com agência em Nova York, Rochester, Boston, Filadélfia, Wilmington, Cincinnati, Detroit, Indianápolis, Miami, Minneapolis, Los Angeles e Spokane. Existiam ainda grupos e comitês nas principais cidades dos Estados Unidos (RIO GRANDE DO NORTE, 1972a).

²¹ Roger W. Barnes, participante do Projeto HOPE, formado em Medicina no ano de 1922, pela Universidade Adventista de Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos. Em 1925, iniciou a carreira de docente na Escola de Medicina, na qual participou, em 1932, da implantação do Serviço de Urologia, onde exerceu o

Assim, para a vinda e permanência do navio-hospital SS HOPE a Natal, pelo período de dez meses (fevereiro a dezembro de 1972), foi necessário reunir esforços locais. Para tal, foi celebrado um convênio entre o governo do estado, por meio das Secretarias Estaduais de Planejamento-Coordenação Geral e de Saúde, representadas por Marcos César Formiga Ramos e Genivaldo Barros, respectivamente, e a UFRN, na pessoa do Reitor Genário Alves Fonseca, em 5 de outubro de 1971. Do ponto de vista financeiro, foi assegurada a importância de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), igualmente dividida em 50% para o governo do estado e 50% para a UFRN. Esse ato estabeleceu que à Universidade competiriam a execução do Projeto, o recebimento e a movimentação dos recursos, porém sujeita à fiscalização da Secretaria Estadual de Saúde, designada como órgão fiscalizador do convênio (RIO GRANDE DO NORTE, 1971).

Sobre a importância do Projeto HOPE no Brasil, o Diário Oficial do RN (RIO GRANDE DO NORTE, 1972a, p. 1) destacou alguns pronunciamentos de personalidades norte-americanas, a saber:

Acredito que o Projeto HOPE é o passo mais eficaz no sentido de apresentar os Estados Unidos como um bom e cordial amigo (Dwight D. Eisenhower).

O Projeto HOPE terá grande êxito em demonstrar aos povos, da maneira mais eficaz as intenções pacíficas de nossa nação (Richard M. Nixon).

O bom navio HOPE é um projeto que demonstra a eficácia de um programa de povo para povo (John F. Kennedy).

Os apelos universais e os resultados positivos testificam adequadamente o contínuo êxito do Projeto HOPE (Lyndon B. Johnson).

Este projeto sem fins lucrativos, cuja função precípua era desenvolver ações humanitárias e o intercâmbio entre os profissionais de

saúde, utilizou-se do navio-hospital SS HOPE para realizar cruzeiros²², entre os anos de 1960 e 1973, e manteve-se através de contribuições particulares dedutíveis no imposto de renda e de entidades sindicais, comerciais e industriais (equipamentos e produtos farmacêuticos). Contava com um corpo de profissionais de saúde voluntário e isso, no caso dos médicos e odontólogos, tornava possível realizar rodízios, a cada dois meses (DAVIS²³, 1968; BARNES, 1969; RIO GRANDE DO NORTE, 1972a).

A equipe de saúde tinha caráter multidisciplinar e, conforme Braunch²⁴ (1967), as seleções ocorriam por meio de entrevistas após divulgação de editais junto à mídia. Segundo ela, o Projeto HOPE chegou a mobilizar mais de seiscentos profissionais de saúde de quarenta e três estados norte-americanos. As atividades, apesar das dificuldades idiomáticas, destinavam-se a todos os níveis profissionais, cada um com seu homólogo local, denominado de contraparte, e consistiam em ações educativas realizadas a bordo do navio, ambulatórios e hospitais locais, complementa Davis (1968).

O navio-hospital SS HOPE era equipado com cento e dez leitos, biblioteca, bar, farmácia, anfiteatro, igreja, sala de aulas, refeitório, barbearia, banco de sangue, estação de rádio, sala de recreação, padaria, almoxarifado, heliporto, oficinas de consertos e reparos, açougue, gerador de energia, entre outros, e dispunha de modernos recursos audiovisuais de ensino (DAVIS, 1968; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

Quanto às rotinas e instalações para a tripulação, especificamente no que diz respeito à Enfermagem, Davis (1968) informa que de quatro

²² Indonésia e Vietnã do Sul (1960), Peru (1962-63), Equador (1963-64), Guiné (1964-65), Nicarágua (1966), Colômbia (1967), Ceilão (1968-69), Tunísia (1969-70), Índias Ocidentais (1971), todos com duração de 10 meses e de forma inédita no Brasil, onde esteve por duas ocasiões, em Natal (1972) e Maceió (1973) (BARNES, 1969; RIO GRANDE DO NORTE, 1972a; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

²³ Ruth W. Davis, enfermeira participante do Projeto HOPE, trabalhou no *Jackson Memorial Hospital* da Universidade de Miami, na Flórida/EUA, onde exerceu suas funções como supervisora hospitalar. Tem experiência no ensino nas áreas de Emergência e Administração. Foi voluntária no *AORN Journal* e, em 1985, publicou o livro *Gettysburg, the Birthplace of Modern Nursing in America* (DAVIS, 1968).

²⁴ Darline Brauch, participou do Projeto HOPE como assistente dental. Formou-se na Universidade de Illinois, Illinois/EUA, em 1959 e trabalhou no *Hospital Michael Reese*, na mesma Universidade (BRAUNCH, 1967).

a seis enfermeiras eram acomodadas em uma mesma cabine, que havia falta de privacidade e que cada uma dispunha de um pequeno armário para guardar os pertences pessoais. Prossegue informando que, durante as folgas, era habitual o deslocamento para as cidades próximas a que o navio estava aportado.

Importa dizer que o navio-hospital SS HOPE realizou cruzeiros até o ano de 1973, sendo no ano seguinte aposentado e devolvido à Marinha norte-americana, que se responsabilizou pelo desmonte. Na atualidade, o Projeto HOPE mantém-se ativo dedicando-se à assistência humanitária terrestre por todo o planeta, implantando programas educativos e treinando profissionais de saúde. Para tal, mantém representações na Alemanha, Reino Unido e nos Estados Unidos. Acerca do desmonte do navio-hospital SS HOPE, assim se pronunciou uma enfermeira norte-americana, ex-funcionária, radicada em Maceió/AL, Brasil:

[...] nos Estados Unidos os sindicatos são fortes e poderosos, até hoje [...] os funcionários do navio eram sindicalizados e com salários altíssimos [...] acredito que os gastos com os funcionários e manutenção do navio, que era velho, oneravam muito o Projeto HOPE [...] o fim do navio deve ter sido por questões puramente econômicas [...] havia funcionários que só trabalhavam durante as viagens, mas era importante que permanecessem junto ao navio [...] os recursos do desmonte do navio passaram a custear as ações do Projeto HOPE Terra [...] antes do desmonte, quem se interessou teve a oportunidade de comprar objetos do navio e guardá-los como lembranças (CAMPOS, 2014).

Retornando ao Projeto HOPE em Natal, convém frisar que o mesmo permaneceu no período de 1972 a 1985, mas com atuações e denominações distintas, a saber: Projeto HOPE (1972), por ocasião da estadia do navio-hospital SS HOPE, cujas ações foram centradas na ajuda humanitária e no intercâmbio entre os profissionais de saúde; e Projeto HOPE Terra (1973-85), com seus funcionários atuando junto às instituições públicas de saúde ou na docência em cursos da saúde da UFRN (PROJETO..., 1985; CARLOS, 2005).

No caso do Curso de Graduação em Enfermagem²⁵, os benefícios do Projeto HOPE Terra decorrem do envio e permanência de enfermeiras, entre elas Mary Anne Small, Sheron Redding, Margareth Mein da Costa, Jane Marie Shima, Tyana Payne e Shirley Myers Snowe, todas na condição de professoras visitantes do Departamento de Enfermagem (UFRN, 1977a; CARLOS, 2005; TEODÓSIO, 2014).

Portanto, diante dessas considerações, a realização desta pesquisa pauta-se nas seguintes indagações: O que foi o Projeto HOPE? Quais esforços demandaram a vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal? Quais parcerias foram estabelecidas? Qual o panorama da saúde em Natal e no estado, à época da chegada do navio? Como e quais atividades foram desenvolvidas pelo Projeto HOPE? De que maneira ocorreram as atividades de intercâmbio técnico-científicas? Quais profissionais tiveram acesso aos treinamentos? Como as enfermeiras do Projeto HOPE desenvolveram suas atividades? De que se desenvolveu o trabalho entre a Enfermagem do navio-hospital SS HOPE e da UFRN? De que maneira ocorreu a participação das enfermeiras norte-americanas junto ao Curso de Graduação em Enfermagem/UFRN? Qual o legado do Projeto HOPE para o RN e para a Enfermagem? Que opinião têm as contrapartes brasileiras do Projeto HOPE?

No empenho de encontrar respostas para estes questionamentos, de suma importância para a história da saúde e, em particular, para a memória, o conhecimento da profissão e a história do ensino superior de Enfermagem no RN, foi elaborada a seguinte questão de pesquisa:

Qual a importância do Projeto HOPE (1972-1985) para a saúde da população do Rio Grande do Norte, a educação em Enfermagem, e como foram desenvolvidas suas atividades junto às instituições de saúde de Natal e à UFRN?

E, como Tese para esta pesquisa, defende-se que: **A passagem do navio-hospital SS HOPE (1972) e a permanência do Projeto HOPE Terra (1973-1985) em Natal criaram novas possibilidades de práticas assistenciais e formação profissional em saúde e em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.**

²⁵ Resolução nº 58 CONSUNI, de 13 de agosto de 1973. Aprova a criação dos Cursos de Educação Física, Enfermagem, Arquitetura, Engenharia Química e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculados às respectivas áreas do conhecimento, deferida ao CONSEPE a fixação das vagas iniciais de cada curso (UFRN, 1973d).

Portanto, para sua realização foi estabelecido como objetivo geral: **compreender a importância do Projeto HOPE (1972-1985) para a saúde da população do Rio Grande do Norte e para o ensino superior de Enfermagem da UFRN.**

Para favorecer o seu alcance, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- **Analisar a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972;**
- **Compreender a estruturação, o funcionamento do Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE e as relações entre a Enfermagem norte-americana e norte-rio-grandense;**
- **Analisar a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte, tomando como referência a sua origem e sua estruturação, nos anos de 1970; e**
- **Compreender a atuação das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, em Natal/RN (1974-1981).**

Portanto, na perspectiva de contribuir com a sociedade, preservando a memória, e fomentar outros estudos relacionados à História da Saúde, do ensino superior na UFRN e da Enfermagem do RN, a realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de revisitar a história de um passado contemporâneo ainda não registrada e de suma importância. No mais, trata-se de mais uma experiência internacional entre brasileiros e norte-americanos, mais precisamente, entre potiguares e norte-americanos.

Meu interesse por História antecede a minha formação acadêmica em Enfermagem e o encanto pela História da profissão decorre da oportunidade de ter realizado uma pesquisa de enfoque sócio-histórico, durante o Curso de Mestrado, em Dissertação que versa sobre a trajetória da Enfermagem do HUOL.

A oportunidade de ter desenvolvido essa pesquisa possibilitou discorrer sobre a História do estado, da saúde, da Enfermagem, da UFRN, e durante sua realização pude constatar a escassez de registros relacionados a essas temáticas. Assim, o que inicialmente se apresentou como desafio converteu-se em estímulos a prosseguir realizando investigações históricas no campo da saúde, da profissão e do Rio Grande do Norte.

Na realidade da Enfermagem potiguar, os estudos sócio-históricos²⁶ começaram em meados dos anos de 1990 e, dada a baixa produção de trabalhos acadêmicos *stricto sensu*, acredita-se que esta área de conhecimento não seja atrativa a seus profissionais. Isso, muito provavelmente, se relacione à inexistência, no estado, de grupo de pesquisas em História da Enfermagem. Por esse motivo, trabalhos dessa natureza, normalmente, encontram possibilidades de desenvolvimento – quando aceitos – em grupos de estudo e pesquisa sobre educação.

Acerca da minha relação com a UFRN e o HUOL, importa dizer que, para compreendê-la, faz-se necessário explicitar dois importantes momentos de minha trajetória: o primeiro, quando da realização do curso de Graduação em Enfermagem, com o qual pude dispor de sua estrutura e utilizar suas dependências para desenvolver atividades teórico-práticas; e o segundo, a partir do ano de 2003, através da minha inclusão no quadro efetivo de servidores do Hospital, na condição de enfermeiro, após aprovação em concurso público. Desde então, exerço minhas funções como enfermeiro assistencial na Unidade de Terapia Intensiva, serviço este equipado e treinado, inicialmente, pelo Projeto HOPE, na década de 70.

Quanto à estadia do navio-hospital SS HOPE em Natal, no ano de 1972, ainda mantenho viva na memória a lembrança de tê-lo visitado, no porto da cidade, no fim de uma tarde, em um final de semana, na companhia de meus pais e irmãos. Também recorro, como estudante universitário, de ter utilizado materiais, equipamentos e manequins humanos doados pelo Projeto HOPE ao laboratório do Departamento de Enfermagem/UFRN.

Cabe destacar que o Hospital Universitário Onofre Lopes é uma instituição de saúde secular e, para nós, potiguares, a mais importante e tradicional na formação dos profissionais de saúde do estado. Além

²⁶ O ensino de Enfermagem e a prática do enfermeiro: estudo de caso realizado com os enfermeiros egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional de Rio Grande do Norte (1994); O Ensino da Enfermagem Moderna no Rio Grande do Norte (1997); História de uma travessia: o ensino de Enfermagem em Mossoró (2000); Projeto político-pedagógico da Enfermagem: um processo de construção coletiva (2000); Formação da Enfermagem no estado potiguar: da criação à consolidação (2005); Passado e presente: a enfermagem do hospital universitário (2005); Hospital de Pediatria da UFRN: resgatando memórias na construção da História (1961-2000) (2007); Formação e processos identitários de enfermeiros no Rio Grande do Norte: memórias de egressos, anos de 1970 (2014).

disso, pode ser considerada como o berço da Enfermagem Moderna norte-rio-grandense devido ao funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem, por décadas, em suas dependências.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para a ampliação da rede de estudos históricos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos da História do Conhecimento em Enfermagem e Saúde (GEHCES), no que se refere à história das instituições e também da identidade profissional da Enfermagem. Além disso, que amplie esta temática para a Região Nordeste do país, cuja história ainda está em construção.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste tópico serão abordadas questões pertinentes ao ensino de Enfermagem, quando da sua institucionalização no Brasil, na Região Nordeste e no Rio Grande do Norte, tomando-se como referência a criação e funcionamento da Escola de Enfermeiras do DNSP, pioneira no país, no sistema instituído por Florence Nigthingale.

Para tal, faz-se necessário esclarecer que a institucionalização da Enfermagem Moderna, no Estado do Rio Grande do Norte, tem seu marco inicial com o funcionamento, em 1956, nas dependências do HUOL, da Escola de Enfermagem de Natal, porém destinada à formação de profissionais de nível médio.

Décadas depois foram criadas a Escola de Enfermeiras de Mossoró (1968) e o Curso de Enfermagem/UFRN (1973). Na realidade de Natal, capital do estado, o Curso de Enfermagem nasceu sob a influência dos desdobramentos da Reforma Universitária, de 1968, e já inserido no Centro de Ciências da Saúde/UFRN, detalhe este que, muito provavelmente, tenha colaborado para não ter recebido a denominação de Escola, tão comum às instituições congêneres.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM MODERNA NO BRASIL

As transformações ocorridas no Brasil, durante o século XIX, com o início da industrialização, a implantação de ferrovias, a abolição da escravidão, a abertura da imigração, a expansão da cultura cafeeira, não foram suficientes para modificar o perfil agroexportador de matérias-primas, importador de produtos manufaturados, de organização social patriarcal e política das oligarquias. Apesar disso, vale considerar que esses acontecimentos relacionados ao processo de industrialização do país interferiram também na organização das cidades, no saneamento e no processo de adoecer das pessoas. Assim, o crescimento do mercado interno ocorrido no início do século XX foi decisivo no processo de urbanização do país, ao impor novas formas de sociabilidade, ocasionando mobilidade social, diminuição do analfabetismo nos centros urbanos, trazendo às ruas pavimentação, iluminação pública, abastecimento de água e transportes urbanos (COSTA, 1999; AMANTE et al., 2015).

A cidade do Rio de Janeiro, capital do governo federal (1763-1960), nas últimas décadas do século XIX, passava por um rápido e desordenado processo de crescimento urbano, transformando-se

mediante ações governamentais de embelezamento, construção de grandes avenidas, melhoras nas vias de comunicação, adequação do centro comercial e modernização do porto, de forma a adquirir aspectos de modernidade e higiene, necessários à imigração e ao bom funcionamento das negociações comerciais internacionais. A despeito disso, mesmo com os graves problemas socioeconômicos – altos índices de morbimortalidade causados pelos surtos epidêmicos em consequência do acelerado crescimento populacional, as precárias condições coletivas de habitação, a ineficiência do sistema de abastecimento da água, a necessidade de ampliação da rede de saneamento básico, o desmatamento das matas marinhas e das florestas – firmava-se, nacionalmente, como um centro metropolitano em ascensão (DAMAZIO, 1996; AMANTE et al., 2015).

Em meio a esse cenário, no que diz respeito à assistência à saúde, na sua maioria, era prestada em instituições ligadas às ordens religiosas e, sobre a Enfermagem, sabe-se que estava alicerçada em uma prática empírica fundamentada no discurso religioso-caritativo.

Nesse panorama, a Enfermagem Moderna foi introduzida no Brasil por um grupo de enfermeiras norte-americanas²⁷ cedidas pela Fundação Rockefeller que, quando na cidade do Rio de Janeiro, fundou e fez funcionar, em 1922 e 1923, respectivamente, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), e que a partir de 1926, passa a se chamar Escola de Enfermeiras Anna Nery, em homenagem a Anna Nery, considerada a primeira enfermeira brasileira. Esta escola, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ)²⁸, é considerada a pioneira no ensino de

²⁷ Desde 1921, a Fundação Rockefeller mantinha enfermeiras nos Serviços de Saúde Pública, sob a coordenação de Ethel Parsons, e subsidiava a formação de enfermeiras visitantes para dar suporte à Reforma Sanitária implantada por Carlos Chagas. Do grupo de treze enfermeiras que chegou ao Brasil, em 1922, sete destinaram-se aos Serviços de Saúde Pública e seis, à abertura da EEAN, tendo como Diretora Clara Louise Kienminger (BARREIRA et al., 2015).

²⁸ Nascida na Itália, na cidade de Florença, no dia 12 de maio de 1820, é considerada a precursora da Enfermagem Moderna. Adquiriu conhecimentos assistenciais a partir de excursões e estágios feitos em Roma, Egito, Alemanha e França, sendo a Guerra da Crimeia (1854-56) a experiência que lhe rendeu reconhecimentos, tais como: título de Dama da Lamparina; recebimento de doações para o Fundo Nightingale; e abertura da Escola de Enfermeiras, anexa ao Hospital St. Thomas, cujo objetivo era o treinamento de pessoal (*lady-nurses* e *nurses*) destinado à assistência de enfermagem. Apesar das controvérsias sobre sua personalidade, seus escritos destacam-se pela capacidade de

Enfermagem, no país, conforme os preceitos do sistema anglo-americano (GERMANO, 2007; BARREIRA et al., 2015).

A vinda dessas enfermeiras, sob o nome de Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, teve por finalidade dar sustentação à Reforma Sanitária (1920-1924) liderada por Carlos Chagas no combate à tuberculose, gripe espanhola, malária, varíola, febre amarela, entre outras enfermidades, que ameaçavam a ampliação comercial brasileira. Essa reforma, fortemente influenciada pelo higienismo, foi posta em todo o país, sendo mais perceptível na capital da República, e abrangeu portos, habitações populares, campanhas de vacinação obrigatória, inspeções sanitárias em cortiços, ao comércio, às oficinas, aos colégios, às fábricas, coleta de lixo, saneamento, drogarias, distribuição de água, maternidades e casas de saúde (GIOVANINI et al., 2005; PORTO; SANTOS, 2007; BARREIRA et al., 2015).

Essa situação merece apreciação mais detalhada, tendo em vista a inexistência de um sistema público de assistência médico-hospitalar e ao detalhe de o governo assumir uma postura liberal, na qual condiciona sua atuação aos seus interesses, no caso das epidemias, à medicina social preventiva, ou seja, intervém sobre os efeitos e não nas causas dos problemas (DAMAZIO, 1996).

Em meio a esse contexto, a importância da EEAN diz respeito ao fato de ter sido idealizada em termos de uma carreira universitária e sob a influência de modernas tendências da educação de enfermagem norte-americana quanto aos aspectos morais, sociais e de nível de instrução. Pretensões estas que, a partir 1931, tornaram-na, oficialmente, referência para as escolas análogas em todo o país (ALCÂNTARA, 1963; BARREIRA et al., 2015).

Este curso estruturava-se em vinte e oito meses e dispunha do Hospital Geral da Assistência do DNSP para as aulas práticas. Ao pleitear uma vaga nesta Escola as candidatas deveriam ter idade de 20 a 35 anos, comprovar boa saúde e bom comportamento, apresentar diploma de escola normal ou curso secundário e, também, dispor de uma carta de referência. Em contrapartida, ofereciam-se moradia, alimentação, uniformes, livros, auxílio financeiro e benefícios como

organização, administração, epidemiologia, estatística, preocupação com o meio ambiente, educação à saúde, prevenção de infecções e também são utilizados como referências para muitas Teorias de Enfermagem. Faleceu em Londres, Inglaterra, em 13 de agosto de 1910, aos 90 anos de idade (CARRARO, 2001; COSTA et al., 2009; COSTA et al., 2015).

bolsas de estudos no exterior às alunas que se destacassem. Pretendia-se, com isso, tornar a profissão atraente, digna, possibilitando a empregabilidade no campo da saúde mediante o ensino técnico de boa qualidade (PORTO; SANTOS, 2007).

Sobre as Escolas de Enfermagem no Brasil, importa dizer que outras iniciativas²⁹ antecederam a fundação da EEAN, mas nenhuma delas sob a intervenção do Estado, com a justificativa de melhorar as condições sanitárias da população e voltadas a interesses econômicos. Segundo Fernandes (1985), diante da importância desta Escola, e pelas circunstâncias em que foi fundada, esperava-se que alavancasse a expansão do ensino da Enfermagem Moderna no país.

Essa observação é facilmente comprovada ao levar em consideração a fundação da Escola de Enfermeiras Carlos Chagas, em Belo Horizonte/MG, no ano de 1933 – segunda no país, vanguardista na administração estadual e na diplomação de enfermeiras religiosas no padrão Anna Nery – e da Escola de Enfermeiras Vicente de Paula, em Fortaleza/CE, em 1943 – pioneira na Região Nordeste (PAIXÃO, 1979; NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999; CARLOS et al., 2014).

Essa situação talvez se deva ao reduzido número de pessoas do sexo feminino interessado na carreira de enfermeira, dado o valor simbólico que a educação representava para a mulher brasileira, à época, e aos atributos intelectuais e morais inferiores ligados à profissão. Outros impedimentos dizem respeito a preconceitos quanto à etnia das candidatas e ao autoritarismo e conservadorismo tão marcantes no ensino de Enfermagem, que muitas vezes contribuem para desestimular os alunos a prosseguirem sua formação (ALCÂNTARA, 1963; GERMANO, 1997; BARREIRA et al., 2015).

Deve-se também considerar que, provavelmente, o desinteresse pela Enfermagem diz respeito à falta de reconhecimento do trabalho, à má remuneração e aos padrões tradicionais de formação das ordens religiosas, cujos enfoques podem ser missionários, sacrificados e sublimes, quando exercida por freiras, e de aspecto manual, subalterno, doméstico, ao ser desempenhada por mulheres laicas. Quanto a isso, a imagem da enfermeira diplomada permanecia entre a freira e a dama da

²⁹ Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros da Assistência a Alienados (Rio de Janeiro, 1890), atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo (1914) e no Rio de Janeiro (1916) (PORTO; SANTOS, 2007; GERMANO, 2007; BARREIRA et al., 2015).

sociedade dedicada à filantropia (ALCÂNTARA, 1963; BARREIRA et al., 2015).

Posteriormente, o incremento da industrialização no país, a criação e ampliação do sistema previdenciário, os desdobramentos da II Guerra Mundial (1939-45) e as transformações políticas, entre outros acontecimentos, demarcaram o declínio e a substituição do modelo de atenção campanhista/preventista pelo modelo hospitalar/curativo/individual que requeria hospitais como ambiente de ensino. Segundo Fernandes (1985), esse novo cenário requereu uma formação profissional, fundamentalmente, realizada em ambientes hospitalares, proporcionando, assim, a abertura de novas escolas de Enfermagem. Sobre isto, a autora informa que, das 16 escolas existentes, em 1947, e passaram a ser 34, no ano de 1956.

Em décadas recentes, a expansão do ensino de Enfermagem no Brasil tem sido uma constante e, sobre isso, a Diretoria de Educação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), através do Informativo Rede de Diretorias de Educação nº 004, de 2011, registra que, no ano de 1991, havia 106 cursos e que, em 2004, esse número era de 415, correspondendo a um aumento na oferta de 291,5%. Destaca também as Regiões Sudeste e Centro-Oeste como as que registram os maiores aumentos e que esses novos cursos são abertos e geridos, em sua maioria, pela iniciativa privada. Esse mesmo documento informa sobre a existência de 752 cursos, em 2010, distribuídos em todo o território nacional (COREN-GO, 2011).

Diante dessa conjuntura, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN) e o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) têm criado estratégias, fóruns e comissões em defesa da formação profissional responsável e com qualidade na área de saúde junto aos Ministérios da Saúde (MS), da Educação (MEC) e ao Conselho Nacional de Saúde (CNS).

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM MODERNA NO NORDESTE

Pesquisar sobre a institucionalização da Enfermagem Moderna no Brasil tornou possível perceber a existência de lacunas, como, por exemplo, o detalhamento da expansão do ensino de Enfermagem por região. Os dados apresentados a seguir têm por finalidade compilar elementos relacionados à criação de Escolas de Enfermeiras na Região Nordeste, a exemplo do que outras regiões brasileiras já concretizaram.

Trata-se, pois, de um manuscrito, publicado na Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar./abr. 2014. Aqui, será exibido de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em atendimento às diretrizes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

ESCOLAS DE ENFERMEIRAS NO NORDESTE BRASILEIRO (1943-1975)

Djailson José Delgado Carlos*

Maria Itayra Padilha*

Mariana Vieira Villarinho*

Miriam Süsskind Borenstein*

Ana Rosete Camargo Rodrigues Maia*

RESUMO

Estudo qualitativo, narrativo, sócio-histórico com o objetivo de analisar a criação das Escolas de Enfermeiras no Nordeste brasileiro (1943-1975). O recorte temporal corresponde, inicialmente, à criação da primeira escola e o final, ao ano em que todos os estados nordestinos passaram a dispor de instituições formadoras de enfermeiras. A coleta de dados ocorreu entre abril e julho de 2013 e dispôs do acervo da Biblioteca Central, da Universidade Federal de Santa Catarina e do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde. Sobre estas Escolas no Nordeste, conclui-se que sua expansão foi incrementada após a Reforma Universitária. Essa realidade favoreceu a formação local, aboliu a necessidade de deslocamento a outros estados em busca da profissionalização, possibilitou a um novo cenário nas instituições de ensino e de saúde e, melhorias no cuidado à saúde.

Descritores: Enfermagem. História da Enfermagem. Educação em Enfermagem. Bacharelado em Enfermagem.

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

INTRODUÇÃO

No Brasil, a criação e funcionamento da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, à época, marca a introdução do sistema anglo-saxônico, mundialmente conhecido como Enfermagem Moderna. Atualmente, denominada Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), surgiu como fruto do convênio celebrado entre o Governo brasileiro e a Fundação Rockefeller, que enviou um grupo de enfermeiras norte-americanas, com o objetivo de formar pessoal qualificado para dar sustentação à Reforma Sanitária implantada por Carlos Chagas e ao desenvolvimento do comércio agroexportador (SILVEIRA; PAIVA, 2011; LEONELLO; MIRANDA NETO; OLIVEIRA, 2011).

De caráter inovador, esta Escola, foi estruturada de acordo com os modelos norte-americanos formadores de enfermeiras, ressaltando-se a organização, o currículo e o processo seletivo das candidatas. Havia a intenção de imprimir à Enfermagem esta nova configuração profissional, justificando-se, assim, a exigência do curso normal ou equivalente às candidatas, tido como escolaridade elevada para a época, na tentativa de atrair mulheres socialmente privilegiadas (BAPTISTA; BARREIRA, 2006).

No que se refere às Escolas de Enfermeiras na Região Nordeste do Brasil, os primeiros registros datam da década de 1940, durante o Estado Novo (1937-45) e coincidem com o processo de industrialização, urbanização das cidades e ampliação da rede previdenciária através da criação dos fundos sociais. As primeiras iniciativas dizem respeito a grupos religiosos e ocorreram nas cidades de Fortaleza/CE (1943) e em Recife/PE (1945), todas com o intuito de formação profissional qualificada para os serviços de saúde, e, na maioria das vezes, sob o gerenciamento das próprias ordens religiosas (SILVA; NÓBREGA-THERRIEN, 2006; COSTA et al., 2008).

Dada a importância da institucionalização da Enfermagem Moderna no Brasil e seus desdobramentos à profissionalização da mulher brasileira, o presente estudo tem como objetivo analisar a criação e a institucionalização das Escolas de Enfermeiras no Nordeste brasileiro (1943-1975).

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem histórica, do tipo narrativo com o qual enseja-se a compreensão das ações do homem

enquanto ser capaz de agir, interagir e transformar a si próprio, aos outros e a sua realidade, situado em um contexto específico, visando elucidar distintos aspectos do cotidiano social (PADILHA et al., 2011).

Por pesquisa histórica, entende-se a investigação que se apresenta como estratégia capaz de responder aos questionamentos sobre o passado, sendo aquela que permite ao pesquisador a investigar os vestígios e sinais deixados pelo passado, assim como utilizar a ativação e reativação da memória para que sejam gerados novos conhecimentos. Para tanto, deve-se trabalhar as fontes na perspectiva contextualizada e crítica, mediante a submissão das mesmas a critérios metodológicos rigorosos. Essa modalidade de estudo, fundamentalmente narrativa e sistemática, contribui para o conhecimento da história das sociedades e das profissões. Assume relevância ao favorecer o entendimento do contexto vivido, através da análise criteriosa do passado, em tempo presente, de uma determinada época e ao propiciar a identificação de questões futuras (PADILHA et al., 2011).

A elaboração deste manuscrito, ocorrida entre os meses de maio e agosto de 2013, tornou-se possível a partir de consultas a algumas fontes documentais, tais como, Lei, Decretos e Resoluções, bem como, a livros, produções acadêmicas, publicações em periódicos, relatórios que versam sobre a História da Enfermagem, História das Escolas de Enfermagem e, em particular, da expansão do Ensino Superior de Enfermagem, no Brasil. Para tanto, contou com o acervo da Biblioteca Universitária Central, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde, assim como a consultas aos Bancos de Dados da Biblioteca Virtual de Saúde.

O marcador do tempo histórico tem seu início com a criação em 1943 da Escola de Enfermeiras de Fortaleza/CE, tida como pioneira na Região Nordeste e o seu término, o momento em que todos os estados nordestinos passaram a formar enfermeiras (1975). Desta forma, considerou-se o marco inicial a criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, em Fortaleza, no Estado do Ceará e o marco final, à criação do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Sergipe.

A análise e interpretação dos dados se deu por meio da leitura atenta e detalhada acerca do material disponível para o qual foi priorizada a apresentação cronológica dos acontecimentos. Os dados resultantes possibilitaram a elaboração de duas figuras: a primeira com as Escolas de Enfermeira no Brasil e, a segunda com as Escolas de Enfermeiras no Nordeste. Assim, sua realização pautou-se nas diretrizes

da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

RESULTADOS

Os resultados ora apresentados dizem respeito à institucionalização do ensino de Enfermagem Moderna no Brasil tomando como referência a criação e o funcionamento da EEAN. A seguir, apresentamos as duas figuras: Escolas de Enfermeiras no Brasil (décadas de 1920-40) e, Escolas de Enfermeiras no Nordeste, ambas cronologicamente elaborados, contemplam o nome da instituição, o ano e o local, e, a forma administrativa a que estavam subordinadas, conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 – Escolas de Enfermeiras no Brasil, décadas de 1920-40

Instituição	Ano e local	Administração
EE do DNSP*	1922 – Rio de Janeiro/RJ	Pública Federal
EE Carlos Chagas	1933 – Belo Horizonte/MG	Pública Estadual
EE Florence Nightingale	1933 – Anápolis/GO	Evangélica
EE da Casa de Saúde Evangélica	1937 – Rio Verde/GO	Evangélica
EE do Hospital São Paulo	1938 – São Paulo/SP	Católica
EE Luíza Marillac	1939 – Rio de Janeiro/RJ	Católica
EE de São Paulo	1942 – São Paulo/SP	Pública Estadual
EE do Hosp. São Vicente de Paulo	1943 – Goiânia/GO	Católica
EE do Estado do Rio	1944 – Niterói/RJ	Pública Federal
EE Rachel Haddock Lobo	1944 – Rio de Janeiro/RJ	Pública Federal
EE do Pará	1944 – Belém/PA	Pública Estadual
EE Hugo Werneck	1945 – Belo Horizonte/MG	Católica
EE Hermantino Beraldo	1946 – Juiz de Fora/MG	Pública Estadual
EE Frei Eugênio	1948 – Uberaba/MG	Católica
Escola Madre Maria Teodora	1949 – Campinas/SP	Católica

Fonte: CARLOS et al., 2014.

* Departamento Nacional de Saúde Pública.

A Figura 2, na sequência, apresenta dados pertinentes à criação das Escolas de Enfermeiras e a institucionalização do Ensino de Graduação em Enfermagem no Nordeste brasileiro (1943-1975). As informações contidas foram separadas, intencionalmente, da figura anterior por constituir-se no objeto de análise deste estudo. A sua construção, tornou-se possível a partir das fontes consultadas e estão dispostas cronologicamente para facilitar a visualização e compreensão.

Figura 2 - Escolas de Enfermeiras no Nordeste, 1943-1975

Instituição	Ano e local	Administração
EE São Vicente de Paulo	1943 – Fortaleza/CE	Católica
EE Nossa Senhora das Graças	1945 – Recife/PE	Católica
EE da Bahia	1946 – Salvador/BA	Pública Federal
EE do Recife	1947 – Recife/PE	Pública Estadual
EE São Francisco de Assis	1948 – São Luiz/MA	Católica
EE da Universidade da Paraíba	1954 – João Pessoa/PB	Pública Estadual
EE Santa Emília de Rodat	1957 – João Pessoa/PB	Católica
EE de Mossoró	1968 – Mossoró/RN	Pública Municipal
Curso de Graduação em Enfermagem	1973 – Natal/RN	Pública Federal
Curso de Graduação em Enfermagem	1973 – Maceió/AL	Pública Federal
Curso de Graduação em Enfermagem	1973 – Teresina/PI	Pública Federal
Curso de Graduação em Enfermagem	1975 – Aracajú/SE	Pública Federal

Fonte: Os autores, 2013.

DISCUSSÃO

A institucionalização da Enfermagem Moderna no Brasil, ocorrida com o funcionamento EEAN implicou em uma oportunidade de ascensão social às mulheres (BARREIRA et al., 2015). O mercado era amplo e havia muitas solicitações de enfermeiras diplomadas para os mais distintos campos de atuação, tanto que, seus egressos, nos primeiros anos, foram absorvidos pelo mercado de trabalho local, não se deslocando para outras regiões do país. Estas enfermeiras, provavelmente, tinham conhecimento de que ocupavam uma posição de

destaque entre as mulheres trabalhadoras e que deveriam conservar o prestígio, justificado pelo salário mensal de Rs 700\$000 (setecentos réis), pago às enfermeiras de Saúde Pública, o mais elevado dos vencimentos pagos às mulheres no Rio de Janeiro, à época.

No que tange ao Ensino de Enfermagem no país, alguns acontecimentos dessa época merecem destaque: alteração do nome da Escola de Enfermeiras do DNSP para Escola de Enfermeiras Dona Ana Neri (1926); fundação, em 1926, da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn); regulamentação do exercício da Enfermagem pelo Decreto nº 20.109/31, que também estabeleceu a Escola de Enfermagem Anna Nery como escola-padrão nacional; criação, em 1932, do periódico *Annaes de Enfermagem*, hoje *Revista Brasileira de Enfermagem* (REBEn); aprovação do Dia do Enfermeiro pelo Decreto nº 2.956/38; realização, em São Paulo, no ano de 1947, do Iº Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn); regulamentação do Ensino de Enfermagem com a vigência da Lei nº 775/49; aprovação do Projeto 1.741.B/52 que estabeleceu obrigatoriedade da presença de enfermeiros nas Chefias de Enfermagem; a regulação do exercício profissional da Enfermagem pela Lei nº 2.604/55; e, a realização do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil pela ABEn, 1958-59. A síntese desses dados indica que as décadas de 1920-30 correspondem à instalação da Enfermagem Moderna no Brasil e as de 1940-50, a sua consolidação (FREITAS, 2007; CARVALHO, 2008; GERMANO, 2010; BOCK et al., 2015).

Ao analisar a Figura 1, faz-se necessário enfatizar que as Escolas de Enfermeiras nele relacionadas correspondem às décadas de 1920-40 e que, na atualidade, muitas delas não mantêm o nome original, ou seja, seus nomes não correspondem àqueles quando das suas criações. Estas modificações ocorreram pelos mais distintos motivos: algumas Escolas foram incorporadas às Universidades, outras homenagearam uma personalidade ou adotaram os nomes de Departamento ou Faculdade.

Estas escolas, alicerçadas em aspectos morais e sociais, destinavam-se, inicialmente, à formação feminina e objetivavam conferir à Enfermagem o prestígio de profissão sob o aspecto de uma formação sistemática, prática e científica. Desejavam, portanto, converterem-se em atrativo à profissionalização feminina formando enfermeira para os serviços de saúde.

Ainda analisando a Figura 1, percebe-se a existência de uma lacuna temporal de uma década, entre a criação da EEAN e da EE Carlos Chagas. A ordem cronológica da criação das escolas mostra que

a expansão do ensino de Enfermagem ocorreu lentamente, muito provavelmente por questões, como: falta de recursos materiais, Enfermagem como profissão feminina desconhecida, seleção rigorosa, absorção dos egressos das primeiras turmas em serviços de saúde na capital do país, por atrativos salariais locais.

Também é perceptível um arranjo distributivo das escolas de Enfermeiras com concentração, nas Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte, com onze, três e uma, respectivamente. Essa distribuição, bastante desequilibrada, com concentração das escolas na Região Sudeste justifica-se em decorrência das maiores possibilidades socioeconômicas e culturais, bem como por seu maior contingente demográfico (ABEN, 1980).

Quanto à administração destas Escolas, ficam evidenciadas duas formas: pública (federal, estadual ou municipal) e, em maior número, religiosa (católica ou protestante). A criação/fundação destas justificava-se pela necessidade de assistência qualificada à saúde, porém atenderam a diferentes interesses: a EEAN, por iniciativa do governo federal, foi idealizada para dar suporte à Reforma Sanitária; EE Carlos Chagas, administrativamente ligada ao governo estadual e orientada à formação de enfermeiras religiosas católicas; e, a EE do Pará, por ação do governo estadual como parte do projeto de revalorização econômica da Região Norte por meio do convênio celebrado entre o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e o *Institute of Inter American Affair of the United States*, após a II Guerra Mundial para implantação e desenvolvimento de programas de saúde (SILVA; BAPTISTA, 2007).

Apesar disso, a formação profissional fazia-se necessária devido à deficiência numérica de pessoal de Enfermagem e pela busca da eficiência do funcionamento dos hospitais e dos Serviços de Saúde. Ansiava-se por enfermeiras habilitadas para o exercício laboral nas especialidades clínicas, planejamento, administração e supervisão dos Serviços de Saúde, assim como para que se encarregassem da formação de pessoal (ABEN, 1980).

Estas foram às circunstâncias em que as Escolas de Enfermeiras foram criadas, não só no Brasil, haja vista o contexto no qual a Enfermagem se organizou e se consolidou, na Inglaterra, como profissão feminina. A Escola de Enfermeiras do Hospital St Thomas, fundada em Londres, por Florence Nightingale, nasceu sob a ascendência do capitalismo e propulsora da qualificação profissional científica e sistemática, sob a divisão parcelar do trabalho destinando-se à formação de *ladies nurses* (socialmente privilegiadas, designavam-se à formação, supervisão da assistência e à administração hospitalar) e *nurses* (para a

assistência ao paciente, troca de roupa de cama, banho no leito, administração de medicamentos, alimentação). Na realidade brasileira, as *nurses* correspondem aos profissionais de nível médio, denominados Técnicos e Auxiliares de Enfermagem (COSTA et al., 2015; AMANTE et al., 2015).

Outras particularidades podem ser elencadas, tais como: a escassez de alunas advindas pelos valores sociais de que a profissão é exercida por pessoas do sexo feminino, em uma sociedade onde predominava o conceito de competência masculina, com atributos intelectuais e morais superiores; e, ao sentimento de religiosidade ou vocacional de que qualquer mulher poderia exercer as funções de enfermeira. A respeito disso, os salários das enfermeiras religiosas, nos hospitais brasileiros, variavam de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), enquanto os das enfermeiras laicas apresentavam-se entre Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) e Cr\$ 22.000,00 (vinte e dois mil cruzeiros), no ano de 1957. Sobre estes valores é importante destacar que o salário mínimo foi instituído em 1934, durante a era Vargas, não sendo unificado nacionalmente e que, no ano de 1957, correspondia a Cr\$ 3.800,00 (três mil e oitocentos cruzeiros) (BOCK et al., 2015; AMANTE et al., 2015).

Estas poucas situações ilustram o quanto a Enfermagem é contraditória em seu interior. No que tange a divisão social do trabalho, a enfermeira figura como sendo a profissional com maior habilidade intelectual e a responsável pela formação, gestão dos serviços e supervisão da assistência de Enfermagem, enquanto os Técnicos e Auxiliares de Enfermagem desempenham atividades manuais, fracionadas e de menor valor social. A respeito da concepção profissional entre religiosas e seculares, são enormes as divergências relacionadas à formação técnica e filosofia do trabalho em Enfermagem, assim como ao atendimento de seus interesses financeiros e institucionais.

Diante disso, analisar a Figura 2 permite observar algumas semelhanças com a Figura 1, tais como: espaçamento temporal entre a criação das Escolas de Enfermeiras em todo o país, visto que decorreu mais de duas décadas entre a criação da EEAN e a criação da EE São Vicente de Paulo, em Fortaleza/CE, em 1943; repetição dessa situação na Região Nordeste, uma vez que foram necessários 32 anos para que todos os estados nordestinos dispusessem, em seus territórios, de pelo menos, uma Escola; e, a forte presença de grupos religiosos à frente das Escolas.

Verifica-se que os investimentos, públicos ou privados, destinados à criação de Escolas não ocorreram de forma regular e contínua, pois as décadas subsequentes a 1940, registram decréscimo no número de aberturas de novas instituições. Esse cenário é amenizado na década de 1970, por iniciativa do poder público federal, após a promulgação da Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68). A essa altura é perceptível a discreta inserção masculina na profissão, embora os homens já se fizessem presentes na Enfermagem atuando como profissionais de nível médio.

Esta reforma, ensejada desde a década de 1940, mesmo sem ter correspondido às expectativas da comunidade universitária, no que concerne ao Ensino de Enfermagem no país, pode ser analisada sob duas perspectivas: quantitativa (aumento da oferta de vagas nas Escolas) e qualitativa (criação da Pós-Graduação e ao estímulo à produção científica). Este momento foi extremamente significativo, pois correspondeu a retomada da criação de novas Escolas por todo o país, após um período de desaceleração ocorrido na década de 1960 (SILVEIRA; PAIVA, 2011; LEONELLO; MIRANDA NETO; OLIVEIRA, 2011).

Sobre a institucionalização, consolidação e expansão da Enfermagem Moderna, no Brasil, vê-se que atendeu, inicialmente, a iniciativa governamental voltada às políticas de saúde pública para assegurar a economia agroexportadora e que, posteriormente, adquiriu novas conformações em consequência à substituição das importações, industrialização, urbanização das cidades e do modelo previdenciário.

Quanto à presença de religiosas a frente das Escolas de Enfermeiras, sabe-se que durante a era Vargas (1930-1945), a Igreja Católica estabeleceu uma forte aliança com o Estado, a partir do Movimento Neocristão, com o qual foram resgatadas as práticas religiosas populares e o despertar vocacional. Essa aproximação resultou na utilização da Igreja para ampliar o alcance de interesses políticos junto ao povo e, em contrapartida, o recebimento de apoio financeiro e a obrigatoriedade da Educação Religiosa nos currículos escolares (COSTA et al., 2015).

Para melhor compreender essa realidade, faz-se necessário analisar as duas Figuras, tomando-se como referência o período correspondente ao Estado Novo (1937-45), no qual constata-se a criação de quatorze novas Escolas de Enfermagem, dentre as quais sete sob a administração de religiosas, assim distribuídas: três no Nordeste, três no Sudeste e uma no Centro-Oeste.

Neste contexto, torna-se imprescindível ressaltar o empenho com que a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) vem tratando os interesses da Enfermagem brasileira, ao longo de sua existência, aqui em destaque, a Diretoria de Educação, que desde sua fundação, em 1926, converteu-se no principal e mais tradicional órgão representativo da Enfermagem brasileira, mas não o único. Como tal desenvolve, desde então, ações voltadas à organização e ao crescimento da profissão por meio da realização de parcerias e eventos como: Semana da Enfermagem, Congressos, Seminários, Fóruns, Ciclo de debates e a circulação, desde 1932, do periódico Anais de Enfermagem, atual da Revista Brasileira de Enfermagem (GERMANO, 2010; BOCK et al., 2015).

Esses determinantes podem auxiliar na compreensão do processo de expansão das Escolas de Enfermeiras no Brasil. Estudos referem-se às décadas de 1930-50 como sendo de crescimento, seguido por um período de declínio na década de 1960 e, de retomada após Reforma Universitária (SILVEIRA; PAIVA, 2011; LEONELLO; MIRANDA NETO; OLIVEIRA, 2011). Torna-se importante ressaltar a diminuição, à época, dos investimentos governamentais em Saúde Pública, o fortalecimento do modelo curativo e o desenvolvimento tecnológico aplicado à saúde, os quais passaram a requerer do Ensino de Enfermagem, outra vez, uma nova formação profissional (CARLOS; GERMANO, 2009). Trata-se, pois, da adequação da formação profissional às necessidades ditadas pelo modelo econômico, ou seja, anteriormente agroexportador centrado no controle das epidemias, agora com a substituição das importações e previdenciário.

Outro fator que, provavelmente, pode ter dificultado a expansão das Escolas esteja relacionado à regulamentação da profissão, ocorrida apenas na década de 1960, com a promulgação da Lei nº 3.780/60, ou seja, decorridas quase quatro décadas após a institucionalização da Enfermagem Moderna, no Rio de Janeiro. A partir de então, a profissão passou a ser enquadrada como sendo de nível superior, no âmbito do serviço público federal, garantindo, dessa forma, o *status* de profissão de nível universitário (ABEN, 1980).

Esse acontecimento assegurou as mesmas prerrogativas conferidas as demais escolas de nível superior em todo o país. Até então, por força da Lei nº 775/49 (Dispõe sobre o ensino de Enfermagem no País e revogou o Decreto nº 20.109/31) tinha sido instituído, que a criação de novas Escolas de Enfermagem deveria, compulsoriamente, ser anexas a Centros Universitários ou às Faculdades

de Medicina, ou seja, sem autonomia e subordinadas a estas instituições (SILVA; BAPTISTA, 2007).

Do exposto, importa informar que naqueles Estados nordestinos, nos quais o Ensino Superior sucedeu à Reforma Universitária – Rio Grande do Norte, Alagoas, Piauí e Sergipe – a institucionalização da Enfermagem Moderna, em todos eles, teve seu início na década de 1950, com criação e funcionamento das Escolas de Auxiliares de Enfermagem, destinadas à qualificação profissional em nível médio, como desdobramento da Lei nº 775/49, que regulamentou o ensino de Enfermagem no país (CARLOS; GERMANO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a institucionalização e o desenvolvimento das Escolas de Enfermeiras na região Nordeste, iniciada na década de 1940, expressa estreita semelhança com os eventos e acontecimentos sociais, econômicos, políticos e culturais ocorridos no país. Naquela época, clamava-se por uma formação profissional qualificada, porém deparava-se com a lentidão, porque não dizer, estagnação da criação de novas escolas nas décadas de 1950-60.

O cenário para a formação universitária e de pós-graduação modificou-se com a Reforma Universitária (1968), que expandiu, em um curto espaço de tempo, o Ensino Superior de Enfermagem, de modo que todos os estados nordestinos passaram a dispor, quase que simultaneamente, no início da década de 1970, de Cursos de Graduação. Estes surgiram já inseridos nas Universidades, como Departamento vinculado aos Centros de Ciências da Saúde ou Centro de Ciências Biomédicas, diferentemente das Escolas de Enfermeiras, pioneiras, que posteriormente foram incorporadas às Instituições de Ensino Superior.

Nessa conjuntura de lutas pela formação responsável e, pelo desenvolvimento do ensino de Enfermagem, a ABEN tem sido, ao longo dos anos, estritamente importante, apresentando-se como facilitadora e incentivadora no processo de apoio a criação e fomento da qualidade do ensino nas Escolas de Enfermagem.

Por fim, a realização deste estudo permitiu a compreensão dos acontecimentos e seus determinantes à expansão do ensino superior de Enfermagem no Nordeste. Seus desdobramentos imprimiram uma nova configuração nos Serviços de Enfermagem à medida que enfermeiros, egressos dessas novas Escolas, foram admitidos às instituições de saúde, públicas ou privadas, de ensino ou saúde, religiosa ou laica, representando, por conseguinte, melhorias na formação e na assistência.

Outro benefício da existência do Ensino Superior de Enfermagem em todos os estados decorre do fato de que a formação passou a ser local e, dessa forma, não havia mais necessidade de deslocamento a outros estados em busca da qualificação profissional e possibilitando uma melhor atuação junto à população regional.

COLABORAÇÕES

Carlos DJD e Padilha MI contribuíram para a concepção, coleta de dados, análise qualitativa do estudo, interpretação dos dados, redação do manuscrito e da aprovação final da versão a ser publicada. Villarinho MV, Borenstein MS e Maia ARCR contribuíram na análise qualitativa do estudo, interpretação dos dados, redação do manuscrito e da aprovação final da versão a ser publicada.

REFERÊNCIAS

- AMANTE, L. N. et al. O cuidado da enfermagem e da saúde no contexto da idade contemporânea (século XIX). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão; 2015. p. 147-81.
- ABEN. **Relatório Final do levantamento de recursos e necessidades de enfermagem no Brasil – 1956/1958**. Brasília: ABEn, 1980.
- BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. esp., p. 411-416, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700005&lng=en&nrm=iso>. Access em: 24 out. 2013.
- BARREIRA, I. A. et al. Primeira república: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 219-252.
- BOCK, L. F. et al. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da Idade Contemporânea. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 253-294.

BRASIL. Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 jun. 1931. Seção 1, p. 10516.

_____. Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1960. Dispõe sobre a Classificação de Cargos do Serviço Civil do Poder Executivo, estabelece os vencimentos correspondentes, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 jul. 1960. Seção 1, p. 10101.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CARLOS, D. J. D. et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar./abr 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1544/pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M. A escola de auxiliares de enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 72-80, 2009. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/433>>. Acesso em: 22 out. 2013.

CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976**: documentário. 2. ed. Brasília: ABEn Nacional, 2008.

COSTA, A. A. N. M. et al. Obstetrical nurse development at Universidade de Pernambuco, Brazil: a 35-year history. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 361-366, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2015.

COSTA, R. et al. Florence Nightingale (1820-1910): as bases da enfermagem moderna no mundo. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 183-217.

FREITAS, G. F. A responsabilidade ético-legal do enfermeiro. In: OGUISSO, T. (Org.) **Trajatória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri: Manole, 2007. p. 209-236.

GERMANO, R. M. Organização da enfermagem brasileira.

Enfermagem em Foco, Brasília, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em:

<<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3>>. Acesso em: 20 out. 2013.

LEONELLO, V. M.; MIRANDA NETO, M. V.; OLIVEIRA, M. A. C. A formação superior de Enfermagem no Brasil: uma visão histórica.

Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 45, n. esp. 2, p. 1774-1779, dez. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2013.

PADILHA, M. I. As ideias que norteiam este livro. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 23-37.

PADILHA, M. I. et al. As fontes historiográficas em pauta: a história oral e a pesquisa documental. In: BORENSTEIN, M. S; PADILHA, M. I. **Enfermagem em Santa Catarina**: recortes de uma história (1900-2011). Florianópolis: Secco, 2011. p. 37-55.

SILVA, B. R.; BAPTISTA, S. S. O movimento de expansão dos Cursos Superiores de Enfermagem na Região Norte do Brasil. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 515-520, 2007. Disponível em:

<<http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a06.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

SILVA, M. G. C.; NÓBREGA-TERRIEN, S. M. Reflexão: a formação de enfermeiros e a expansão do ensino de Enfermagem no Ceará. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 7, n. 3, p. 78-84, 2006. Disponível em:

<<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/753>>. Acesso em: 21 out. 2013.

SILVEIRA, C. A; PAIVA, S. M. A. A evolução do Ensino de Enfermagem no Brasil: uma revisão histórica. **Ciênc Cuid Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 176-183, 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6967/p>>. Acesso em: 26 out. 2013.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE

Sobre o ensino da Enfermagem Moderna no RN, sabe-se que foi instituído trinta e dois anos após a fundação da EEAN, sendo o seu marco o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (EAEN), no ano de 1956, atual Escola de Enfermagem de Natal (EEN), porém destinada à formação de profissionais de nível médio. Suas atividades tronaram-se possíveis com a assinatura do convênio celebrado entre a Divisão de Organização Hospitalar³⁰ (DOH), a Campanha Nacional Contra a Tuberculose³¹ (CNCT) e a Sociedade de Assistência Hospitalar³² (SAH) (CARLOS; GERMANO, 2009).

Naquela ocasião, assim noticiou o jornal O Poti:

AUTORIZADO O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM: JÁ EM NATAL TRÊS ENFERMEIRAS DE CURSOS FEITOS NO RIO DE JANEIRO.

[...] o funcionamento, nesta capital do Curso de Enfermagem, instituição particular, ligada à Sociedade de Assistência Hospitalar, porém que, de conformidade às Leis vigentes, terá subordinação à Divisão do Ensino Superior na capital federal [...] nossa Escola estará apta a

³⁰ Órgão técnico e normativo do Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Educação e Saúde, criado pelo Decreto-Lei nº 3.171/41, com o objetivo de estudar e solucionar problemas relacionados à assistência hospitalar nacional (BRASIL, 1941).

³¹ Instituída na Presidência de Eurico Gaspar Dutra, pelo Decreto-Lei nº 9.387/46, a Campanha Nacional Contra a Tuberculose esteve sob a orientação e a fiscalização do Serviço Nacional de Tuberculose, do Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Educação e Saúde (BRASIL, 1946).

³² Fundada em 25 de maio de 1927, tinha caráter privativo e beneficente, com a finalidade de prestar assistência médico-hospitalar e o amparo à população pobre do Rio Grande do Norte. De validade indefinida, apresentava a seguinte composição inaugural: Januário Cicco (Diretor-médico), João Crisostomo Galvão Filho (Tesoureiro) e Fernando Gomes Pedrosa (Secretário) (RIO GRANDE DO NORTE, 1927).

preparar o primeiro contingente de enfermeiras [...] encontra-se entre nós a Senhorita Maria de Lourdes Lopes – filha do Estado – pertencente à Escola de Enfermagem do Rio de Janeiro onde foi, por algum tempo, Diretora, que ao lado das enfermeiras Nice Menezes, Gení Carvalho e Irmã Ana Thereza de Jesus Rocha, as duas primeiras de Escolas do Rio de Janeiro e a última de Recife, formarão o corpo docente [...] a Escola de Enfermagem funcionará provisoriamente no Pavilhão Santa Isabel, do Hospital Miguel Couto [...] em visita oficial àquela Instituição, chegada, aliás, ontem do Estado do Ceará a Senhora Clélia de Pontes, responsável pelo Setor de Enfermagem da Companhia Nacional Contra a Tuberculose, com sede no Rio de Janeiro [...] o Pavilhão Santa Isabel já está perfeitamente aparelhado às aulas do curso, dispondo de amplos salões onde serão ministradas as várias matérias durante dezoito meses [...] o Curso de Enfermagem habilitará as concluintes ao exercício da profissão em qualquer parte do Brasil [...] o curso será iniciado em março do próximo ano e terá duração de 18 meses [...] serão ministradas as seguintes matérias: Enfermagem, Anatomia, Ética profissional, Higiene, Alimentos e seus preparos, História da Enfermagem, Patologia, Cirúrgica e Médica, Microbiologia, Doenças Transmissíveis, Noções de puericultura, Higiene Pré-natal, Noções de Pediatria e Educação Sanitária [...] todas as disciplinas terão, segundo a marcha dos assuntos desenvolvidos, a sua parte imediatamente prática, constituindo-se em uma matéria à parte. (AUTORIZANDO..., 1955)

A necessidade de fazer funcionar uma escola para qualificar os profissionais de Enfermagem para os serviços de saúde do estado foi um sonho dos dirigentes da SAH, por assim dizer, desejado por décadas, e sua realização deve ser vista como um ato de perseverança pelas muitas iniciativas sem sucesso. Anterior a seu funcionamento, a Enfermagem era essencialmente prática e seus trabalhadores eram treinados nas próprias instituições de saúde. No caso dos hospitais da UFRN – HUOL e Maternidade Escola Januário Cicco – essas atividades eram de

responsabilidade das religiosas Filhas de Sant'Ana (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2014).

Quanto aos esforços para fazer funcionar uma Escola de Enfermagem e Partejas, em Natal, os primeiros registros constam no Regimento Interno da SAH – Capítulo XVI – por ocasião da transferência, em julho de 1927, da administração do HUOL do governo do estado³³ para a Sociedade. Porém, a criação e fundação³⁴ desta Escola ocorreram em 1943 e 1950, respectivamente, mas, em ambas as circunstâncias, por falta de recursos humanos, materiais e didáticos não se concretizaram. Teve-se, então, que aguardar o atendimento das exigências do Ministério da Educação e Cultura e, no ano de 1955, finalmente, é concedida sua autorização³⁵ de funcionamento e, em 1956, suas atividades são iniciadas (CARLOS; GERMANO, 2009).

Superadas essas etapas, o quadro docente ficou assim composto: privativos – as enfermeiras (Maria de Lourdes Lopes, como Diretora; Gení Carvalho, Nice Menezes de Oliveira e Irmã Ana Thereza de Jesus Rocha, professoras); e não privativos – médicos pertencentes à SAH (Eudes Moura Caldas, Cleone Noronha, Genivaldo Barros, Hiram Diogo Fernandes, Heriberto Bezerra, Joaquim Luz, Olavo Montenegro, Fernando Fonseca). Contou também da nutricionista Francisca Silva Rocha e da professora Terezinha Soares de Brito, cedida pela Secretaria Estadual de Educação para as aulas de Aritmética, Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. Por fim, a secretária Carmem Reis Mafioletti e as serventes Maria de Lourdes Martins e Maria Lourenço de Freitas, ambas mantidas pela CNCT (CARLOS, 2005).

³³ José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971), natural de Caicó/RN, foi governador do estado de 1924 a 1927 (CARLOS, 2005).

³⁴ Fundada na manhã de 20 de junho de 1950, no Salão Nobre do Hospital Miguel Couto, apresentava a seguinte composição: Dr Onofre Lopes da Silva (Diretor), Enfermeira Elita Silveira (Vice-Diretora) e Irmã Teodolina Amazonas (Secretária) e, como Conselho Administrativo: Januário Cicco, Ernesto Fonseca, Otávio Varela, João Tinoco, Onofre Lopes (médicos), Nestor dos Santos Lima, Paulo Sobral (advogados), Elita Silveira (enfermeira) e pela religiosa Irmã Belém. Percebe-se nessa composição o não cumprimento do preceito básico da Enfermagem Moderna de que a escola para enfermeiras deve ser, obrigatória e administrativamente, de responsabilidade de enfermeiros (CARLOS, 2005).

³⁵ Portaria Ministerial nº 381, de 7 de dezembro de 1955 (BRASIL, 1955).

Em 1960, a EEN obtém seu reconhecimento³⁶ junto ao MEC e, a partir de então, funciona regularmente. Nesse mesmo ano, a Universidade do RN, então estadual, é federalizada³⁷, sob a denominação de Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vale assinalar que a federalização abrangeu apenas as escolas de nível superior e, por conta disso, a EEN passou a ter o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) como responsável e mantenedor até sua incorporação³⁸ à Faculdade de Medicina (TIMÓTEO, 1997; CARLOS, 2005; GOMES et al., 2006).

Diante dessa realidade, em 20 de maio de 1961, por ocasião do encerramento da 22ª Semana Brasileira de Enfermagem, no salão nobre da Escola Doméstica de Natal, a EEN pôde realizar a solenidade de entrega dos certificados às cinco primeiras turmas concluintes do Curso de Auxiliar de Enfermagem (1956-1960). Esta solenidade contou com a presença de autoridades locais e da Presidente da ABEn Nacional, Marina de Andrade Resende³⁹. Dos quarenta e seis concluintes, apenas vinte e nove compareceram à solenidade que teve como oradora das turmas, Sebastiana Bezerra de Moura (ESCOLA DE AUXILIARES DE ENFERMAGEM DE NATAL, 1961; ESCOLA..., 1961).

Do ponto de vista do local ocupado pela Escola, é importante registrar que, do Pavilhão Santa Isabel, em 1956, no antigo Hospital Miguel Couto, onde se instalara inicialmente, foi transferida para o terceiro andar do mesmo hospital, do então denominado Hospital das Clínicas, hoje HUOL. No ano de 1971, passou a ocupar uma antiga casa da Avenida Nilo Peçanha, nº 619, Petrópolis e, por último, em 2004,

³⁶ Decreto Federal nº 49.120-A, de 17 de novembro de 1960 (BRASIL, 1960b).

³⁷ Lei Federal nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960 (BRASIL, 1960c).

³⁸ Resolução nº 02 CONSUNI, de 9 de janeiro de 1964 (UFRN, 1964).

³⁹ Nascida em Minas Gerais, no ano de 1911, complementou sua formação como bolsista da *Kellogg Foundation* (1945), tendo realizado cursos na *Providence School of Nursing*, em Washington, capital dos Estados Unidos. Lá, preparou-se para *States Board's Examinations* e realizou estágio em Saúde Pública. Na França, realizou curso sobre Psicologia Patológica, no Instituto de Psicologia da Universidade de Sorbone. No Brasil, exerceu suas funções no Serviço Sanitário de Saúde Pública do SESP. Ocupou o cargo de presidente da ABEn, seção Minas Gerais, em 1952, e nacional por dois mandatos: 1958-1960 / 1960-1962. Desde o ano de 1963, a ABEn Nacional instituiu o Prêmio Marina de Andrade Resende, patrocinado pelo Centro Acadêmico Marina de Andrade Resende (CAMAR), destinado a estudantes de graduação de Enfermagem associados temporariamente. Faleceu em Belo Horizonte, no dia 20 de janeiro de 1965 (ABEN, 2008; SECAF; COSTA, 2010).

mudou-se definitivamente para um prédio próprio, denominado de Complexo de Enfermagem, localizado no Campus Universitário (CARLOS; GERMANO, 2009).

Retornando à formação dos profissionais de Enfermagem do HUOL, sabe-se que ocorreu gradativamente e que a EEN foi decisiva para as mudanças. A promulgação da Lei nº 5.692/71 abriu novas perspectivas ao ensino de Enfermagem. A partir de então, era possível complementar os estudos daqueles que haviam concluído o curso de Auxiliar de Enfermagem, habilitando-os em Técnicos em Enfermagem. Além disso, a Escola, por meio de convênio firmado entre a UFRN e colégios de Natal – públicos e privados – passou a oferecer formação técnica, em nível de 2º Grau, com habilitação em Técnico em Enfermagem.

Quanto ao ensino superior de Enfermagem/UFRN, no início da década de 70, o reitorado do Professor Genário Alves da Fonseca coincide com a reestruturação da Universidade no que diz respeito à sua estrutura organizacional, acadêmica e administrativa. A aprovação do curso justificava-se pela lacuna existente no mercado de trabalho e resultou do trabalho da comissão composta pelos docentes Clemente Galvão Neto (odontólogo), Dalton Barbosa Cunha (médico) e Vicente Dutra de Almeida (farmacêutico) (UNIVERSIDADE..., 1973).

A respeito dessa comissão, mesmo que seus desdobramentos tenham sido satisfatórios e representem uma conquista para a Enfermagem do RN, é de se estranhar a ausência de enfermeiras-professoras da Escola de Auxiliares de Enfermagem ou de enfermeiras da UFRN. Vencidas as questões burocráticas, em janeiro de 1974, foi realizado o primeiro Concurso Vestibular para o curso de Graduação em Enfermagem, da UFRN, com a oferta de trinta vagas⁴⁰, ou seja, nesse ano houve apenas uma entrada de alunos, logo no primeiro semestre (RIO GRANDE DO NORTE, 1973).

Sobre a criação do Ensino Superior de Enfermagem, em Natal, importa destacar a particularidade de já ter sido criado como Departamento e inserido no CCS/UFRN, em conformidade com as orientações da Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68), diferentemente de algumas Escolas de Enfermeiras, cujas integrações às Universidades ocorreram posteriormente.

Martins (2009) destaca que essa Reforma proporcionou, em linhas gerais, a modernização e expansão das instituições públicas, com destaque às universidades federais; a articulação do ensino à pesquisa; a

⁴⁰ UFRN/CONSEPE Resolução nº 83, de 22 de agosto de 1973 (UFRN, 1973d).

abolição das cátedras vitalícias; a introdução do regime departamental; a criação da carreira acadêmica docente com progressão por titulação; e a institucionalização da política nacional de pós-graduação.

Seus desdobramentos, para a Enfermagem, dizem respeito à possibilidade de as Escolas de Enfermagem integrarem os Centros de Ciências da Saúde ou Biomédicos, que possibilitou às mesmas ocuparem uma posição mais adequada junto às Universidades; representaram o seu reconhecimento como área de saber; permitiram a formação do corpo docente, predominantemente, por enfermeiros; reuniram esforços dos docentes para a realização de cursos de pós-graduação *stricto sensu*; favoreceram a instituição do ensino de pós-graduação em Enfermagem; incentivaram a produção científica de Enfermagem; e a inserção de seus docentes na comunidade nacional de pesquisadores, afirmam Baptista e Barreira (2006).

Retornando à realidade potiguar, importa registrar que, apesar de Natal ser a capital do estado e de dispor de uma Universidade Federal, desde 1960, no que diz respeito ao ensino superior de Enfermagem, a primeira iniciativa ocorreu na cidade de Mossoró⁴¹, em 1968, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)⁴².

Essa Escola, atualmente denominada Faculdade de Enfermagem, teve seu funcionamento autorizado em 1970, mas por dificuldades de

⁴¹ Cidade norte-rio-grandense conhecida como a Capital do Oeste e, historicamente, pela abolição da escravatura (1883) cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea (1888); primeira derrota do bando de Virgulino Ferreira, o Lampião (1922); primeiro voto feminino da América Latina com a Professora Celina Guimarães Viana (1928) (MEDEIROS, 1994).

⁴² Tem sua história atrelada à criação da Faculdade de Ciências Econômicas, em meados dos anos de 1940, pela União Universitária Mossoroense, porém seu funcionamento ocorreu em 1960, sob a coordenação da Prefeitura Municipal através da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e Técnica (FUNCITEC). Em 1968 foi transformada em Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) agregando as seguintes Faculdades: Ciências Econômicas; Filosofia, Letras e Artes; Pedagogia; Ciências Sociais; e Escola Superior de Enfermagem. No ano de 1987 é estadualizada, passando a se chamar Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) e tem seu reconhecimento assegurado pelo Parecer nº 277 do Conselho Federal de Educação (CFE). Por fim, o governo do estado, através da Lei n.º 7.761/1999, torna-a em Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Na atualidade é a segunda maior universidade estadual do Nordeste, congregando cinco *campus* e 11 Núcleos Avançados de Educação Superior distribuídos pelo estado (MEDEIROS, 1994; COSTA, 2000; MENESES, 2005).

pessoal e material suas atividades foram iniciadas no ano seguinte. Isso tornou-se possível, devido a uma parceria feita com outras instituições locais e com a Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, de Fortaleza/CE – pioneira a diplomar enfermeiras na Região Nordeste (MEDEIROS, 1994; TIMÓTEO, 1997; COSTA, 2000; MENESES, 2005; CARLOS et al., 2014).

Quanto à criação do Departamento de Enfermagem/UFRN, sabe-se que ocasionou sérios transtornos administrativos e pedagógicos à EEN, uma vez que para o seu funcionamento foi necessária – embora a Escola já estivesse incorporada à Faculdade de Medicina, desde o ano de 1968 – a cessão de sua infraestrutura, como: salas de aula, laboratório, equipamentos, incluindo seu corpo docente⁴³. Torna-se importante citar que os três diferentes níveis de ensino de Enfermagem (auxiliar, técnico e superior) continuaram funcionando no mesmo espaço físico já existente, fazendo-se necessário reunir esforços para dar encaminhamento às exigências para o funcionamento da graduação, sem descuidar, contudo, do ensino profissional (TIMÓTEO, 1997; CARLOS; GERMANO, 2009).

Vê-se, pois, que a década de 70 representou para a Enfermagem do Rio Grande do Norte um florescer de perspectivas para o ensino e para seus trabalhadores com o funcionamento do Curso Técnico e do ensino de Graduação. No cenário nacional, o ensino superior de Enfermagem registava uma das taxas de menor crescimento e investimentos por parte do governo federal, enquanto que a iniciativa privada, geralmente de propriedade de grupos religiosos, apresentava-se como o grande investidor na formação do enfermeiro (PAIM, 2001; CARLOS, 2005; TEODÓSIO, 2014).

Quanto a essa realidade, o Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, através do levantamento “O Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil”, de 1975, refere que, dos 32 Cursos de Graduação em funcionamento no país, a Região Sudeste, com 17, concentrava o maior número de Escolas de Enfermagem, assim como registra a predominância da iniciativa privada em 39% dos cursos. No decorrer

⁴³ UFRN/CONSUNI Resolução nº 35, de 3 de maio de 1974 – contratou as enfermeiras professoras da Escola de Auxiliares de Enfermagem Leda de Melo Morais, Maria Éliada Santos de Sousa, Oscarina Saraiva Coelho, Raimunda Medeiros e Guiomar Pereira Barreto, como docentes assistentes, e Dayse Maria Gonçalves Leite e Maria das Graças Araújo Braga, na condição de docentes auxiliares de ensino (UFRN, 1974).

dessa década, foram implantados 22 novos cursos de Enfermagem em todo o país e, na década seguinte, esse número correspondia 79 instituições de ensino, com uma média de 15 docentes enfermeiros por escola, perfazendo um total de 1.185 docentes. Quanto ao contingente de profissionais de Enfermagem, em 1983, contabilizava-se 304.281 trabalhadores assim distribuídos: 25.889 enfermeiros (8,5%), 19.935 técnicos (6,6%), 64.283 auxiliares (21,1%) e 194.174 atendentes (63,8%) (BRASIL, 1975a; ROCHA et al., 1989; MEDEIROS; TRIPPLE; MUNARI, 2008).

Vale destacar que, nesse período, a história da UFRN foi marcada por algumas realizações, como: criação da Televisão Universitária (TVU), início da implantação do Campus Universitário, concurso para professores, criação do Museu Câmara Cascudo, implantação do Núcleo Avançado de Caicó, criação de Pró-Reitorias. Do ponto de vista acadêmico, houve a fusão das Faculdades, Escolas, Institutos e Departamentos em cinco centros, a saber: Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Tecnologia (CT) e Centro de Biociências (CB) (MELO; CALADO, 2011).

Por fim, convém informar que sobre a Enfermagem do RN há muito o que se investigar e, embora essa realidade seja imperativa, importa ressaltar a valiosa contribuição das religiosas Filhas de Sant'Ana, responsáveis, por décadas, pela formação do corpo de Enfermagem dos hospitais da UFRN (HUOL e MEJC).

Sobre isso, a seguir, será apresentado um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “Passado e Presente: a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes”, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFRN, sob o número 81/2004, em forma de manuscrito publicado na Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste – **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 411-419, maio/jun. 2014, aqui exposto de acordo à ABNT, por recomendação do PEN/UFSC.

PARTICIPAÇÃO DE RELIGIOSAS NA COMPOSIÇÃO DO SERVIÇO DE ENFERMAGEM EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO (1909-2005)

Djailson José Delgado Carlos*
Raimunda Medeiros Germano^o

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

RESUMO

Objetivou-se analisar a participação de religiosas na composição do serviço de Enfermagem em um Hospital Universitário no Rio Grande do Norte, Brasil. Estudo qualitativo histórico-social, o qual considerou como período do estudo os anos de 1909 a 2005, corresponde ao início e término da presença das irmãs Filhas de Sant'Ana na instituição. A investigação pautou-se no levantamento de documentos, relatórios, atas, leis e decretos, portarias, complementada por entrevistas com dez profissionais e religiosas, que atuaram no Hospital a partir da década de 1950. Conclui-se que a realidade investigada coincide com o contexto brasileiro em termos de despreparo dos exercentes de enfermagem; atuação das religiosas nos afazeres hospitalares e assistenciais. As Irmãs Filhas Sant'Ana foram as pioneiras e responsáveis, durante décadas, pela administração interna do Hospital e assistência ao paciente.

Descritores: História da Enfermagem. Enfermagem. Recursos Humanos. Religião.

INTRODUÇÃO

A trajetória do Hospital Universitário Onofre Lopes, localizado em Natal, capital do Rio Grande do Norte, é marcada por sucessivas ampliações de suas instalações e de serviços, como também por mudanças de nome, a saber: Hospital de Caridade Jovino Barreto (1909), Hospital Miguel Couto (1934), Hospital das Clínicas (1960) e, a partir de 1984, como homenagem ao primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, passou a denominar-se Hospital Universitário Onofre Lopes (CASCUDO, 2010; CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Funcionando como Hospital Escola desde a criação da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, em 1958, é na atualidade uma instituição de saúde pública federal, vinculada ao Ministério da Saúde, através do Sistema Único de Saúde. E é também referência para Cursos de Graduação e Pós-Graduação do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Como tal, desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PGENF/UFRN).

assistência à população, contando com o atendimento ambulatorial a serviços de maior complexidade. Integra-se ao Complexo Hospitalar e de Saúde, juntamente com a Maternidade Escola Januário Cicco, Hospital de Pediatria Professor Heriberto Bezerra, Hospital Universitário Ana Bezerra, Unidade de Medicina Comunitária, Núcleo de Hematologia e Hemoterapia, Serviço de Odontologia, Serviço de Anatomia Patológica e Unidade de Fisioterapia.

Retornando a seus primórdios, no que concerne à assistência de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, faz-se necessário esclarecer o caráter essencialmente prático, haja vista a inexistência de Escola da Enfermagem no Rio Grande do Norte. Naquela época, para ingresso à Enfermagem, exigiam-se habilidades manuais, quase sempre, identificadas, no caso do Hospital Universitário Onofre Lopes, pelas religiosas Filhas de Sant'Ana entre os funcionários, acompanhantes e ex-pacientes, posteriormente treinados por elas mesmas (GERMANO, 2007; CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Essa fase prática foi substituída pela Enfermagem Moderna, surgida no século XIX, em Londres, Inglaterra, quando Florence Nightingale, na intenção de tornar a profissão honrosa e atraente às mulheres, fundou a *Nightingale School for Nurses*, anexa ao *St. Thomas's Hospital* que é considerada a primeira escola profissional de Enfermagem em todo o mundo. Sua importância consiste na sistematização do ensino e da prática profissional, tornando-a científica e racional, que fora difundida por seus egressos, com a abertura de novas Escolas de Enfermagem (LOPES; SANTOS, 2010).

No Brasil, a institucionalização da Enfermagem Moderna ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, capital da federação, à época, por enfermeiras norte-americanas, cedidas ao Departamento Nacional de Saúde Pública, pela Fundação Rockefeller. Elas fundaram e fizeram funcionar a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, hoje Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pioneira, no país, no ensino orientado pelo sistema criado por Florence Nightingale (BARREIRA et al., 2015; GERMANO, 2007).

Diante dessas breves considerações, o presente estudo tem por objetivo analisar a participação das religiosas Filhas de Sant'Ana, na composição do serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes. Assim sendo, sua relevância justifica-se por contribuir para a memória da profissão e do ensino de Enfermagem, pelo resgate de uma história ainda não registrada e ao fato dessas religiosas terem permanecido, por décadas, a frente dessa instituição que é, para o RN, a

referência mais tradicional na formação dos profissionais de saúde e, em especial, de Enfermagem.

MÉTODO

Estudos qualitativos, sócio históricos ganham relevância pela possibilidade de construção do conhecimento científico, na perspectiva crítico-analítica, pois favorecem a compreensão do passado de um grupo social, assim como contribuem para a percepção das profissões junto à realidade. É, pois, uma atividade metodologicamente rigorosa que permite voltar às raízes, ativar memórias, mas sem perder o panorama histórico (PADILHA et al., 2011).

Sob essa ótica, realizar pesquisas históricas consiste em lançar-se a um desafio que exige organizar ideias, apoderar-se de argumentações a partir do conhecimento, buscando aprofundamento no universo a conhecer (ALBERTI, 2010).

Realizar pesquisas históricas é lançar-se a grandes desafios. As fontes da pesquisa histórica (primárias e secundárias) são vistas como a via pela qual o pesquisador entra em contato com o problema, possibilitando-o examinar e analisar uma sociedade no seu contexto histórico. Essa relação entre passado e presente se estabelece através da busca de novos conhecimentos, com a qual se recupera a memória, ajudando a salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (LE GOFF, 2015).

Desse modo, considerando-se as décadas em que as religiosas Filhas de Sant'Ana estiveram presentes no Hospital Universitário Onofre Lopes, nessa investigação optou-se pela reconstrução histórica a partir da cronologia dos acontecimentos. Assim, o recorte temporal de 1909 a 2005 justifica-se, por tratar, respectivamente, do ano da chegada das religiosas ao Hospital, por ocasião de sua fundação e, ao ano, a partir do qual, a instituição não registra mais a presença de religiosas entre seus funcionários.

As fontes documentais, desse estudo, constituíram-se de documentos, relatórios, atas, leis, decretos, portarias, sendo seu acesso permitido após o recebimento da Carta de Aquiescência dos arquivos do Estado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e à Direção do Hospital Universitário Onofre Lopes, visto que contém fontes da mais alta significação sobre o Hospital.

Os dados foram complementados por meio da realização de 10 entrevistas semiestruturadas, entre os meses de maio a junho de 2005. As mesmas tiveram a duração média de 50 (cinquenta) minutos. Para a

participação deliberou-se que seriam profissionais – religiosas Filhas de Sant’Ana, professores da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – que mantiveram vínculos com o Hospital Universitário Onofre Lopes, a partir da década de 1950, ou seja, àqueles que vivenciaram parte dessa história e que dela têm vivas memórias. Como critério para o fechamento amostral foi determinada a saturação das respostas.

A utilização de entrevistas favorece o contato direto com as pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos de interesse do pesquisador. Dessa forma, realiza-las possibilita sondar a visão de mundo e as conjunturas, resultando assim, em uma maior aproximação com o objeto de estudo (PADILHA; BORENSTEIN; BALLETEROS, 2008).

Para esta pesquisa, as entrevistas sucederam a um contato telefônico prévio, através do qual foram agendadas de acordo as conveniências dos colaboradores. Na oportunidade da realização, foram esclarecidos os objetivos do estudo, a garantia do anonimato, o sigilo de informações, o direito a recusa e a intenção de publicar os resultados da pesquisa. Feito isso, requereu-se à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foi solicitada a permissão para gravar os depoimentos e esclareceu-se que seriam transcritos e posteriormente transcritos.

A análise e interpretação dos dados aconteceram através da leitura atenta e detalhada do material, com a qual se procurou a compreensão dos significados objetiva, científica e sistematicamente. Utilizou-se, portanto, da análise temática para a reconstrução histórica da participação de religiosas na composição do serviço de enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, por versar sobre assuntos específicos.

A investigação foi desenvolvida em consonância com as diretrizes sobre pesquisa com seres humanos e contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Parecer nº 81/2004. Para garantir o anonimato, as falas foram identificadas com a letra P, referindo-se aos profissionais e R, para as religiosas, ambas acompanhadas pela numeração sequencial na qual ocorreram as entrevistas.

RESULTADOS

Para, em 1909, fazer funcionar o Hospital de Caridade Jovino Barreto, atual Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), foram

contratados o médico Januário Cicco, o prático em Enfermagem José Lucas do Nascimento e para a assistência aos enfermos e direção doméstica, um grupo de religiosas Filhas de Sant’Ana, vindo de Recife/PE. Sobre estas, há controvérsias quanto ao número inicial, de serem cinco (Rosa Sampaio, Helena Maria Meneses, Rinalda Mereti e Alinda Gararaglia) ou sete, dentre as quais havia uma licenciada em Serviços Farmacêuticos. Porém é consensual de que a Irmã Cosma Campani, foi a superiora (CASCUDO, 2010; CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

A respeito de José Lucas do Nascimento, sabe-se que foi denominado o primeiro “enfermeiro” do Hospital, tornando-se um doutor de gente pobre, popularíssimo, sob o apelido de José Enfermeiro. Sobre sua pessoa há registros como sendo muito dedicado e que chefiava o Serviço de Enfermagem nas enfermarias masculinas, muito provavelmente por questões ligadas a pureza, castidade, sexualidade e honra das irmãs (CARLOS; GERMANO, 2009b; BORENSTEIN; PADILHA, 2011).

Quanto à presença das religiosas no Hospital, inicialmente contratadas, em 1909, subordinadas à Irmã Superiora Cosma Campani, no ano de 1935, o grupo apresentava-se composto por nove, sendo a Irmã Plácida Possi, a Superiora. Em 1945, havia treze religiosas e, em 1952, eram dezesseis, em ambas as datas, sob a coordenação da Irmã Superiora Albina Vieira (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Figura 3 – Grupo de Religiosas Filhas de Sant’Ana (Livro Diário, 1927)



Fonte: Arquivo Geral do Estado do Rio Grande do Norte.

A respeito do pessoal de Enfermagem laico, em 1935, constam os práticos em Enfermagem José Lucas do Nascimento, Generosa de Souza e Maria de Jesus e, duas auxiliares de enfermagem, Joanhina Sales e Francisca Fernandes. No ano de 1945, havia seis práticos em Enfermagem, quatro homens e duas mulheres, e duas parteiras (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Sobre esses personagens, vale salientar que não foi encontrado qualquer documento referente às suas origens, local de nascimento ou mesmo dados pessoais. Podendo-se perceber que em uma sociedade de classes, essa ausência de informações pode confirmar o lugar que cada pessoa ocupa na hierarquia social.

Quanto a participação das Irmãs Filhas de Sant'Ana nos afazeres hospitalares, documentos de 1952 registram a existência de dezesseis religiosas lotadas em serviços diversos, a saber: Albina Vieira (Superiora), Teodolinda Amazonas (secretária), Natália Maia (farmacêutica), Vilma Vila (pavilhão de luxo), Delfina Lorena (pavilhão de 1ª classe), Damielina Amaral (setor de internamento), Inez Mineli (centro cirúrgico), Donata (pavilhões de 2ª e 3ª classes), Pierina Albuquerque (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª enfermarias), Alessia Barbosa (6ª e 7ª enfermarias), Izaura Rego (8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª enfermarias), Geralda Carvalho (14ª, 15ª e 16ª enfermaria), Miquelina Cassiraghi (portaria e gabinetes de odontologia e otorrinolaringologia), Emerentina Montenegro (cozinha), Conceição Busatta (lavanderia) e Emerenciana Costa (sala de costura) (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Acerca do trabalho das religiosas, sabe-se que *os recursos eram escassos. Foi um tempo muito difícil, muitas vezes improvisado. Então a gente fazia o que era possível. As religiosas também trabalhavam com o doente (R1). As irmãs trabalhavam dia e noite, mas apesar de não serem formadas, tinham prática de Enfermagem e adquiriam confiança dos médicos, pois trabalhavam com muito amor e dedicação (R2). Tudo era precário, às vezes, faltavam camas para os doentes a serem internados e muitas vezes lavávamos e consertávamos luvas já utilizadas, como também desobstruíamos agulhas e refazíamos suas pontas (R3). Foi um tempo de muita dificuldade e trabalho duro. Dávamos plantão noturno e continuávamos a trabalhar no dia seguinte pela manhã e, às vezes, à tarde também, tendo quase sempre que esperar a noite chegar para descansarmos. Como nós religiosas residíamos no Hospital, era comum sermos convocadas para trabalhar ainda que estivéssemos nos momentos de folga/descanso (R4).*

No Hospital, as religiosas faziam todo tipo de trabalho. Elas também tinham funções administrativas e cada uma delas era

responsável por um setor hospitalar ou enfermaria. Tinham irmãs que ajudavam a trocar a roupa do paciente, a dar alimentação àqueles que não podiam se alimentar e também ajudavam nas medicações (P1).

No que concerne as atividades desenvolvidas pelas Filhas de Sant'Ana, o material possibilitou a constatação de quão efetiva foi a participação delas nos afazeres hospitalares, às vezes acumulativos, fossem eles domésticos (portaria, secretaria, setor de internação, copa-cozinha, lavanderia, rouparia, sala de costura) ou assistenciais (farmácia, unidades de internação, sala de operação, consultórios, entre outros). E assim, o hospital permaneceu por décadas, tendo as religiosas à frente dos serviços administrativos e hospitalares.

É importante destacar a inexistência de enfermeiras diplomadas, religiosas ou laicas, até 31 de julho de 1953, quando a Irmã Anna Tereza de Jesus Rocha, também conhecida por Irmã Amasilles, paraense de nascimento, vinda de Recife-PE, formada na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, da Universidade de Pernambuco (FENSG/UPE), passou a integrar o corpo de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como atuou como professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013). Sobre ela, também é relevante frisar que, juntamente com outras 11 enfermeiras, fundaram, em 15 de maio de 1960, a Associação Brasileira de Enfermagem, seção Rio Grande do Norte, sendo eleita presidente para a gestão de 1960-62 (CARVALHO, 2008).

Retornando a organização do serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, no que diz respeito ao ingresso à assistência *as freiras pesquisavam o trabalho dos funcionários da limpeza e junto aos acompanhantes dos pacientes. Àquelas pessoas que se destacavam, que demonstravam jeito para a Enfermagem eram convidados a ingressarem na Enfermagem. Eu sempre demonstrei interesse pela assistência e nas minhas horas de folga colaborava como voluntário nos cuidados aos pacientes. A irmã que trabalhava na enfermaria, certo dia me perguntou: você gostaria de trabalhar no serviço de Enfermagem? Respondi que sim. Então fui treinado como atendente (P1). A partir de uma experiência como acompanhante de um paciente cirurgiado e pela forma atenciosa e delicada como eu o tratava, chamou a atenção das irmãs, aí terminei por ser convidada a trabalhar no Hospital, mas tive que fazer um treinamento (P2). Exigia-se saber ler, escrever e fazer um treinamento. Tínhamos aulas teóricas e práticas (P3).*

A respeito desse treinamento, sabe-se que *tinha a duração de três meses, com aulas teóricas e práticas. Constava de ensinamentos*

básicos, tais como: técnicas de injeção, curativos, verificação dos sinais vitais, banho no leito, mudança de decúbito, troca de roupas do paciente e de cama (P1). Quando comecei a trabalhar no Hospital eu não tinha experiência com esse negócio de Enfermagem. Entrei sem saber de nada. A Irmã Geralda Carvalho foi minha professora, me ensinou tudo: curativo, fazer injeção. Ela tinha a maior confiança em mim e os médicos também. Eu passava o dia na enfermaria cuidando dos pacientes (P2). As freiras me explicavam e eu com aquela explicação ia aprendendo. Bote uma bolsa de água quente assim, explicava como devia ser feita a injeção. A aprendizagem continuava a ocorrer no próprio trabalho (P3). Era o possível, o que podíamos fazer. Treinávamos àqueles que aceitavam ao convite, pois acreditávamos que desempenhariam satisfatoriamente bem as atribuições de Enfermagem. Após umas poucas aulas, adotávamos a estratégia de colocar um atendente novato com um antigo para que assim o serviço fosse sendo passado. Quando não era possível, atribuíamos o inexperiente em uma enfermaria de pacientes menos complexos. Tudo acontecia sob nossos olhares, fosse dia, fosse noite (R4).

Como os depoimentos ilustram, havia a necessidade de qualificação profissional e na tentativa de vencer as dificuldades e de fazer funcionar uma Escola de Enfermagem algumas iniciativas foram tomadas. Sobre isso, *veio uma supervisora do Rio de Janeiro, do Ministério da Saúde, que elaborou um relatório o qual impossibilitava o funcionamento da Escola de Enfermagem aqui em Natal. O referido, de autoria da enfermeira Izaura Barbosa Lima, explicitava a precariedade de recursos materiais e técnicos para o funcionamento de uma Escola de Enfermeiras. Ainda que este relatório tenha causado descontentamento entre os dirigentes da Sociedade de Assistência Hospitalar, instituição responsável pelo gerenciamento do Hospital, serviu para estudos e observações posteriores que terminaram por sugerirem, junto ao Ministério de Educação e Cultura, autorização para fazer funcionar uma Escola de Auxiliares de Enfermagem (P4).*

Esse acontecimento, marco da institucionalização da Enfermagem Moderna no Rio Grande do Norte, pode ser visto como a realização de um sonho almejado há muito tempo, pois consta no Regimento Interno da SAH, Capítulo XVI, de 1927, ano em que a administração do Hospital foi transferida à Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH), a intenção fazer funcionar uma Escola de Enfermeiras e Parteiras. Sobre essa Escola, em 1934 ocorreu sua criação e no ano de 1950 sua fundação, porém, nas duas oportunidades, a falta de recursos humanos e materiais inviabilizaram o desenvolvimento de

suas atividades (CARLOS; GERMANO, 2009a). No entanto, seu funcionamento, nas dependências do Hospital, tornou-se possível, em 1956, após convênio firmado entre SAH, a Divisão de Organização Hospitalar e a Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

Mesmo assim, a Enfermagem do Hospital, permaneceu por muito tempo sob o gerenciamento das Filhas de Sant'Ana. Os egressos da Escola de Auxiliares nem sempre integravam ao corpo de profissionais da instituição, partindo para trabalhar em estados vizinhos pelo atrativo financeiro. *As pessoas encontravam mais vantagens lá fora. Os honorários oferecidos aqui eram pequenos* (P5).

Esse cenário lentamente se modificou após a federalização da Universidade, ocorrida em 1960, a partir do qual o Serviço de Enfermagem do Hospital passou a ser exercida pela enfermeira norte-rio-grandense Nazaré Lira, vinda de São Paulo, formada pela USP, especialmente contratada para organizar essa transição. *Com a chegada das enfermeiras na Chefia de Enfermagem, após a Universidade ser federal, as coisas melhoraram muito. Houve modificações na escala. Nós passamos a trabalhar seis horas diárias e o serviço melhorou bastante. Antes de Nazaré, as freiras comandavam a Enfermagem e o Hospital, porque não havia enfermeiras* (P2). *Com a federalização da Universidade, a administração do Serviço de Enfermagem, até então, sob a responsabilidade das religiosas Filhas de Sant'Ana passa a ser exercida por enfermeiras* (P6).

Embora as religiosas tenham saído da chefia do Serviço de Enfermagem, deve-se registrar que estas permaneceram no Hospital por décadas, em outros serviços, tais como: portaria, setor de internamentos, copa-cozinha, lavanderia e rouparia, entre outros. Quanto a hierarquia religiosa, as irmãs Maria Inês Dias, Zélia Ximenes, Anna Tereza de Jesus Rocha e, Esperança, nessa ordem, foram as quatro últimas Filhas de Sant'Ana a ocuparem o cargo de Superiores, mas não necessariamente a Chefia de Enfermagem do Hospital (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

DISCUSSÃO

A fundação desse Hospital, em 1909, decorreu da necessidade de organizar uma assistência condigna à população norte-rio-grandense (CASCUDO, 2010). Inicialmente instalado em uma casa de veraneio adaptada, com apenas 18 leitos e destinado ao atendimento de pessoas carentes, aos poucos ampliou suas instalações e serviços, vindo a se

transformar em um hospital escola e, na atualidade, integra o do Complexo Hospitalar e de Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

A presença de religiosas em Hospitais e nas Santas Casas, no Brasil, teve seu início com a chegada das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, francesas, em 1849, à cidade de Mariana-MG. Naquela época, essas instituições se relacionam a interesses caritativos, assistenciais e econômicos. A essa experiência, sucederam outras em todo o país, ocasionando uma nova configuração à rotina das instituições de saúde, até então compostas basicamente por escravos, ex-escravos e outros indivíduos de pouca instrução (PADILHA, 1998).

Na realidade do Hospital Universitário Onofre Lopes, foram as Filhas de Sant'Ana as pioneiras e responsáveis, por décadas, pela administração interna do Hospital e pelo gerenciamento do Serviço de Enfermagem e que, nessa longa permanência, acompanharam as reformas estruturais, a modernização dos serviços prestados à população, assim como as sucessivas mudanças de nome da instituição.

Sobre a participação das religiosas nos afazeres hospitalares, acredita-se que, muito provavelmente, estava relacionada à escassez de funcionários para as diversas atividades e talvez tenha sido ocasionado por falta de recursos financeiros ou ao fato das irmãs residirem na própria instituição, tornando-as aparentemente mais disponíveis, assim como pela motivação de valores eclesiais como: obediência, bondade, abnegação, dedicação, compaixão, entre outros.

Os relatos ilustram outras responsabilidades das religiosas na vida do Hospital, pois além dos já citados afazeres domésticos e assistenciais, elas também eram responsabilizadas pela identificação de características e habilidades entre os funcionários do Hospital e, às vezes, por relações de empatia, entre os pacientes e acompanhantes, cabendo-lhes, então, abordá-los e convidá-los a realizar um treinamento para o ingresso ao Serviço de Enfermagem. Essa situação merece uma apreciação cuidadosa, visto que os valores cristãos, aos quais estavam submetidas as religiosas, eram impostos aos funcionários do Hospital, correspondendo a uma condição de servidão e de negligência dos direitos trabalhistas como, por exemplo, estabelecimento e cumprimento de horário de trabalho, descanso, folgas, horas extras, férias entre outros.

As falas esclareceram como se dava o ingresso à Enfermagem, à época, que habitualmente ocorria após a realização de um curto treinamento, ministrado pelas religiosas, e complementado no próprio serviço, de forma prática, no qual o aprendiz continuava aprendendo com um funcionário experiente, sob a supervisão das Filhas de

Sant'Ana. A situação era precária pela limitação dos recursos humanos e materiais, mas, indiscutivelmente, era o melhor, em termos de assistência hospitalar que poderia ser prestada no Estado do Rio Grande do Norte, à época.

Ressalta-se que a Enfermagem Moderna, no Brasil, lentamente se expandiu pelo país, haja vista a realidade do Rio Grande do Norte, cujo ensino, seguindo os preceitos nightingaleanos, só foi possível 32 anos após a fundação da Escola de Enfermagem Anna Nery, mas restrita à formação de Auxiliares de Enfermagem, por falta de pessoal qualificado e infraestrutura para funcionar uma escola de nível superior (CARLOS; GERMANO, 2009a).

A essa altura, o Hospital Universitário Onofre Lopes desenvolvia, além da assistência à população, atividades voltadas para o ensino, visto que suas instalações passaram a ser utilizadas, a partir de 1958, ano de fundação da Universidade do Rio Grande do Norte, por acadêmicos dos cursos de Farmácia, Medicina e Odontologia. Sobre isso, deve-se dizer que a primeira iniciativa de ensino na história do Hospital ocorreu a partir de 1956, com o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, em suas dependências (CARLOS; GERMANO, 2009a).

Ao fato da federalização da Universidade e, conseqüentemente, a substituição das religiosas na Chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital por enfermeiras, acredita-se que essa decisão institucional, provavelmente, tenha contribuído para uma transição menos traumática, considerando-se o longo período em que as mesmas estiveram à frente da administração hospitalar e da Enfermagem. Essa suposição fica bem ilustrada quando no período de 1981-85, a enfermeira, Irmã Esperança, foi Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital e pela permanência da Irmã Eurídice de Andrade, Técnica de Enfermagem, no Setor de Cardiologia, até sua aposentadoria no ano de 2005 (CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa investigação histórico-social tornou possível registrar a fase pré-profissional da Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes; permitiu identificar a presença das religiosas nos afazeres hospitalares e assistenciais; o desenvolvimento de atividades com características de sacerdócio; e, o despreparo de seus profissionais. Aqui, bem ilustrados pelos depoimentos dos participantes do estudo.

Em conformidade com os relatos, constatou-se que pessoas leigas eram admitidas para este fim, sendo às vezes trabalhadores do serviço de limpeza ou acompanhantes de pacientes que, ao demonstrarem gestos de solidariedade e afeto para com os doentes, eram convidados a integrar a equipe de Enfermagem do Hospital. A partir de então, eram submetidos a um treinamento, tendo como exigência, nem sempre cumprida, saber ler e escrever.

Deve-se destacar que, mesmo com a criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, por muitas décadas, permaneceu sob a orientação das irmãs Filhas de Sant'Ana. Os egressos dessa Escola nem sempre passavam a integrar à equipe do Hospital, pois muitos partiam para trabalhar em outros Estados do país, principalmente os da Região Sudeste, pelo atrativo financeiro, ou eram contratados por outros serviços de saúde existentes em Natal.

Convém enfatizar que a Enfermagem do Hospital vem se modificando ao longo dos anos, encontrando-se, na atualidade, em situação diametralmente oposta àquela do início do século XX. O quadro atual apresenta-se composto de um grupo de enfermeiros de comprovada qualificação profissional (especialista, mestres e doutores) que tem contribuído para o crescimento do ensino, da pesquisa e da extensão, no âmbito da profissão.

Quanto ao Hospital Universitário Onofre Lopes, pôde-se concluir ao discorrer pela sua história, uma atuação diferenciada. Inicialmente de cunho assistencialista, aos poucos vai mudando seu perfil, passando a constituir-se em espaço, por excelência, para o ensino.

Por fim, conclui-se quão próximas e interligadas estão as histórias do Hospital e a das religiosas Filhas de Sant'Ana, haja vista os 96 anos nos quais caminharam juntos e que, com certeza, contribuíram para a transformação desse que é a referência mais importante e tradicional para o ensino da saúde e assistência à população do Rio Grande do Norte. Referindo-se às religiosas, deve-se reforçar que foram as pioneiras e as responsáveis pela administração interna do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como pelo gerenciamento da assistência ao paciente durante décadas.

COLABORAÇÕES

Carlos DJD contribuiu para a concepção do estudo, revisão da literatura, coleta e análise dos dados, redação final do manuscrito e aprovação final da versão a ser publicada. Germano RM e Padilha MI

contribuíram para a revisão da literatura, análise dos dados, redação do manuscrito e aprovação final da versão a ser publicada.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- BARREIRA, I. A. et al. Primeira República: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 219-252.
- BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I. Enfermagem em Santa Catarina (1900-2011). In: BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I. **Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história (1900-2011)**. Florianópolis: Secco, 2011. p. 59-82.
- CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M. A escola de auxiliares de enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 17-80, 2009a. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/433>>. Acesso em: 22 out. 2013.
- CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M. Enfermagem: história e memórias da construção de uma profissão. **Rev Min Enferm.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, p. 513-521, 2009b. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/65>>. Acesso em: 29 out. 2013.
- CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M.; PADILHA, M. I. História e memória do Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal (RN): 1909-2000. **Hist Enf Rev Eletr**, Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/here_pesquisavolume.htm>. Acesso em: 27 nov. 2013.
- CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário**. Brasília: ABEn Nacional, 2008.
- CASCUDO, L. C. **História da cidade do Natal**. 4. ed. Natal: EDUFRN, 2010.

GERMANO, R. M. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 4. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas: UNICAMP, 2015.

LOPES, L. M. M.; SANTOS, S. M. P. Florence Nightingale: apontamentos sobre a fundadora da enfermagem moderna. **Rev Enf Ref.**, Coimbra, Portugal, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ref/v3n2/v3n2a19.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.

PADILHA, M. I. **A mística do silêncio**: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Pelotas, RS: UFPel, 1998.

PADILHA, M. I. et al. As fontes historiográficas em pauta: a história oral e a pesquisa documental. In: BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I. **A Enfermagem em Santa Catarina**: recortes de uma história (1900-2011). Florianópolis: Secco, 2011. p. 37-55.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; BALLETEROS, H. Investigación histórica en enfermería. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. **Investigación cualitativa en enfermería**: contexto y bases conceptuales. Washington: Organización Panamericana de Salud, 2008. p. 177-193.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 SOBRE A NOVA HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS

Ensejou-se com a realização desta pesquisa o desvelo das atividades do Projeto HOPE (1972-1985) a partir da utilização das bases filosóficas da Nova História. Sob essa ótica, o trabalho possibilitou a realização de um estudo sócio-histórico dinâmico, sistemático e crítico, com o qual foram relacionados os contextos nos quais os fatos aconteceram, as relações sociais e os atores, para melhor conhecê-los, detalhá-los, compreendê-los e associá-los aos determinantes históricos.

Especificamente, para este estudo, a utilização da Nova História propiciou visitar e reconstruir a história de um passado recente, de suma importância para a saúde e para o ensino superior da UFRN. Trouxe à tona fragmentos de acontecimentos importantes sobre o Projeto HOPE – objeto deste estudo – assim como revelou personagens anônimos que, recorrendo às suas memórias, contribuíram para o registro dos acontecimentos.

A Nova História foi um movimento surgido na França, na primeira metade do século XX, que imprimiu uma nova forma de compreensão das atividades humanas, pela análise contextualizada dos determinantes socioeconômicos à luz da interdisciplinaridade. Este movimento ganhou notoriedade através do lançamento da Revista *Annales d'Historie Économique et Sociale*⁴⁴, símbolo de uma nova corrente historiográfica denominada Escola de Annales.

Para Burke et al. (1992) a Nova História consiste em uma reação deliberada contrária ao modelo tradicional, essencialmente narrativo dos acontecimentos. Esse novo desenho apresenta-se interessado na abrangência das atividades da vida humana, coletivas e individuais. Defende a ideia de que a realidade deva ser investigada a partir de diversas fontes, por representarem diferentes aspectos socioculturais.

A realidade histórica não é transparente e para conhecê-la é necessário ultrapassar suas resistências, sendo primordial a compreensão das relações entre passado e presente de forma paulatina, técnica e prudente, afirma Reis (2004). Para ele, os historiadores da Nova História

⁴⁴ Fundada em 1928, como a missão divulgar conhecimentos em favor da abordagem nova e interdisciplinar da História, teve seu primeiro exemplar expedido em 15 de janeiro de 1929, em Estrasburgo, França. Marcal Bloch, seu fundador, dividia o editorial com Lucien Febvre, o idealizador da Revista (BURKE, 2010).

empreenderam a reconstrução da História a partir da temporalidade estrutural social, promoveram uma renovação teórico-metodológica do conhecimento histórico através da análise e problematização dos fatos, da concepção de homem livre, consciente e potencialmente criador da História.

Sob essa ótica, a História apresenta-se como uma ciência dinâmica e em evolução, de postura aberta, menos rígida, disposta a conhecer períodos e sociedades sob suas particularidades conjunturais, relacionando-os aos movimentos populacionais e às relações sociais sob o crivo das demais ciências do homem (CARDOSO; BRIGNOLI, 2002).

Assim, ser ou ter história é intrínseco a todo ser humano, assegura Aróstegui (2006). Isso provoca distintas motivações nos pesquisadores, predispondo-os a buscar novas fontes, estabelecer novas conexões, despertando-os para novos posicionamentos com a utilização das ciências humanas e sociais, comparando fatos e pontos de vista, contribuindo assim na construção de informações e conceitos.

É, pois, problema para os estudiosos analisar o sentido do passado na sociedade, visto que ele é essencialmente o padrão para o presente, a fim de que sejam identificadas mudanças e transformações. Assim, o passado é uma dimensão constante da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana (HOBSBAWM, 2007).

Trabalhar assim implica no desenvolvimento da historicidade, que para Le Goff (2015) corresponde à submissão de novos objetos à História, por admitir a existência de outras histórias ainda não reconhecidas para a análise crítica da história das sociedades. Para ele, a reflexão teórica, mesmo com os avanços técnico-metodológicos da ciência histórica, é imprescindível ao trabalho do historiador, pois o obriga a inserir a própria História no campo da reflexão histórica. O exercício a ser feito, segundo esse autor, para a compreensão do presente pelo passado (modelo tradicional) e do passado pelo presente, resulta na função social da História. Para tal, deverá ser desenvolvido com prudência e conscientemente, visto que as relações presente-passado e passado-presente não são lineares, muito menos ingênuas, e que emergem de rupturas e descontinuidades, em ambos os sentidos. Como produto dessas aproximações, (re)leituras, falhas de memória e revisões do passado surgem à historiografia, definida como sendo a atualização de dados históricos.

A historiografia corresponde então à atividade e ao produto resultante das atividades dos historiadores. É também a disciplina

intelectual e acadêmica por eles constituída e tem sido empregada para designar a função disciplinar da pesquisa e da escrita da História (ARÓSTEGUI, 2006).

Le Goff (2015) explica que, por se constituírem objeto de estudo do historiador, as relações entre o passado e o presente devem ser tratadas com objetividade, imparcialidade, singularidade, universalidade e de acordo a mentalidade histórica.

Quanto ao ponto de vista da objetividade e imparcialidade, devem-se considerar as diferenças existentes entre as memórias coletivas e o ponto de vista do pesquisador, pois, enquanto que as primeiras são míticas, deformadas, anacrônicas, conscientes ou inconscientes, a segunda, necessariamente, implica em uma intenção deliberada e honesta, que tem como propósito a verdade a ser obtida por meio de revisões incessantes do trabalho histórico. Aqui, a História deve ser revertida em possibilidades de esclarecimentos da memória, assim como ajudá-la a reparar os seus erros (LE GOFF, 2015).

A singularidade e a universalidade dizem que a História, como ciência, apresenta uma contradição ao almejar um objetivo geral e universal para seus objetos de estudo particulares (personagens ou fatos históricos), que aconteceram e só acontecerão uma vez. Essa contradição se converte em atrativo para alguns e explicita as especificidades do discurso histórico, na medida em que recusa o determinismo e valoriza o trabalho do historiador (LE GOFF, 2015).

A mentalidade histórica, mesmo que cultura histórica, corresponde à bagagem profissional do historiador e à sua capacidade de relacionar seus conhecimentos às ciências humanas e sociais, visto que a História está diretamente ligada a distintas concepções de tempo e sociedade, que juntos compõem o elemento mental essencial de seus estudiosos (LE GOFF, 2015).

Essas considerações sobre a História comprovam a necessidade do uso sistemático de técnicas e métodos para a realização dos estudos históricos, pois como ciência deve questionar a documentação acerca de lacunas, interrogar os esquecimentos, inventariar os arquivos silenciosos, estudar, cuidadosa e criteriosamente, a produção de documentos, analisar minuciosamente as relações sociais e de poder. Espera-se, portanto, do historiador a destreza de discernir entre o verdadeiro e o falso, a perspicácia para comprovar a credibilidade do documento, a datação e a cronologia, assim como a habilidade de desmistificá-los (LE GOFF, 2015).

Sobre a tarefa do historiador, Rousso (2006) complementa que o mesmo deverá cumprir uma dupla função: satisfazer a necessidade de

estabelecer ou restabelecer verdades históricas, esclarecendo fatos e acontecimentos a partir das fontes disponíveis sem perder de vista as estruturas sociais em seu respectivo contexto; e a apropriação de métodos adequados que conduzam ao novo entendimento de forma racional, crítico e sistemático.

Essas novas orientações concorreram para uma nova forma de fazer História e, apoiadas na Linguística, Antropologia, Geografia, Sociologia, Psicologia, Semiologia e Economia, favoreceram a substituição do antigo modelo de História-conto pela História-problema. Dessa forma, a História pode lançar-se a novos problemas (quantitativo em História; História antes da escrita; História dos povos sem História, etc.), novas abordagens (antropologia, demografia, literatura, artes, política, entre outros) e a estabelecer novos objetos (clima, inconsciente, língua, mentalidade, opinião pública, etc.). A História deve, portanto, preocupar-se com o conjunto de fenômenos constituintes da cultura de uma época (LE GOFF, 2015).

3.2 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa do tipo sócio-histórica, de enfoque qualitativo, com a qual teve-se a proposição de reconstruir para compreender uma história advinda do intercâmbio entre profissionais de saúde do Rio Grande do Norte – Secretarias de Saúde Estadual e Municipal e da UFRN – com a *Health Opportunity for People Everywhere* – Projeto HOPE – ocorrido em Natal/RN, no período de 1972 a 1985.

Pesquisas qualitativas são de particular relevância ao estudo das relações sociais por considerá-las sob as especificidades do contexto, sendo, portanto, necessárias à sua realização a escolha adequada de métodos e teorias; a realização do estudo sob a perspectiva dos colaboradores e sua diversidade; a possibilidade de reflexões por parte do pesquisador a partir de suas observações, impressões e sentimentos; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2009).

Pretende-se, pois, com a realização de estudos dessa natureza, a busca da homogeneidade de significados e categorias entre investigador e objeto. São pesquisas basicamente indutivas, e desenvolvem conceitos e favorecem a compreensão dos fenômenos investigados a partir da análise dos dados. Ressaltam-se, então, a importância da qualidade dos registros, a fidelidade das observações, o respeito às características do ambiente e o caráter interpretativo das conclusões, a partir do material empírico (ADUE et al., 2008).

Corresponde, pois, a procedimentos intuitivos, flexíveis e adaptáveis a imprevistos. São apropriados, principalmente, na elaboração de deduções específicas sobre um determinado evento; na seleção e composição de materiais a serem submetidos a análise (*corpus*) como categoria; e para o levantamento e compreensão de problemas contextualizados (MINAYO, 2010).

Como tal, têm sido orientados por diferentes disciplinas – Antropologia, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Sociolinguística, História – e métodos e, por isso, conseguem reunir uma rede complexa de dados, derivados de uma série de fontes. Ao detalhe de serem maleáveis não dispensam a elaboração de projetos de pesquisa e o rigor científico, embora admitam a possibilidade da retomada de decisões e o surgimento de novos encaminhamentos à medida que o estudo é executado (POLIT; BECK, 2011).

Pesquisa Participante, Pesquisa-ação, História Oral, Etnometodológica, a Hermenêutica, Fenomenológica, as Análises de Grupo, entre outros tipos de investigação, são exemplos de pesquisas qualitativas. Todas advêm das Ciências Sociais e têm como foco o alcance da subjetividade dos fenômenos e a compreensão da complexidade da realidade por meio de análise dos dados (DEMO, 2000).

A pesquisa qualitativa propicia a releitura dos problemas sociais dentro de uma perspectiva holística, com a qual enseja-se a compreensão da especificidade e a complexidade dos processos. E, no que diz respeito às pesquisas sociais, ainda que se diferenciem, mantêm-se próximas e se complementam por meio do artifício da inovação intelectual ao vislumbrarem novas perspectivas para os problemas através do conhecimento produzido e de sua ação (GROULX, 2008).

Nessa perspectiva, as pesquisas sócio-históricas devem ser vistas sob a ótica de uma História Social. Uma explicação histórica eficaz deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações sociais com as realidades que elas representam e que o historiador aprende mediante a utilização de documentos e métodos (LE GOFF, 2015).

No dizer de Aróstegui (2006), a pesquisa histórica deve empenhar-se em elucidar o contexto vivido e, para tal, resulta de consultas às diversas fontes primárias e secundárias. Chama atenção, também, àqueles que se interessam por Pesquisas Históricas quanto à necessidade da consciência histórica sob três aspectos: que tudo são mudanças e nada escapa a estas; que tudo está dentro da história e, por

isso, é passível de transformações; e que a consciência do tempo mantém-nos ligados ao passado e ao futuro. Dessa maneira, o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana, complementa Hobsbawm (2007).

Essas possibilidades identificam Porto, Souza e Ramada (2000) como sendo as vias pelas quais os pesquisadores entram diretamente em contato com o problema, possibilitando-lhes examinar e analisar uma sociedade em seu tempo. Igualmente contribui, afirma Le Goff (2015), na recuperação da memória, ajudando a salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.

Desse modo, estudos qualitativos do tipo sócio-históricos constituem-se em uma possibilidade de investigação dos acontecimentos sociais sob uma perspectiva dinâmica, política e econômica. Serão considerados os modos e mecanismos da organização social, das classes sociais e suas relações, assim como os processos de transformação da sociedade (BARROS, 2004).

Estruturam-se, pois, a partir da análise sistematizada, organizada e crítica dos dados através da qual são estabelecidas novas conexões, comparações e significados aos fenômenos estudados, produzindo um novo conhecimento, a partir da compreensão das ações humanas, de diferentes classes e grupos sociais, sob vários aspectos e contextos socioculturais. Assim, a pesquisa sócio-histórica está longe de ser uma mera descrição do passado (PADILHA, 2015).

3.3 HISTÓRIA ORAL

A História Oral (HO), como hoje se apresenta, foi reorganizada na Universidade de Columbia, Estados Unidos, que figura como o país precursor nessa matéria, na segunda metade do século XX. Tratava-se, inicialmente, de uma concepção modesta e de pouca reflexão metodológica que se dispunha a reunir material para estudos futuros. Na atualidade, apresenta-se mais ambiciosa e se dispõe a escrever uma outra História, e tem por finalidade dar voz aos “povos sem história” (destaque do autor), iletrados, que valoriza os vencidos, os marginais, as minorias, os operários, entre outros (JOUTARD, 2006).

É, pois, um procedimento premeditado e moderno por se valer dos avanços tecnológicos – gravador, vídeo e computador – e por se constituir em uma alternativa à História oficial, favorecendo novas análises sociais. Está associada a estudos referentes à vida social das pessoas e utiliza-se de entrevistas para registrar, arquivar e analisar

testemunhos de segmentos sociais silenciados, ou seja, daqueles que tenham interpretações próprias, variadas e não oficiais de acontecimentos sociais contemporâneos (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Tecnicamente a HO pode ser empregada como: teoria (contrária ao modelo tradicional de História; apresenta caráter inovador e emancipador; zelo aos excluídos e silenciosos; atenção à subjetividade e as estruturas sociais; valoriza a relação historiador e sujeitos da História); método (procedimento rígido e organizado, guiados pelos objetivos do estudo e com ênfase na oralidade para que os fenômenos sejam registrados e interpretados de acordo com o contexto histórico-social); e técnica (procedimentos adotados para obter informações – a entrevista) (PENNA, 2005; PADILHA et al., 2011).

Como método, a HO vale-se da perspectiva interdisciplinar – Antropologia, História, Literatura, Sociologia, Psicologia – e é aplicável às várias áreas do conhecimento que permitam ampliar a compreensão do passado a partir do registro e análise das experiências humanas, proporcionando, assim, o acesso a “histórias dentro da história” (realce do autor) (ALBERTI, 2010).

Assim compreendida, destina-se à ampliação de conhecimentos e sua realização justifica-se no contexto de uma pesquisa científica que, necessariamente, pressupõe a elaboração criteriosa e rigorosa de um projeto. Suas atenções estão voltadas às investigações do passado contemporâneo e para que isso ocorra é preciso dispor de fontes orais (colaboradores, em condições físicas e mentais adequadas a empreender as solicitações da pesquisa) como também de fontes documentais – estatutos, atas, correspondências, Leis (ALBERTI, 2010).

Assim sendo e em concordância com o exposto, optou-se pela História Oral Temática para a efetivação deste estudo sobre a realização do Projeto HOPE – uma parceria entre a UFRN, governo do Estado do Rio Grande do Norte e a *Health Opportunity for People Everywhere* (HOPE) – em Natal/RN (1972-85).

A escolha por esse gênero de HO deve-se à sua orientação por assuntos específicos (temas) e a seu interesse pelas impressões e ponto de vista de quem presenciou um acontecimento, utilizando-se, para tal, da aplicação de questionários ou roteiros. Igualmente importante são a característica de ser narrativa e a capacidade de articular diálogos e documentos (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

3.4 CONTEXTO DO ESTUDO

O Estado do Rio Grande do Norte, cuja capital se chama Natal, é uma das 27 unidades federativas do Brasil e um dos nove estados que compõem a Região Nordeste. Possui uma área de aproximadamente 52.797 km² e pela sua localização geográfica é conhecido como a “esquina do continente”. Limita-se ao norte e leste com o Oceano Atlântico, ao sul com a Paraíba e ao oeste com o Ceará. Apresentava-se, politicamente, dividido em 10 microrregiões (Seridó, Açu e Apodi, Sertão de Angicos, Serrana Norte-rio-grandense, Salineira Norte-rio-grandense, Natal, Borborema Potiguar, Serra Verde, Agreste Potiguar, Litoral de São Bento do Norte). E, de acordo com o censo demográfico de 1970, sua população era de 1.550.244 habitantes. Natal, com uma população de 270.127 habitantes, apresentava-se como o município mais populoso do estado. (IBGE, 1970; SOUZA, 2008).

No que tange à saúde, à época, o RN enfrentava surtos de gripe, sarampo, esquistossomose, tuberculose e apresentava um precário sistema de abastecimento de água e captação de esgotos. Do ponto de vista da assistência hospitalar, há registro de precarização do sistema de saúde e de muitas dificuldades financeiras, por isso a reunião de esforços para fazer funcionar o Hospital Walfredo Gurgel, ainda hoje a maior referência estadual em politraumas (IBGE, 1970; CRISE..., 1971; HOSPITAL..., 1972, p. 3).

Sobre essa realidade, assim se pronunciou o Secretário Estadual de Saúde, à época...

[...] asseguro que, não só no nosso estado, mas todo o Nordeste e pior ainda na região Norte, os serviços governamentais de saúde estavam sempre muito aquém do desejado [...] vou resumir o que era a nossa Secretaria de Saúde sob a responsabilidade administrativa-financeira do governo do Estado [...] só havia quatro arremedos de hospital em Natal, todos direcionados para doenças específicas: tuberculose (Sanatório de Natal), doenças mentais (Hospital João Machado), doenças infectocontagiosas (Hospital Giselda trigueiro) e uma colônia de Hanseníase (Hospital Colônia São Francisco); dois Centros de Saúde (Alecrim e Cidade Alta) com atendimento ambulatorial preventivo, inclusive para doenças venéreas, e um serviço de

vacinação precário; o Laboratório Central (nos fundos do prédio da Secretaria de Saúde, na avenida Junqueira Aires); e, mais alguns poucos Postos de Saúde espalhados pelos bairros mais distantes: Rocas, Cidade da Esperança, Nova Descoberta, Redinha e outros mais [...] eram insuficientes os serviços de pré-natal e a assistência ao parto [...] por rotina, os casos graves de Ginecologia e Obstetrícia sempre eram resolvidos na Maternidade Escola Januário Cicco/UFRN [...] o Estado não tinha o chamado “serviço de pronto socorro” [...] antes do Hospital Walfredo Gurgel, em funcionamento a partir de 1975, as emergências iam para o Hospital da Universidade, em convênio com a Prefeitura de Natal [...] ainda como serviço de saúde não vinculado à Secretaria Estadual de Saúde, enumero o posto de Puericultura (Rocas) sob a responsabilidade da Legião Brasileira de Assistência [...] em Mossoró havia um centro de saúde [...] apenas uns poucos municípios do interior, talvez nem chegasse a sete, tinham uma assistência médico-sanitária [...] lembro de Assú, Caicó, Macaíba, Santa Cruz e Serra do Mel, todas agraciadas com unidades de saúde da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP) (BARROS).

Quanto à formação de profissionais de saúde no estado, à época, a UFRN consta como sendo única instituição de nível superior e contava, tão somente, com os cursos de Farmácia, Medicina e Odontologia. Dispunha da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal – em funcionamento desde 1956 e anexada à Faculdade de Medicina, desde 1968 – como responsável pela formação de profissionais de Enfermagem de nível médio. Vale destacar que o Município de Mossoró, desde o ano de 1971, contava com o funcionamento de Escola de Enfermeiras (CARLOS; GERMANO, 2009).

Nesse período, eram poucas as enfermeiras existentes no RN, todas formadas em outros estados e quase todas exerciam suas funções na UFRN (HUOL e Maternidade Escola Januário Cicco). Sobre as que se mantiveram vinculadas à UFRN, por décadas, foi comum a prática do acúmulo de funções assistenciais (HUOL ou Maternidade) e de ensino

(Escola de Auxiliares de Enfermagem) e, posteriormente, no Departamento de Enfermagem (TIMÓTEO, 1997; CARLOS, 2005; MENESES, 2005; GOMES et al., 2006; CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2014).

3.5 COLETA DE DADOS

A coleta de dados tem por objetivo auxiliar o pesquisador no levantamento de informações de qualidade que possam ser convertidas em dados sujeitos à análise. À sua realização, precede a escolha criteriosa do método e dos procedimentos que melhor se adaptem ao estudo. É, pois, a etapa na qual ocorre o arrolamento de dados para a construção do fenômeno (POLIT; BECK, 2011).

Nessa etapa, a pesquisa é marcada pela aplicação dos instrumentos elaborados para que seja efetuada a coleta de dados. É uma tarefa cansativa que requer disponibilidade de tempo, paciência, perseverança e esforço pessoal, além de meticolosos registros. Aqui, quanto mais criterioso for o planejamento, menores os riscos de erros e de desperdício de tempo no trabalho de campo (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Dessa maneira, para este estudo foram utilizadas fontes orais (entrevistas) e documentais, através das quais tornou-se possível realizar o levantamento de dados pertinentes ao Projeto HOPE, em Natal/RN (1972-85), com a finalidade de registrar essa história de um passado recente ainda não registrado e de suma importância para a saúde do RN e o ensino superior da UFRN.

3.5.1 Fontes orais

A História Oral compreende o passado como algo ininterrupto e cujo processo histórico não está acabado. Sua premissa consiste na gravação de depoimentos orais – entrevistas – e sua importância é a composição de arquivos sobre experiências sociais, individuais e coletivas. É, pois, um espaço dialógico entre pesquisador e colaborador e um meio de ter acesso a histórias dentro da História (MEIHY, 1996; ALBERTI, 2010).

Como técnica para coletar dados, a entrevista necessita ser planejada previamente e obedecer às seguintes etapas: pré-entrevista (checagem dos recursos necessários; agendamento; esclarecimentos sobre a pesquisa; consentimento livre e esclarecido do participante; solicitar autorização para gravar/filmar); entrevista (conversa amistosa;

respeito às lágrimas, as interjeições, aos gestos); e pós-entrevista (agradecimentos; evitar acúmulo de gravações; transcrição do material) (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

É, então, um acontecimento que ocorre entre pessoas desconhecidas, de opiniões distintas, às vezes de gerações diferentes, nem sempre com as mesmas condições socioculturais. Porém, motivadas por um conhecimento acerca de um tema ou acontecimentos passados, uns decorrentes da experiência de vida, outros adquiridos por sua atividade de pesquisa (ALBERTI, 2010).

Para ser bem-sucedida, recomenda-se que a entrevista seja realizada em clima de confiança, empatia e colaboração. É importante deixar o colaborador em situação confortável, à vontade, em ambiente favorável, estimulado e como tempo suficiente para realizar o seu depoimento (POUPART, 2008).

Ser exitoso ao entrevistar exige habilidades, como: silenciar para evitar o confronto de opiniões e escutar sem interrupções. Espera-se de quem o faz os melhores resultados e para tal é essencial demonstrar-se interessado, flexível e respeitoso quanto às informações do colaborador, assim como ter compreensão e simpatia para com as opiniões emitidas (THOMPSON, 2002).

Lida-se, pois, com um depoimento espontâneo daquilo que o colaborador vivenciou a respeito de um acontecimento ou tema. Como discurso, a entrevista está impregnada de subjetividade, pois cada um se serve dos seus próprios meios de expressão, para descrever fatos, práticas, crenças, episódios passados e emitir juízos. Exige-se, portanto, do pesquisador delicadeza e perícia, considerando-se que cada entrevista se constrói segundo uma lógica específica (BARDIN, 2011).

Diante disso, algumas recomendações para os pesquisadores merecem destaque, são elas: apresentação pessoal (dirigir-se a um líder/responsável); identificação (mostrar credenciais); breve explanação sobre os motivos e justificativas da pesquisa; apresentar Carta de Intenção do Estudo (papel timbrado e assinado pelo coordenador da pesquisa); esclarecer sobre a escolha do entrevistado) (MINAYO, 2010).

Para atender a essas prerrogativas, o acesso às fontes orais desta pesquisa precedeu a elaboração de roteiro de entrevista do tipo semiestruturada (APÊNDICE A), por ser uma técnica reconhecida como competente, centrada na obtenção de informações baseadas no discurso livre do colaborador e capaz de favorecer a expressão de suas experiências com clareza. Nela, o pesquisador assume a postura de cooperação, facilitador e guia da entrevista; esclarece dúvidas; conduz

ao diálogo acerca do tema em questão; estimula o colaborador a discorrer e a refletir sobre o assunto; retoma o tema para esclarecer ou aprofundar, sempre que necessário, as ideias do colaborador; e evita atitudes autoritárias ou paternalistas. Esse tipo de entrevista é uma técnica muito poderosa, particularmente, para detectar atitudes, motivações e opiniões dos entrevistados (CHIZZOTTI, 2005; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Assim sendo, para esta pesquisa, foram realizadas 32 (trinta e duas) entrevistas, entre os meses de janeiro a julho de 2014, que obedeceram à seguinte lógica: 28 (vinte e oito) presenciais (Natal/RN, Recife/PE, Maceió/AL e Fortaleza/CE) e quatro não presenciais (Estados Unidos), estas através do envio do material pelos CORREIOS.

As presenciais ocorreram mediante contato prévio e agendamento (data, hora e local) conforme a conveniência do colaborador, sendo, na oportunidade de sua realização apresentado, lido e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e, em concordância, solicitada a assinatura do colaborador. Quanto às não presenciais – colaboradores norte-americanos – chegou-se a seus contatos através de um catálogo do Projeto HOPE de posse de um dos colaboradores. Nele constavam dados, como: profissão, especialidade e endereços de trabalho e residencial.

A escolha de alguns personagens norte-americanos ocorreu por citações nas entrevistas, sendo priorizados os profissionais de Enfermagem. Ressalta-se que todos os impressos foram traduzidos para o inglês, para que, estando de acordo, pudessem se sentir esclarecidos, assiná-los e participar com segurança. Dos 16 (dezesseis) profissionais norte-americanos abordados – funcionários do Projeto HOPE – apenas quatro enfermeiras devolveram os impressos via CORREIOS ou *e-mail*. Importa dizer, também, que cinco envelopes retornaram informando inexistência do destinatário, mudança de endereço ou anunciando falecimento.

Sobre os colaboradores pátrios, a amostra foi constituída por 28 (vinte e oito), assim distribuídos: três gestores (estadual ou municipal); dois médicos-professores/UFRN; cinco enfermeiras-professoras/UFRN; uma enfermeira-assistente/UFRN; quatro professores-colaboradores do Departamento de Enfermagem/UFRN; ogo-professor/UFRN; dois técnicos de Enfermagem/UFRN; quatro discentes da Graduação em Enfermagem/UFRN; três discentes da Escola de Enfermagem de Mossoró; uma enfermeira-professora/UFPE; uma enfermeira-professora/UFAL; e uma ex-funcionária/HOPE.

Ressalta-se que essa participação foi facilitada e intermediada pelos colaboradores Genivaldo Barros e Raimunda Medeiros Germano, ao recordarem, sugerirem nomes e ao disponibilizarem seus contatos.

Como critério de inclusão foram consideradas a participação no Projeto HOPE, aquiescência voluntária, concessão de entrevista e boas condições de saúde física e mental. Não houve determinação do número de colaboradores, porém o critério para o fechamento amostral foi determinado pela saturação dos dados.

Realizadas as entrevistas, procedeu-se às suas transcrições – em média 82 (oitenta e dois) minutos de duração cada uma delas – para, em seguida, conforme um novo agendamento (hora, data e local) realizar suas devoluções aos respectivos colaboradores. Este momento tem por finalidade oportunizar ao colaborador sua leitura e os ajustes daquilo que julgar necessário para, posteriormente, solicitar a assinatura do Termo de Cessão do Depoimento Oral (APÊNDICE C). Quanto aos profissionais norte-americanos do Projeto HOPE, cabe informar o não cumprimento dessa etapa, embora o Termo de Cessão tenha sido enviado junto aos demais impressos (instrumento de entrevista e o TCLE). Ainda sobre estes colaboradores, aqueles que participaram, o fizeram assinando todos os formulários.

Esta etapa, conhecida por validação das entrevistas, é um importante recurso da HO, nela é possível conferir o texto produzido e corrigir possíveis erros e enganos, como também é um gesto de respeito ao que foi dito e autorizado pelo colaborador (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

3.5.2 Colaboradores do estudo

A escolha dos colaboradores deve ser criteriosa e em consonância com os objetivos da pesquisa. Deve-se considerar sua posição no grupo e o significado de sua experiência sobre o evento. Em HO, é conveniente selecionar aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos mais significativos (ALBERTI, 2010).

Para a HO, a entrevista é mais do que um ato solene e social. Corresponde à aceitação a um convite de colaboração e convivência entre atores sociais – entrevistador e entrevistado(s) – no qual deve se processar o intercâmbio, ético e respeitoso, de percepções sobre um dado acontecimento. O colaborador, entrevistado ou sujeito da pesquisa, passa a ser aquele que doa livremente sua experiência, assumindo o papel de fornecedor de dados, de transmissor de informações ou

testemunho e que se apresenta unido ao entrevistador ou pesquisador pelo propósito de produzir um resultado/registo (MEIHY, RIBEIRO, 2011).

Diante disso, para este estudo, a seleção dos colaboradores procedeu aos critérios de aceitação voluntária, participação no Projeto HOPE (1972-85) e dele ter vivas lembranças. A seguir, serão apresentados por ordem alfabética:



ABGAIL MOURA

Nascida em 1942, em Patu/RN, **participou no Projeto HOPE como aluna-estagiária da Escola de Enfermeiras de Mossoró**, onde se graduou no ano de 1974. É Mestre em Enfermagem pela UFPB (1979) e Doutora em Enfermagem pela USP (1997). Atuou como coordenadora do

Curso Técnico de Enfermagem da Secretaria Municipal de Educação de Mossoró (1972-76); diretora da Escola Superior de Enfermagem/UERN (1975-76); professora da Faculdade de Enfermagem-FAEN/UERN (1976-97); vice-coordenadora do Curso de Enfermagem/UFRN (1977-79); chefe do Departamento de Enfermagem/UFRN (1982-84); presidente da ABEn-RN (1984-86); e foi membro da Diretoria de Educação da ABEn Nacional (1986-89). Também atuou como professora visitante da UERN (1994-95); professora titular do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), Teresópolis/RJ (1997-2005).



ALDEMIR JOSÉ DE ALBUQUERQUE

Nascido em 1941, em Recife/PE, é graduado em Odontologia pela UFRN (1970), especialista em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ (1971), Mestre em Odontologia Social pela UFRGS (1976) e Doutor em Odontologia

Social na FESEP/PE (1981). Atuou como coordenador do Setor de Odontologia da Secretaria Estadual de Saúde/RN (1972-75), professor

do Curso de Odontologia/UFRN e da Pós-Graduação em Odontologia/UFRN (1973-95). Foi chefe do Departamento de Clínica Integrada/UFRN (1976-77). **Participou do Projeto HOPE Terra na condição de docente do Curso de Odontologia.**



ALZIRENE NUMES DE CARVALHO

Nascida em 1950, em Antônio Martins/RN, **participou no Projeto HOPE como aluna-estagiária da Escola de Enfermeiras de Mossoró**, onde se graduou no ano de 1974. Atuou como professora do Curso Técnico em Enfermagem da

Secretaria Municipal de Educação de Mossoró (1974); professora da Faculdade de Enfermagem-FAEN/UERN (1975-77); enfermeira do INANPS (1977-96); colaboradora do Núcleo de Saúde Pública-NESC/UFRN (1995-97 e 2004-05); diretora do Centro de Formação de Pessoal para os Serviços de Saúde-CEFOPE/RN (1995-99); Diretora Geral do Hospital Regional de Santa Cruz/RN (1998-99); coordenadora estadual do PROFAE (1998-2000 e 2005-07); e Diretora Geral do Hospital dos Pescadores de Natal/RN (2006-07). Possui especializações nas áreas de Saúde Pública, Desenvolvimento em Recursos Humanos e Administração Hospitalar. Foi presidente da ABEn-RN (1980-84) e do Conselho Regional de Enfermagem-COREN/RN (1986-87 e 2008-14).



ÂNGELA MARIA LEAL DE MORAIS VIEIRA

Nascida em 1952, em Recife/PE, é graduada em Enfermagem pela UFPE (1976), especialista em Enfermagem Comunitária pela UFPE/Fundação Kellogg (1981), com Mestrado em Enfermagem pela UFSC (1991). **Atuou como professora colaboradora do**

Curso de Enfermagem/UFRN (1977-79); professora do Curso de Enfermagem/UFPE (1980-2005); coordenadora do Curso de Enfermagem/UFPE (1994-2004); presidente da Câmara de Graduação

do CCS/UFPE (1996-98); membro da Diretoria da ABEn-PE (1981-83); e presidente da ABEn-PE (2005-07).



BARBARA ALLEN PINTO DE CAMPOS

Nascida em 1947, em Cleveland, Ohio/USA, é graduada em Enfermagem pelo ABBOTT Hospital School of Nursing, Minneapolis, Minnesota/USA (1968) e especialista em UTI pelo ABBOTT Hospital School of Nursing (1968). **Atuou como**

enfermeira no Mount Sinai Hospital, Minneapolis, Minnesota/USA (1968-1970); no Hospital Metodista, Chicago, Illinois/USA (1970-72); **no Projeto HOPE (1973-79)**; como professora do Curso de Enfermagem/UFAL (1983-2012); coordenadora do Curso de Enfermagem (1996-98); e diretora do Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário/UFAL (1998-2008).



CARLOS ERNANI ROSADO SOARES

Nascido em 1934, em Mossoró/RN, é graduado em Medicina pela UFPE (1957), especialista em Cirurgia Geral pela Casa de Saúde São Miguel (1962), tem Licenciatura em Inglês e Literatura Inglesa pela UFRN (1966). **Atuou como no**

Projeto HOPE como professor do Curso de Medicina/UFRN (1959-95); médico voluntário da Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer (1971-73); cirurgião geral do Departamento Administrativo do Serviço Público-DASP (1975); diretor do Centro de Ciências da Saúde-CCS/UFRN (1975-77); membro do CONSUNI/UFRN (1975-77); membro do CONSEPE/UFRN (1982-83, 1989-91). É membro da Academia de Medicina/RN, Professor Emérito/UFRN e Doutor Honoris Causa/UERN.



CLEIDE GOMES OLIVEIRA

Nascida em 1955, em Caicó/RN, **foi aluna das professoras visitantes norte-americanas do Projeto HOPE Terra** e graduou-se em Enfermagem/UFRN (1977). Tem especializações em Gestão Hospitalar pela São Camilo (1980); Metodologia da Assistência de Enfermagem pela

UFRN (1982); no Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem-PROFAE (2001); no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos-PROEJA (2006); e tem Mestrado em Enfermagem/UFRN (2005). Atuou como professora da Graduação em Enfermagem/UFRN (1978-98). Na Escola de Enfermagem de Natal/UFRN, onde atua desde 1998, foi diretora (1999-2004), coordenadora do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA (2005) e coordena, desde 2011, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego-PRONATEC.



DALTON MELO DE ANDRADE

Nascido em 1930, em Natal/RN, é graduado em Direito pela UFRN, Mestre em Administração pela Utah State University, Utah/USA (1966) e com Licenciatura em Inglês pela UFRN (1967). Atuou como professor do Curso de Direito/UFRN (1962-91);

coordenador do Projeto SACI (1966-71); coordenador do Projeto RONDON (1967-70); **Secretário Estadual de Educação, no período do Projeto HOPE** (1971-74); presidente do Banco do Estado do Rio Grande do Norte-BANDERN, liquidado desde 1974; representante do MEC na Organização dos Estados Americanos-OEA; em Washington/USA (1974-78); e Pró-Reitor de Planejamento (1978-88).



DAISY MARIA GONÇALVES LEITE

Nascida em 1936, em Natal/RN, é graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Santos/SP (1963), especialista em Neonatologia pela UFPE (1970) e possui Mestrado em Enfermagem pela USP (1980). Atuou como chefe do Serviço de Enfermagem

do Hospital Infantil Varela Santiago; na Secretaria Estadual de Saúde/RN; e como professora-fundadora do Curso de Enfermagem/UFRN (1974-95). Foi secretária e vice-presidente do Programa Companheiros da América, seção RN. **Participou do Projeto HOPE como enfermeira assistencial do Hospital Universitário Onofre Lopes e, como docente do Curso de Enfermagem/UFRN, trabalhou com as enfermeiras-professoras visitantes do Projeto HOPE Terra.**



ENILDA BARBOSA DE OLIVEIRA

Nascida em 1942, em Recife/PE, é graduada em Enfermagem pela UFPE (1965) e especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica pela UFBA (1975). Atuou no Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN (1966-2000) e no Hospital Raimundo de Brito

(1966), hoje Hospital dos Pescadores, nas Rocas, Natal/RN. **Participou do Projeto HOPE na condição de enfermeira assistencial do Hospital Universitário Onofre Lopes.**



ERILDA RODRIGUES DE ARAÚJO SILVA

Nascida em 1945, em Natal/RN, realizou o Curso de Auxiliar de Enfermagem (1965) e Técnico de Enfermagem (1977), na Escola de Enfermagem de Natal/UFRN. Atuou no Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN (1966-96).

Participou do Projeto HOPE, no Centro Cirúrgico, como Técnica de Enfermagem, do Hospital Universitário Onofre Lopes.



GENIBALDO BARROS

Nascido em 1927, em Currais Novos/RN, é graduado em Medicina pela UFBA (1953), especialista em Tisiologia, na Argentina (1954) e pelo Serviço Nacional Contra a Tuberculose-SNTB, no Rio de Janeiro (1954). Atuou como professor do Curso de Medicina/UFRN (1956-87);

diretor do Hospital de Tuberculose (1958-71), hoje desativado; **era o Secretário Estadual de Saúde/RN durante o Projeto HOPE** (1971-75); Vice-Governador/RN (1975-79); presidente do Tribunal de Contas/RN (1979-83); e como Reitor da UFRN (1984-87). É membro da Academia de Medicina/RN.



GRACIELA FARINAS PINHEIRO

Nascida em 1948, em Havana, Cuba, é graduada em Letras pela Georgetown University, Washington, D.C./USA (1969) e possui especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras, Lisboa/PT (1970). **Atuou no Projeto HOPE (1973-85)**

como professora de idiomas e assistente administrativa, no escritório em Natal/RN.



GUIOMAR PEREIRA BARRETO

Nascida em 1936, em Canguaretama/RN, é graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Santos (1963), especialista em Enfermagem Materno-Infantil, Metodologia do Ensino e da Assistência em Enfermagem pela UFRJ (1977) e

Mestre em Enfermagem pela EEAN/UFRJ (1981). Atuou como enfermeira na Secretaria Estadual de Saúde (1964); no Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN (1964-84); professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal/UFRN (1964-74); chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital da Polícia (1965-69); chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital Raimundo de Brito (1966), atual Hospital dos Pescadores, nas Rocas; coordenadora de Enfermagem do Projeto HOPE, parte Natal (1972); professora-fundadora do Curso de Enfermagem/UFRN (1974-94); chefe do Serviço de Enfermagem do HUOL; e chefe do Departamento de Enfermagem/UFRN (1985-86). **Marcou participação no Projeto HOPE como enfermeira-professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e como enfermeira assistencial do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como professora do Curso de Enfermagem durante o Projeto HOPE Terra.**



JOSÉ CRISTOVAM MARTINS VIEIRA

Nascido em 1951, em Garanhuns/PE, é graduado em Enfermagem/UFPE, especialista em Enfermagem Comunitária UFPE/Fundação Kellogg (1979), Estomatoterapia pela USP (1994) e Mestre em Enfermagem pela UFSC (1991). Atuou no extinto

Sanatório Recife; no Hospital Pedro II (1980); preceptor do Programa

de Residência em Enfermagem Comunitária; sócio fundador da Associação de Ostimizados de Pernambuco (1984); e como membro da Diretoria da ABEn-PE (1981-84 e 2005-07). **Foi professor-colaborador do Departamento de Enfermagem/UFRN (1976-79);** é professor do Curso de Enfermagem/UFPE, desde 1980; e representante dos docentes do Departamento de Enfermagem/UFPE.



LEONETE FERNANDES DA COSTA

Nascida em 1942, em Touros/RN, realizou o Curso de Auxiliar de Enfermagem (1968) e Técnico de Enfermagem (1973) na Escola de Enfermagem de Natal/UFRN. Atuou no Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN (1967-2005), no Hospital da Polícia (1967-77) e no Hospital PAPI (1992-2012), tendo, em ambos, participado da implantação dos serviços de Unidade de Terapia Intensiva. **Participou do Projeto HOPE, no setor de Terapia Intensiva, como Técnica de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes.**



MARCOS CÉSAR FORMIGA RAMOS

Economista formado pela UFRN (1965), com especialização em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico, Itália (1967-68) e em Planejamento Industrial pela Comissão Econômica para a América Latina-CEPAL, no Chile (1968). Atuou no Departamento Nacional de Obras contra a Seca-DENOCOS (1957-67); como professor da UFRN (1966-91); na Companhia de Fomento Econômico do Rio Grande do Norte, posteriormente, Banco do Desenvolvimento do RN-BDRN (1967-71); **Secretário Estadual de Planejamento, na época do Projeto HOPE (1971-75 e 1975-79);** como diretor técnico e diretor administrativo da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos-EBTU (1979-82); Prefeito de Natal (1983-85); deputado federal/RN (1988-91 e 1994); Secretário

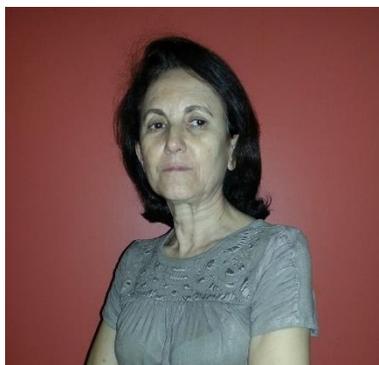
nacional de áreas metropolitanas do Ministério de Integração Regional (1992-94); chefe do gabinete da Confederação Nacional da Indústria (1995-2005); e, desde 2011, é assessor da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte-FIERN.



MARIA DE LOURDES PEDROSA PINTO

Nascida em 1950, em Martins/RN, **participou no Projeto HOPE como aluna-estagiária da Escola de Enfermeiras de Mossoró**, onde se graduou no ano de 1974. Tem especializações em Ensino Superior e Docência/UFC (1978)

e em Enfermagem Materno-Infantil pela UFRN (1983). Atuou na Secretaria Estadual de Educação (190-75); professora da Faculdade de Enfermagem-FEAN/UERN (1972-83); como enfermeira do INANPS (1975-95); supervisora do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem-PROFAE (2004-05); coordenadora do Curso de Agentes Comunitários de Saúde do Centro de Formação de Pessoal para os Serviços de Saúde-CEFOPE (2005-06); e como coordenadora do Programa da Saúde da Família-PSF em Guamaré/RN (2008).

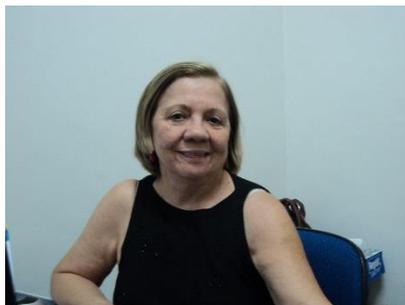


MARTA MARIA BEZERRA FILGUEIRA

Nascida em 1955, em Areia Branca/RN, **foi aluna das professoras visitantes norte-americanas do Projeto HOPE Terra** e graduou-se em Enfermagem/UFRN (1979). É especialista em Enfermagem Obstétrica, na Escola Paulista de Enfermagem/SP (1980). Na UFRN, exerceu suas funções no CRUTAC,

no Município de Santo Antônio/RN (1983 a 1993) e na Medicina Comunitária, em Natal/RN (1993 a 2012). Atuou realizando pré-natal, sala de parto, alojamento conjunto, centro cirúrgico e como supervisora dos alunos da Graduação em Enfermagem, no CRUTAC. Durante esse

período foi Diretora de Enfermagem do Hospital de Santo Antônio, Chefe do Serviço de Enfermagem da Medicina Comunitária e membro do Conselho Gestor da Medicina Comunitária.



NADIR SOARES VILA NOVA

Nascida em 1943, em João Pessoa/PB, é graduada em Enfermagem pela UFPB (1967), especialista em Saúde Pública pela UFPE (1968) e Mestre em Enfermagem pela EEAN/UFRJ (1980). Atuou como enfermeira do Hospital Universitário Onofre Lopes (1969-84); professora da

Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (1968-74); professora do Curso de Enfermagem/UFRN (1974-90); membro da Diretoria da ABEn-RN (1970-76); membro da Diretoria do COREN-RN (2009-11); chefe do Serviço de Enfermagem do HUOL; membro do CONSEPE/UFRN (1987-91 e 1991-95); chefe do Departamento de Enfermagem (1984-86); e membro da Diretoria do COFEN (2009-12). É uma das professoras fundadoras do Curso de Enfermagem/UFRN.

Participou do Projeto HOPE como enfermeira-professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e como enfermeira assistencial do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como professora do Curso de Enfermagem durante o Projeto HOPE Terra.



NEIDE MARIA FREIRE FERRAZ

Nascida em 1934, em Propriá/SE, é graduada em Enfermagem pela UFPE (1958) e especialista em Enfermagem Materno-Infantil/UFPE. Atuou como visitante sanitária do SESP (1954-56); na maternidade da Santa Casa de Misericórdia do Recife; na

chefia do Serviço de Enfermagem da Maternidade do Hospital Pedro II; vice-diretora da Escola de Enfermagem do Recife/UFPE; coordenadora do Curso de Enfermagem/UFPE; chefe do Departamento de Enfermagem/UFPE; vice-diretora do CCS/UFPE; coordenadora do

Projeto Ação Comunitária/UFPE; presidente da Comissão Especial de Criação do Conselho Regional de Pernambuco, membro fundadora do COREN-PE, membro do COFEN; e presidente da ABEn-PE.



NORMÉLIA MARIA FREIRE DINIZ

Nascida em 1943, em Propriá/SE, é graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças-FENSG/UPE (1974); especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Assistência de Enfermagem pela UFPB (1977); Enfermagem

Obstétrica/UNIFESP (1983); Mestre em Enfermagem Obstétrica/UNIFESP (1987); e Doutora em Enfermagem Materno-Infantil/UNIFESP (1994). Atuou no Instituto Materno-Infantil de Pernambuco-IMIPE (1975); na Maternidade do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco-IPSEPE (1975); **professora colaboradora do Curso de Enfermagem/UFRN (1976-80)**; professora do Curso de Enfermagem/UFPE (1980-94); professora do Curso de Enfermagem/UNICAMP (1995-96); professora do Curso de Enfermagem/UFBA (1997-2013); e como vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFBA (1987-2013). Atualmente, mantém-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFBA.



ONOFRE LOPES DA SILVA JÚNIOR

Nascido em 1936, em Natal/RN, é graduado em Medicina pela UFBA (1961) e especialista em Cirurgia Geral pela University of Medicine and Health Sciences, em Portland, Maine/USA (1968). Atuou como professor do Curso de Medicina/UFRN (1962-95);

diretor do Serviço de Atendimento de Urgências do Hospital Universitário Onofre Lopes-SAU/HUOL/UFRN; coordenador geral do Projeto HOPE, parte Natal (1971-72); presidente da Comissão para Implantação do CAMPUS Universitário (1973-75); diretor do Hospital

Monsenhor Walfredo Gurgel (1972); e HUOL/UFRN (1994-5). **Marcou participação como coordenador brasileiro do Projeto HOPE e como médico-professor do Curso de Medicina/UFRN.**



**OSCARINA SARAIVA
COELHO**

Nascida em 1937, em Floriano/PI, é graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças-FENSG/UPE (1959); especialista em Saúde Pública pela USP (1973); Administração Hospitalar, pela São Camilo; e Mestre em Saúde Pública pela USP (1979). Atuou

com enfermeira da Sociedade de Assistência Hospitalar-SAH (1960-61); professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal/UFRN (1960-74); Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn-RN (1962-64); chefe do Serviço de Enfermagem do HUOL/UFRN (1967-71); professora-fundadora do Curso de Enfermagem/UFRN (1974-92); chefe do Departamento de Enfermagem/UFRN (1975-80). É sócia fundadora da ABEn-RN (1960); a primeira enfermeira do quadro da UFRN (1961); sócia fundadora da Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-AFURN (1961); sócia fundadora da Associação dos Docentes Universitários do Rio Grande do Norte-ADURN (1974), hoje ADURN-Seção Sindical e a primeira presidente do Conselho Regional de Enfermagem-COREN/RN (1975-78). **Participou no Projeto HOPE como enfermeira-professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, enfermeira-chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes e como professora do Curso de Enfermagem/UFRN, durante o Projeto HOPE Terra.**



**RAIMUNDA MEDEIROS
GERMANO**

Nascida em 1945, em Caicó/RN, é graduada em Enfermagem pela UFPE (1965), em Pedagogia pela UFRN (1969), Mestre (1983) e Doutora (1992) em Educação pela UNICAMP/SP. Atuou como

enfermeira do HUOL/UFRN (1966-72); professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal/UFRN (1966-74); presidente da ABEn-RN (1970-76); professora do Curso de Psicologia/UFRN (1972-74); professora-fundadora do Curso de Enfermagem/UFRN (1974-95 e 1996-2013); coordenadora do Curso de Enfermagem (1974-76); chefe do Departamento de Enfermagem/UFRN (1980-82); coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação em Enfermagem (1992-95); coordenadora do Grupo de Pesquisa Caleidoscópico (1996-2013) e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFRN. **Participou no Projeto HOPE como enfermeira-professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e como enfermeira do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como professora do Curso de Enfermagem/UFRN, durante o Projeto HOPE Terra.**



REGINA MARIA DOS SANTOS

Nascida em 1951, em Salvador/BA, é graduada em Enfermagem pela UFBA (1974); especialista em Metodologia da Pesquisa do Ensino, Pesquisa e Assistência de Enfermagem pela UFF (1979); em Ativação de Processos de Mudança na

Formação Superior, pela FIOCRUS (2006); Mestre (1984); e Doutora (2001) em Enfermagem pela EEAN/UFRJ. Atuou na Maternidade Manoel Vitorino, Salvador/BA (1974-75) e no Hospital Anna Nery, do INAMPS, em Salvador/BA (1974-75). Como professora do Curso de Enfermagem/UFAL, desde 1975, coordenou o Curso de Enfermagem e o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFAL (2011-13).



ROSANA LÚCIA ALVES DE VILAR

Nascida em 1955, em Natal/RN, **foi aluna das professoras visitantes norte-americanas do Projeto HOPE Terra** e graduou-se em Enfermagem (1977). É especialista em Saúde Pública (1978), Mestre (1997) e Doutora (2007) em Ciências Sociais pela

UFRN. É professora do Curso de Enfermagem/UFRN, desde 1978, e atuou com coordenadora de Recursos Humanos em Saúde da Secretaria Estadual de Saúde/RN (1987-89); coordenadora dos Cursos de Especialização na área de Saúde Coletiva e de Gestão em Saúde (Recursos Humanos em Saúde, 1998-99; Saúde da Família, 2003-04; Gestão da Política de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2011; e Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde, 2013); chefe do Departamento de Enfermagem/UFRN (1990-92); e vice-coordenadora do Curso de Enfermagem/UFRN (2001-02).



ROSINEIDE SANTANA DE BRITO

Nascida em 1949, em Recife/PE, é graduada em Enfermagem pela UFPE (1976), especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UFPB (1977), Enfermagem Obstétrica pela UNIFESP (1979), Mestre em Enfermagem Obstétrica e Obstetrícia Social

pela UNIFESP (1985) e Doutora em Enfermagem pela EERP (2001). **Atuou como professora-colaboradora do Curso de Enfermagem/UFRN (1977-1984).** É docente do Curso de Graduação em Enfermagem/UFRN e coordenou os Cursos de Especialização em Enfermagem Obstétrica e Maternidade Segura (2002 e 2006, respectivamente). É membro da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras-ABENFO.



SHERON REDDING

Nascida em 1946, em Omaha, Nebraska, Estados Unidos, formou-se em Enfermagem pela University of Nebraska-Lincoln (1968); cursou o Mestrado na University of Washington, School of Nursing (1983); especialização em Pediatric

Nurse Practitioner, pela University of Nebraska, College of Nursing (1995); e Doutorado pela University of Nebraska-Lincoln, Lincoln (2010). **Atuou, no Brasil, como enfermeira do Projeto HOPE Terra na área de educação em Enfermagem: Natal/RN (1976-79) e Maceió/AL (1979-81).**



THERESA OBIEN DE BRITO

Nascida em 1947, no Estado de Nova York, Estados Unidos, graduou-se em Enfermagem pela Bellevue and Mills Schools of Nursing, New York, NY/USA. Com experiência em UTI Pediátrica e Neonatal, **atuou no Projeto HOPE Terra em Natal/RN como enfermeira no Hospital**

Infantil Varela Santiago de 1974 à aposentadoria.



VENETA MASSON

Nascida em 1944, em Ohio, Estados Unidos, graduou-se em A.A. em Enfermagem, no Pasadena City College, Califórnia (1963); em B.S. em Enfermagem, pela University of Califórnia, em San Francisco (1966); Mestrado em Enfermagem em Saúde Comunitária com Especialização

em Medicina Preventiva, na University of Washington (1970); Pós-Mestrado em Cuidados de Saúde Primários, pela University of Virginia (1989); e Enfermeira da Família pela American Nurses Association (1990). **Atuou como enfermeira do Projeto HOPE (1970-79) para assuntos administrativos e educacionais.** Esteve em Maceió/AL (1974) pelo Projeto HOPE Terra.



VERA LÚCIA DA SILVA FERREIRA

Nascida em Monte Alegre/RN, em 1953, **foi aluna das professoras visitantes norte-americanas do Projeto HOPE Terra.** É graduada em Enfermagem/UFRN (1979), especialista em Saúde Coletiva pela ENSP/FIOCRUZ (1987) e em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem, pela ENSP/FIOCRUZ (2002). Atuou na Secretaria Estadual de Saúde (1980-2014); membro fundadora e Vice-Diretora do Centro de Formação de Pessoal para os

Serviços de Saúde-CEFOPE (1983-86); Coordenação Estadual de Recurso Humanos de Profissionais de Nível Médio (1988-89 e 1995-96); Coordenação Municipal de Recurso Humanos (2003-2007); Central Estadual de Transplante (2000-2014); e é enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde desde 2009.

3.5.3 Fontes documentais

Por fontes documentais entende-se uma ampla variedade de produtos derivados da atividade humana, quer por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, que podem ser armazenados em bibliotecas, centros de documentação, museus e arquivos, públicos ou privados (BELLOTTO, 2006).

Podem ser escritas (cartas, diários, jornais, documentos, manuais, atas) e não escritas (filmes, vídeos, *slides*, fotografias, pôsteres), entende-se com sendo aquelas que não receberam tratamento analítico, por isso também são conhecidas como fontes primárias. Sua utilização em pesquisas deve ser estimulada e valorizada dada a riqueza de informações que podem fornecer às diversas áreas do conhecimento, bem como por favorecerem dados sobre as estruturas sociais em um determinado contexto histórico (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Elas existem em multiplicidade, afirma Cellard (2008). Para ele, tudo aquilo que é vestígio do passado ou que serve de testemunho, estando escrito, manuscrito ou impresso em papel, é considerado documento. Como objeto de pesquisa converte-se em uma valiosa fonte de estudos e, por se relacionar a atividades humanas, é imprescindível a qualquer reconstituição do passado, pois, às vezes, os documentos são o único recurso disponível à compreensão de um determinado fenômeno social.

Sua utilização deverá ser realizada de forma adequada, consciente e responsável visto que nenhum documento é neutro e que está associado a interesses pessoais, de grupos ou de instituições. Sendo, então, imperativo avaliar sua credibilidade, conhecer sua origem, compreender o contexto de sua elaboração, apropriar-se de expressões e palavras empregadas, manter-se atento às medidas utilizadas para sua produção, cruzar fontes, justapor documentos, relacionar textos e contextos. Por isso, a maior ou menor importância de cada arquivo é estabelecida de acordo com o objeto da pesquisa a ser realizada. Por isso, cabe ao pesquisador o trabalho paciente para descobrir onde encontrar as melhores fontes e, muitas vezes, a perseverança para vencer

obstáculos burocráticos, a falta de informação organizada, as precárias instalações à realização de pesquisas, entre outros (BACELLAR, 2010).

As fontes documentais assumem importância ao possibilitar a análise e a (re)construção de acontecimentos de um passado distante ou recente, por conterem parte dos vestígios da atividade humana, em uma determinada época. Porém, para que seja assegurada a qualidade das informações é prudente verificar sua procedência; checar sua autenticidade; atentar para o contexto de sua elaboração/publicação; e analisá-las criticamente. Por isso, escrever história, a partir de fontes documentais, continua sendo vista como uma tarefa muito difícil e que requer especial criatividade. (THOMPSON, 2002; CELLARD, 2008).

Desse modo, o levantamento das fontes documentais, escasso em alguns casos, deve ser o mais amplo possível e submetido a um tratamento criterioso, visto que se constituem em testemunhos de uma época e podem conduzir a História à superação dos acontecimentos, a alcançar o entendimento conjuntural e a desvelar o movimento das populações e as relações sociais (CARDOSO; BRIGNOLI, 2002).

Afora isso, apresentam um benefício adicional, o de transformar o pesquisador durante o processo de realização do trabalho historiográfico, na condição de sujeito da investigação e ao colocá-lo em contato com aspectos que passam a integrar a sua própria experiência (BARROS, 2013).

Isso posto, o acesso às fontes documentais necessárias ao desenvolvimento desta pesquisa ocorreu mediante o envio de Cartas de Intenção do Estudo (APÊNDICE D) às seguintes instituições:

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN);

Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN;

Associação Brasileira de Enfermagem, seção Rio Grande do Norte;

Departamento de Enfermagem/UFRN;

Escola de Enfermagem de Natal/UFRN;

Arquivo Geral do Rio Grande do Norte;

Serviço de Arquivo da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte;

Jornal Tribuna do Norte; e

Jornal A República.

Por conseguinte, as fontes documentais foram complementadas com informações advindas das fontes orais (entrevistas).

3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados em um estudo, por si sós, não respondem às questões de pesquisa, sendo imprescindível, pois, analisá-los e interpretá-los. Em investigações qualitativas, a coleta pode resultar em um volumoso material narrativo (entrevistas, notas de campo, diários pessoais) e sua análise e interpretação não é uma tarefa fácil e, por isso, requer criatividade, sensibilidade e bastante trabalho. Incide, assim, em um processo desafiador, sistemático, ativo e interativo, visto que é preciso organizar os dados, dar-lhe sentido e condensá-los como resultados (POLIT; BECK, 2011).

A análise e interpretação dos dados, apesar de serem atividades distintas, se complementam. Representam o momento e a oportunidade que o pesquisador tem para manter contato mais íntimo com o material coletado e se convertem em possibilidades de dar respostas aos questionamentos através da explicação (esclarecimento de suas origens), especificação (entendimento das relações e determinantes) e interpretação (atividade intelectual que busca ampliar e relacionar o conhecimento acerca do fenômeno) (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Nessa perspectiva, analisar e interpretar dados é proceder a uma superação ingênua da realidade. Significa adentrar às acepções que os colaboradores compartilham da vivência de sua realidade, sendo para isso fundamental manter-se fidedigno à compreensão do material e à concepção das relações sociais como dinâmicas e vivas (MINAYO, 2010).

Assim sendo, os dados coletados para este estudo foram analisados sob a técnica de Análise de Conteúdo Temática, que busca a compreensão dos significados de forma objetiva, científica e sistemática de acordo com o contexto dos discursos, no intuito de ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem e de propiciar uma interpretação profunda, representativa e pertinente. Espera-se, com isso, extrapolar o senso comum e alcançar a análise crítica dos documentos, textos, biografias, entrevistas e observações (MINAYO, 2010).

Do ponto de vista operacional, a análise temática tem início com a leitura atenta das falas (entrevistas) e dos documentos. Almeja-se com isso relacionar estruturas semânticas (significantes) às estruturas sociológicas (significados) dos enunciados como fatores determinantes de suas características (contexto, processo de produção da mensagem e variáveis psicossociais) (MINAYO, 2010).

Dentre as modalidades de Análise de Conteúdo optou-se pela Análise Temática, que versa sobre assuntos específicos (temas) e porque

consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, ou seja, seus significados e suas relações (MINAYO, 2010). Trabalhar dessa maneira implica em cumprir as seguintes etapas:

Pré-análise → Procedeu à organização do material coletado e à realização da leitura flutuante/geral dos discursos, através das quais buscou-se, com exaustão, representatividade e homogeneidade, identificar os significados contidos nas entrevistas concedidas pelos profissionais que participaram do Projeto HOPE, em Natal (1972-1985), através do sistema de contrapartes (atuação conjunta entre brasileiros e norte-americanos).

Exploração do material → Consistiu em um trabalho metódico cujo propósito é a identificação, a articulação e o agrupamento de palavras, expressões e temas semelhantes, com a finalidade de organizar as falas em categorias (temas centrais ou principais) e subcategorias (temas adjuntos), para que possam subsidiar a compreensão dos acontecimentos e favorecer a construção, densa e rica, do texto.

Tratamento dos resultados obtidos e interpretação → Ocorreram a análise e a interpretação das informações em consonância com os objetivos da pesquisa e as prerrogativas da Nova História, com as quais aspirou-se ao entendimento sistemático do fenômeno social – o desenvolvimento das atividades do Projeto HOPE, em Natal – em seus aspectos dinâmicos, estruturais e históricos. A seguir, as nove categorias e subcategorias que emergiram da Análise Temática e originaram os resultados, posteriormente apresentados em forma de manuscritos.

- 1- Tornando realidade: estratégias para a vinda do Projeto HOPE a Natal
 - Articulações iniciais à vinda do Projeto HOPE a Natal/RN
 - Divulgação e justificativas da vinda do Projeto HOPE
 - Organizando a casa para receber o navio-hospital SS HOPE
- 2- As atividades do Projeto HOPE em Natal
 - O ensino no navio-hospital SS HOPE
 - Inovações apresentadas pelo Projeto HOPE
- 3- Os desdobramentos da passagem do navio-hospital SS HOPE por Natal
 - O legado do Projeto HOPE
 - Os donativos do Projeto HOPE

O Projeto HOPE para além das fronteiras potiguares
Opiniões sobre o Projeto HOPE

- 4- O Projeto Hope: impressões de suas enfermeiras
 - Motivações para participar do Projeto HOPE
 - O processo seletivo e a inserção no Projeto HOPE
 - Impressões das enfermeiras norte-americanos do navio-hospital SS HOPE sobre o Brasil
 - Contribuições do Projeto HOPE na visão de suas enfermeiras

- 5- A Enfermagem do navio-hospital SS HOPE: impressões brasileiras
 - As enfermeiras do navio-hospital HOPE, segundo a Enfermagem potiguar
 - O Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE
 - Enfermeiras do Projeto HOPE e os serviços de saúde de Natal/RN
 - Momentos de folga e lazer: a confraternização
 - Tensões entre a Enfermagem norte-americana do navio-hospital SS HOPE e a potiguar

- 6- O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte
 - Escola de Enfermeiras de Mossoró: circunstâncias e pioneirismo
 - Mobilização para a criação do Curso de Enfermagem/UFRN

- 7- O Departamento de Enfermagem de Natal/RN
 - Organização e funcionamento do Departamento de Enfermagem /UFRN
 - O professor colaborador do Departamento de Enfermagem e suas contribuições
 - As relações interpessoais no Departamento de Enfermagem/UFRN

- 8- As enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra
 - Enfermeiras do Projeto HOPE como professoras visitantes na UFRN
 - Atividades das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE
 - Memórias dos estudantes sobre suas professoras norte-americanas

- 9- Professora Mary Anne Small, pelas memórias vividas
 - Apresentando a Professora Mary Anne Small
 - As atividades da Professora Mary Anne Small

3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo foi elaborado em conformidade às diretrizes e normas da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Documento esse fundamentado nos referenciais da Bioética – autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade –, que se destina a assegurar os direitos e deveres dos participantes de pesquisas.

Convém informar que foi cumprido o protocolo de apresentação do Projeto de Pesquisa a uma Banca de Qualificação, no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina e de submissão à Plataforma Brasil, cuja aprovação está formalizada pelo Parecer Consubstanciado de nº 425.196, de 14/10/2013, expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Catarina (ANEXO A).

Desse modo, sua realização tornou-se possível ao proceder à solicitação da aquiescência às instituições de interesse para que fosse garantido o acesso aos arquivos, bem como a realização e gravação de entrevistas após a orientação e esclarecimento aos colaboradores quanto à importância da participação, aos objetivos, à finalidade, aos procedimentos necessários à concretização deste estudo.

4 RESULTADOS

Esta seção contém a essência desta Tese. Os resultados aqui apresentados, em formato de manuscritos, procedem de consultas a fontes documentais e da realização de entrevistas (fontes orais) com personagens que vivenciaram esta história.

Assim, para registrar a história do Projeto HOPE, no Rio Grande do Norte (1972-1985) e facilitar sua compreensão, optou-se por dividir os resultados em quatro manuscritos.

O primeiro deles, intitulado “O navio-hospital SS HOPE em Natal, Rio Grande do Norte (1972): estratégias e desdobramentos”, destina-se a apresentar o navio e suas atividades.

Os manuscritos seguintes são: “A Enfermagem do Projeto HOPE, em Natal, Rio Grande do Norte (1972): aproximações e distanciamentos”; “O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte: revisitando a história”; e “O Projeto HOPE Terra e o ensino de Enfermagem no Rio Grande do Norte (1974-1981)”.

4.1 MANUSCRITO 1: O NAVIO-HOSPITAL SS HOPE EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE (1972): ESTRATÉGIAS E DESDOBRAMENTOS

O NAVIO-HOSPITAL SS HOPE EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE (1972): ESTRATÉGIAS E DESDOBRAMENTOS

Djailson José Delgado Carlos*
 Maria Itayra Padilha*

RESUMO

Estudo sócio-histórico qualitativo com o objetivo de analisar a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal/Brasil (1972). Resulta de consultas a fontes documentais (jornais e legislações) e orais (21 entrevistas com personagens dessa história). Utilizou-se da Análise Temática para a compreensão dos significados históricos em três categorias: Tornando realidade: estratégias para a vinda do Projeto HOPE a Natal; As atividades do Projeto HOPE em Natal; e Os

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

desdobramentos da passagem do navio-hospital SS HOPE por Natal. O material revelou que sua utilização, em tempos de Guerra Fria, serviu para levar ajuda humanitária e promover intercâmbio profissional com países em desenvolvimento. Conclui-se que a sua vinda resultou da articulação entre o governo do estado e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte; no desenvolvimento de atividades assistenciais e de ensino; e que os resultados contribuíram para o seu retorno ao Brasil em 1973.

Descritores: Cooperação internacional. Pessoal de Saúde. Ensino. História da Enfermagem. História da saúde.

INTRODUÇÃO

A serviço da *People to People Foundation*, sediada em Washington, Estados Unidos, o navio-hospital SS HOPE (*Health Opportunity for People Everywhere*), popularmente conhecido como Navio Esperança, desenvolveu atividades filantrópicas de 1960 a 1973, realizando cruzeiros a países em desenvolvimento e cumprindo atividades de ajuda humanitária e de promoção à saúde (BARNES, 1969; PEAKE, 2006).

Este navio – que servira à Marinha norte-americana na II Guerra Mundial (1939-45) e na Guerra da Coreia (1950-53), como SS *Consolation* – após ser reequipado funcionou em caráter de cessão feita por Dwight David Eisenhower, então presidente (1953-1961), à *People to People Foundation*. A fundação e presidência do Projeto HOPE coube ao médico cardiologista americano Willian David Walsh, bem como a responsabilidade de angariar recursos financeiros e de compor uma equipe de saúde voluntária e multiprofissional. Ao governo incumbiram a manutenção do navio e as despesas operacionais (DAVIS, 1968; BARNES, 1969; RIO GRANDE DO NORTE, 1972b; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

Sobre sua equipe multiprofissional, o Projeto HOPE dispunha de um corpo permanente de médicos, enfermeiros, dentistas e técnicos americanos. Contava, pois, com o serviço voluntário de profissionais, das mais variadas especialidades, com o qual era possível realizar rodízios nos países onde o navio-hospital estivesse, a cada dois meses, sem causar prejuízo às atividades em desenvolvimento (RIO GRANDE DO NORTE, 1972b).

Quanto ao Projeto HOPE, cabe salientar que sua fundação ocorreu em 1958 e que, na atualidade, mantém-se ativo desenvolvendo atividades humanitárias e contando com filiais distribuídas dentro e fora

do território norte-americano. Acerca do navio-hospital SS HOPE, sabe-se que funcionou a serviço desse Projeto no período de 1960 a 1973 e que, no decorrer desses anos, dispôs de contribuições particulares, de entidades sindicais, comerciais e industriais (equipamentos e produtos farmacêuticos). Nesse período realizou cruzeiros à Indonésia e Vietnã do Sul (1960), Peru (1962-63), Equador (1963-64), Guiné (1964-65), Nicarágua (1966), Colômbia (1967), Ceilão (1968-69), Tunísia (1969-70), Índias Ocidentais (1971), todos com duração de 10 meses e, de forma inédita, no Brasil onde esteve por duas ocasiões, em Natal (1972) e Maceió (1973) (RIO GRANDE DO NORTE, 1972b; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

Para sua vinda e permanência em Natal/RN, por 10 meses – fevereiro a dezembro/1972 –, teve que reunir esforços e vencer obstáculos de ordem burocrática, financeira e geográfica. Foram, então, celebrados convênios entre o governo do estado através de Secretaria Estaduais – Planejamento e Saúde – e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para que fossem tomadas as devidas providências junto à *People to People Foundation* (RIO GRANDE DO NORTE, 1971).

Assim, em 16 de fevereiro de 1972, quarta-feira de cinzas, milhares de natalenses compareceram ao porto para dar as boas-vindas ao navio-hospital SS HOPE. Nesta manhã solene, estiveram presentes: Cortez Pereira, Governador do Rio Grande do Norte; Tertius Rabelo, Vice-Governador do estado; Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, Prefeito de Natal; autoridades militares (General Meira Matos, Almirante Osório de Abreu Pereira Pinto e Brigadeiro Everaldo Breves); autoridades religiosas (Dom Nivaldo Monte e Dom Antônio Costa, Arcebispo e Bispo Auxiliar de Natal, respectivamente); Genário Alves da Fonseca, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; e(,) servidores da Universidade. Dos Estados Unidos vieram: Willian B. Walsh, presidente do Projeto HOPE e uma comitiva do Estado do Maine (Kenneth Curtis, Governador; Ernest Bracy, presidente do Programa Companheiros da América, seção Maine; Kevin Concannon, reverendo; Mathew Aldibert, pastor; Gertrudes Cutter e Robert Bergeron, jornalistas; Windy Fentchy, relações públicas; e Walter Falcet, fotógrafo (RIO GRANDE DO NORTE, 1972a; RIO GRANDE DO NORTE, 1972b).

Igualmente grandiosa e vultuosa participação popular foi na tarde de 6 de dezembro de 1972, no porto de Natal, cuja animação foi garantida pela Banda da Polícia Militar, por ocasião do regresso do navio-hospital SS HOPE à cidade de Baltimore, no Estado de Maryland,

EUA. No interior do navio cumpriu-se uma programação de despedida na qual foram conferidos atos de reconhecimentos e discursos de autoridades locais e norte-americanas, na presença de Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação. Às 14:30, sob um calor de 30° foi dado adeus ao navio-hospital SS HOPE (HOPE..., 1972b; ADEUS..., 1972).

A respeito da presença do Projeto HOPE no Rio Grande do Norte, convém informar que o mesmo esteve por um período de 13 anos (1972-85) (PROJETO..., 1985). Sobre isso, cabe ressaltar que sua atuação foi diferenciada e por isso as denominações de Projeto HOPE – em 1972, por ocasião da estadia do navio-hospital, com ações assistenciais, de educação em saúde e de intercâmbio profissional; – e Projeto HOPE Terra – 1973-1985, sem a presença do navio-hospital e com seus profissionais atuando em alguns serviços de saúde ou como professores visitantes da UFRN, nos cursos de Medicina, Odontologia e Enfermagem.

Diante dessas aproximações, este estudo teve como objetivo analisar a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972. Desse modo, sua realização assume relevância pela oportunidade de registrar uma história de suma importância para a saúde do estado e para o ensino de saúde na UFRN. Assim, o recorte temporal corresponde à estadia do navio-hospital SS HOPE – fevereiro a dezembro – do ano de 1972.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, narrativo, de abordagem sócio-histórica, com o qual ensejou-se a análise da permanência do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972. As pesquisas históricas são guiadas por motivações diferentes – novos temas e nova pesquisa dos velhos – e, através das quais, resultam novas conexões, novos pontos de vista e novos conhecimentos. Desse modo, fontes para a história podem ser algum tipo de documento, qualquer tipo de realidade que possa assinalar um testemunho, vestígio ou relíquia (ARÓSTEGUI, 2006).

Para este estudo, a coleta de dados se processou em dois momentos: primeiro, de janeiro a abril/2013, com o levantamento de fontes documentais no Arquivo Geral do Estado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, na Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN (seção Coleções Especiais) e no jornal Tribuna do Norte; e, depois, de janeiro a julho/2014, com a realização das entrevistas.

Desse modo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 21 (vinte e um) colaboradores, sendo: três Secretários de Estado (Saúde, Educação e Planejamento-Coordenação Geral); seis enfermeiras professoras da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal; três (ex)alunas da Escola de Enfermeiras de Mossoró; uma enfermeira do navio-hospital SS HOPE; duas auxiliares de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes; dois médicos professores do Curso de Medicina/UFRN; um odontólogo professor do Curso de Odontologia/UFRN; uma enfermeira do Hospital Universitário Onofre Lopes; uma professora do Curso de Enfermagem/UFPE; e uma professora do Curso de Enfermagem/UFAL – que vivenciaram o Projeto HOPE e que dele guardam boas memórias. Para tal, utilizou-se dos recursos metodológico da História Oral e estabeleceu-se a saturação das respostas para o fechamento amostral.

Na oportunidade da realização das entrevistas foram esclarecidos: a participação voluntária; a finalidade e objetivos da pesquisa; permissão para gravá-las; foi comunicada a intenção de publicar os resultados, entre outros aspectos. Também foi apresentado, lido e explicado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e em acordo, solicitada sua assinatura. As entrevistas tiveram em média 79 (setenta e nove) minutos de gravação. Após serem transcritas e transcriadas, procederam-se às suas devoluções aos colaboradores para que fossem verificados e corrigidos possíveis equívocos e erros (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Feito isso e estando em concordância, foi requerida a assinatura do Termo de Cessão do Depoimento Oral. Optou-se, portanto, pela identificação dos colaboradores pelos seus sobrenomes.

A análise e interpretação dos dados foram permeadas pela leitura atenta e meticulosa do material levantado, com a qual buscou-se o entendimento, objetivo e sistemático, dos significados. Utilizou-se a análise temática para reconstruir a história da passagem do navio-hospital SS HOPE, por Natal, em 1972, suas estratégias e desdobramentos, por versarem sobre assuntos específicos. Ao final desse processo emergiram três categorias com subcategorias, a saber: Tornando realidade: estratégias para a vinda do Projeto HOPE a Natal; As atividades do Projeto HOPE em Natal; e Os desdobramentos da passagem do navio-hospital SS HOPE por Natal.

Este estudo atendeu às recomendações da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos[,] e contou com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da

Universidade Federal de Santa Catarina, sob o Parecer Consubstanciado de nº 425.196, de 14/10/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

À época da chegada do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN, no ano de 1972, o país encontrava-se, politicamente, sob o regime militar instituído desde 1964 e, economicamente, vivia a euforia do chamado “milagre econômico”. À frente do governo do Rio Grande do Norte, por indicação do Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, estava José Cortez Pereira de Araújo (1971-75), professor e político filiado à ARENA, que por sua vez indicou à Prefeitura de Natal Ubiratan Pereira Galvão (1971-72), que foi substituído por Jorge Ivan Cascudo Rodrigues (1972-75). Esse sistema de eleições indiretas, adotado desde 1966, estava respaldado pelo AI 3 (BRASIL, 1966, p. 1435; SUASSUNA; MARIZ, 2005).

Quanto à vinda do Projeto HOPE a Natal, em 1972, auge do regime militar, assim assinalaram alguns colaboradores...

[...] acredito que o contexto da guerra fria foi determinante à vinda do navio-hospital SS HOPE [...] vivíamos a guerra fria e, segundo os americanos, Cuba era uma ameaça para todo continente americano [...] havia interesses americanos de uma aproximação mais estreita com o Brasil [...] obviamente, um país mais adiantado não queria, nem precisaria, receber o Projeto HOPE [...] era uma maneira de influenciar nosso comportamento, apesar de Natal manter um bom relacionamento com os norte-americanos desde o tempo da II Guerra Mundial (ANDRADE).

Dentro do navio-hospital HOPE a coisa era muito técnica, se tinha algo político, não percebi [...] ele chegou em um momento de muito fechamento político, na época de uma forte ditadura [...] a gente tinha medo de perguntar por qual motivo um navio americano tinha vindo para Natal [...] era governo de Garrastazu Médici, que não foi de brincadeira [...] eu pensava mais em manter o meu emprego, e alguns pensamentos meus ficavam na cabeça e nada mais (GERMANO).

Nas décadas de 1960-70, vivia-se a guerra fria e a expansão do capitalismo [...] o Brasil era um país periférico [...] os Estados Unidos precisavam provar que eram amigos e que não pretendiam dominar ninguém, por isso se apresentavam como bons vizinhos e com políticas humanitárias, levando, através de um navio-hospital, uma equipe multiprofissional de saúde, voluntária e qualificada a países da África, Ásia, Oceania e da América Latina (SANTOS).

O final da II Guerra Mundial (1939-1945) dividiu os países em dois grandes blocos político-ideológico distintos, alguns aliados aos Estados Unidos (capitalistas) e outros, à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (socialistas). As disputas e os conflitos entre esses blocos deram origem à Guerra Fria (1945-1991) (MALISKA et al., 2015).

No que concerne à América Latina e Caribe, esse período é marcado pela hegemonia político-cultural norte-americana cuja política externa centralizava ações no combate ao comunismo através de operações militares, diplomáticas e de cooperação técnico-educativa. A fome e a pobreza, nesses países – tidos como periféricos, pelo capitalismo – representavam, sob a ótica do governo norte-americano, uma ameaça à unidade do continente, pois temiam-se o surgimento de movimentos sociais e a infiltração ideológica do comunismo. Quanto às políticas de saúde desse período, deu-se início à difusão do modelo elitista, centrado no mercado livre e na biomedicina, assim como registram-se a realização de grandes campanhas para a erradicação de doenças infectocontagiosas (CUETO, 2015).

Quanto à realidade socioeconômica da América Latina, assim publicou um jornal espanhol: *La XI campaña contra el hambre presta su apoyo a obras misionales y asistenciales em los cinco continentes...*

[...] os dados sobre a fome, colhidos pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), expressam que 70 milhões de camponeses hispano-americanos vivem na miséria. Os índices de subdesenvolvimento mais alarmantes estão no Nordeste do Brasil, habitado por uns 25 milhões de pessoas; sete de cada dez não sabem ler; nove entre cada dez estão desnutridos e a mortalidade infantil é de,

aproximadamente, 65%. O Brasil é o país em que morrem 450 crianças em cada 10.000 antes do primeiro ano de vida (LA XI CAMPAÑA...,1970, p. 30, tradução nossa).

Vê-se, pois, que os desdobramentos da II Guerra Mundial imprimiram uma nova ordem político-ideológica ao mundo, o que resultou na divisão dos países em dois grandes blocos e na instauração da Guerra Fria, período esse marcado pelos constantes conflitos e ameaças de novas guerras.

Considerando-se o contexto socioeconômico em que viviam a América Latina e Caribe e a Revolução Cubana, ocorrida em meados da década de 50, podem ter contribuído para a implantação de políticas de ajuda humanitárias e de intercâmbio técnico por parte do governo norte-americano. Afinal, era preciso assegurar as condições necessárias à expansão do capitalismo, combater os ideais de socialismo e se apresentar como um bom vizinho.

Diante disso, é criado o Projeto HOPE, no final da década de 50 – objeto deste manuscrito – com a finalidade de prestar e desenvolver ações assistenciais e de educação em saúde a países em desenvolvimento, por meio da utilização do navio-hospital SS HOPE (1960-1973). Assim sendo, a precária realidade do Nordeste brasileiro, muito provavelmente, deve ter sido determinante à passagem desse navio-hospital em duas ocasiões, Natal/RN (1972) e Maceió/AL (1973), feito inédito na história dos cruzeiros realizados pelo SS HOPE.

Sobre a estadia no navio, em Natal/RN, para fins ilustrativos, assim informaram alguns colaboradores...

[...] fiquei alojada no navio HOPE, por três meses, com seis colegas de Mossoró [...] no início foi complicado (risos) [...] era um entra e sai de corredores e o maior sobe e desce de escadas (risos) [...] a estrutura física do navio, em princípio, causou sofrimento em muitas de nós [...] no início, todos se perdiam dentro do navio (risos) (CARVALHO).

Minha cabine era equipada com beliches e pequenos armários [...] lembro que no navio-hospital havia geladeiras equipadas com bebidas e com caixinhas de leite, também havia umas maquinhinhas, parecidas com um geláguia, com

chás [...] estas máquinas eram fáceis serem encontradas, não estavam restritas à área de alimentação e podíamos nos servir à vontade (PINTO).

O navio-hospital tinha vários andares [...] era um hospital completo e com espaços pequenos e adaptados [...] dispunha de UTI, com dez leitos, Centro Cirúrgico, sala de recuperação pós-anestésica, enfermarias adulto e pediátrica, entre outros setores [...] havia também salas de cinema, jogos e espaços religiosos: católico, evangélico e judeu [...] na minha cabine existiam dois beliches separados por uma pequena circulação e quatro armários metálicos [...] o banheiro não era privativo e ficava no final do corredor (CAMPOS).

Eu achava curioso o fato deles não servirem refeições preparadas com os nossos alimentos [...] tudo o que comiam, bebiam e serviam o navio trouxe dos Estados Unidos [...] claro, eram sabores diferentes que nem sempre agradavam (VILA NOVA).

Estas dificuldades, de ordem física, apontadas pelos colaboradores, assumem relevância ao possibilitarem a reconstrução imaginária do interior do navio-hospital SS HOPE. Sobre ele, vale lembrar que resultou da reforma e da adaptação do navio-hospital de guerra SS *Consolation*, que servira à Marinha norte-americana durante a II Guerra Mundial (1939-45) e na Guerra da Coreia (1950-53).

Porém, em tempos de Guerra Fria, atendia aos chamados dos países aliados e em desenvolvimento, realizando cruzeiros, com duração de 10 meses de permanência, levando ajuda humanitária e desenvolvendo o intercâmbio profissional. Assim, serviu para missões pacíficas, desenvolver treinamentos profissionais e pesquisa em saúde (SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

Portanto, com essa finalidade, o navio-hospital SS HOPE, popularíssimo como Navio Esperança, permaneceu em Natal/RN, por 10 meses – fevereiro a dezembro – no ano de 1972. Cabe assinalar que sua estadia assegurou o desenvolvimento de atividades assistenciais e a promoção de intercâmbio entre sua equipe e os profissionais de saúde – potiguares e de estados circunvizinhos – em regime de parceria

denominado de contraparte, no qual o trabalho era desenvolvido, necessariamente, entre pares.

Isso posto, a seguir serão contempladas as categorias: Tornando realidade: estratégias para a vinda do projeto HOPE para Natal/RN; As atividades do Projeto HOPE, em Natal/RN; e os desdobramentos da passagem do navio-hospital SS HOPE por Natal/RN – que emergiram durante a fase de análise e interpretação dos dados, cujos relatos possibilitaram reconstruir partes dessa história sobre esse importante acontecimento: a passagem do navio-hospital SS HOPE no Rio Grande do Norte.

TORNANDO REALIDADE A VINDA DO PROJETO HOPE PARA NATAL/RN

Assumida a decisão de trazer o Projeto HOPE a Natal, no ano de 1972, é chegado o momento de tomar as providências necessárias à sua vinda, obviamente, através da realização de acordos financeiros, parcerias, atendimento das solicitações e execução de um cronograma de atividades.

Articulações iniciais à vinda do Projeto HOPE a Natal/RN

A seguir serão apresentadas as primeiras aproximações com o Projeto HOPE e seus integrantes, a partir das quais tornou-se possível vislumbrar a vinda do navio-hospital SS HOPE, ao Rio Grande do Norte, no ano de 1972.

Soubemos do Projeto HOPE através dos Companheiros das Américas [...] o Rio Grande do Norte era o estado-irmão do Maine/EUA [...] a estadia do navio-hospital resultou de muitas iniciativas e contou com o apoio do governo do estado no Maine [...] havia um relacionamento estreito entre potiguares e norte-americanos desde a II Guerra Mundial; a política da boa vizinhança com Kennedy; USAID; Aliança para o Progresso; Companheiros das Américas; e, pela visita de Bob Kennedy [...] talvez tudo isso tenha contado para a vinda do navio HOPE [...] há uma continuidade de relacionamento desde a guerra [...] com certeza, mais estreito antigamente e mais afastado hoje (ANDRADE).

Inteirei-me da existência do navio-hospital HOPE e de seus cruzeiros ao conhecer e acompanhar o Dr. Clement Hiebert e sua equipe em visita a Natal, acho que em 1967 [...] eles nos deixaram a provocação de que a sua vinda do navio-hospital, à cidade, seria extremamente útil e interessante [...] sei que, tempos depois, vieram elementos do Projeto HOPE para avaliar as condições da cidade e estabelecer as diretrizes para uma eventual vinda do navio-hospital (SOARES).

O culpado dessa história foi o meu pai (risos) [...] quando reitor da UFRN, em viagem a Washington/EUA, ele conheceu o Dr. Willian B. Walsh e convidou o Projeto HOPE a vir a Natal, justificando a necessidade dos serviços assistenciais do navio-hospital, que nossa Faculdade de Medicina era jovem e que, principalmente, eles atuariam no âmbito do ensino [...] minha lembrança mais aproximada disso é que foi antes de 1970 (SILVA JÚNIOR).

A vinda do Projeto HOPE, a Natal, foi fruto de uma decisão política conjunta entre o Governador Cortez Pereira, a UFRN e o Dr. Willian B. Walsh, presidente da People to People Health Foundation [...] o Dr. Onofre Júnior, da Universidade, fez a interlocução com o Dr. Harold Royaltey, chefe das atividades médicas do navio-hospital HOPE (BARROS).

Apesar de as primeiras aproximações com o Projeto HOPE parecerem imprecisas, é fato que elas foram imprescindíveis à vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN, por 10 meses, no ano de 1972, e que resultaram de negociações entre a *People to People Foundation*, o governo do estado e a UFRN. Convém destacar a realização de visitas técnicas à cidade por técnicos e profissionais de saúde norte-americanos para que fossem promovidos os primeiros acertos.

Sobre a conjuntura internacional, a Aliança para o Progresso, criada na década de 60, durante a administração de John F. Kennedy, converteu-se no principal programa de política externa dos Estados Unidos. Esta iniciativa, idealizada para assegurar a manutenção dos governos democráticos e para incrementar o progresso econômico na

América Latina, converteu-se, em tempos de Guerra Fria, em estratégia para a identificação dos interesses de seus aliados, principalmente, dos países latino-americanos. Assim, já nos primeiros anos de funcionamento, é responsabilizada pelos golpes militares em países como: República Dominicana, Haiti, Guatemala, Guiana Britânica, Argentina, Peru, e, posteriormente o Brasil. Dessa forma, todos esses países tiveram seus presidentes eleitos pelo o voto popular destituídos de seus cargos por golpes militares com apoio norte-americano (RIBEIRO, 2006; PASSOS, 2009).

No Brasil, a Aliança para o Progresso concentrou investimentos por causa da sua posição geopolítica, sendo a Região Nordeste, por suas questões socioeconômicas, a que mais recebeu investimentos e, dentre os estados nordestinos, o Rio Grande do Norte foi o mais agraciado. São, portanto, realizações dessa época, em Natal e no estado: a construção do bairro da Cidade da Esperança e de sua infraestrutura; construções e reformas de escolas; execução pioneira no país do Método Paulo Freire de alfabetização, no Município de Angicos; organização da Campanha da Fraternidade pela Igreja Católica (PEREIRA, 2007).

Todos esses fatos podem ter contribuído para a vinda do Projeto HOPE a Natal, tanto quanto a parceria existente entre o RN e o Maine/EUA, através do Programa Companheiros das Américas. Sobre isso, um detalhe: essa “irmandade” era estabelecida levando-se em considerações alguns detalhes, no caso do RN com o Maine, estão localizados na Região Nordeste de seus países, são estados litorâneos e com forte atividade pesqueira, em especial, a pesca da lagosta. No RN, o início de suas atividades precede o Projeto HOPE.

Este programa, com sede em Natal/RN, cujo escritório funcionava na Casa do Maine – atual Hotel Maine, situado à Avenida Senador Salgado Filho, 1791, no Bairro de Lagoa Nova –, possibilitou a realização de atividades culturais, de intercâmbio para a aprendizagem de idiomas e o envio de materiais escolares às escolas públicas de Natal.

Figura 4 – Casa do Maine, Natal/RN



Fonte: Acervo particular de Dayse Maria Gonçalves Leite.

Divulgação e justificativas da vinda do Projeto HOPE

Os relatos que se seguem ilustram a forma empregada para divulgar a vinda do Projeto HOPE a Natal e apresentam algumas justificativas da realização desse evento.

Não havia conhecimento, nem divulgação [...] não se comentava nada, na sociedade, sobre a vinda do navio-hospital HOPE (SOARES).

Tenho dúvidas quanto ao porquê de Natal ter sido escolhida para receber o navio-hospital do Projeto HOPE [...] comentava-se, à época, apenas a perspectiva de absorvermos novas tecnologias e que seria a oportunidade de nossos profissionais de saúde atuarem conjuntamente com profissionais de um centro avançado (ALBUQUERQUE).

Os americanos mantinham fortes ligações com a OPS e dispunham de dados sobre a mortalidade materno-infantil e doenças infectoparasitárias no Nordeste [...] eram claras as intenções do Projeto HOPE quanto às ações básicas de saúde [...] visitaram-nos bem antes da vinda do navio-

hospital [...] a escolha por Natal talvez, tenha sido porque lá a saúde era mais precária [...] naquele tempo, já dispúnhamos, em Recife, de uma Faculdade de Medicina e de duas Escolas de Enfermeiras [...] Pernambuco tinha muitas enfermeiras engajadas no SESP [...] em Natal, eram umas poucas enfermeiras, lembro-me de Leda Moraes, Raimunda Germano e de Oscarina Coelho, todas formadas aqui, em Recife/PE (FERRAZ).

Os relatos chamam a atenção à divulgação sobre a vinda do Projeto HOPE, a Natal/RN, em 1972, considerando-se suas ligações com a Organização Pan-Americana de Saúde, seu histórico de viagens a países em desenvolvimento, suas ações assistenciais, de educação em saúde e intercâmbio profissional.

“O HOPE é um navio especial, um centro médico autossuficiente com 103 leitos e com instrumentos modernos utilizados em tratamentos, diagnósticos e ensino médico. Sua extensão 180 metros por 23 de largura e seu peso, 15 mil toneladas” (NAVIO..., 1972, p. 7). Assim noticiou a Tribuna do Norte.

Acerca de sua vinda, o material alçado possibilitou o levantamento de destaques jornalísticos. A seguir, a Figura 5 contempla apenas as manchetes.

Figura 5 – Anúncios jornalísticos sobre a vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN, 1972

Título	Jornal
Tudo certo para a vinda do navio-hospital HOPE em 72.	Diário Oficial do Estado (23.07.1971; p. 01).
“HOPE” virá mesmo a Natal.	Tribuna do Norte (29.08.1971; p. 03).
HOPE virá mesmo: porto vai ser destruído ainda este ano.	Tribuna do Norte (10.09.1971; p. 06).
Governo contrata dragagem assegurando a vinda do HOPE.	Diário Oficial do Estado (24.09.1971; p. 01).
Desobstrução do Porto será iniciada este mês.	Tribuna do Norte (02.10.1971; p.03).
Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral – Convênio entre si celebram a Secretaria de Estado do Planejamento e	Diário Oficial do Estado (09.10.1971; p. 02).

Coordenação Geral, a Secretaria de Estado de Saúde Pública e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a criação das condições necessárias ao desenvolvimento do Projeto HOPE.	
Pessoal começa a chegar para tratar sobre o HOPE.	Tribuna do Norte, 06.01.1972; p. 01.
“HOPE” chega a Natal na quarta-feira de cinzas.	Diário Oficial do Estado (08.02.1972; p.01).
“HOPE” vai ser órgão suplementar da UFRN.	Tribuna do Norte, 10.02.1972; p. 03.
UFRN – convite de recepção do Projeto HOPE.	Tribuna do Norte (13.02.1972; p.03).

Fonte: Elaborado pelos autores, UFSC, Florianópolis/SC, 2015.

Estes anúncios jornalísticos contidos na Figura 5 dizem respeito à divulgação da vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN. Os jornais impressos, nesse tempo, eram o principal meio de comunicação de massa, visto que a televisão ainda era um bem inacessível a grande parte da população e, no caso do RN, sua transmissão ocorria em horários curtos, sempre às noites.

O material consultado atribui a matéria TUDO CERTO PARA A VINDA DO NAVIO-HOSPITAL HOPE EM 72, publicada pelo Diário Oficial do Rio Grande do Norte, em 23 de julho de 1971, como sendo a primeira notícia sobre a vinda do Projeto HOPE veiculada à imprensa local, ou seja, sete meses antes da sua chegada. O elenco dessas matérias leva a crer que a divulgação de sua vinda talvez tenha sido tímida, por assim dizer, mas não tão silenciosa como informaram alguns colaboradores.

Organizando a casa para receber o navio-hospital SS HOPE

A vinda do navio-hospital SS HOPE implicou na tomada de decisões e na superação de empecilhos geográficos, financeiros e burocráticos. A seguir, fragmentos dessa tarefa.

Foram muitas dificuldades a superar, um trabalho grande, difícil de realizar, com muitas conversas e desconversas, idas e vindas, encontros e desencontros, viagens e longas esperas em repartições no Rio de Janeiro [...]

eram muitas exigências e condições a serem providenciados [...] a expectativa da vinda desse navio-hospital era de total descrença [...] precisava remover as pedras da Bicuda e do Picão, na boca da barra e realizar a dragagem do rio Potengi para dar acesso ao porto de Natal [...] de posse de duas procurações, plenas e potenciárias – do Governador e do Reitor – e contando com o apoio do Ministério dos Transportes consegui negociar com a COHIDRA – Hidráulica e Terraplenagem, no Rio de Janeiro, o envio de duas dragas [...] a história é bem comprida (risos) [...] sei que o rio Potengi foi dragado, o canal do porto alargado, da boca da barra à Base Naval Ary Parreiras, e feita uma “bacia” de manobra em frente ao porto [...] pronto, estava atendida esta solicitação para recebermos o navio-hospital do Projeto HOPE, caso contrário, ele iria à Venezuela [...] tive que tratar com sete ministérios – Educação, Saúde, Transportes, Fazenda, Relações Exteriores, Marinha e Justiça – e com cinco Secretarias de Estado – Saúde, Educação, Fazendo, Planejamento e Segurança Pública [...] administrativamente, os contatos foram intensos com o Dr. Harold Royaltey e seu assistente, Jorge Verduzco, um mexicano naturalizado americano, excessivamente exigente [...] eles se transferiram para Natal, com armas e bagagens, antes da chegada do navio e fixaram escritório em uma sala do Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, já inaugurado e sem funcionar (SILVA JÚNIOR).

Essa empreitada decorre do acordo celebrado entre o governo do estado, através das Secretarias Estaduais de Saúde e Planejamento, e a UFRN e contou com o médico-professor da Faculdade de Medicina, Onofre Lopes da Silva Júnior, como representante legal para negociar com a *People to People Foundation*, ministérios e repartições públicas.

O relato registra fragmentos das muitas demandas surgidas e necessárias à vinda do navio-hospital SS HOPE, a Natal, em 1972, sendo requerido para a sua concretização o deslocamento à cidade do Rio de Janeiro para dar encaminhamento às ações, que, apesar de não ser mais a capital do país, parece centralizar parte da administração pública federal. Viu-se, desse modo, a dedicação e ações para o

cumprimento das solicitações de ordens logísticas, geográficas e burocráticas.

Figura 6 – Navio-hospital SS HOPE, Natal/RN, 1972



Fonte: Acervo do Jornal Tribuna do Norte.

AS ATIVIDADES DO PROJETO HOPE, EM NATAL/RN

O Projeto HOPE, utilizando-se do navio-hospital SS HOPE, tinha como objetivo a realização de cruzeiro com a missão de promover ações para a saúde, intercâmbio profissional e levar ajuda humanitária a países em desenvolvimento. Sobre suas ações, serão ressaltadas, a seguir, as condizentes ao ensino e às inovações.

O ensino no navio-hospital SS HOPE

Do intercâmbio esperam-se ações informais de ensino que propiciem a troca de conhecimentos e experiências entre povos e nações. No caso da passagem do navio-hospital SS HOPE em Natal, essa situação foi assegurada através da realização de atividades conjuntas por intermédio do sistema de contrapartes entre profissionais norte-americanos e brasileiros. Além disso, cumpriu-se, formalmente, uma programação de palestras e cursos, como informaram alguns colaboradores. Sobre isso, eis alguns detalhes...

[...] cumpríamos a escala de estágios no interior do navio e assistíamos aulas [...] na verdade, nós recebíamos aulas o tempo todo [...] sempre tinha uma enfermeira, ao nosso lado, ensinando e orientando (CARVALHO).

No navio, as aulas práticas eram realizadas em um laboratório equipado com materiais e manequins anatômicos [...] toda aula com recursos audiovisuais [...] era fantástico [...] para nós, de Mossoró, o Projeto HOPE foi uma grande descoberta (PINTO).

Aprendi cuidados com os pacientes graves e rotinas da UTI [...] as enfermeiras americanas explicavam e demonstravam os procedimentos para que aprendêssemos [...] no navio HOPE, nenhum procedimento era privativo das enfermeiras, como aqui em Natal [...] nós realizávamos os procedimentos, sempre com americanas por perto (COSTA).

No navio HOPE havia uma enfermeira brasileira que trabalhava com educação em saúde, há anos, nos Estados Unidos [...] essa colega foi minha contraparte por 2-3 semanas [...] eu a acompanhei durante os treinamentos e recomendações àqueles que iam iniciar o estágio no navio-hospital [...] era regra, todos recebiam as orientações, primeiro, para depois atuarem (COELHO).

Houve momentos dedicados ao ensino teórico [...] assistíamos, quase que diariamente, palestras e boas conferências, às vezes, com médicos, americanos e brasileiros, simultaneamente, abordando o mesmo tema sob diferentes aspectos [...] os conhecimentos de Enfermagem eram agregados, tanto do ponto de vista das técnicas, como do ponto de vista das doenças [...] foi uma oportunidade boa e enriquecedora para a UFRN, principalmente, porque estávamos em uma fase de pré-estruturação do Curso de Enfermagem e, nisso, o navio foi bem pontual, bem importante (GERMANO).

De acordo aos depoimentos, os ensinamentos ocorriam de forma sistemática – aulas, palestras e cursos –, assim como na própria unidade de internação, na qual competia às enfermeiras norte-americanas, primeiro, orientar e demonstrar para, posteriormente, acompanhar a execução pela contraparte brasileira.

Como instrumento, a educação em saúde apresenta-se como determinante à qualificação e valorização profissional, visto que consiste em momentos de ensino-aprendizagem que vislumbram a prática assistencial comprometida, competente e alicerçada em conhecimentos. Na Enfermagem, a articulação ensino-serviço é antiga e, assim sendo, se converte, especificamente para o enfermeiro, na oportunidade de assumir o papel de educador ao incorporar o processo pedagógico em saúde, transformando práticas e interferindo na melhoria da assistência à saúde (JACONDINO et al., 2010).

Essas atividades, além de educativas, têm por objetivo estabelecer as melhores práticas assistenciais e de Enfermagem, requerendo do enfermeiro o planejamento das ações de cuidado, de previsão e provisão de recursos necessários à assistência à saúde. Do mesmo modo, assumem relevância ao propiciarem interação entre os componentes da equipe e por se constituírem em perspectivas de atuação profissional articulada (SANTOS et al., 2013).

Assim, para melhor dimensionar a intensidade das ações de ensino desenvolvidas no navio-hospital SS HOPE, no que toca à realização de Palestras, as fontes documentais possibilitaram a elaboração da Figura 7, mostrada a seguir:

Figura 7 – Palestras no navio-hospital HOPE e divulgação, Natal/RN, 1972

Programação/Palestrante	Jornal
Preparação de coroas dentárias Georgy Fraley (EUA/odontólogo) Elza Maria Gurgel (Brasil/odontóloga)	A República, 12.05.1972; p. 04.
Oxofalmia unilateral Camilo Taiara (EUA/oftalmologista) King (EUA/neurologista)	A República, 12.05.1972; p.04.
Doenças infecciosas comuns em Natal Sebastião Zuza Viana (Brasil/médico) Giselda Trigueiro (Brasil/médica) Michael Merson (EUA/médico)	Tribuna do Norte, 17.06.1972; p. 08.
Revisão de radiografias interessantes obtidas no período atual	Tribuna do Norte, 27.06.1972; p. 01.

Harold Thompkins (EUA/radiologista) Lyle Weed (EUA/patologista)	
Câncer de pálpebra Edward Falces (EUA/cirurgião plástico)	A República, 05.07.1972; p. 08.
Anemia apástica William Bauer (EUA/ intensivista) David McNutt (EUA/medicina interna)	Tribuna do Norte, 12.07.1972; p. 08.
Diabetes juvenil Carl Fischer (EUA/endocrinologista)	A República, 19.07.1972; p. 08.
Morbidez pós-operatória após histerectomia Joseph Cowgill (EUA/ginecologista)	Tribuna do Norte, 26.07.1972; p. 08.
Utilização da hipnose na Medicina Leide Moraes (UFRN/obstetra)	Tribuna do Norte, 23.08.1972; p. 08.
Tratamento cirúrgico de linfedema das extremidades inferiores Edward Falces (EUA/cirurgia plástica) Eduardo F. de Carvalho (Recife/PE/médico)	A República, 02.08.1972; p. 08.
Técnicas de enxerto de osso em cirurgia oral Edmund Parnes (EUA/odontólogo)	A República, 30.08.1972; p. 08.
Inserção artificial da articulação coxo-femural John Esslinger (EUA/ortopedista)	Tribuna do Norte, 06.09.1972; p. 08.
Uropatia obstrutiva, infecção e anemia multifatorial Robert K. Nixon (EUA/hematologista) David Mc Nutt (EUA/medicina interna) Robert Schneider (EUA/urologista) Russel Ludwick (EUA/radiologista) Alan Greene (EUA/radiologista)	A República, 13.09.1972; p. 07.
Empiema: uma emergência Stephen H. Gehlbach (pediatra) Francis M. Woods (cirurgião torácico)	Diário de Natal, 04.10.1972; p.08.
Insuficiência renal aguda Frnak Krumlovsky (EUA/nefrologista) Ingrid de Bainter (EUA/nefrologista)	Tribuna do Norte, 12.10.1972; p. 08.
Pneumonite com complicações Reuben Straus (patologista) Frederick Van Poznak (pediatra) George J. Schunk (pediatra)	Diário de Natal, 31.10.1972; p. 08.
Mastoidite com complicações Rubens Straus (patologista)	Diário de Natal, 14.11.1972; p.08.

James D. Appleton (otorrinolaringologista) Stephen D. Gehlbach (pediatra) William S. Weir (neurologista)	
Dois casos interessantes de clínica médico-cirúrgica Robert J. Shalhoub (EUA/medicina interna) David McNutt (EUA/medicina interna) Robert P. Bays (EUA/medicina interna) John H. Texter (EUA/urologista) Olin Keit Lepard (EUA/cirurgião) Vergon Gee (EUA/radiologista)	Tribuna do Norte, 21.11.1972; p. 08.
Dois casos interessantes de acalasia Willian Manwell (EUA/cirurgião) Ruben Strauss (EUA/patologista) Vernen Gee (EUA/radiologista)	A República, 28.11.1972; p. 01.

Fonte: Elaborado pelos autores, UFSC, Florianópolis/SC, 2015.

Esta Figura 7 apresenta, por ordem cronológica, a planificação concernente às Palestras organizadas pelo Projeto HOPE, durante a estadia do navio-hospital SS HOPE. Entende-se, pois, que as mesmas ocorreram, regularmente, em um período de sete meses, entre maio e novembro de 1972, dentro de uma frequência mínima de duas palestras mensais e que, predominantemente, abordavam temáticas médicas. Vale ressaltar que em nenhum dos cursos consta o nome de uma Enfermeira americana ministrando algum dos conteúdos, o que nos faz questionar os porquês disto. Estas não eram consideradas competentes para tanto? Sua atividade era considerada mais técnica e cumpridora de ordens, do que formadora de opiniões? Perguntas sem respostas aparentes ao longo das entrevistas e documentos.

Esse arranjo de programação de cursos, muito provavelmente, tenha causado descontentamento aos demais profissionais de saúde, inclusive, parece contraditório à finalidade do Projeto HOPE quanto à promoção do intercâmbio profissional.

Ainda sobre as atividades de ensino, cabe informar a realização de cursos como exposto na Figura 8, a seguir.

Figura 8 – Cursos realizados no navio-hospital HOPE, Natal/RN, 1972

Tema	Clientela	Jornal
Curso de Extensão em Neonatologia Prof. Heriberto Bezerra Dr. Alexander Randal Dr. Perlingiere Randal	Médicos de Pernambuco, Alagoas, Ceará e Paraíba	UFRN, Resolução CONSEPE nº 17, de 27.03.1972. A República, 29.03.1972; p.08.
Farmácia Hospitalar	Faculdade de Farmácia/UFRN e professores de Farmácia/UFPB	A República, 06.04.1972; p.03.
Odontopediatria e Prótese dentária Dr Roy Velling Dr Stepher Schenfield	Faculdade de Odontologia/UFRN	Tribuna do Norte, 14.04.1972; p. 08.
Curso de Anestesia Dr Theodoro C. Smith	Médicos e doutorandos de Medicina/UFRN, Recife e João Pessoa	Tribuna do Norte, 09.06.1072; p. 08.
Curso de Extensão em cirurgia pediátrica	Médicos e alunos de Medicina/UFRN	UFRN, Resolução CONSEPE nº 24, de 12.06.1972.
Curso de extensão em estado atual do tratamento de queimaduras	Professores e alunos de Medicina e profissionais de Enfermagem	A República, 25.06.1972; p. 01.
Curso de Fisioterapia Dra. Mary Theophane Mandragos (EUA/fisioterapeuta) Dra. Anita Lystad (EUA/fisioterapeuta)	Doutorandos de Medicina/UFRN	Tribuna do Norte, 05.07.1972; p. 08.
I Reunião de Hematologia Prof. Dalton Barbosa Cunha Dr. Robert Nixon (EUA/medicina interna) Prof. David R. Mc Nutt (EUA/medicina interna) Prof. Michel Jamra	Médicos e estudantes concluintes de Medicina da UFRN, Bahia, Alagoas, Ceará, Pernambuco e Paraíba	Diário de Natal, 07.10,1972; p. 05.
Curso de extensão em Atualização em Ginecologia	Médicos e estudantes de Medicina/UFRN	UFRN, Resolução CONSEPE nº 55, de 01.11.1972.

Fonte: Elaborado pelos autores, UFSC, Florianópolis/SC, 2015.

A Figura 8 diz respeito à realização de cursos pelo Projeto HOPE e, a exemplo da Figura 7, as atividades estão dispostas em ordem cronológica entre os meses de março a novembro de 1972. Muitas delas destinadas a profissionais e estudantes do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia; e algumas poucas voltadas às áreas de Farmácia e Odontologia.

Os dados contidos nas Figuras 7 e 8 fazem perceber quão intensos foram os momentos destinados ao ensino – palestras e cursos – desenvolvidos no decorrer da permanência do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972. Ao analisa-los, facilmente, conclui-se que tais programações foram pensadas e destinavam-se ao ensino e ao interesse médico.

Sobre essa constatação e, considerando-se que as atividades de ensino no navio-hospital SS HOPE eram abertas a profissionais de saúde e que obedeciam a um planejamento prévio, o material levantado leva a crer que houve desatenção, por parte da organização do Projeto HOPE e da UFRN, quanto à equipe de saúde.

Sobre isso, os benefícios do intercâmbio poderiam ter sido mais amplos ao prestigiar outros profissionais, com programação específica e planejada ou na perspectiva multidisciplinar, segundo a mesma lógica de participação, ou seja, divulgação via imprensa e aberta a profissionais potiguaras e de estados circunvizinhos.

No que concerne à Enfermagem, especificamente, não foi encontrado nenhum registro de palestra ou curso específico, assim como não foi verificada a inclusão de enfermeiras – norte-americanas ou brasileiras – como palestrantes ou responsáveis por cursos. Cabe ressaltar que as palestras foram desenvolvidas no prazo de 7 meses – maio a novembro – e o cursos ministrados durante 9 meses – março a novembro –, ou seja, dispôs-se de tempo suficiente para pensar em outras programações.

Apesar disso, a vinda do navio-hospital SS HOPE a Natal/RN, além de cumprir atividades pedagógicas, foi a ocasião de aproximar povos e culturas distintas através do intercâmbio profissional aplicado à saúde. Esse episódio de interação propiciou aos profissionais – norte-americanos e brasileiros – trocar conhecimento e experiências, mutuamente, bem como possibilitou a aprendizagem de outro idioma.

Quanto ao ensino no navio-hospital SS HOPE, viu-se a disponibilidade de recursos didático-pedagógicos necessários ao cumprimento da programação do ensino em saúde desenvolvida, conjuntamente, entre brasileiros e americanos; a existência de

laboratório para as aulas práticas; o emprego de recursos audiovisuais; e a utilização de manequins anatômicos.

Inovações apresentadas pelo Projeto HOPE

Por inovação entende-se novidade e, quanto à passagem do navio-hospital SS HOPE por Natal, essa oportunidade favoreceu a apresentação de algumas inovações na sequência relatadas.

Os descartáveis foram uma grande inovação, à época [...] os americanos demonstravam cálculos dos gastos com o reprocessamento de materiais, despesas com energia, riscos de acidentes e de contaminação [...] essa consciência, já naquele tempo [...] apesar dos pontos favoráveis, nossa condição era outra (MOURA).

Inédito, no estado, foi a utilização do grampeador cirúrgico (surgical stapler) em uma gastrectomia [...] era um instrumento metálico, recarregável, semelhante a um cabo de revolver [...] recordei também de uma nova técnica de enxertia óssea aplicada a um garoto no Hospital Infantil Varela Santiago (SOARES).

Eles tinham por rotina utilizar fitas testes para comprovar a realização dos ciclos das autoclaves e estufas e, periodicamente, realizavam testes biológicos [...] como instrumentadora, participei do primeiro transplante de córneas feito no estado [...] lembro, também, das roupas descartáveis do Centro Cirúrgico e dos campos cirúrgicos aderidos à pele (ARAÚJO SILVA).

Naquele tempo, os americanos já usavam jelco para as venopunções, polifix para infusão de soluções e cateter para veias subclávias [...] as luvas descartáveis eram fartas e de boa qualidade [...] quase todo material era descartável (COSTA).

Foram realizadas as primeiras cirurgias de catarata e transplante de córneas do Rio Grande do Norte [...] em situações de novas técnicas

cirúrgicas, primeiro eles demonstravam e depois nós executávamos também [...] eles usaram e abusaram dos grampeadores cirúrgicos (surgical stapler), para nós cirurgiões, uma grande novidade [...] eles tinham técnicas de abordagens aos pacientes e de registros, tudo isso foi repassado para a gente [...] os materiais descartáveis eram uma maravilha (SILVA JÚNIOR).

A assistência à saúde e o intercâmbio profissional promovido pelo navio-hospital SS HOPE possibilitou o acesso às inovações, como disseram os colaboradores, com especial destaque, à época, aos insumos descartáveis – luvas, jelcos, polifix, cateter para punção da veia subclávia, campos cirúrgicos – por sua abundância e qualidade. Constam também como inovação o uso de grampeadores cirúrgicos (*surgical stapler*) para cirurgias do aparelho digestivo e a prática da enxertia óssea. Igualmente inovadoras foram as realizações, rotineiras e sistemáticas, de testes biológicos para a checagem do processo de esterilização de estufas e autoclaves.

Sobre as inovações do Projeto HOPE, assim a imprensa local destacou...

[...] mais dois transplantes de córnea foram realizados pelo médico oftalmologista Camilo Taiara a bordo do navio-hospital. Ambas operações realizadas, uma no dia 10 e outra no dia 11, com duração de duas horas cada uma, foram assistidas pelos médicos natalenses José Anchieta, Manoel Teixeira, Marcos Fulco e Luiz Gonzaga Monte (MÉDICOS..., 1972, p. 8).

Higiene absoluta é uma das características do HOPE [...] um simples exame de sangue parece um cerimonial [...] tudo é rigorosamente esterilizado e o lixo recolhido em sacos plásticos que vão para o DLP da Prefeitura ou são incinerados no próprio navio (HOPE..., 1972a).

Os textos jornalísticos dão conta do quanto a área de saúde pôde se beneficiar com o avanço tecnológico. Embora essa realidade seja inegável, no que se refere ao trabalho da Enfermagem, além dos saberes tecnológicos e da utilização de equipamentos, tornam-se

imprescindíveis a prestação da assistência de qualidade, o estabelecimento de processos de acolhimento, a produção do vínculo e de encontro das subjetividades do usuário, respeitando-o como ser humano, cidadão, com direitos e garantias (KOERICH et al., 2006).

A tecnologia tem impactado o cotidiano da humanidade e todas as áreas do conhecimento. Especificamente, em relação à Enfermagem, apesar de não se opor ao toque humano, o emprego das tecnologias requer constantes reflexões, visto que sua utilização está associada ao discurso do cuidado eficaz, seguro e tem postulado seus profissionais a um contexto de avanços, requerendo, pois, qualificação e aperfeiçoamento da prática (PEREIRA et al., 2012).

Essa realidade assistencial, completamente oposta à do RN, também pode ser compreendida como sendo uma das finalidades do intercâmbio técnico-profissional decorrente da estadia do navio-hospital SS HOPE. Esses acontecimentos assumem relevância ao favorecerem aos seus profissionais manter contatos com novas tecnologias, a troca de conhecimentos, assim como a vivência das rotinas de um outro serviço de saúde. Nesse caso, para os profissionais norte-americanos e potiguarês, foi a oportunidade de conhecer outras realidades de trabalho e de prestação de serviços.

OS DESDOBRAMENTOS DA PASSAGEM DO NAVIO-HOSPITAL SS HOPE POR NATAL

O navio-hospital SS HOPE, a serviço do Projeto HOPE, permaneceu em Natal/RN, no ano de 1972, dedicando-se às ações assistenciais e de educação em saúde em instituições de saúde, ensinando e aprendendo, bem como aproximando profissionais e pessoas. Dessa sua atuação, a seguir serão elencados seus benefícios, doações de equipamentos e materiais e aprimoramento profissional para além das terras potiguarês.

O legado do Projeto HOPE

Na visão dos colaboradores brasileiros a herança deixada pelo Projeto HOPE está relacionada a...

[...] vinda do navio HOPE nossas rotinas e protocolos de serviços foram aperfeiçoados [...] aprimoramos o manejo dos materiais esterilizados (bandejas, gazes, LAPs, compressas)

[...] no Hospital Universitário, foram acrescentados novos impressos aos prontuários [...] o Serviço Social ganhou importância na internação dos pacientes e para os contatos com os familiares (ARAÚJO SILVA).

[...] uma experiência, totalmente, válida para a Medicina, Enfermagem e Odontologia do Rio Grande do Norte [...] lembro dos novos protocolos em relação à admissão de doentes, controle de infecção hospitalar, novas diretrizes, técnicas e materiais [...] a cirurgia plástica encontrou um campo aberto e necessitado [...] foram realizadas muitas cirurgias de lábio leporino, fenda palatina e de contraturas causadas por hanseníase [...] os procedimentos foram realizados no sistema de contrapartes, com o Dr. Chisholm, no Hospital Infantil Varela Santiago, e com o Dr. Edward Falces, no Hospital Colônia São Francisco de Assis (SOARES).

[...] crença de que a UFRN, detentora de uma elite intelectual, foi a instituição que mais se beneficiou com o Projeto HOPE, através das palestras, cursos e do convívio com técnicos mais experientes e com conhecimentos mais avançados [...] a Secretaria Estadual de Saúde também se favoreceu com cursos e com a participação conjunta em projetos de educação sanitária e programas de vacinação infantil (BARROS).

[...] experiência do navio-hospital HOPE e seu intercâmbio impulsionou a UFRN e alguns serviços de saúde [...] foi um despertar para o RN e para o Nordeste, pode-se dizer [...] apresentou uma nova mentalidade de assistência à saúde, mostrando a realidade de um país desenvolvido (LEITE).

[...] vinda de profissionais com experiência no ensino superior [...] no Curso de Odontologia/UFRN contribuíram como professores das disciplinas de Odontopediatria, Cirurgia, Patologia Oral, Odontologia Social e

como preceptores na Clínica Integrada/UFRN e no navio-hospital (ALBUQUERQUE).

Os relatos possibilitam compreender a experiência do Projeto HOPE, em Natal, de forma positiva, e que, muito provavelmente, esteja associada ao trabalho desenvolvido entre pares. Sobre o legado, é possível compreendê-lo a partir da prestação da assistência e ao serviço, como também ao ensino em saúde.

Quanto às atividades relacionadas à assistência e ao serviço, viu-se que seus profissionais favoreceram a revisão e implementação de rotinas (curativos; esterilização de matérias; elaboração de bandejas; LAPs; processamento de gazes e compressas), protocolos (normas para o controle de infecção hospitalar; novos impressos para os prontuários; valorização do Serviço Social) e técnicas (cirurgias de lábio leporino; fenda palatina; tratamento cirúrgico para os casos de hanseníase). Cabe ressaltar que as ações de assistência à saúde do Projeto HOPE não se restringiram ao navio-hospital e ao Hospital Universitário.

Todas essas atividades devem ser compreendidas sob a perspectiva do ensino em saúde, cujos objetivos são as melhorias na prestação da assistência e no funcionamento do serviço. Apesar disso, o Projeto HOPE, sistematicamente, desenvolveu palestras e ministrou cursos aos profissionais de saúde do RN e de estados próximos. Dessa forma, os relatos dão conta da amplitude das ações do Projeto HOPE e que seu legado não se restringiu à UFRN.

Esse legado técnico-profissional e cultural foi garantido pela permanência do navio-hospital SS HOPE, em Natal, por 10 meses, que tinha por rotina a realização de rodízios de suas equipes profissionais. Acerca disso, o material consultado proporcionou a elaboração da Figura 9, a seguir apresentada:

Figura 9 – Fluxo de profissionais norte-americanos e período de permanência no navio-hospital HOPE, Natal/RN, 1972

Equipe	Permanência	Nº de profissionais	Jornal
1ª	16.02 a 13.04.1972	30 (médicos e dentistas)	Tribuna do Norte, 17.02.1972; p. 08.
2ª	13.04 a 16.06.1972	28 médicos + 03 dentistas + 01 padre + 01 pastor	A República, 04.04.1972; p. 01.
3ª	16.06 a 13.08.1972	32 médicos + 03 dentistas + 01 padre + 01 pastor	Tribuna do Norte 15.06.1972; p. 8.

4ª	13.08 15.10.1972	a	19 médicos + 02 dentistas	A República, 10.08.1972; p. 08.
5ª	13.10 06.12.1972	a	30 médicos + 02 dentistas + 01 padre + 02 pastores	Tribuna do Norte, 14.10.1972; p. 01.

Fonte: Elaborado pelos autores, UFSC, Florianópolis/SC, 2015.

Sobre a vinda de outros profissionais, assim informou uma colaboradora...

[...] o navio-hospital SS HOPE trazia umas 300 pessoas entre tripulação e profissionais de saúde, inclusive as enfermeiras [...] comigo, vieram umas 30-40 colegas enfermeiras [...] todas enfermeiras nível superior [...] a viagem dos Estados Unidos para o Brasil durou uns 15 dias [...] embora o trabalho fosse voluntário, esse pessoal era contratado pela temporada do cruzeiro [...] nós, enfermeiras, ganhávamos U\$ 300/mês como gratificação [...] os dentistas, médicos, padres e pastores não recebiam nada, viajavam de avião, faziam rodízio a cada 2 meses e sempre chegavam depois que o navio aportava (CAMPOS).

Admitindo-se que o legado do Projeto HOPE resultou da interação profissional de saúde para norte-americanos, potiguares e nordestinos, a partir do sistema de trabalho em contrapartes, ao observar a Figura 9, torna-se possível entender como se processou o intercâmbio. Nele foram considerados o número de equipes, suas permanências, os profissionais e o jornal que noticiou.

Assim, durante a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal, foram realizados cinco rodízios de equipes em um prazo médio de 60 dias cada. Elas eram compostas por odontólogos, religiosos e, em sua maioria, por profissionais médicos. Importa dizer, conforme noticiou a imprensa local, que o Dr. William B. Walsh – fundador e presidente do Projeto HOPE – se fez presente em todos esses momentos, que o traslado dessas equipes era realizado por via aérea, assim como o reforço do trabalho voluntariado do Projeto HOPE.

Quanto ao acesso aos serviços do navio-hospital SS HOPE...

Ninguém será atendido no navio-hospital sem que antes tenha sido submetido a uma triagem pela equipe médica do Grupo Operacional da Área

Médica (GOAM) [...] funcionará no Hospital Universitário, selecionando os pacientes que deverão se submeter a operações ou tratamentos prolongados nas clínicas do HOPE (SÔ GOAM..., 1972, p. 8).

Vale frisar que os casos triados pelo GOAM poderiam ser encaminhados para o navio-hospital ou, simplesmente, para o Hospital Universitário, mas que, em ambos destinos, as intervenções cirúrgicas ou tratamentos clínicos estariam, necessariamente, sujeitos à prática dos cuidados no sistema de contrapartes. Dessa temporada de 10 meses, resultaram os seguintes números...

[...] em Natal, o HOPE realizou 1.307 cirurgias, num total de 1.805 horas, tendo a operação mais demorada durado 11 horas, além de mais de 21 mil tratamentos em enfermarias, 6.097 atendimentos (consultas) dentro do navio-hospital e 2.500 nos hospitais e postos de saúde da cidade [...] diariamente, 250 brasileiros frequentavam o HOPE, entre médicos, professores, estudantes, enfermeiras e voluntários (EM 10 MESES..., 1972, p. 8).

Esses resultados foram determinantes para o retorno do navio-hospital SS HOPE, ao Brasil, no ano seguinte, à cidade de Maceió/AL. Sobre isso, seguem trechos da entrevista concedida por Willian B. Walsh, à imprensa local...

[...] o Rio Grande do Norte é o responsável pela permanência do navio-hospital HOPE, por mais um ano no Brasil. Este foi o principal tema da audiência que mantive com o Presidente Médici, semana passada em Brasília [...] ainda com o Presidente Médici, expressei minha satisfação, com o programa em Natal, tendo em vista que durante 12 anos de atividade, esta tem sido a viagem mais bem sucedida, principalmente pelo entusiasmo e recepção que tivemos do povo potiguar e das autoridades governamentais. Este entusiasmo foi tão grande que decidimos permanecer por mais um ano no mesmo país, o

que permite a nossa ida ao porto de Maceió/AL (ATUAÇÃO..., 1972, p. 8).

Estes elementos facilitam a compreensão de como se estruturou a parceria para a prestação de serviço entre o navio-hospital SS HOPE e o Hospital Universitário. Para tal foi organizado o GOAM, nas dependências do Hospital Universitário, cuja função era triar os casos, de acordo os princípios do trabalho entre pares, e encaminhá-los para o tratamento – clínico ou cirúrgico – no navio-hospital ou no próprio hospital.

Dessa parceria resultaram dados estatísticos surpreendentes, atribuídos pelo presidente do Projeto HOPE ao entusiasmo e recepção do povo potiguar, que contribuíram para o retorno do navio-hospital SS HOPE, no ano seguinte, a Maceió/AL, acontecimento, até então, inédito em sua história.

Os donativos do Projeto HOPE

Antes da sua partida, o navio-hospital SS HOPE realizou doações às instituições de saúde e à própria UFRN, como asseguraram alguns colaboradores. A respeito disso, leiam-se os seguintes depoimentos:

Lembro de dois consultórios odontológicos doados pelo HOPE [...] ambos instalados na Escola Guararapes (ALBUQUERQUE).

Dispus, para trabalhar com os alunos do Departamento de Enfermagem/UFRN, de vídeos educativos doados pelo Projeto HOPE [...] nos estágios da disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica, tive acesso a swabs, caixas de lenço, instrumentais cirúrgicos, aventais, campos cirúrgicos, tesouras, pulseiras de identificação, todos deixados pelo navio (MORAIS VIEIRA).

Doaram muito material à UFRN [...] na UTI do Hospital Universitário, recebemos material suficiente para montarmos quatro leitos completos de UTI [...] todos com monitor, aspirador e ventilador Bird Mark 7 (COSTA).

Os americanos doaram grande quantidade de material para o Hospital Universitário, Maternidade-Escola e para o CRUTAC (SILVA JÚNIOR).

A respeito disso, assim publicou um jornal local em duas ocasiões...

[...] no Hospital das Clínicas (atual Hospital Universitário Onofre Lopes) [...] inauguração, hoje, às 10 horas, a primeira “Unidade de Terapia Intensiva” dotada de quatro leitos [...] os médicos Marcelo Carvalho, Sidney Gurgel, Luís Gonzaga Bulhões, Jairo dos Santos Leite, Airton Wanderley, Ovídio Fernandes, Dagmar Olímpio Mais e as enfermeiras Guiomar Pereira Barreto e Sandy Wisner, do navio HOPE, elaboraram todo o planejamento de atendimentos (TRIBUNA DO NORTE, 27.06.1972; p. 08).

[...] o Bispo Auxiliar, Dom Antônio Soares Costa, oficiou a cerimônia alusiva ao ato e cortou a fita simbólica da Unidade de Terapia Intensiva [...] a mãe da enfermeira americana Sandy Wisner, do HOPE, fez a doação de um respirador artificial para a UTI do Hospital das Clínicas (atual Hospital Universitário Onofre Lopes) [...] Sandy Wisner treinou a equipe de enfermagem natalenses que trabalhará naquela unidade de terapia especializada [...] a UTI tem quatro leitos equipados com cardioscópio e osciloscópio, aparelhos eletrônicos para medição de eletrocardiograma do paciente (AJUDA..., 1972, p. 8).

A cooperação internacional, apesar das motivações financeiras, é vista como uma possibilidade para a realização de trocas entre países, podendo ocorrer através de concessão de bolsas, promoção de estágios, estabelecimento de convênios, realização de pesquisas, doações, entre outros. Por isso, estas ações são vistas como essenciais à promoção do desenvolvimento (LOYOLA; CORREA; GUIMARAES, 2010).

Apesar de necessários, esses atos – ajuda humanitária e assistência ao desenvolvimento – não podem ser vistos como ingênuos

ou despreziosos, pois podem se constituir em uma estratégia de gestão de poder através de manobras financeiras e políticas, com a finalidade de assegurar a hegemonia do país doador. Nessas circunstâncias, as doações podem garantir o prestígio e poder dos países doadores sobre os receptores (SILVA, 2008).

Perante essa perspectiva, ao analisar a conjuntura do Brasil e, em especial, a do RN da época da estadia do navio-hospital SS HOPE, compreende-se as ações de ajuda humanitária a países em desenvolvimento do Projeto HOPE, assim como o seu retorno, pela segunda vez, ao mesmo país. A Guerra Fria e a Revolução Cubana eram realidades e aos Estados Unidos e a URSS impunham ao mundo as tensões de suas lutas pela hegemonia global.

O Projeto HOPE para além das fronteiras potiguares

Os depoimentos a seguir ilustram o alcance da atuação do Projeto HOPE e, conforme foi registrado, viu-se que ultrapassou os limites potiguares, o que, muito provavelmente, tenha contribuído para o retorno do navio-hospital SS HOPE, ao Brasil, no ano seguinte.

Vieram para cá os profissionais de saúde de estados vizinhos que se interessaram [...] a participação foi fácil, aberta e voluntária [...] a articulação para ter acesso às atividades do Projeto HOPE era feita entre colegas da mesma especialidade [...] esse intercâmbio foi extremamente significativo para todos nós [...] de Alagoas, veio o Dr. Úlpio Paulo Miranda e que dessa sua aproximação fluíram negociações que terminaram por levar o Projeto HOPE, para Maceió, no ano seguinte à passagem por Natal (SOARES).

Muitos foram os benefícios do Projeto HOPE [...] a participação não ficou restrita aos profissionais de saúde do Rio Grande do Norte [...] quem se interessou foi aceito, sem nenhuma dificuldade ou problema [...] estiveram em Natal, profissionais de Fortaleza, João Pessoa, Recife, Salvador e Maceió [...] os norte-americanos deram acesso a técnicas e ensinamentos valiosos (SILVA JÚNIOR).

Eu fiquei no mesmo alojamento com um pessoal de Recife [...] lembro de uma freira baiana [...] no navio havia enfermeiras de outros estados do Nordeste, nós, da Escola de Enfermeiras de Mossoró, e alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (PINTO).

De acordo com os relatos, o intercâmbio oportunizado pelo Projeto HOPE foi extremamente significativo e que não se restringiu aos profissionais do RN. Segundo os colaboradores, os contatos eram estabelecidos entre colegas da mesma especialidade e o acesso às atividades do navio-hospital SS HOPE era fácil e espontâneo. Eles afirmaram aqui estiveram profissionais de saúde de outros estados do Nordeste, com especial participação dos cearenses, paraibanos, pernambucanos, baianos e alagoanos. As falas também registram a presença de profissionais e estudantes de Enfermagem – de Natal, Mossoró e Bahia – utilizando os serviços do navio-hospital como campo de estágio.

Tais relatos corroboram com as informações dispostas nas Figuras 7 e 8, que tratam sobre as palestras e cursos realizados pelo Projeto HOPE destinados a profissionais e estudantes da área de saúde, abertos a interessados de outros estados.

Opinião sobre o Projeto HOPE

Participaram desse intercâmbio, estruturado no sistema de contrapartes, profissionais de saúde vinculados às Secretarias de Saúde Municipal e Estadual, como professores e funcionários da UFRN, além de profissionais de estados circunvizinhos. A seguir, apoiadas nas particularidades de cada experiência, algumas opiniões a respeito do Projeto HOPE.

No tempo do navio-hospital HOPE, seus profissionais tiveram uma participação muito grande junto à universidade [...] treinamentos de professores e estágios para estudantes de medicina, odontologia e de enfermagem [...] obviamente novas técnicas foram desenvolvidas e aprendidas [...] eles contribuíram com o ensino da universidade [...] é bom lembrar que algumas pessoas foram para os EUA por causa do HOPE

[...] o HOPE abriu o caminho para outras atividades (ANDRADE).

Houve uma integração muito forte entre o Projeto HOPE e a UFRN com o intercâmbio entre seus profissionais e na prestação de serviços [...] permitiu uma qualificação melhor do pessoal da área de saúde através da aplicação tecnologias e realização de procedimentos desconhecidos à área de saúde [...] considero que sua vinda trouxe enormes benefícios para o estado (RAMOS).

O Projeto HOPE foi um acontecimento muito bom para o RN [...] tratou de gente que não tinha condições de sair de Natal para outros centros [...] trouxe novos ensinamentos e favoreceu muitas mudanças no Hospital Universitário (COSTA).

Pode ser considerado, para a Medicina do RN, um divisor de águas [...] um programa de ensino em saúde com profundidade, realizado em sistema de contrapartes [...] tivemos acesso às técnicas e ensinamentos valiosos de forma harmoniosa [...] foi um choque enriquecedor entre duas culturas (SILVA JÚNIOR).

Um gesto bonito, a ação humanitária do Projeto HOPE [...] oportunidade de conhecer uma Enfermagem mais qualificada [...] trouxe novas tecnologias, novos conhecimentos e novas práticas, mas também adquiriu nossos conhecimentos [...] mesmo assim, as coisas me pareceram pouco amarradas [...] não fui recebida nem orientada por nenhuma enfermeira ao chegar no navio, tão pouco fui apresentada à enfermeira responsável pelo Serviço de Enfermagem [...] comecei observando e, aos poucos, fui me envolvendo com o serviço [...] elas não faziam nenhuma distinção entre nós, brasileiras, tanto fazia ser professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem, enfermeira do Hospital Universitário, auxiliar ou atendente de Enfermagem [...] não sei se não entendiam os nossos diferentes níveis ou se não quiseram

considerar [...] nesse tempo, ainda não tínhamos a Graduação de Enfermagem, mas existia, há décadas, uma Escola de Auxiliares de Enfermagem com um corpo de professoras enfermeiras [...] desconheço preparativos prévios, direcionados à Enfermagem, para receber o Projeto HOPE, em Natal (GERMANO).

Afora os recursos abundantes, não vi nada de diferente do que praticávamos no Hospital Universitário [...] não me apresentaram nada de novo, uma nova técnica, muito menos fui apresentada à chefe das enfermeiras [...] reconheço a importância da assistência aos pacientes e não me nego a prestá-la, mas fiquei fazendo medicações, cuidados e verificando sinais vitais [...] eu pensava que ia ao navio realizar um aperfeiçoamento [...] não conheci nenhuma ação privativa de enfermeiras, tipo: supervisão da assistência, rotinas, protocolos, escala de funcionários, organização do setor [...] cumpri meu horário e não quis nenhum outro envolvimento com as enfermeiras do navio HOPE (BARBOSA DE OLIVEIRA).

Trabalhavam com dinamismo, métodos e rotinas, tudo bem determinado [...] as colegas enfermeiras, apesar das barreiras entre os idiomas, eram atenciosas e queriam conhecer nossos serviços, nossa maneira de trabalhar e nossas habilidades, inclusive nossos improvisos (risos) [...] não estou desmerecendo, mas nossa maneira de conduzir o paciente era mais gentil, atenciosa e carinhosa [...] a parte científica das colegas enfermeiras era muito forte, mas, ainda hoje, tenho certeza que a nossa Enfermagem é mais humana (BARRETO).

Lamento não termos sido preparadas para receber o HOPE [...] o idioma causou dificuldades [...] no Centro Cirúrgico, participei de muitas cirurgias, às vezes, sem condições de me afastar para ir ao banheiro, beber água ou me alimentar [...] meu sentimento foi de perda de tempo [...] não houve momentos para discutir

processo de esterilizações, cuidados com os pacientes cirúrgicos, projetos, protocolos, troca de experiências e de conhecimento [...] cumpri, por dois meses, a escala determinada e só [...] sem dúvidas, as colegas americanas eram bem preparadas e sabiam que havia enfermeiras em Natal, mas desconsideraram, talvez porque fossemos subdesenvolvidas (VILA NOVA).

De um modo geral, as opiniões sobre o Projeto HOPE, em Natal/RN, são positivas. Nelas são valorizados o dinamismo das atividades, o embasamento científico dos profissionais, as boas condições de trabalho, a abundância de recursos e o bom relacionamento entre as contrapartes. As opiniões assumem relevância ao possibilitarem visões particulares acerca da vivência individual de diferentes profissionais, por sua vez, com distintas inserções no Projeto HOPE. Apesar disso, no que se refere aos profissionais norte-americanos, parece unânime que seus profissionais gozavam de prestígio e de reconhecimento.

Especificamente sobre as enfermeiras norte-americanas, apesar das barreiras idiomáticas, elas são lembradas como gentis, atenciosas, esforçadas e habilidosas. Todavia, nos relatos parece haver ressentimentos de que esse intercâmbio poderia ter sido mais proveitoso se tivesse havido momentos, afora os destinados à assistência, para tratar de assuntos privativos das enfermeiras, tipo: discussão de protocolos e rotinas; escalas e supervisão de setores; processos de Enfermagem; planos de cuidados; e elaboração de projetos.

Provavelmente, as enfermeiras potiguares, focadas no contexto dos Estados Unidos, esperavam da enfermagem do navio-hospital SS HOPE, através do desenvolvimento de atividades no sistema de contrapartes, a oportunidade de adquirirem novos conhecimentos e de verem, *in loco*, uma prática assistencial sistematizada, visto que o referido país é considerado o berço das Teorias de Enfermagem.

Outras opiniões parecem incomodadas quanto ao desconhecimento ou desconsideração, por parte da Enfermagem norte-americana, da existência de diferentes níveis de formação/atuação na Enfermagem brasileira. Sobre isso, apesar de Natal ainda não dispor do ensino de graduação em Enfermagem, mas tomando como referência o Hospital Universitário Onofre Lopes, a Maternidade Escola Januário Cicco, a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e os serviços de saúde – estaduais e municipais – todos com enfermeiras graduadas em

seus quadros funcionais, deduz-se que as mesmas ansiavam por uma programação específica que fizesse juz ao propósito do intercâmbio profissional anunciado pelo Projeto HOPE.

Acerca das ações do Projeto HOPE, as opiniões fazem crer que eram bem estruturadas e que foram desenvolvidas, simultaneamente, em várias frentes: intercâmbio profissional; apresentação de novas tecnologias; contribuições para o ensino-serviço, com relevo à UFRN; e na prestação de serviços à população no navio e nos serviços de saúde.

Figura 10 – Partida do navio-hospital SS HOPE, Natal/RN, 6 de dezembro de 1972



Fonte: Acervo do Jornal Tribuna do Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, torna-se relevante reafirmar que sua finalidade foi analisar a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972, considerando-se suas estratégias e seus desdobramentos. Para isso, foram realizadas buscas por material empírico em serviços de arquivos e consultas a relatórios, legislação, livros, jornais, produções acadêmicas, entre outros, a partir dos quais tornou-se possível alçar materiais suficientes que dessem entendimento e possibilitassem reorganizar os acontecimentos, para então registrar parte dessa história. Igualmente imprescindível à sua realização foi a colaboração voluntária de 21 (vinte e um) personagens que vivenciaram essa história.

Quanto ao navio-hospital SS HOPE, popularmente conhecido como Navio Esperança, ficou esclarecido que o mesmo resultou da readaptação do navio de guerra norte-americano SS Consolation e que funcionou em caráter de cessão à *People to People Foundation*, no período 1960-73. Sua existência é, pois, marcada pela realização de cruzeiros a países em desenvolvimento com a finalidade “despretensiosa” de levar ajuda humanitária e conhecimentos técnicos a profissionais da área de saúde, em tempos de Guerra Fria. Cabe realçar que o Brasil consta como sendo o único país no qual este Projeto esteve duas vezes, a saber: Natal (1972) e Maceió (1973).

Apesar das primeiras aproximações com o Projeto HOPE serem imprecisas, sua vinda e permanência em Natal, por 10 meses – fevereiro a dezembro – decorre de iniciativas assumidas, inicialmente, entre o governo do estado, através das Secretarias Estaduais de Saúde e Planejamento, junto à UFRN. Assim como, posteriormente, de articulações entre ministérios, repartições públicas e órgãos estaduais. Foi, portanto, necessário reunir esforços e atender solicitações em um cenário de descrença, obstáculos, limitações de recursos e pouca divulgação à sua efetivação.

Importa dizer que as ações assistenciais do Projeto HOPE resultaram em elevados índices estatísticos e que dizem respeito à atuação conjunta entre profissionais brasileiros e norte-americanos, no sistema conhecido por contrapartes. Sua realização deve ser vista como um evento que mobilizou toda a sociedade potiguar no que se refere a aspectos relacionados à saúde, ao trabalho em saúde e à ampliação das vias de promoção à saúde da população. Destacou-se também como oportunidade de aprimoramento profissional, cumprindo uma ampla e intensa programação de palestras e cursos direcionada, quase que exclusivamente, aos profissionais e estudantes de Medicina do RN e estados circunvizinhos. Quanto a isso, as enfermeiras potiguares se ressentem da falta de espaços e oportunidades para discutir questões relacionadas à profissão, como: supervisão da assistência, rotinas, projetos, protocolos, escala de funcionários, técnicas, organização do setor, etc.

Viu-se que os recursos eram abundantes no navio-hospital e que esse convívio com norte-americanos deu acesso aos profissionais brasileiros a inovações como materiais descartáveis, novas técnicas cirúrgicas, prática sistemática de testes de esterilização, sem desmerecer a oportunidade de aprender outro idioma. Sobre estes recursos interessa dizer que Projeto HOPE realizou doações aos serviços de saúde de Natal e à UFRN, com destaque, de acordo a imprensa, à aparelhagem da

Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Universitário, primeira do estado.

Ademais, os relatos parecem unânimes quanto ao relacionamento cordial entre brasileiros e norte-americanos e que estes são reconhecidos pelo domínio do conhecimento científico e pelas competências técnicas. Por outro lado, nossa assistência à saúde, apesar de limitada em recursos, é apontada como mais humanizada. Igualmente importante é o sentimento de que os profissionais do navio-hospital aprenderam nossos conhecimentos e habilidades, deixando transparecer o êxito do intercâmbio.

Por fim, vale ressaltar que o desenvolvimento desta pesquisa requereu vencer obstáculos quanto às condições de acesso ao material empírico, pois muitas instituições, provavelmente, por questões financeiras, estruturais e de pessoal, não mantêm seus acervos em condições adequadas à realização de pesquisas históricas. Espera-se, mesmo assim, que estas dificuldades se convertam em estímulos à realização de outros estudos que venham a contribuir para o conhecimento da história das profissões da área de saúde, do estado e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

ADEUS ao HOPE. **A República**, Natal, p. 1, 7 dez. 1972.

AJUDA do HOPE ressaltada na inauguração da UTI. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 28 jun. 1972.

AROSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ATUAÇÃO do HOPE faz navio permanecer mais um ano no Brasil. **A República**, Natal, p. 8, 15 jul. 1972.

BARNES, R. W. The hospital ship HOPE. **Med Arts Sci.**, Los Angeles, v. 23, n. 3, p. 41-43, 1969.

BRASIL. Ato Institucional nº 3, de 5 de fevereiro de 1966. Fixa datas para as eleições de 1966, dispõe sobre as eleições indiretas e nomeação de Prefeitos das Capitais dos Estados e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 1966. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoins/1960->

1969/atoinstitucional-3-5-fevereiro-1966-363627-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 jul. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisas. Resolução n.º466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013

CUETO, Marcos. La "cultura de la sobrevivencia" y la salud pública internacional en América Latina: la Guerra Fría y la erradicación de enfermedades a mediados del siglo XX. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 255-273, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000100255&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 out. 2015.

DAVIS, R. W. The HOPE ship. **Association of Perioperative Registered Nurses Journal**, Colorado, EUA, p. 65-68, 1968.

EM 10 MESES HOPE realizou quase 10 mil atendimentos. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 6 dez. 1972.

HOPE não polui as águas do Potengi. **Tribuna do Norte**, Natal, p.8, 14 jul. 1972a.

HOPE prepara-se para deixar Natal. **O Poti**, Natal, p. 5, 12 nov. 1972b.

HOSPITAL das Clínicas ganha Unidade de Terapia Intensiva. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 27 jun. 1972.

JACONDINO, C. B. et al. Educação em serviço: qualificação da equipe de enfermagem para o tratamento de feridas. **Cogitare Enferm.**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 314-318, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/17867>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

KOERICH, M. S. et al. Tecnologias de cuidado em saúde e enfermagem e suas perspectivas filosóficas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis,

v. 15, n. esp., p. 178-185, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15nspe/v15nspea22>>. Acesso em: 29 ago. 2105.

LA XI CAMPAÑA contra el hambre presta su apyo a obras misionales y asistenciales en los cinco continentes. **ABC de Madrid**, Madrid, ES, 08 ene 1970.

LOYOLA, M. A.; CORREA, M. A. D. V.; GUIMARAES, E. R. D. B. Cooperação internacional na área da Saúde Coletiva: propostas para um debate. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2007-2020, jul. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2015.

MALISKA, I. C. A. et al. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da Idade Contemporânea: a revolução tecnológica (1990-2008). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2015. p. 335-377.

MÉDICOS do HOPE realizaram no transplante de córnea. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 12 maio 1972.

MEIHY, J. C. S.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011

NAVIO HOPE hoje é esperança, mas também foi Consolação. **Tribuna do Norte**, Natal, 18 fev. 1972.

PASSOS, Juliana. “Operação Aliança”: entre a Operação Pan-Americana e a Aliança para o Progresso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009. 1 CD-ROM.

PEAKE, J. B. The Project HOPE and USNS Mercy Tsunami Experiment. **Military Medicine**, Bethesda, USA, v. 10, n. 27, p. 27-29, 2006.

PEREIRA, C. D. F. D. et al. Tecnologias em Enfermagem e o impacto na prática assistencial. **R-BITS**, Natal, v. 2, n. 4. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufm.br/reb/article/view/3331/2727>>. Acesso em: 5 set. 2015.

PEREIRA, H. A. A. R. Os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. 1 CD-ROM.

“PROJETO HOPE” vai embora: faltou interesse da UFRN. **Dois pontos**, Natal, 11 jul. 1985.

RIBEIRO, R. A. A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 30, p. 151-175, 2006.

RIO GRANDE DO NORTE. Convênio que entre si celebram a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, a Secretaria de Estado da Saúde Pública e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a criação das condições necessárias ao desenvolvimento do Projeto HOPE. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 2, 9 out. 1971.

_____. “HOPE” chega a Natal na quarta-feira de cinzas. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 8 fev. 1972a.

_____. HOPE chegou e recebeu as boas vindas de milhares de natalenses. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 17 fev. 1972b.

SANTOS, José Luís Guedes dos et al. Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado em enfermagem e saúde: revisão integrativa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 2, p. 257-263, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 set. 2015.

SANTOS, R. M.; LIRA, Y. C. M. S; NASCIMENTO, R. F. **O Navio HOPE**: um encontro entre a Enfermagem brasileira e a norte-americana. Maceió: EDUFAL, 2009.

SILVA, K. C. A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 141-171, abr. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2015.

SÓ GOAM pode enviar pacientes para o HOPE. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 18 fev. 1972.

SUASSUNA, L. E. B.; MARIZ, M. S. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

4.2 MANUSCRITO 2: A ENFERMAGEM DO PROJETO HOPE, EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE (1972): APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A ENFERMAGEM DO PROJETO HOPE, EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE (1972): APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Djailson José Delgado Carlos*
Maria Itayra Padilha*

RESUMO

Estudo sócio-histórico, qualitativo, com o objetivo de compreender a estruturação, o funcionamento do Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE e as relações entre a Enfermagem norte-americana e a brasileira. Realizado a partir de consultas a fontes documentais e orais, contou com a participação de 14 colaboradores. Utilizou-se da Análise Temática para chegar às categorias: O Projeto HOPE: impressões de suas enfermeiras; e A Enfermagem do navio-hospital SS HOPE: impressões brasileiras. Os resultados revelaram um Serviço de Enfermagem similar ao de um hospital geral, ordenado por escalas funcionando, ininterruptamente, nos três turnos. Conclui-se que o Serviço de Enfermagem era composto, exclusivamente, por enfermeiras; obedecia a um sistema de hierarquia; com acúmulo de funções

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

administrativas e assistenciais; execução do trabalho de maneira rígida, precisa e técnica; e que as barreiras idiomáticas e culturais aparentemente não comprometeram o trabalho no sistema de contrapartes.

Descritores: História de Enfermagem. História da Saúde. Cooperação internacional. Serviços de Enfermagem. Pessoal de saúde.

INTRODUÇÃO

O Projeto HOPE corresponde a uma iniciativa da política externa do governo norte-americano, em tempos da Guerra Fria, que utilizou o navio-hospital SS HOPE, popularíssimo como Navio Esperança, como estratégia para levar ajuda humanitária e desenvolver ações de promoção à saúde em países em desenvolvimento através do intercâmbio entre profissionais. De caráter filantrópico e voluntário, foi fundado e presidido pelo médico William B. Wash, responsável por angariar recursos e recrutar profissionais de saúde – médicos, enfermeiras, dentistas, técnicos – de diversas especialidades, para o trabalho voluntário (BARNES, 1969; PEAKE, 2006).

Sobre o navio-hospital SS HOPE, vale dizer que realizou cruzeiros por 13 anos (1960-1973), a serviço da *People to People Foundation*, sediada em Washington/EUA, a países como: Indonésia e Vietnã do Sul (1960), Peru (1962-63), Equador (1963-64), Guiné (1964-65), Nicarágua (1966), Colômbia (1967), Ceilão (1968-69), Tunísia (1969-70), Índias Ocidentais (1971) e Brasil – Natal, em 1972, e Maceió, em 1973 – feito inédito, duas viagens ao mesmo país, na história do Projeto HOPE (RIO GRANDE DO NORTE, 1972b; SANTOS; LIRA; NASCIMENTO, 2009).

A estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal/RN, no ano de 1972 – 16 de fevereiro a 6 de dezembro – trouxe o sistema de trabalho entre contrapartes, para favorecer o intercâmbio e aprimoramento técnico entre os profissionais norte-americanos e brasileiros, potiguares e nordestinos. Desse modo, tomando como referência as atividades da Enfermagem, toda e qualquer ação, necessariamente, só poderia ser efetivada, tanto no interior do navio-hospital ou em qualquer outra instituição de saúde do RN, com a participação de profissionais de ambas as nacionalidades (RIO GRANDE DO NORTE, 1972a; ADEUS..., 1972).

Assim sendo, este manuscrito teve como objetivo compreender a estruturação, o funcionamento do Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE e as relações entre a Enfermagem norte-americana e

norte-rio-grandense. O marcador temporal corresponde ao período de 10 meses – fevereiro a dezembro – do ano de 1972, por ocasião de sua estadia em Natal/RN. Sua realização assume relevância pelo ineditismo, contemporaneidade dos fatos e por contribuir com a História da Enfermagem potiguar e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

MÉTODODO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem sócio-histórica, como o qual almejou-se compreender a estruturação e o funcionamento do Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE (1972), assim como as relações entre a Enfermagem potiguar e norte-americana.

Estudos sócio-históricos destinam-se às investigações dos acontecimentos nos diferentes espaços físicos e sociais, sendo necessárias à sua realização a elaboração meticulosa do projeto de pesquisa, a delimitação do objeto de estudo e rigorosa fundamentação teórico-metodológica. Buscam-se, portanto, a explicação, a descrição, a compreensão dos fatos históricos, das atividades humanas e das relações sociais de forma crítica e contextualizada (PADILHA et al., 2011).

Assim sendo, a coleta de dados resultou do levantamento de fontes documentais (jornais, legislação, atas, relatórios), entre os meses de janeiro e abril/2013 – no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Arquivo Geral do Estado, Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN e jornal Tribuna do Norte – e de fontes orais (entrevistas), realizadas de janeiro a julho/2014.

Foram realizadas entrevistas com 14 colaboradores, sendo quatro enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE; quatro enfermeiras-professoras; duas ex-alunas da Escola de Enfermeiras de Mossoró/RN; duas Técnicas de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL/UFRN); um médico-professor da Faculdade de Medicina/UFRN; e um odontólogo-professor da Faculdade de Odontologia/UFRN. As entrevistas tiveram uma média de 64 minutos de duração e foram realizadas com aqueles que atenderam ao critério de participação no Projeto HOPE de terem desenvolvido atividades no sistema de contrapartes. Para tal, utilizou-se dos recursos metodológico da História Oral e estabeleceu-se a saturação das respostas para o fechamento amostral.

As entrevistas foram realizadas em conformidade com as recomendações da legislação vigente sobre pesquisa envolvendo seres

humanos. Para isso, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e, estando de acordo, solicitada sua assinatura. Após suas transcrições, procederam-se às suas devoluções aos colaboradores para que fossem oportunizadas a verificação e correção dos possíveis equívocos e erros nas entrevistas. Feito isso e estando em concordância, foi apresentado o Termo de Cessão do Depoimento Oral para a assinatura do mesmo. Quanto à identificação dos depoimentos, optou-se por utilizar os sobrenomes dos colaboradores.

A análise e interpretação dos dados decorrem da leitura atenta e criteriosa de todo o material levantado, com a qual buscou-se o entendimento objetivo e sistemático dos significados. Utilizou-se, portanto da Análise Temática para reconstruir e compreender a estruturação e funcionamento do Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE (1972), assim como as relações entre a Enfermagem potiguar e norte-americana. Ao final desse processo emergiram duas categorias – O Projeto HOPE: impressões de suas enfermeiras; e A Enfermagem do navio-hospital SS HOPE: impressões brasileiras – com subcategorias.

Por fim, este estudo atendeu às recomendações da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e contou com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o Parecer Consubstanciado de nº 425.196, de 14/10/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PROJETO HOPE: IMPRESSÕES DAS ENFERMEIRAS AMERICANAS

Esta parte, organizada em três subcategorias – Motivação para participar do Projeto HOPE; O processo seletivo e a inserção no Projeto HOPE; e Impressões das enfermeiras norte-americanas do navio-hospital HOPE sobre o Brasil –, atende à finalidades de registrar suas impressões e motivações sobre o projeto.

Motivação para participar do Projeto HOPE

Esta seção apresenta os meios com os quais os aspirantes ao Projeto HOPE descobriram suas atividades, assim como contempla as motivações e estratégias pessoais que impulsionaram à seleção e à

respectiva incorporação ao quadro funcional. Sobre isso, assim se pronunciaram as enfermeiras...

[...] durante os anos 1970, nos EUA, havia um projeto não governamental chamado Voluntários da Paz que ajudavam países em desenvolvimento [...] esse projeto me despertava interesse, mas, certa vez, conheci uma enfermeira que me falou detalhes sobre o Projeto HOPE [...] era um trabalho voluntário [...] nós, enfermeiras, que viajávamos por 10 meses, recebíamos U\$ 300/mês como gratificação para as despesas pessoais (CAMPOS).

Eu era uma jovem enfermeira e tinha interesses em trabalhar internacionalmente [...] certa vez, conversei com uns médicos da minha cidade, Pasadena, Califórnia, que trabalharam no Projeto HOPE, sobre suas experiências [...] fiquei bastante motivada (MASSON).

Eu trabalhava em Pediatria há uns 5 anos e queria muito fazer algo diferente como enfermeira [...] também desejava conhecer outras culturas e idiomas [...] me inscrevi para o Voluntário da Paz e para o Projeto HOPE [...] tive sorte, ambos me ofereceram um emprego no Brasil [...] optei pelo Projeto HOPE (BRITO).

Quando eu estava no colégio, li artigos em jornais, livros e revistas sobre o Projeto HOPE [...] desde jovem eu já sabia que seria enfermeira e a ideia de viajar em um navio-hospital era muito atraente (REDDING).

A motivação impulsiona as pessoas a descortinarem novos horizontes e a vislumbrarem novas conquistas, tornando-as mais estimuladas a prosseguirem ao alcance de seus desejos e à realização dos seus objetivos. Ressalta-se, porém, que ela está presente em todos os segmentos das atividades humanas (NAKAMURA et al., 2005).

Pode-se, então, dizer que a motivação faz parte da vida diária – pessoal e profissional – e que exerce um papel primordial na vida dos seres humanos. Sua importância consiste em manter as pessoas

animadas, esperançosas e estimuladas a superarem obstáculos e a seguirem suas vidas de forma positiva (BIANCHI, 2012).

Dessa maneira, estes depoimentos ilustram algumas motivações individuais e apresentam os meios pelos quais os aspirantes ao Projeto HOPE inteiraram-se de suas atividades. Tais relatos enfatizam o caráter voluntário de participação e levam a crer que esses projetos norte-americanos, de ajuda humanitária, corriqueiros nos anos de 1960-70, muito provavelmente, se converteram em atrativos aos jovens da época, no caso do Projeto HOPE, pelos cruzeiros, oportunidade de manter contatos com outras culturas e de aprender idiomas diferentes.

Além disso, oportunidades como essa podem contribuir para a transformação da prática profissional, visto que a vontade de vivenciar novas realidades pode despertar novos rumos, nesse caso, à assistência à saúde das populações.

O processo seletivo e a inserção no Projeto HOPE

Os depoimentos que se seguem aclaram a maneira como ocorreu o processo seletivo – recrutamento e seleção – e ressaltam alguns critérios necessários à contratação. Também são destacadas as cidades brasileiras em que as enfermeiras norte-americanas colaboradoras desta investigação trabalharam.

Fiz uma entrevista e não tinha a mínima ideia se ia ser selecionada [...] primeiro, recebi uma carta na minha residência informando da minha aprovação no Projeto HOPE [...] acredito que minha experiência como enfermeira de UTI tenha sido decisiva [...] depois, fiquei sabendo que o navio ia para Maceió/AL [...] durante o cruzeiro de 15 dias, tivemos aulas de português [...] trabalhei como enfermeira do Projeto HOPE, em Maceió/AL, de 1973 a 1979 (CAMPOS).

Fui entrevistada, em Seattle, Washington, pela diretora do Hope of Nursing, Dorothy Aeschliman, em 1970 [...] tive a sorte de ser contratada [...] antes da minha partida tive três semanas intensas de aulas de português que foi uma boa introdução à cultura (MASSON).

Preenchi um formulário e o enviei ao Projeto HOPE [...] fui entrevistada pelo chefe de operações do projeto, na cidade onde eu trabalhava [...] eu não vim no tempo do navio [...] participei do Projeto HOPE Terra, a partir de 1974, em Natal/RN [...] trabalhei o tempo todo no Hospital Infantil Varela Santiago, na organização da assistência de Enfermagem e participando de cursos para atendentes de Enfermagem [...] aqui fiquei, casei e me aposentei (BRITO).

Procurei o Projeto HOPE logo depois da minha formatura e não fui selecionada [...] era critério comprovar experiência profissional [...] tornei-me, então, voluntária do Peace Corps, no qual atuei por três anos e meio entre o Chade e a Libéria, ambos na África [...] quando retornei aos EUA, soube que o navio-hospital HOPE havia sido desativado, mas que estava desenvolvendo programas terrestres [...] inscrevi-me novamente e dessa vez fui aceita [...] participei do Projeto HOPE Terra no Departamento de Enfermagem/UFRRN e no Hospital Infantil Varela Santiago, em Natal, de janeiro/1976 a julho/1979 [...] depois, atendendo a um pedido do Diretor do Projeto HOPE, trabalhei em Maceió/AL de julho/1979 a maio/1981 (REDDING).

O recrutamento e a seleção dizem respeito à gestão de pessoal. Enquanto que o recrutamento tem por função atrair interessados, a seleção se incumbe de identificar e elencar aqueles com as melhores características e que detêm habilidades profissionais, conhecimentos e competências relacionados ao cargo pretendido.

Em se tratando de seleção de enfermeiros, esperam-se, entre outros atributos, domínio de conhecimentos específicos, características de liderança, organização para o trabalho, habilidades na comunicação, capacidade de aprendizagem e espírito de trabalho em equipe (BRANQUINHO et al., 2010).

Ficam, então, esclarecidos que a participação no Projeto HOPE era espontânea e a maneira como ocorriam as inscrições, assim como se processava a seleção dos candidatos. As falas apontam que as inscrições eram direcionadas a um escritório e que as entrevistas poderiam ser realizadas em cidades diferentes. Isso converge para o pensamento de

que o Projeto HOPE mantinha filiais distribuídas por todo o território norte-americano. Especificamente sobre a Enfermagem do Projeto HOPE, percebe-se a composição de um quadro exclusivo de enfermeiras jovens, mas com certificada experiência profissional.

Impressões das enfermeiras norte-americanas do navio-hospital HOPE sobre o Brasil

Sendo voluntária a participação no Projeto HOPE, as viagens a países da África, América Latina e Ásia podem ter se convertido em atrativos para muitos profissionais, visto que essas experiências foram oportunidades de aprender idiomas, explorar diferentes culturas e de conhecer outras realidades de assistência à saúde. Quanto a isso, no que concerne ao Brasil, assim se pronunciaram algumas enfermeiras norte-americanas.

Nos EUA, nós sabíamos da existência das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e da floresta amazônica [...] sabíamos da ditadura militar no Brasil e fomos orientadas para ter cuidado com as conversas ao telefone e com as cartas [...] disseram-nos que navio-hospital SS HOPE voltaria ao Brasil pela segunda vez por causa do tamanho do país [...] uma situação inédita na história do Projeto HOPE (CAMPOS).

Quase nada eu sabia do Brasil [...] produção de café, Bossa Nova, o idioma era o português e que Natal tinha sido uma base aérea americana durante a II Guerra Mundial (BRITO).

As impressões, mesmo que sejam poucas, podem influenciar na escolha dos lugares. Referindo-se aos depoimentos acima, estes dão conta do quanto o Brasil era desconhecido, à época, embora alguns símbolos nacionais já tivessem alcançado fama internacional, como: as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro; o monumento ao Cristo Redentor, inaugurado em 1931; a artista Carmen Miranda, conhecida como Pequena Notável, com seus filmes e música, na década de 30; o personagem Zé Carioca criado em 1944, por Walt Disney; e o estilo musical Bossa Nova, surgido na década de 50 (KAJIHARA, 2008).

Convém relatar que a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), criada na década de 60, auge do governo militar e do

milagre econômico, nasceu sob o objetivo de, na condição de órgão oficial do turismo, contribuir com o desenvolvimento socioeconômico nacional, bem como melhorar e difundir a imagem do Brasil (HALLAL; MÜLLER, 2014).

Atualmente, o Brasil se encontra em uma condição bem diferente, apresentando-se como um destino turístico consolidado e com capacidade para realizar eventos de grande porte, como: XV Jogos Pan-Americanos (2007), Copa de Futebol (2014) e Jogos Olímpicos (2016).

Contribuições do Projeto HOPE na visão de suas enfermeiras

O Projeto HOPE foi uma iniciativa do governo norte-americano, em tempos de Guerra Fria, que se utilizou do navio-hospital SS HOPE para levar ajuda humanitária, prestar assistência à saúde e oportunizar intercâmbio profissional junto a países em desenvolvimento. A respeito disso, eis algumas opiniões:

A maior contribuição do Projeto HOPE eu diria que foram as relações de amizades entre os profissionais [...] o conhecimento do sistema de saúde americano foi compartilhado e certas práticas foram efetivamente implementadas [...] recursos foram disponibilizados para a continuidade de alguns programas clínicos e educacionais implantados (MASSON).

Promover o espírito de partilha e cooperação no desenvolvimento da Enfermagem, serviços de saúde, serviços de Enfermagem e educação em saúde [...] trabalhar com colegas para que aprendessem com a gente, de modo a dar sustentação aos esforços que foram iniciados por Projeto HOPE [...] servir de modelo outros povos [...] melhorar a saúde dos brasileiros [...] servir como embaixadores americanos de boa vontade (REDDING).

Na visão de suas enfermeiras, o Projeto HOPE foi uma iniciativa centrada na cooperação entre os povos e que cumpriu com sucesso seus objetivos através das ações de ajuda humanitária, compartilhando conhecimentos, disponibilizando recursos e implantando projetos clínicos e educacionais nos países em desenvolvimento por onde passou.

No caso da Enfermagem, especificamente, pontuam que contribuiu para o desenvolvimento da profissão e que instrumentalizou profissionais para darem continuidade aos projetos iniciados pelo Projeto HOPE.

A cooperação internacional em saúde entre países e regiões está associada ao contexto político-econômico e envolve estratégias de ordens nacional e internacional. Teve suas origens no século XIX e está relacionada aos avanços do conhecimento acerca das doenças infecciosas e das tecnologias de transporte. Nesse mesmo período surgiram as primeiras conferências internacionais em saúde que culminaram na criação da Organização Mundial da Saúde, em meados do século XX (ALMEIDA, 2010).

Assim sendo, para fins ilustrativos, no Brasil, a experiência com a Fundação Rockefeller, nas primeiras décadas do século XX, talvez seja a mais duradoura missão de cooperação internacional em saúde. Este convênio, idealizado, inicialmente, para planejar e desenvolver ações de saúde pública, para o controle das enfermidades endêmicas (ancilostomíase, febre amarela), também contribuiu para a reorganização das instituições públicas de saúde, instalação de programas sanitários rurais e capacitação profissional. Destacam-se: cursos de visitadoras sanitárias; implantação do modelo anglo-americano de formação de enfermeiras; construção, na Universidade de São Paulo, da Faculdade de Medicina (1931) e da Escola de Enfermagem-EEUSP (1942) (KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009; OGUISSO; FREITAS; TAKASHI, 2013).

Quanto a isso, se por um lado o intercâmbio técnico-científico aproxima povos e nações, sob os princípios da solidariedade, por outro pode dissimular interesses comerciais, políticos, econômicos e culturais, bem como pode estar vinculado à compra e venda de materiais, equipamentos e à qualificação de recursos humanos locais necessários à execução de atividades (SANTOS; CERQUEIRA, 2015).

No caso da vinda do Projeto HOPE ao Brasil, se deduz que o contexto das relações internacionais das décadas de 60-70 – guerra fria e instabilidade políticas dos países latino-americanos –, suas proporções territoriais continentais, seu contingente populacional, seus recursos naturais e sua localização geográfica estratégica podem ter sido decisivos.

A ENFERMAGEM DO NAVIO-HOSPITAL SS HOPE: IMPRESSÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM BRASILEIRA

Esta categoria contempla fragmentos das impressões que a Enfermagem brasileira (Enfermeiras e Técnicas de Enfermagem) guarda sobre a Enfermagem do navio-hospital SS HOPE, por ocasião do intercâmbio, no sistema de contrapartes, ocorrido em Natal, no ano de 1972. A seguir, para melhor compreensão, tais observações serão expostas em cinco subcategorias (Enfermeiras do navio-hospital SS HOPE, segundo a Enfermagem brasileira; O serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE; Enfermeiras do Projeto HOPE e os Serviços de Saúde de Natal/RN; Momentos de folga e lazer: a confraternização; e A Enfermagem norte-americana do navio-hospital SS HOPE e a brasileira: tensões).

Enfermeiras do navio-hospital SS HOPE, segundo a Enfermagem potiguar

A estadia do navio-hospital SS HOPE, no ano de 1972, tornou-se possível a partir do convênio firmado ente a UFRN, governo do RN e a *People to People Foundation*. Para a Enfermagem potiguar, esse intercâmbio profissional foi a oportunidade de conhecer novas práticas, trocar conhecimentos e experiências, assim como de conhecer outra realidade assistencial. Sobre isso...

[...] comentava-se que todos os profissionais de Enfermagem do navio HOPE eram enfermeiras graduadas e que, entre elas, havia especialistas [...] as enfermeiras eram atentas, esforçadas e procuravam saber tudo sobre o paciente [...] trabalhavam com informações precisas e, por isso, desfrutavam de prestígio e confiança diante da equipe [...] apesar das dificuldades do idioma, a comunicação era boa e sem grandes dificuldades (MOURA).

As enfermeiras norte-americanas demonstravam muita responsabilidade com o paciente [...] o cuidado era efetivo e competente [...] os horários, os cuidados, os procedimentos, os exames, as medicações, tudo bem controlado [...] apesar de falarem mal o português, era grande o empenho

em fazer o melhor e com qualidade (CARVALHO).

Usavam roupas brancas, fossem calças, saias, blusas ou vestidos [...] umas prendiam os cabelos com uma redinha e outras usavam o chapeuzinho de enfermeira (ARAÚJO SILVA).

Quanto aos uniformes das enfermeiras norte-americanas, assim se referiu uma colaboradora brasileira, ex-enfermeira do navio-hospital SS HOPE...

[...] nós usávamos um vestido branco e, na UTI, colocávamos um jaleco branco por cima da roupa branca [...] o jaleco tinha a identificação pessoal no peito esquerdo e o símbolo do Projeto HOPE no braço esquerdo (CAMPOS).

Resulta desse intercâmbio profissional de 10 meses – fevereiro a dezembro, 1972 – a lembrança das enfermeiras norte-americanas do navio-hospital SS HOPE como sendo habilidosas, competentes e dedicadas ao serviço.

Características como obediência, submissão e disciplina têm acompanhado, ao longo do tempo, com muita proximidade, a história da Enfermagem – profissão, essencialmente feminina, relacionada à prestação do cuidado aos doentes como sendo um atributo inato às mulheres (NAUDERER; LIMA, 2005).

É reconhecida como profissão da área de saúde desde o século XIX e tem Florence Nightingale como principal personagem ao alcance desse *status*. Na atualidade, é desenvolvida por trabalhadores especializados; dispõe de entidades representativas e responsáveis pelo exercício profissional; e tem por incumbência a produção de conhecimentos que fundamentem ações de cuidado, tecnicamente responsáveis, que promovam a vida e o bem-estar (PIRES, 2009).

Retornando às lembranças, os depoimentos ressaltam o rigor com que as enfermeiras norte-americanas trabalhavam: informações precisas, cumprimento de rotinas – prestação de cuidados, horários, exames, medicações – tudo bem controlado, deixando transparecer a imagem de profissionais competentes que apresentavam domínio de conhecimentos e técnicas, porém rígidas. Cabe lembrar que as ações eram desenvolvidas no sistema de trabalho em contrapartes, sendo,

necessariamente executadas entre profissionais norte-americanos e potiguares, nesse caso, profissionais de Enfermagem.

O serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE

Apresentamos abaixo depoimentos sobre o Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE, com os quais pretende-se retratar as atividades desempenhadas pelas enfermeiras norte-americanas a partir de impressões das contrapartes brasileiras. Procurou-se, para tal, identificar sua organização – administrativa e assistencial – e suas rotinas.

Acredito que com o navio HOPE vieram umas 30-40 enfermeiras [...] nas unidades de internação no navio, sempre ficavam enfermeiras americanas e suas contrapartes brasileiras [...] cumpríamos horário igual ao dos hospitais nos Estados Unidos, em três turnos: das 07 às 15, das 15 às 23 e das 23 às 07 h, de segunda a segunda, inclusive nos feriados [...] nossa rotina era semelhante a qualquer hospital [...] pelas manhãs prestávamos cuidados como: banho, medicamentos, curativos, exames [...] à tarde e à noite, dava-se continuidade a assistência [...] havia enfermeiras chefes de setores e a chefe geral da Enfermagem do navio (CAMPOS).

A assistência era distribuída entre as enfermeiras norte-americanas e suas contrapartes brasileiras [...] havia uma enfermeira responsável pelo setor [...] era uma rotina igual a qualquer hospital: escalas, atribuições, passagem de plantão, prescrições médicas, horários de medicamentos, cuidados, etc. [...] os cuidados eram personalizados para cada caso (LEITE).

Os recursos eram fartos e com muita gente para assistir aos pacientes [...] elas tinham uma divisão do trabalho muito rigorosa [...] a passagem de plantão era um ato quase solene [...] lembro que, no navio, havia graduações entre as enfermeiras americanas, mas nunca me explicaram nada sobre isso (GERMANO).

No Centro Cirúrgico, por rotina, tinha o preparo das salas cirúrgicas, o recebimento dos pacientes e o início das cirurgias [...] nosso almoço, quase sempre, era no setor por causa da duração das cirurgias [...] não me esqueço, até hoje, da disciplina e rigor das enfermeiras norte-americanas quanto aos horários e marcações cirúrgicas [...] toda a equipe cumpria, rigorosamente, os horários e programações [...] ninguém fazia corpo mole (VILA NOVA).

Os depoimentos asseguram que o Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE era composto, exclusivamente, por enfermeiras e que estava estruturado segundo uma hierarquia. De acordo com os colaboradores, o navio-hospital apresentava-se composto por diferentes setores de internações e, contava, em todos eles, com o gerenciamento de enfermeiras com as quais as brasileiras estabeleciam a relação de trabalho no sistema de contrapartes. Quanto à realidade de Enfermagem brasileira, cabe informar que naquela época era composta por profissionais com diferentes graus de escolaridade e formações, a saber: enfermeiros, técnicos, auxiliares e parteiras.

Os Conselhos – Federal e Regionais – de Enfermagem (COFEN e CORENs), são os órgãos disciplinadores e fiscalizadores do exercício profissional da Enfermagem em todo o território nacional. Estando, pois, aptos ao exercício aqueles que comprovarem, formalmente, suas capacitações e que estejam inscritos no Conselho. De acordo a Lei do Exercício da Enfermagem compete ao enfermeiro a direção e chefia de órgãos de Enfermagem; a organização, planejamento, coordenação, execução e avaliação da assistência de Enfermagem; consultoria, auditoria e emissão de pareceres; consulta e prescrição da assistência de Enfermagem; prestação de cuidados assistenciais e de maior complexidade (COFEN, 1986).

Apesar das diferenças culturais e estruturais existentes entre os Serviços de Enfermagem norte-americano e a brasileiro, as falas possibilitam identificar algumas semelhanças entre os serviços, como: presença de uma coordenadora geral ou chefe do Serviço de Enfermagem; trabalho executado de acordo a existência de hierarquia e rigor; trabalho dividido entre práticas gerenciais e assistenciais; turnos de trabalho sequenciados e ininterruptos; e rotinas, como: escalas, atribuições, passagem de plantão, abertura de horários de medicamentos e cuidados.

Enfermeiras do Projeto HOPE e os Serviços de Saúde de Natal/RN

Como informou uma colaboradora, no navio-hospital viajavam, aproximadamente, 40 enfermeiras para, juntas às suas contrapartes, desenvolverem atividades. Sobre o trabalho delas, importa assinalar a atuação na assistência à saúde e na educação em saúde. Acerca disso, a seguir, serão apresentados alguns relatos que versam sobre a atuação das enfermeiras norte-americanas.

O Projeto HOPE favoreceu a revisão e criação de algumas rotinas e protocolos a partir das que já possuíamos [...] Dona Nadir junto com uma enfermeira do HOPE (Susan Jane Betts), fizeram um levantamento e a catalogação de todo os instrumentais cirúrgicos do Hospital Universitário [...] foi um trabalho grande [...] elas padronizaram caixas/bandejas com instrumentais específicos para cada procedimento cirúrgico [...] antes disso, nossa rotina, nada prática, era processar materiais em grandes caixas metálicas [...] juntas, essas enfermeiras, são as responsáveis pela criação da Central de Material Esterilizado e pelo seu funcionamento dentro do Centro Cirúrgico [...] também melhoramos nossa comunicação sobre o paciente, sua admissão ao setor e passamos a detalhar mais sobre a cirurgia: início e fim da anestesia; descrição do ato cirúrgico; nome da equipe responsável [...] o circulante passou a ser a responsável pela burocracia (ARAÚJO SILVA).

As enfermeiras norte-americanas trouxeram ensinamentos [...] desenvolveram atividades em regime de contrapartes [...] no Hospital Universitário, atuaram no Centro Cirúrgico, UTI e enfermarias [...] também foram efetivas no Hospital Infantil Varela Santiago, em alguns bairros carentes de Natal e, posteriormente, no Departamento de Enfermagem/UFRN, na condição de professoras visitantes [...] foi, realmente, uma soma (COELHO).

Tenho lembranças das enfermeiras do Projeto HOPE ligadas à Pediatria [...] acredito que,

mesmo com as limitações de comunicação, elas tenham contribuído para o estabelecimento de novos protocolos, ajustando rotinas e prontuários, técnicas de curativos e na assistência ao paciente [...] no Hospital Infantil Varela Santiago, a enfermeira Kay Burwell foi voluntária e prestou serviços extremamente importantes [...] recordo do seu retrato, em alguma parede desse Hospital, como homenagem e reconhecimento a seu trabalho (SOARES).

A enfermeira dental, Elaine Neenan, manteve-se vinculada à Graduação em Odontologia/UFRN e ao Prof. Oscar Leôncio de Castro, com participação de destaque [...] ela ajudou na montagem de cursos de formação de recursos humanos auxiliares em Odontologia, objetivando a delegação de competências, com vistas ao aumento da eficiência do Sistema de Atenção à Saúde Bucal [...] ela participou de muitos cursos e seminários [...] esses cursos continuam sendo realizados até hoje por órgãos de classe vinculados à Odontologia (ALBUQUERQUE).

Assim, no que concerne às enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE, os relatos levam a crer que as mesmas atingiram essa dimensão ao desempenharem atividades, na particularidade de Natal/RN, em distintas instituições e serviços públicos – federal e estadual – de saúde. Tais ações cumprem as premissas do intercâmbio ao propiciarem troca de conhecimentos e experiências entre profissionais.

O trabalho cooperativo consiste em um instrumento de desenvolvimento a partir do intercâmbio de conhecimento e apoio mútuo entre instituições e nações. Como tal, atende a interesses diversos e é um fenômeno em expansão entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, principalmente, na área de formação de recursos humanos e materiais (FARIA; COSTA, 2006; CAMPOS, 2008).

Com relação ao trabalho desenvolvido, eis o que detalhou uma colaboradora...

[...] participei na captação de recursos para uma brinquedoteca no Hospital Infantil Varela Santiago [...] trabalhei com Thereza Obrien –

outra enfermeira do Projeto HOPE – nesse mesmo hospital [...] demos muitas aulas sobre processos de doenças; imunização; lavagem das mãos; uso de incubadoras; administração de oxigênio; medicamentos e administração; cálculo de gotejamento; cuidados e administração de transfusão de sangue; sondagem vesical; finalidades dos testes de laboratório; e coleta de amostras de laboratório [...] durante minha estada no Brasil, participei de dois congressos brasileiros de Enfermagem, um Santa Catarina (1977) e outro em Brasília (1980) [...] todas essas atividades resultaram em um estudo que apresentei em uma conferência de Saúde Pública nos EUA [...] essa minha experiência no Brasil resultou em um capítulo de um livro (REDDING).

Vê-se, pois, que o trabalho das enfermeiras norte-americanas podia estar relacionado à prestação da assistência à saúde – navio-hospital, Hospital Universitário e serviços de saúde de Natal – assim como destinar-se à formação de recursos humanos. Os relatos fazem perceber que as várias frentes de trabalho nas quais atuaram estas profissionais contribuíram para a construção da imagem profissional como sendo enfermeiras experientes e competentes e que as lembranças de nomes como os de Susan Jane Betts, Kay Burwell, Elaine Neenan, Sharon Redding e Mary Anne Small dão a convicção da realização de um trabalho competente e com bons resultados.

Momentos de folga e lazer: a confraternização

Os episódios que se seguem dizem respeito aos momentos de folga e lazer, assim como revelam outras facetas do intercâmbio entre povos e culturas diferentes.

Eram duas folgas por semana e dois finais de semanas livres, por mês [...] também desfrutávamos da liberdade de trocar plantões com as colegas [...] iamos à praia, ao cinema, jantar fora, à igreja [...] gostávamos de viajar para Recife/PE para fazer compras e de passear na praia de Boa Viagem [...] não havia supermercados e adorávamos comprar geleias (CAMPOS).

Quando de folga, podíamos passear na cidade, ir às festas, brincar e tocar violão [...] certa vez, fomos de barco à praia da Redinha com algumas enfermeiras do HOPE [...] elas eram descontraídas, alegres, gostavam de cerveja, de brincar e de ouvir nossas músicas (CARVALHO).

Havia o happy hour depois das atividades lá no navio, parece-me que às 17 h [...] tinha um coquetel, mas cada um pagava o seu (risos) [...] confraternizavam, no convés, os que estavam lá ou os que iam só para isso [...] esses momentos resultaram em namoros e namoricos (risos) [...] é inevitável (SOARES).

Sei que todas às tardes, depois do estágio, quem se interessasse poderia ir à área de lazer, no convés do navio [...] nunca participei [...] tinha um sanfoneiro chamado Zé Menininho que tocava forró e animava o pessoal [...] ouvia dizer que os americanos gostavam da música e que todos dançavam bastante [...] também lembro que algumas enfermeiras norte-americanas que, quando de folga, viajavam para outras cidades vizinhas (ARAÚJO SILVA).

Quase não falavam o português, mas eram brincalhonas e gostavam de perguntar coisas sobre o Brasil [...] aconteciam festas no navio com bebidas, comidas, danças e músicas [...] eu não perdia uma (risos) [...] as americanas tinham medo dos homens daqui porque eles queriam abraçá-las (risos) [...] foi um tempo bom, com namoros iniciados, casamentos realizados, noivados acabados e briga de casais, também (risos) (COSTA).

Quanto aos casamentos entre natalenses e funcionários do Projeto HOPE, assim noticiou a imprensa local...

COMISSÁRIO DE BORDO DO HOPE CASA COM NATALENSE [...] o casamento será hoje, às 20 horas, na Capela de Santo Antônio [...]

noivos receberão os cumprimentos no Atlântico Clube (COMISSÁRIO..., 1972, p. 1).

BOB E ALMIRA, AMOR NO HOPE [...] ela, natalense, professora de inglês da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos (SCBEU), trabalhando como secretária bilíngue no HOPE [...] ele, norte-americano, consultor de Administração Hospitalar [...] marcaram casamento para às 17 horas, do dia 18 de novembro, na Igreja de Santa Terezinha [...] os convidados serão recepcionados na ASSEN (BOB..., 1972, p. 15).

Os depoimentos ilustram fragmentos dos momentos de descontração das enfermeiras do Projeto HOPE durante suas folgas. Sobre isto, as informações possibilitaram deduzir, considerando-se duas folgas por semana e dois finais de semana livres por mês, que as mesmas cumpriam uma jornada de trabalho semanal de 36 horas.

Na realidade brasileira, a Enfermagem vem reivindicando, há pelo menos duas décadas, por uma jornada de trabalho de 30 horas semanais e vem acumulando decisões negativas desde as presidências de Café Filho, João Baptista Figueiredo, Fernando Henrique Cardoso e Dilma Rousseff, nos anos de 1955, 1983, 1995 e 2012, respectivamente (COREN-SP, 2012).

Tal reivindicação objetiva assegurar o mesmo direito adquirido por outras profissões de saúde; atender à recomendação da Organização Internacional do Trabalho que defende esta jornada de trabalho como sendo mais benéfica aos trabalhadores da saúde e aos usuários; e, por se relacionar, diretamente, à qualidade de vida de seus profissionais, visto que sofrem grande estresse psicológico por lidarem com a vida, padecem de privações sociofamiliares, acumulam desgaste físico pela rotatividade de turnos e pela falta de remuneração condizente às funções (PIRES et al., 2010; MACIEL; OLIVEIRA, 2014).

Retornando aos momentos de folga e lazer, viu-se que os encontros, no final da tarde, no convés do navio-hospital, sob a animação do forró, eram corriqueiros e que se converteram em espaço para a socialização entre os participantes – norte-americanos e potiguares – do Projeto HOPE, dos quais frutificaram amizades, bons relacionamentos e, até, casamentos, como registrou a imprensa local.

Tensões entre a Enfermagem norte-americana do navio-hospital SS HOPE e a potiguar

O convívio entre pessoas impõe a superação de desafios, considerando-se que as relações humanas não são lineares e que estão sujeitas a variações e interferências impostas pelo cotidiano. Adicione-se a isso, no caso da Enfermagem norte-americana e a potiguar, o estresse laboral e as limitações idiomáticas. Assim...

[...] permaneci, por três meses, alojada no navio e certo dia dormi um pouco mais [...] fui acordada pela coordenadora geral de Enfermagem do navio dizendo: “Não lhe dou mais do que 10 minutos para você se apresentar na enfermaria” [...] essa enfermeira, de cara séria, voz contundente, rígida e em tom ameaçador, vez por outra, conversava conosco (alunas da Escola de Enfermagem de Mossoró), dava informe, fazia recomendações e alertava para a disciplina (CARVALHO).

Na UTI do navio, certo dia, ao ajudar uma auxiliar de enfermagem, minha funcionária no Hospital Universitário, a posicionar um paciente para tomar o café da manhã, fui imediatamente repreendida por uma colega norte-americana [...] “Aqui você non ser chefe”, disse-me [...] respondi-lhe que sabia disso e que não precisava ser lembrada [...] peguei-a pelo punho e fomos conversar, em reservado, sério e baixinho [...] isso resultou em uma reunião com a administração do navio, mas eu permaneci na UTI aprendendo as rotinas (LEITE).

Tive dois aborrecimentos com minha contraparte norte-americana no Centro Cirúrgico do navio-hospital [...] um ao ser chamada atenção por causa de uma mecha do meu cabelo que estava fora do gorro [...] outro, ao instrumentar uma neurocirurgia há mais de 4 horas, por solicitar substituição para ir ao banheiro e beber água, a enfermeira negou de imediato [...] não fiquei calada em nenhuma dessas ocasiões [...] isso rendeu a maior confusão (risos) (VILA NOVA).

As enfermeiras norte-americanas, para trabalhar, vestiam roupas brancas, inclusive, fora das unidades de saúde e para irem a todos os lugares [...] para nós, as roupas brancas eram uniformes e, como tal, para serem usadas, exclusivamente, no ambiente de trabalho [...] isso não foi positivo, contribuiu para mudar os hábitos da nossa Enfermagem [...] nossa orientação e rotina, para os alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem e para os funcionários do Hospital Universitário, era que viessem de casa com roupa comum e, no hospital, vestissem roupas brancas [...] para nós o branco era uniforme [...] não teve jeito, depois do navio-hospital HOPE muita gente aderiu por ser mais prático (COELHO).

Isso posto, acredita-se que as tensões fazem parte do cotidiano da vida humana, ou seja, são intrínsecas à sua existência. Apesar disso, faz-se mister identificá-las e depreender esforços rumo ao encontro de alternativas racionais para minimizar seus danos.

Retornando ao universo laboral, da Enfermagem norte-americana do navio-hospital SS HOPE e a brasileira, considerando-se as diferenças culturais, de formação e de rotinas de serviço, era presumível o surgimento de algumas tensões, pois nenhuma relação humana é linear e por isso sujeita a variações.

Quanto a isso, esperava-se que o convívio poderia ter sido mais tranquilo e o sistema de trabalho em contrapartes mais proveitoso se tivessem, no caso da Enfermagem, sido assegurados a seus profissionais momentos para a troca de saberes e de experiências. Os relatos fazem crer que as enfermeiras estrangeiras assumiram uma postura de liderança equivocada na qual, por desconhecimento do contexto e das práticas locais de saúde, assumiam o comando das ações, e cabia às brasileiras a obediência e execução das ordens. Depreende-se, pois, que o convívio se manteve centrado na prática assistencial, ou seja, limitado apenas à realização de tarefas.

Como atividade humana, o trabalho é uma ocupação muito antiga e se apresenta permeado por uma complexidade de fatores – externos e internos aos indivíduos –, sendo responsável pela utilização de grande parte de suas vidas e podendo ser fonte de sofrimento e fadiga para uns e de prazer e satisfação para outros (KESSLER; KURG, 2012).

Desse modo, os aspectos relacionados às condições de trabalho dizem respeito ao estresse ocupacional que, apesar de não ser um

fenômeno novo, tem ganhado relevância quanto aos estudos pautados na Saúde do Trabalhador. Assim, o estresse ocupacional tem sido relacionado a doenças tipo hipertensão arterial e úlceras, como também pelo surgimento de conflitos e pelo desequilíbrio físico-emocional dos trabalhadores (FERNANDES; MEDEIROS; RIBEIRO, 2008).

Por isso, necessita ser diagnosticado com precisão e tratado adequadamente, uma vez que pode interferir no funcionamento do sistema imunológico e favorecer o surgimento de enfermidades de ordem física, mental, psíquica e biológica. Na realidade brasileira, a saúde do trabalhador tem seus princípios de controle das condições e dos ambientes de trabalho na Lei nº 8.080/90 (RIBEIRO et al., 2012).

Retornando aos depoimentos, o rigor e a exigência podem ser vistos como elementos contribuintes para o aumento das tensões entre a Enfermagem norte-americana e a potiguar. Tomando como exemplos os eventos ocorridos na UTI e no Centro Cirúrgico, estes e outros contratempos podem ser minimizados através da comunicação harmoniosa, integração do trabalho e capacitação profissional, aliados ao conhecimento de relações humanas e à administração dos conflitos advindos da diversidade dos profissionais ali atuantes (STUMM; MACALAI; KIRCHNER, 2006).

Diante dessa situação, cabe ressaltar a boa vontade em aparar as arestas, como demonstraram os relatos, pois, apesar dos percalços, percebe-se que o intercâmbio prosseguiu sem maiores comprometimentos e com a manutenção do trabalho entre contrapartes. Por fim, talvez as dificuldades idiomáticas tenham contribuído para o surgimento de tais contratempos, uma vez que a comunicação era prejudicada e ineficiente, como muitos dos colaboradores informaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este manuscrito, cabe esclarecer que o mesmo teve a pretensão de compreender e reconstruir parte de uma história contemporânea e de suma importância para a História da Enfermagem do Rio Grande do Norte e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trata-se, pois, de mais uma aproximação entre norte-americanos e potiguares. Sua realização tornou-se possível através da utilização de fontes documentais e orais – relatos de colaboradores – e teve como propósito conhecer como se estruturava o Serviço de Enfermagem do navio-hospital SS HOPE, seu funcionamento e as relações entre a Enfermagem norte-americana e norte-rio-grandense.

Quanto ao Projeto HOPE, viu-se que foi um dos programas da política externa norte-americana, em tempos de Guerra Fria, que utilizou o navio-hospital SS HOPE para levar ajuda humanitária e favorecer intercâmbio profissional em países em desenvolvimento. Suas atividades, assistenciais e de ensino à saúde, eram desenvolvidas e asseguradas pelo trabalho de uma equipe multiprofissional voluntária de comprovada experiência laboral. Mesmo assim, ações como essa merecem o apreço cuidadoso das intenções e condições com que são selados os acordos entre os países, visto que há possibilidades de subterfúgios políticos, econômicos e culturais não explicitados.

Segundo informaram as enfermeiras norte-americanas, o processo seletivo ocorria com o envio de dados a um escritório e que ele se processava em dois momentos: comprovação de experiência profissional e realização de entrevista. Na avaliação dessas colaboradoras, o Projeto HOPE cumpriu, positivamente, sua missão por meio da cooperação técnico-educacional, compartilhando conhecimentos, recursos e implantando e executando projetos de educação à saúde nos países por onde passou.

Na visão da Enfermagem norte-rio-grandense, as enfermeiras norte-americanas eram habilidosas e demonstravam ter domínio dos conhecimentos técnicos. Ficaram esclarecidos que o Serviço de Enfermagem era, exclusivamente, composto por enfermeiras, assim como a existência de hierarquia. Quanto ao funcionamento desse serviço, o navio dispunha de diferentes unidades de internação, todas sob o gerenciamento e prestação de assistência sob o controle das enfermeiras. O rigor foi uma característica enfatizada pelas potiguares, segundo estas, toda a assistência era bem controlada: informações sobre os pacientes, horários, prescrições, rotinas, exames, curativos.

Em se tratando da rigidez e tensões, apesar de alguns episódios terem vindo à tona, supõe-se que foram facilmente contornados e que não constituíram nenhum empecilho à realização do intercâmbio profissional, dando a entender que os ânimos foram controlados e as atividades prosseguiram. Essa suposição assume relevo pelos momentos de *happy hours*, conforme registram os depoimentos, acontecidos, diariamente, no convés do navio-hospital em clima de confraternização e descontração.

Por fim, espera-se que esta pesquisa tenha alcançado os seus objetivos, contribuindo para a elucidação dos fatos, e que se converta em estímulos à realização de outros estudos relacionados à História da Enfermagem do Rio Grande do Norte e da própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

ADEUS ao HOPE. **A República**, Natal, p. 1, 7 dez. 1972.

ALMEIDA, C. A. et al. A concepção brasileira de “cooperação Sul-Sul estruturante em saúde”. **RECIIS: R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 25-35, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/696/1341>>. Acesso em: 21 set. 2015.

BARNES, R. W. The hospital ship HOPE. **Med Arts Sci.**, Los Angeles, v. 23, n. 3, p. 41-43, 1969.

BIANCHI, E. **Motivação pessoal e profissional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

BOB e Almira, amor a bordo do HOPE. **O Poti**, Natal, p. 15, 15 out. 1972.

BRANQUINHO, A. L. Q. et al. Processo de seleção de enfermeiros de um hospital de ensino da região centro-oeste brasileira. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 394-399, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a10.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisas. Resolução n.º466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013

CAMPOS, A. L. V. Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 879-888, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2015.

COMISSÁRIO de bordo do HOPE casa com natalense. **A República**, Natal, p. 1, 12 ago. 1972.

COFEN. **Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. 1986. Disponível em: <www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso em: 8 out. 2015.

COREN-SP. 30 horas: há 57 anos Enfermagem ouve não. **Enfermagem Revista**, São Paulo, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.coren-sp.gov.br/sites/default/files/01-30-horas.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015.

FARIA, L.; COSTA, M. C. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2015.

FERNANDES, S. M. B. A.; MEDEIROS, S. M.; RIBEIRO, L. M. Estresse ocupacional e o mundo trabalho atual: repercussões na vida cotidiana das superior. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 10, n. 2, p. 414-427, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a13.htm>>. Acesso em: 29 set. 2015.

HALLAL, D. R.; MÜLLER, R. A Embratur e os cursos superiores de turismo no Brasil. 1970-1976. **Revista Rosa dos Ventos**, Caixias do Sul, v. 6, n. 2, p. 164-179, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2528/pdf_259>. Acesso em: 12 set. 2015

KAJIHARA, K. A. **A imagem do Brasil no exterior**: análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR desde 1966 até os dias atuais. 2008. 97 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KESSLER, A. I.; KRUG, S. B. F. Do prazer ao sofrimento no trabalho da enfermagem: o discurso dos trabalhadores. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 49-55, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2015.

KOBAYASHI, E.; FARIA, L.; COSTA, M. C. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional.

Sociologias, Porto Alegre, n. 22, p. 314-351, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2015.

MACIEL, M. E. D.; OLIVEIRA, F. N. Qualidade de vida do profissional técnico de enfermagem: a realidade de um hospital filantrópico em Dourados-MS. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, MS, v. 6, n. 1, p. 83-89, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/viewFile/327/391>. Acesso em: 18 set. 2015.

NAKAMURA, C. C. et al. Motivação no trabalho. **Maringa Management: Revista de Ciências Empresariais**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 20-25, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/viewFile/26/13>>. Acesso em: 12 set. 2015.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, p. 74-77, fev. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2015.

OGUISSO, T.; FREITAS, G. F.; TAKASHI, M. H. Edith de Magalhaes Fraenkel: o maior vulto da Enfermagem brasileira. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 47, n. 5, p. 1219-1226, out. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000501219&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2015.

PADILHA, M. I. et al. As fontes historiográficas em pauta: a história oral e a pesquisa documental. In: BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I. **Enfermagem em Santa Catarina**: recortes de uma história. Florianópolis: Secco, 2011. p. 37-55.

PEAKE, J. B. The Project HOPE and USNS Mercy Tsunami Experiment. **Military Medicine**, Bethesda, USA, v. 10, n. 27, p. 27-29, 2006.

PIRES, D. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 739-744, out. 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2015.

PIRES, D. et al. Jornada de 30 horas semanais: condição necessária para assistência de enfermagem segura e de qualidade. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 1, n. 3. p. 114-118, 2010. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/182/119>>. Acesso em: 18 set. 2015.

RIBEIRO, R. P. et al. O adoecer pelo trabalho na enfermagem: uma revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 495-504, abr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200031&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2015.

RIO GRANDE DO NORTE. “HOPE” chega a Natal na quarta-feira de cinzas. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 8 fev. 1972a.

_____. HOPE chegou e recebeu as boas vindas de milhares de natalenses. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 17 fev. 1972b.

SANTOS, R. F.; CERQUEIRA, M. R. South-South Cooperation: Brazilian experiences in South America and Africa. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 23-47, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2015.

SANTOS, R. M.; LIRA, Y. C. M. S.; NASCIMENTO, R. F. **O Navio HOPE**: um encontro entre a Enfermagem brasileira e a norte-americana. Maceió: EDUFAL, 2009.

STUMM, E. M. F.; MACALAI, R. T.; KIRCHNER, R. M. Dificuldades enfrentadas por enfermeiros em um centro cirúrgico. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 464-471, set. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2015.

4.3 MANUSCRITO 3: O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE: REVISITANDO A HISTÓRIA

O ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE: REVISITANDO A HISTÓRIA

Djailson José Delgado Carlos*
Maria Itayra Padilha*

RESUMO

Estudo histórico-social qualitativo com o objetivo de analisar a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte, referenciando-se sua origem e estruturação, nos anos de 1970. Resulta de consultas a fontes documentais e 12 entrevistas com personagens que vivenciaram essa história. Utilizou-se da análise temática e chegou-se a duas categorias: O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte; e O Departamento de Enfermagem de Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os resultados indicam que o funcionamento do ensino superior em Enfermagem no estado – em Mossoró (1971) e em Natal (1974) – decorre dos desdobramentos da Reforma Universitária, responsável pelo aumento da oferta de vagas e pela abertura de novas Escolas de Enfermagem. Conclui-se que estas iniciativas se originaram da necessidade de qualificação profissional; relacionadas à política nacional desenvolvimentista impressa pelo Milagre Econômico; e à execução do plano de desenvolvimento da Região Nordeste.

Descritores: Enfermagem. História da Enfermagem. Ensino Superior. Educação em Enfermagem. Escolas de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

O ensino superior em Enfermagem, no Rio Grande do Norte (RN), teve sua institucionalização no início da década de 70, por ocasião do funcionamento da Escola de Enfermeiras de Mossoró, em 1971, e do

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

Curso de Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 1974.

A criação e funcionamento dessas duas instituições atenderam a interesses distintos, embora justificados pela mesma necessidade, a de formação de mão de obra qualificada para os serviços de saúde do estado. Como maior importância, possibilitaram a formação local, pois, anterior ao funcionamento dessas, os interessados na carreira de Enfermagem tinham que se deslocar para estados vizinhos para realizarem seus estudos.

Acerca das Escolas de Enfermeiras, na Região Nordeste, as primeiras ações ocorreram no Ceará (Escola de Enfermeiras São Vicente de Paulo, 1943), em Pernambuco (Escola de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, 1945 e Escola de Enfermeiras do Recife, 1947), na Bahia (Escola de Enfermeiras da Bahia, 1946), no Maranhão (Escola de Enfermeiras São Francisco de Assis, 1948) e na Paraíba (Escola de Enfermeiras da Universidade da Paraíba, 1954 e Escola de Enfermeiras Santa Emília de Rodat, 1957). Algumas com o tempo não mantiveram seu nome original, muito provavelmente, por terem sido incorporadas às Universidades, em homenagem a uma personalidade ou, simplesmente, adotaram as denominações de Departamento ou Faculdade (CARLOS et al., 2014).

À época, as enfermeiras diplomadas eram, quantitativamente, insuficientes para exercer a profissão no setor de ensino, administração e na prática assistencial de Enfermagem. As Escolas de Enfermeiras, em número de sete em 1942, passaram a 16 em 1947, 23 em 1949, 34 em 1956, 39 em 1960, 24 em 1962 e 34 em 1969, das quais 28 (87,5%) públicas e quatro (12,5%) privadas. Sobre elas, dados referentes à década de 60 revelam índices médios de desistência e reprovação de alunas, acima de 30% (RESENDE, 1961; ABEN, 1980; FERNANDES, 1985; BAPTISTA; BARREIRA, 2006).

Sobre o ensino superior no Brasil, a Reforma Universitária sob a Lei nº 5.540 (BRASIL, 1968), idealizada conforme padrões norte-americanos, vislumbrou a modernização e expansão das instituições públicas, indicando que os cursos fossem ministrados em universidades, e recomendou a associação do ensino à pesquisa. No que se refere às Escolas de Enfermagem, possibilitou àquelas que se adequaram serem incorporadas aos Centros de Ciências da Saúde ou Biomédicos, assegurando a emancipação das Faculdades de Medicina; composição do corpo docente por enfermeiras; qualificação *stricto sensu* de seus professores; instituição da pós-graduação *stricto sensu* em Enfermagem;

acesso à comunidade nacional de pesquisadores; e, afora isso, um novo currículo (BAPTISTA; BARREIRA, 2006; CARVALHO et al., 2015).

Isso posto, vale informar que o Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) cumpriu algumas etapas burocráticas necessária à sua criação e funcionamento, como: parecer favorável da comissão avaliadora dos novos cursos (UFRN, 1973a), sua aprovação pelo Conselho Universitário (UFRN, 1973b) e disponibilização de 30 vagas para o vestibular em janeiro de 1974 (UFRN, 1973c). A partir de então, junto com os cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia, Educação Física e Ciências Biológicas, passou a integrar o Centro de Ciências da Saúde (CCS).

Assim, diante dessas aproximações, este estudo teve como objetivo analisar a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte, tomando como referência a sua origem e sua estruturação, na década de 70. Dessa forma, assume relevância por abrir perspectivas para o conhecimento da história do ensino de Enfermagem e da profissão no estado.

MÉTOD

Trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem sócio-histórica, do tipo narrativo, para atingir o objetivo do estudo. A respeito de estudos sócio-históricos, faz-se necessário ultrapassar a superficialidade da História simplicista, pobre, solidificada, com aparência enganadora de pseudo-história dos acontecimentos. Há que favorecer a compreensão crítica da produção social dos documentos, da análise não linear do tempo e das especificidades das realidades (LE GOFF, 1993). Assim sendo, devem ser compreendidos pela investigação das intenções humanas (HOBSBAWM, 2007).

Nessa perspectiva, a História é vista como um processo evolutivo de interpretação dos arranjos sociais no qual o homem, como ator social, apresenta-se suscetível às relações de poder e ao contexto. Quanto aplicada à Enfermagem, constitui-se em um método fundamental de conhecimento e interpretação das estruturas sociais nas quais se desenvolveu e se desenvolve a profissão (BRADSHAW, 2013).

Assim, para este estudo, a coleta de dados constou de dois momentos: de janeiro a março/2013, com buscas realizadas no Arquivo Geral do Estado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, à Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN (seção Coleções Especiais) e no jornal Tribuna do Norte; e, de janeiro a julho/2014, quando da realização das entrevistas.

Foram, então, realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com os seguintes colaboradores: cinco enfermeiras-professoras fundadoras do Departamento de Enfermagem/UFRN, quatro professores colaboradores do Departamento de Enfermagem/UFRN e três alunas da primeira turma da Escola de Enfermeiras de Mossoró/RN. Todos atenderam ao critério de participação, a vivência do processo de institucionalização do ensino de superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte. Para tal, utilizou-se dos recursos metodológicos da História Oral Temática e da saturação dos dados para o fechamento amostral.

As entrevistas obedeceram a um agendamento prévio e na oportunidade das realizações foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, sua finalidade, enfatizada a participação voluntária, informada a intenção de publicar os resultados, entre outros aspectos. Leu-se e discutiu-se o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e, quando de acordo, foi solicitada a assinatura do mesmo. Elas tiveram, em média, 101 (cento e um) minutos de gravação e, após serem transcritas e transcriadas, procedeu-se às suas validações para que fossem verificados e corrigidos possíveis erros e enganos (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Feito isso e estando de acordo, requereu-se a assinatura do Termo de Cessão do Depoimento Oral. Optou-se, portanto, pela identificação dos colaboradores pelos seus sobrenomes.

A análise e interpretação dos dados ocorreram através da leitura criteriosa do material coletado, com a qual buscou-se a compreensão objetiva e sistemática dos significados. Utilizou-se, portanto, da Análise Temática para a reconstrução da história do ensino superior em Enfermagem, no Rio Grande do Norte, por versar sobre assuntos específicos. Ao final dessa etapa emergiram duas categorias com subcategorias, a saber: O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte (Escola de Enfermeiras de Mossoró: circunstâncias e pioneirismo; e Mobilização para o Ensino de Graduação em Enfermagem em Natal) e O Departamento de Enfermagem de Natal/UFRN (Organização e funcionamento do Departamento de Enfermagem/UFRN; O professor colaborador do Curso de Enfermagem/UFRN e suas contribuições; e As relações interpessoais no Departamento de Enfermagem/UFRN).

Este estudo atendeu às recomendações da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que trata sobre pesquisas envolvendo seres humanos e contou com sua submissão e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o Parecer Consubstanciado de nº 425.196, de 14/10/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar a formação de enfermeiras no Brasil tomando como referência o funcionamento da Escola de Enfermagem Anna Nery, pioneira no sistema anglo-americano, é constatar que, lentamente, essa modalidade de ensino de expandiu pelo país. No caso do Rio Grande do Norte, decorreram 48 anos para que a primeira iniciativa se concretizasse. Sobre esse acontecimento, uma particularidade, a de não ter ocorrido na capital do estado, onde já funcionava, desde o ano de 1956, uma Escola de Auxiliares de Enfermagem.

A seguir, serão apresentados alguns subsídios para revisitar a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte, objeto deste estudo. Serão, pois, apresentadas duas categorias – O ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte e O Departamento de Enfermagem de Natal/UFRN – e suas respectivas subcategorias, que detalham, a partir de depoimentos fornecidos por 12 colaboradores, personagens vivos dessa história, como ocorreu esse processo.

O ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE

Escola de Enfermeiras de Mossoró: circunstâncias e pioneirismo

A institucionalização do ensino superior em Enfermagem, no Rio Grande do Norte tem seu marco inicial com a criação e o funcionamento, 1968 e 1971, respectivamente, da Escola de Enfermeiras de Mossoró, hoje Faculdade de Enfermagem (FAEN) e integrada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Essa Escola teve como idealizador o advogado e professor mossoroense João Batista Cascudo Rodrigues e sua criação atendeu ao desejo de fazer funcionar, juntamente com a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, uma Universidade em Mossoró/RN. Sua criação coincide com o “milagre econômico” brasileiro, com as políticas federais de incentivo ao desenvolvimento do Nordeste, a expansão do ensino superior nacional decorrente da Reforma Universitária/1968 e com a implantação de indústrias e a ampliação dos serviços privados de saúde no estado (COSTA, 2000; MENESES, 2005).

Para dar andamento às atividades administrativas e pedagógicas da Escola, foram contratadas três enfermeiras tituladas no Ceará: Maria

D'arc Cavalcanti e Silva, Gertrudes Suassuna de Souza e Janete Maria Matos (MEDEIROS, 1994; COSTA, 2000; MENESES, 2005). Assim...

[...] em 1968, é criada a Escola de Enfermeiras de Mossoró, porém seu funcionamento teve início no ano de 1971, após o vestibular [...] sua criação atendeu a interesses de fazer funcionar uma Universidade [...] a Enfermagem, dentre os cursos da saúde, era o mais barato e poderia contar com uns poucos médicos existentes na cidade, na condição de docentes [...] pensava-se em pequenos investimentos, na utilização dos hospitais como campo de estágios, bem como que facilitaria o acesso ao Ministério da Educação, em função da política de expansão do Ensino Superior em Enfermagem decorrente da Reforma Universitária [...] o professor João Batista Cascudo Rodrigues, seu idealizador, visitou grandes centros e manteve contato com Circe de Melo Ribeiro, presidente da ABEn Nacional, à época [...] de Fortaleza/CE vieram as enfermeiras Maria D'arc Cavalcante e Silva, como coordenadora e professora de Enfermagem Médico-Cirúrgica e Administração; Janete Maria Matos, para a disciplina de Enfermagem Materno-Infantil; e Gertrudes Suassuna de Souza, responsável por Enfermagem em Saúde Pública e Enfermagem em Saúde Mental (MOURA).

Nos primeiros anos de funcionamento as condições eram mínimas [...] enfrentamos dificuldades de campos de estágios, acesso às Unidades de Saúde e aos hospitais [...] nossas professoras apesar de jovens e idealistas assumiram, com muita responsabilidade e empenho, essa experiência inovadora e pioneira no estado, que foi a Escola de Enfermeiras de Mossoró (CARVALHO).

Não tínhamos enfermeiras supervisoras nos estágios e faltavam professores enfermeiros e material didático-pedagógico e de laboratórios [...] assistíamos aulas de Anatomia e Fisiologia com o Dr. Leodécio Fernandes Néó, um médico-cirurgião, durante as cirurgias, por falta de peças

anatômicas ou manequim [...] enfermeira padrão Anna Nery, na nossa cidade, por muito tempo, só as nossas professoras: Maria D'arc Cavalcante e Silva, Janete Maria Matos e Gertrudes Suassuna de Souza [...] certo dia, houve uma reunião para conhecermos a enfermeira Semíramis, do Hospital Duarte Coelho [...] nos serviços de saúde de Mossoró só existiam atendente de Enfermagem (PINTO).

Os relatos destacaram que havia a intenção de fazer funcionar uma Universidade em Mossoró/RN, a partir da existência de três Faculdades, contando com a de Enfermagem. Nesse cenário é criada a Escola de Enfermeiras de Mossoró (1968), porém em condições pouco favoráveis, haja vista o seu funcionamento ter iniciado em 1971, três anos após, e, mesmo assim, em condições consideradas, à época, pouco satisfatórias.

Embora fosse reconhecida a necessidade de formação de recursos humanos qualificados para responder às necessidades dos serviços de saúde locais, foram grandes as dificuldades de infraestrutura a superar, como: ampliação do laboratório e do acervo bibliográfico; convênios com instituições de saúde para fins de aulas práticas; capacitação dos docentes; reorganização da grade curricular, entre outras (COSTA, 2000; MENEZES, 2005). A superação desses entraves implicou no atraso do seu reconhecimento em sete anos, ou seja, ocorreu no ano de 1978, com a Escola já tendo formado seis turmas.

Diante disso, providências foram adotadas e, no que diz respeito ao quadro de docentes, [...] *como não havia enfermeiras, nós, alunas, fomos contratadas pela Escola como monitoras a partir de 1972 [...] ministrávamos aulas às turmas subsequentes à nossa [...] depois da formatura, fomos contratadas como professoras da instituição [...], informaram as colaboradoras MOURA e PINTO.*

Dessa maneira, os depoimentos se constituem em uma amostra de parte das dificuldades da Escola de Enfermeiras de Mossoró nos seus primeiros anos de funcionamento, sendo necessário superar obstáculos como: falta de professoras enfermeiras, material didático-pedagógico, laboratórios, supervisores e campos de estágios. Além disso, possibilitam a percepção de quão grande foi o empenho das professoras pioneiras ao administrarem essas e outras adversidades, com o intuito de garantir aos estudantes a melhor formação possível.

Mobilização para a criação do Curso de Enfermagem/UFRN

O ensino da Enfermagem Moderna, no Rio Grande do Norte[,] tem como marco o funcionamento, a partir de 1956, da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, destinada à formação de profissionais de nível médio, nas dependências do Hospital Miguel Couto, hoje Hospital Universitário Onofre Lopes. Constituindo-se, portanto, na primeira experiência com o ensino deste que é a mais tradicional instituição formadora de profissionais de saúde do estado.

Esse feito corresponde à realização de um sonho expresso desde 1927, no Regimento Interno do Hospital do Hospital – sob a administração da Sociedade de Assistência Hospitalar –, de fazer funcionar uma Escola de Enfermeiras e Parteiras, anexa às suas dependências. Porém sua criação ocorreu em 1934 e sua fundação no ano de 1950; em ambas as oportunidades, a falta de recursos adiou o início das atividades e, por isso, aguardou a reunião das condições necessárias à sua autorização, em 1955 (CARLOS, GERMANO, PADILHA, 2014).

Assim, o convênio firmado entre a Sociedade, a Divisão de Organização Hospitalar e a Campanha Nacional Contra a Tuberculose tornou possível o seu funcionamento, em 1956, mas, como já informado, destinada à formação de profissionais de nível médio. Cabe dizer que estiveram à frente dessa realização os médicos Januário Cicco – na elaboração do Regimento Interno, criação e fundação – e Onofre Lopes da Silva – na autorização e funcionamento (CARLOS, 2005; ALENCAR; TIMÓTEO, 2006).

Mas, sobre o ensino superior em Enfermagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte...

[...] há muito conversávamos – eu, Raimunda Germano, Oscarina Coelho, Guiomar Barreto, Élide Santos, Dayse Leite, Graça Braga e Leda Moraes [...] sei que a Universidade estava vivendo um momento de expansão que contemplava a criação de novos cursos, entre outros itens [...] acredito que a criação do Curso de Enfermagem, em Natal, tenha sido uma decisão institucional (VILA NOVA).

Nossas discussões sobre o ensino superior em Enfermagem antecedem a vinda do Projeto HOPE, em 1972 [...] a iniciativa foi coletiva e

consensual [...] não entendíamos o porquê de Natal não ter um Curso de Enfermagem [...] a experiência de Mossoró, com a Escola de Enfermeiras, em funcionamento desde 1971, foi provocativa e positiva [...] tínhamos a nosso favor a existência de um hospital de ensino, uma maternidade-escola e as faculdades de Odontologia, Medicina e Farmácia [...] tínhamos tradição no ensino de Enfermagem, embora em nível médio, desde meados da década de 1950, com a Escola de Auxiliares, equipada com uma pequena biblioteca, laboratório e professoras enfermeiras [...] quanto à aprovação do Curso de Enfermagem, ninguém pode negar o beneplácito do Prof. Leide Moraes, Vice-Reitor, esposo de Leda Moraes (GERMANO).

Todos os preparativos para a abertura do Curso de Enfermagem coube, exclusivamente, às colegas enfermeiras professoras daqui de Natal [...] naquele tempo, a UFRN dispunha de enfermeiras no Hospital Universitário e na Maternidade Escola, muitas delas eram, também, professoras da Escola de Auxiliares [...] provavelmente, a experiência com a Enfermagem do navio-hospital SS HOPE, no ano de 1972, tenha sensibilizado a cúpula da UFRN para a necessidade de qualificar a nossa Enfermagem [...] o Curso de Enfermagem abriu horizontes (BARRETO).

Era complicado para o Hospital Universitário e uma Maternidade Escola querendo crescer e não ter o alicerce da Enfermagem [...] existia a necessidade de qualificação profissional, pelos hospitais do estado e pela própria Universidade [...] eram poucas enfermeiras [...] o Prof. Leide Moraes, marido de Leda Moraes, sempre apoiou a Enfermagem e sua condição de Vice-Reitor, à época, pode ter sido decisivo à criação do Curso de Enfermagem/UFRN (LEITE).

Era unânime o interesse e entusiasmo para a criação do Curso de Enfermagem [...] nós, enfermeiras professoras da Escola de Auxiliares, já vínhamos articulando há algum tempo [...]

dependíamos de fortes questões políticas [...] à frente disso estava o Vice-Reitor Prof. Leide Morais, médico-professor e também diretor da Maternidade Escola (COELHO).

O desejo de fazer funcionar o ensino superior em Enfermagem acompanhava o grupo de enfermeiras-professoras e professoras colaboradoras da Escola de Auxiliares de Enfermagem havia algum tempo. Atribui-se a sua concretização aos desdobramentos da Reforma Universitária, de 1968, ao plano de expansão da UFRN para a década de 70 e ao empenho do Prof. Leide Morais.

Sobre essa Escola de Auxiliares, ressalta-se que a mesma estava incorporada à Faculdade de Medicina/UFRN, desde 1964, e que suas professoras, também enfermeiras da UFRN, acumulavam funções assistenciais no Hospital Universitário e na Maternidade Escola (CARLOS, 2005; ALENCAR; TIMÓTEO, 2006). Esse grupo inquieto, segundo os relatos, quanto às dificuldades para criação do Curso de Enfermagem, acreditava que a UFRN – criada em 1958 e federalizada, em 1960 – dispunha de estrutura condizente ao funcionamento do ensino superior em Enfermagem, considerando-se a regularidade dos cursos da área Biomédica (Ciências Biológicas, Farmácia, Medicina e Odontologia).

Quanto ao plano de expansão da Universidade, “*uma comissão vai ver as possibilidades de criação do Curso Superior de Enfermagem e é composta dos professores Clemente Galvão Neto, Dalton Barbosa e Vicente Dutra de Almeida*”, assim noticiou o Jornal A República (UNIVERSIDADE..., 1973, p. 7). Os trabalhos dessa Comissão resultaram no parecer favorável e na sugestão de ofertar 30 vagas, que culminou com a aprovação e criação do Curso ao Curso Superior de Enfermagem, em 13 de agosto de 1973 (UFRN, 1973a, 1973b).

Sobre essa Comissão, uma ressalva quanto à ausência de enfermeiras...

[...] era composta por membros dos Colegiados Superiores da Universidade e nós não fazíamos parte deles [...] nós, enfermeiras professoras da Escola de Auxiliares de Enfermagem, fomos consultadas, mas não tivemos acesso, embora, muitas vezes, tivéssemos que providenciar documentos e prestar informações (GERMANO).

Não participamos porque não tínhamos experiência com o ensino superior [...] éramos professoras do ensino médio [...] essa Comissão era formada, exclusivamente, por professores universitários (VILA NOVA).

Desse modo, o edital publicado em 9 de setembro de 1973, tendo a Comissão Permanente do Vestibular como responsável pelo concurso, contemplava 30 vagas para o Curso de Enfermagem. As inscrições foram realizadas nos dias 26 e 27 do mesmo mês e as provas, a partir de 6 de janeiro de 1974, a começar às 8 horas, por quatro dias consecutivos. Assim, para a turma 1974.1, pioneira no ensino superior em Enfermagem/UFRN, houve o preenchimento total das vagas disponibilizadas, contando com a aprovação de candidatos de ambos os sexos, sendo 25 mulheres e cinco homens. Sobre a mesma, no que se refere à sua colação de grau, em 10 de dezembro de 1977, vale destacar a composição de apenas 20 formandos e todos eles do sexo feminino (UFRN, 1973c; COMPERVE, 1974; UFRN, 1977b; TEODÓSIO, 2014).

Sobre a mobilização necessária à criação do Curso de Enfermagem/UFRN, convém frisar o acontecimento de alguns eventos: existência do desejo, entre as enfermeiras-professoras da EEN, em fazer funcionar o ensino superior em Natal e que o mesmo antecede a passagem do Projeto HOPE, no ano de 1972; os desdobramentos da Reforma Universitária, responsável pela ampliação do ensino superior e a oferta de vagas em todo o país; a execução do plano de expansão da Universidade; o pioneirismo da Escola de Enfermeiras de Mossoró; e a certeza de dispor da estrutura – hospitais universitários, biblioteca, laboratórios – existente na UFRN.

O DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DE NATAL/UFRN

Organização e funcionamento do Departamento de Enfermagem/UFRN

O Curso de Enfermagem/UFRN nasceu como um Departamento do Centro de Ciências da Saúde, composto, à época, pelos cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia, Educação Física e Ciências Biológicas. Como tal, passou a gozar de autonomia administrativa para o desenvolvimento de suas atividades. Porém, sua organização e funcionamento tornaram-se possíveis com a cessão feita pela Escola de

Auxiliares de Enfermagem de parte da sua estrutura física e de pessoal. A partir de então, o mesmo espaço físico passou a abrigar os diferentes níveis de ensino – auxiliar, técnico e superior – de Enfermagem (CARLOS, 2005). Dessa maneira...

[...] o Curso de Enfermagem aprovado em 1973 iniciou suas atividades no ano seguinte, com a entrada dos alunos aprovados no vestibular [...] coube a Leda Morais a chefia do Departamento de Enfermagem e a Raimunda Germano, a Coordenação do Curso [...] enfrentamos muitas dificuldades para iniciar o Curso de Enfermagem, afinal nossa experiência era com o ensino médio [...] eu e Nadir Vila Nova cursamos Licenciatura [...] todas nós dedicamos muitas horas de trabalho e noites de estudos [...] as disciplinas do Curso de Enfermagem foram distribuídas de acordo a área de interesse e atuação de cada enfermeiro professor (BARRETO).

A estruturação curricular, propriamente dita, foi respaldada na legislação e contou com subsídios de outras Escolas de Enfermagem como UFBA, UFPE, EEAN e USP [...] como primeira coordenadora eleita do Curso de Enfermagem posso dizer que ele nasceu nas minhas mãos, organizando tudo [...] tomamos muitas providências, como: organização das disciplinas do Ciclo Profissionalizante; contratação de novos professores enfermeiros; integração dos Ciclos Básico e Profissionalizante; acompanhamento do desenvolvimento dos alunos; providenciar campos de estágios; qualificação dos docentes; entre outras [...] contornamos o contratempo dos livros utilizando a biblioteca setorial do Centro de Ciências da Saúde [...] os acertos para o Mestrado ficaram sob a responsabilidade de Leda Morais, a Chefe do Departamento [...] Élide Santos, Nadir Vila Nova e Guiomar Barreto foram para EEAN e Dayse Leite para a USP (GERMANO).

A Reforma Universitária, de 1968, recomendou a qualificação docente [...] Pós-Graduação stricto

sensu, naquele tempo, apenas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo [...] os afastamentos, apesar de necessários e planejados, trouxeram muitas dificuldades para o Departamento [...] os professores colaboradores contribuíram para não causar prejuízo às atividades [...] o reitor Genário Alves da Fonseca facilitou nossas vidas, pois éramos todas casadas [...] durante o curso, recebemos nosso salário e uma bolsa do CNPq (VILA NOVA).

As professoras da Escola de Auxiliares foram transferidas para o Departamento de Enfermagem [...] eu, do Hospital Infantil Varela Santiago, e Graça Braga, da Maternidade Escola, já colaborávamos com a Escola de Auxiliares recebendo alunos no período de estágios, porém somos as primeiras docentes concursadas do Departamento, eu para Pediatria e ela para Obstetrícia (LEITE).

Ficam claras as muitas demandas requeridas à organização e ao funcionamento do Curso de Enfermagem/UFRN, umas de competência institucional – criação do Departamento, nomeação de cargos e contratação de docentes – outras, funcionais – estruturação curricular, eleição para Coordenação do Curso, programações didático-pedagógicas, seleção de professores, qualificação docente, acompanhamento discente e mais providências. Os relatos apontam a realidade de sobrecargas de trabalho, visto que as professoras da Escola de Auxiliares, que também eram enfermeiras assistenciais, passaram a acumular responsabilidades com o ensino superior de Enfermagem. É perceptível o cuidado em atender às recomendações para bem iniciar as atividades e que, nesse processo, o intercâmbio com instituições congêneres, provavelmente, tenha minimizado as dificuldades e auxiliado a tomada de decisões.

Acerca da legislação vigente, o Conselho Federal de Educação através do Parecer nº 163/72 e da Resolução nº 4/72 – oriundos da Reforma Universitária de 1968 – estabeleceu que a duração do curso em 3 anos e sua composição em três partes sucessivas: pré-profissional (fundamentação comum aos cursos da área biomédica), profissional (disciplinas específicas e colação de grau) e habilidades (facultativas após a formatura; Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem

Obstétrica e Enfermagem em Saúde Pública). Quanto às solicitações necessárias a seu funcionamento, como: material didático, corpo docente, laboratório e biblioteca, ressalta-se a importante contribuição dada pela Escola de Auxiliares.

A Reforma Universitária trouxe consigo a ideia de educação superior adaptada às metas do desenvolvimento econômico nacional impondo às universidades – federais e estaduais, gradativamente, um processo de modernização. Como inovação, introduziu o regime departamental, aboliu as cátedras vitalícias, institucionalizou a progressão acadêmica dos docentes, estruturou o ensino em ciclos (pré-profissional e profissional), unificou o vestibular e o tornou classificatório. Contudo, essas medidas não foram suficientes para atender a crescente demanda ao ensino superior, favorecendo, assim, a expansão da iniciativa privada. Sobre esta, inicialmente tímida, funcionando em estabelecimentos isolados e de pequeno porte, encontra-se na atualidade estruturada nos moldes de empresas educacionais voltadas à obtenção de lucro econômico e para o rápido atendimento às demandas do mercado educacional (MARTINS, 2009).

Na realidade brasileira do ensino superior de Enfermagem, dos 32 cursos em 1969, 28 (87,5%) eram públicos e quatro (12,5%), privados; eles são 152 em 1999, sendo 80 (53%) públicos e 62 (47%), privados; e no período entre 2000 e 2005, dos 310 novos cursos iniciados, 288 (93%) eram privados e 22 (7%) eram públicos (BAPTISTA; BARREIRA, 2006).

Em se tratando do Rio Grande do Norte, no período de 1971 a 2003, constam apenas os cursos, um em Mossoró, outro em Natal, ambos públicos, sendo o primeiro de administração estadual e o segundo, federal. Entre 2004 e 2014, são criados 14 novos cursos dos quais 10 (71,42%) privados e quatro (28,57%) públicos. Do ponto de vista geográfico, encontram-se presentes nas quatro mesorregiões do estado e distribuídos por seis municípios, a saber: Oeste Potiguar (Mossoró e Pau dos Ferros), Central Potiguar (Caicó), Agreste Potiguar (Santa Cruz) e Leste Potiguar (Natal e Parnamirim) (BRASIL, 2015).

Vê-se, desse modo, que a organização e o funcionamento do Departamento de Enfermagem/UFRN requereram do grupo de enfermeiras-professoras fundadoras muita dedicação e empenho, segundo elas mesmas, foram muitas horas de trabalho e noites de estudos. Apesar de ser um grupo de comprovada experiência com o ensino médio, tudo assumiu a feição de novidade e com muitos encaminhamentos de natureza administrativa (Chefia de Departamento e Coordenação de Curso), estrutural (bibliotecas, espaço físico),

funcionais (seleção e qualificação de professores), didático-pedagógico (livros, currículo, estruturação das disciplinas e campos de estágios), entre outros. Convém ressaltar que parte dessas resoluções se deve à cessão, por parte da EEN, de sua estrutura física e de pessoal.

O professor colaborador do Curso de Enfermagem/UFRN e suas contribuições

O funcionamento do Departamento de Enfermagem requereu, entre outros quesitos, a ampliação do quadro de docentes. Para isso e em atendimento às recomendações institucionais, foram efetivados concursos para professores da UFRN, na condição de colaboradores. Essa seleção teve por finalidade compor o corpo docente, em caráter temporário, para assegurar a continuidade das atividades acadêmicas, considerando-se a necessidade de afastamento de alguns para a realização de pós-graduação, *stricto sensu*. Dessa maneira, segundo alguns colaboradores...

[...] para trabalhar no Departamento de Enfermagem/UFRN, como professor colaborador, o processo seletivo priorizou as contratações de enfermeiros especialistas e, mesmo assim, foi bem difícil consegui-los (BARRETO).

Lembro-me de enfermeiros professores colaboradores vindos de Recife (Normélia Maria Freire Diniz, José Cristovam Martins Vieira, Ângela Maria Leal de Moraes Vieira, Rosineide Santana de Brito), de Mossoró (Abgail Moura), de Fortaleza (Francisca Valda da Silva) [...] havia, também, enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, contratadas como professoras visitantes e profissionais da Paraíba (LEITE).

Atuei, de 1976 a 1980, como professora colaboradora do Curso de Enfermagem/UFRN e coordenei a disciplina Enfermagem Materno-Infantil [...] as aulas teóricas eram no período da manhã e, os estágios e atividades de extensão, às tardes [...] seguíamos o mesmo programa curricular da disciplina do curso de Enfermagem/UFPE [...] trabalhei em colaboração

com as enfermeiras professoras do Projeto HOPE Terra, Mary Anne Small – em algumas unidades de saúde – e Margareth Mein da Costa – na Chefia do Departamento [...] criei os Serviços de Pré-Natal nos Postos de Saúde da Cidade Nova, Felipe Camarão, Cidade da Esperança [...] com as professoras da disciplinas e da UFPE, criamos o habilitação em Enfermagem Obstétrica/UFRN [...] utilizávamos a Maternidade Escola para a assistência ao parto, puerpério e acompanhamento neonatal [...] criamos, ainda, na Maternidade Escola, o alojamento conjunto e protocolos docente-assistencial na sala de parto [...] foi determinante o apoio o Dr. Leide Moraes e Leda Moraes, Diretor Geral e Diretora de Enfermagem, respectivamente, da Maternidade Escola Januário Cicco (DINIZ).

Chego a Natal em janeiro/1976 e permaneço até julho/1979 [...] vim pelo Projeto HOPE Terra [...] comecei a ensinar Enfermagem Pediátrica, dentro da disciplina Enfermagem Materno-Infantil, no Departamento de Enfermagem/UFRN, em março de 1976 [...] participei dos planejamentos da disciplina [...] pelas manhãs, ministrávamos aulas e, às tardes, acompanhávamos os estudantes nos estágios [...] junto aos alunos desenvolvíamos ações de Enfermagem, como: imunizações; puericultura; cuidados às crianças hospitalizadas e como doenças infecciosas; aulas de educação em saúde para os pais de crianças hospitalizadas; atividades lúdicas para crianças hospitalizadas; visitas domiciliares, entre outras [...] participei do Curso de Especialização em Enfermagem Comunitária/UFRN ministrando aulas teórico-práticas (REDDING).

Aceitei o convite da Prof^a Normélia Diniz e permaneci em Natal de 1976 a 1979 [...] o curso já estava em pleno desenvolvimento [...] no caso da Enfermagem, os professores colaboradores foram contratados para compor o quadro de docentes do Departamento e para substituir aqueles que estavam afastados para cursar o Mestrado [...] planejávamos, em conjunto, a

Disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica [...] as aulas teóricas eram ministradas no Departamento de Enfermagem, e as práticas, no Hospital Walfredo Gurgel e Hospital Giselda Trigueiro [...] lembro que vieram colegas da Paraíba (Dulcinéia, Socorro e Vera), de Pernambuco (eu, Normélia Diniz, Ângela Vieira e Rosineide Brito), do Ceará (Francisca Valda da Silva), de Mossoró (Abgail Moura) e dos Estados Unidos, do Projeto HOPE Terra (Jane Shima, Mary Anne Small, Margareth Mein e Sharon Redding) (MARTINS VIEIRA).

Aceitei a indicação da Prof^a Neide Ferraz, da Escola de Enfermagem/UFPE[,] e fui contratada como professora colaboradora/UFRN, de 1977 a 1979, em regime celetista com 40 horas semanais [...] minha chegada a Natal coincide com o início do ciclo profissionalizante [...] lecionei Doenças Transmissíveis e Enfermagem Médico-Cirúrgica nos cursos de Auxiliar, Técnico e Graduação em Enfermagem que funcionavam no mesmo prédio [...] trabalhávamos de acordo às orientações metodológicas recebidas no curso de Ensino por Objetivos, do Programa de Aperfeiçoamento de Docentes do Ensino Superior (PADES) [...] prestávamos atendimento individualizado dos alunos; criamos os plantões noturnos, de 12 horas, no Hospital Walfredo Gurgel; e, utilizamos vídeos sobre urgência doados pelo Projeto HOPE (MORAIS VIEIRA).

Cheguei em 1977 e permaneço até hoje como professora do Departamento de Enfermagem/UFRN [...] naquele tempo o curso estava totalmente estruturado e em pleno funcionamento [...] fui contratada para a disciplina Enfermagem Materno-Infantil, que abrangia a saúde da mulher, neonatologia e pediatria [...] na condição de professor colaborador, ministrávamos aulas e acompanhávamos alunos dos cursos de Auxiliar, Técnico e universitário em Enfermagem [...] havia também um convênio entre o Departamento e a Secretaria Estadual de Educação para o ensino

profissionalizante em Técnico em Enfermagem, e, por isso, nós também dávamos aulas em escolas públicas conveniadas, como, por exemplo: Escola Professor Anísio Teixeira e Escola Estadual Winston Churchill [...] era uma equipe só para tudo [...] trabalhei com as professoras Normélia Maria Freire Diniz, Luzineide Nunes Ribeiro, Akemi Iwata Monteiro, Sarah Veras Pedroza e com Dayse Maria Gonçalves Leite e Léa Ávila Arce, ao retornarem do Mestrado (BRITO).

As falas elucidam a participação dos professores colaboradores, das mais variadas origens e formação profissional, no início do Curso de Enfermagem/UFRN, enfocando o processo seletivo, identificando personagens e destacando a maneira como desenvolviam suas atividades. Para esse cargo foram firmados contratos temporários junto à Universidade, de acordo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), para o cumprimento de 40 horas semanais. Importa dizer que a inserção desses profissionais, no Departamento de Enfermagem/UFRN, coincide com o funcionamento das disciplinas do Ciclo Profissionalizante. Sobre a atuação dos mesmos, estes ministraram aulas teórico-práticas, acompanharam os alunos no período de estágios – hospitais e Unidades de Saúde – e que desenvolveram atividades de extensão.

Percebe-se, também, o reforço de que essas contratações ocorressem para que fosse assegurada a continuidade das atividades do ensino, considerando-se a necessidade de afastamento de algumas professoras para o Mestrado. Por fim, revelaram que os professores colaboradores exerceram suas funções em três níveis de ensino, no caso da Enfermagem, nos cursos auxiliar, técnico e superior.

Convém destacar que o ensino de Pós-Graduação *stricto sensu* – respaldado pela Lei nº 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961) e pelo Parecer nº 977 (BRASIL, 1965) – guarda estreita relação com o desenvolvimento econômico do país e atendia ao apelo de formação de recursos humanos qualificados. No caso da Enfermagem, no que tange a cursos de Mestrado, a Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, em 1972, consta como sendo pioneira e que o curso fora criado sob a perspectiva de formar mestres de diferentes regiões para expandi-lo pelo país. Na Região Nordeste, por sua vez, essa modalidade de Pós-Graduação teve início no ano de 1979, nas Universidades Federais da Bahia e da Paraíba (FERNANDES; SILVA; CALHAU, 2011; SCOCHI et al., 2013).

As falas contemplam esforços e estratégias adotadas pela UFRN durante os primeiros anos de funcionamentos do Departamento de Enfermagem, como, por exemplo para assegurar o afastamento de seus docentes para qualificação com a contratação de professores colaboradores, em regime celetista, para não comprometer a continuidade das atividades. Sobre estes, vale relembrar que vieram de estados circunvizinhos e que atuaram nas disciplinas do Ciclo Profissionalizante, ministrando aulas e acompanhando alunos em campos de estágio.

As relações interpessoais no Departamento de Enfermagem/UFRN

Havia muito a ser providenciado para o adequado funcionamento do Departamento de Enfermagem/UFRN. No quesito relações interpessoais – pessoas ou grupos –, para que se desenvolvam de forma salutar, faz-se necessário identificar afinidades, visto que a empatia se constitui em um dos elementos imprescindíveis ao bom relacionamento, uma vez que favorece a compreensão despretensiosa das experiências positivas e negativas do outro (FORMOZOL et al., 2012). Quanto a isso...

[...] durante a minha temporada em Natal, candidatei-me à Coordenação do Curso de Enfermagem, mas perdi a eleição [...] foi um processo desgastante e fiquei sem clima para continuar em Natal [...] era jovem, idealista e me faltou maturidade para superar a crise [...] naquela época, havia muitas tensões no Departamento [...] eu sabia dar uma formação adequada e das minhas competências, então, eu não havia o sentimento de dever favor ao outro [...] Leda Moraes e Oscarina Saraiva Coelho, têm seus méritos, mas botavam o dedo em tudo, orquestravam e mandavam no Departamento [...] o controle era tanto que certa vez fui chamada a atenção por causa das minhas roupas (MORAIS VIEIRA).

Mesmo sendo de fora e sem estabilidade na UFRN, fiz oposição ao pessoal local (risos) nas eleições para o Departamento de Enfermagem [...] eu era jovem, cheio de gás e queria mudar o que não estava correto, então comecei a

participar da política [...] havia muita centralização de poder no Departamento de Enfermagem [...] foi um desgaste danado e um bom aprendizado, mas também o motivo do meu retorno a Recife/PE, em 1979 [...] antes de voltar fiz um dossiê sobre as irregularidades do Departamento e o encaminhei ao Reitor [...] o problema cresceu bastante e foi contornado pela Prof^a Raimunda Germano, recém-chegada do Mestrado e que assumiu a Chefia do Departamento [...] foi um ônus muito grande para mim e para minha família [...] eu, inclusive, estava aguardando minha saída para o Mestrado (MARTINS VIEIRA).

Quem era de casa, era de casa [...] todos os lugares têm interferência do poder e, por isso, os conflitos [...] havia um grupo que criou e organizou o Departamento de Enfermagem/UFRN e que divergia entre si [...] era grande o jogo de interesses e vaidades [...] reforço que os agitos eram no Departamento e não na Disciplina Enfermagem Materno-Infantil [...] Leda Moraes teve muitos conflitos no Departamento que a acompanharam com sua saída à Maternidade Escola e que, por sua vez, respingou em nossa Disciplina [...] as enfermeiras do Projeto HOPE Terra, professoras visitantes, também encontravam dificuldades [...] faltou-nos espaço e reconhecimento [...] entendo que o curso estava em fase de implantação e com professores de outros estados e americanos, todos com formações profissionais e culturais diferentes [...] por esses conflitos, desgastes e demissões eu não tinha mais motivação para permanecer em Natal [...] decidi, também, por retornar, em 1980, a Recife/PE (DINIZ).

Os depoimentos revelaram tempos conturbados entre os professores do Departamento de Enfermagem/UFRN, nos primeiros anos de funcionamento. Eles fazem referências à existência de vaidades, tensões, centralização de poder, falta de reconhecimento e, até, a divergências entre o grupo fundador. Sobre estas questões é importante perceber a heterogeneidade do grupo – formação e cultura – o que muito

provavelmente possa ter contribuído para dificultar as relações interpessoais.

Sobre relações interpessoais, sabe-se que elas se processam em vários segmentos da atividade humana, mas necessariamente por meio do convívio entre pessoas, nos mais diversos contextos.

No trabalho, assumem relevância na tomada de decisões pela possibilidade de serem pensadas, planejadas e executadas conjuntamente. Por sua vez, podem influenciar o cotidiano de forma harmoniosa, através de relações que favoreçam o aprimoramento dos indivíduos, ou desfavoráveis, ao interferir no desenvolvimento e na realização das atividades pela equipe (WAGNER et al., 2009).

Acredita-se, pois, que a compreensão e tolerância dos sentimentos, comportamentos e motivações alheios são determinantes à ampliação da percepção da realidade e ao crescimento individual, bem como à boa execução das atividades, visto que chefes e colegas de trabalho não são escolhidos. Sobre isso, se, por um lado, a chegada de novos profissionais no Departamento de Enfermagem/UFRN, com culturas e formações diferentes, contribuiu para o aumento da instabilidade do grupo local e favoreceu o surgimento de novos conflitos, por outro, com certeza, propiciou o amadurecimento e o enriquecimento profissional através da troca de conhecimento e experiências. Vale reforçar, como informaram os colaboradores, que estiveram aqui, nos primórdios do Curso de Enfermagem/UFRN, por temporadas diferenciadas, professores de estados vizinhos e até dos Estados Unidos, pelo do Projeto HOPE Terra.

Por fim, quanto ao Projeto HOPE Terra (1973-1985), convém esclarecer que o mesmo correspondeu a uma extensão do Projeto HOPE, no Rio Grande do Norte, e que foi implantado no ano seguinte à partida do navio-hospital SS HOPE (dezembro de 1972). Suas atividades consistiram, basicamente, em apoiar o ensino superior da UFRN nos cursos de Medicina, Odontologia e Enfermagem (UFRN, 1977a). No caso deste, as enfermeiras norte-americanas que aqui estiveram tinham experiências com o ensino e atuaram na condição de professoras visitantes (1974-1981). A chegada delas coincide com o início do Ciclo Profissionalizante do Curso de Enfermagem/UFRN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, torna-se importante reafirmar que seu objetivo foi analisar a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Rio Grande do Norte e que este ensejo resulta de

pesquisas realizadas junto aos serviços de arquivos, relatórios, legislação, livros, produções acadêmicas, entre outros, a partir dos quais foi possível revisitar parte dessa história. Igualmente importante foi dispor, voluntariamente, das contribuições de 12 (doze) personagens que vivenciaram essa história.

Cabe destacar que a institucionalização do ensino superior em Enfermagem no estado ocorreu, primeiramente, no interior, no Município de Mossoró (1968) e, depois em Natal, a capital, no ano de 1973. Ambas decorreram da necessidade de qualificação profissional, assim como estão relacionadas ao crescimento do sistema previdenciário de saúde, à política expansionista do ensino superior advinda com a Reforma Universitária de 1968 e ao plano de desenvolvimento da Região Nordeste, instituído pela política desenvolvimentista durante o regime militar. Nessas duas ocasiões, o intercâmbio entre escolas de enfermeiras e a assessoria da ABEn Nacional constam como sendo de primordial importância.

Quanto à Escola de Enfermeiras de Mossoró, apesar do seu pioneirismo no estado e do entusiasmo de fazer funcionar uma universidade na cidade, os relatos deixaram claro que as dificuldades assumiram proporções maiores por falta de condições infraestruturais de ordem didático-pedagógica e de pessoal, o que contribuiu para atrasar o reconhecimento do curso. No que tange ao corpo docente, importa frisar que esse problema foi minimizado com a adoção do sistema de monitoria, no qual estudantes, na condição de monitores, ministravam aulas às turmas subsequentes à sua.

Em Natal, por dispor da estrutura da Universidade federalizada desde a década de 60, a institucionalização do ensino superior em Enfermagem parece ter sido mais tranquila, mas não menos trabalhosa. Foi necessário contar com a cessão de parte da estrutura – material e pessoal – da Escola de Auxiliares de Enfermagem, em funcionamento desde meados da década de 50 e administrar as demandas necessárias ao seu funcionamento, entre elas, a contratação de enfermeiros professores colaboradores.

Acerca desses, todos contratados temporariamente, suas atividades foram de vital importância junto ao Departamento de Enfermagem/UFRN, embora o choque cultural e de formação tenha sido motivo de divergências, em um contexto, segundo os próprios, com muitas vaidades, tensões, divergências e concentração de poder. Ainda sobre os professores colaboradores, vale ressaltar que os que aqui estiveram vieram de outros estados, porém aprovados em um processo

seletivo e atendiam a qualificação mínima exigida, à época, de especialista.

Quanto às enfermeiras norte-americanas, professoras visitantes do Departamento, apesar da ausência de documentação pertinente acerca dos detalhes de sua história, assim como das condições contratuais, chegadas e partidas, é inegável a contribuição dada por elas ao ensino de Graduação em Enfermagem/UFRN, junto às disciplinas do Ciclo Básico.

Por fim, espera-se que a concretização desta pesquisa contribua com novos subsídios à compreensão da institucionalização do ensino superior em Enfermagem no Brasil, e, em particular, para o Rio Grande do Norte. Com isso, almeja-se que a mesma estimule a realização de outros estudos sobre a história da Enfermagem e do ensino superior na UFRN.

REFERÊNCIAS

ABEN. **Relatório final do levantamento de recursos e necessidades de enfermagem no Brasil – 1956/1958**. Brasília: ABEn, 1980.

ALENCAR, R. C. G.; TIMÓTEO, R. P. S. Do sonho à realidade: a criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. In: GOMES, C. O. et al. **Do sonho à realidade: 50 anos da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal**. Natal: EDUFRN, 2006. p. 13-28.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. esp., p. 411-416, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2015.

BRADSHAW, A. E. Gadamer's two horizons: listening to the voice in nursing history. **Nursing Inquiry**, Bethesda, USA, n. 1, p. 82-92, 2013.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

_____. **Parecer nº 977, de 03 de dezembro de 1965**. Aprova a necessidade de implantar e desenvolver o regime de cursos-pós-graduação em nosso ensino superior. Ministério da Educação e Cultura.

Brasília, DF, 3 dez. 1965. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a14n30.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

_____. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Reforma Universitária: fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 nov. 1968.

_____. Parecer nº 163, de 28 de janeiro de 1972. Aprova o currículo mínimo de Enfermagem e Obstetrícia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, fev. 1972.

_____. Resolução nº 4, de 25 de fevereiro de 1972. Estabelece o currículo mínimo dos Cursos de Enfermagem e Obstetrícia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 1972.

_____. Decreto-Lei nº 1.110, de 9 de junho de 1970. Cria o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), extingue o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário e o Grupo Executivo da Reforma Agrária e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jul. 1970. Seção 1, p. 5113.

_____. Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos. Brasília, DF. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 dez. 1967. Seção 1, p. 12727.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Instituições de ensino superior e cursos cadastrados**. 2015. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

CARLOS, D. J. D. **Passado e presente**: a enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em

Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

CARLOS, D. J. D. et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1544/pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M.; PADILHA, M. I. Participação de religiosas na composição do serviço de enfermagem em um hospital universitário (1909-2005). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 3, maio/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/1532/pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

CARVALHO, J. B. et al. University hospital of the Federal University of Santa Catarina: the knowledge-power of nurse teacher (1975-1980). **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 766-774, set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000300766&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 out. 2015.

COMPERVE divulga todos os resultados do Vestibular-1974. **A República**, Natal, p. 4, 10 jan. 1974.

COSTA. M. N. V. **História de uma travessia**: o ensino de enfermagem em Mossoró. 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

FERNANDES, J. D. O sentido político, ideológico e econômico da expansão das escolas de enfermagem. **Rev Baiana de Enferm**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 62-72, 1985.

FERNANDES, J. D.; SILVA, R. M. O.; CALHAU, L. C. Educação em enfermagem no Brasil e na Bahia: o ontem, o hoje e o amanhã. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 2, supl., p. 63-67, 2011. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/84/70>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

FORMOZOL, G. A. et al. As relações interpessoais no cuidado em saúde: uma aproximação ao problema. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 124-127, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20n1/v20n1a21.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, J. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MARTINS, C. B. A Reforma Universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MEDEIROS, L. C. **O ensino de enfermagem e a prática do enfermeiro**: estudo de caso realizado com os enfermeiros egressos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Regional do Rio Grande do Norte. 1994. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

MENESES, R. M. V. **Formação da enfermagem no estado potiguar**: da criação à consolidação. 2005. 173 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MEIHY, J. C. S; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

RESENDE, M. A. Ensino de Enfermagem. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 110-158, 1961.

SCOCHI, C. G. S. et al. Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 66, n. spe, p. 80-89, set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 jul. 2015.

TEODÓSIO, S. S. C. **Formação e processos identitários de enfermeiros do Rio Grande do Norte: memórias de egressos (anos 1970)**. 2014. 225 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

UNIVERSIDADE estuda a criação de novos cursos. **A República**, Natal, p. 7, 20 mar. 1973.

UFRN. **Resolução nº 72 CONSEPE, de 09 de agosto de 1973**. Parecer favorável à criação do Curso Superior em Enfermagem. Natal, RN, 9 ago. 1973a.

_____. **Resolução nº 58 CONSUNI, de 13 de agosto de 1973**. Aprova a criação dos Cursos de Educação Física, Enfermagem, Arquitetura, Engenharia Química e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculados às respectivas áreas do conhecimento, deferido ao CONSEPE a fixação das vagas iniciais de cada curso. Natal, 13 ago. 1973b.

_____. **Resolução nº 83 CONSEPE, de 22 de agosto de 1973**. Proposta da Comissão Permanente do Vestibular para o Concurso Vestibular para o ano de 1974. Natal, 22 ago. 1973c.

_____. **Resolução CONSEPE nº 147, de 12 de dezembro de 1977**. Concede títulos de Professor Visitante a enfermeiras do Projeto HOPE. Natal, 1977a.

_____. Departamento de Assuntos Estudantis. **Relação dos alunos que colaram grau em Enfermagem, no dia 10 de dezembro de 1977**. Natal, 10 dez. 1977b.

WAGNER, L. R. et al. Relações interpessoais no trabalho: percepção de Técnicos e Auxiliares de Enfermagem. **Cogitare Enferm**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 107-113, jan./mar. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Eletr%2025%20ADM/Downloads/14123-47538-1-PB%20(3).pdf>. Acesso em: 23 jul. 2015.

4.4 MANUSCRITO 4: O PROJETO HOPE TERRA E O ENSINO DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE (1974-1981).

O PROJETO HOPE TERRA E O ENSINO DE ENFERMAGEM NO RIO GRANDE DO NORTE (1974-1981)

Djailson José Delgado Carlos*
Maria Itayra Padilha*

RESUMO

Estudo qualitativo sócio-histórico com o objetivo de compreender a atuação das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, em Natal/RN. Resulta de consultas a serviços de arquivos (fontes documentais) e da realização de 12 entrevistas (fonte orais) semiestruturadas com personagens que vivenciaram essa história. Para tal, utilizou-se dos recursos da História Oral e da Análise Temática para a compreensão dos significados dessa história. Os resultados demonstram que as mesmas contribuíram com o ensino superior de Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na condição de professoras visitantes, no período compreendido de 1974 a 1981, ministrando as disciplinas de Enfermagem Materno-Infantil, Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem em Saúde Pública. Conclui-se que o Projeto HOPE Terra se destinou a alavancar o ensino superior de cursos da saúde, especialmente da enfermagem; foi assegurada a vinda de profissionais qualificados e experientes; e que as professoras-enfermeiras encontraram o Curso de Enfermagem já montado, porém implantaram melhoramentos.

Descritores: Educação. História da Enfermagem. Ensino Superior. Cooperação internacional.

INTRODUÇÃO

O ensino da Enfermagem Moderna, no Rio Grande do Norte, é marcado pelo funcionamento, no ano de 1956, da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, hoje Escola de Enfermagem de Natal (EEN), nas dependências do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL),

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

entretanto destinada à formação em nível médio. E, nessa condição, por décadas, essa escola permaneceu como a única instituição formadora de profissionais de Enfermagem em todo o estado (CARLOS; GERMANO, 2009).

Porém, o início da década de 70 registra as primeiras iniciativas com o ensino superior, de início, na cidade de Mossoró, em 1971, e, posteriormente, em Natal, a capital, no ano de 1974. Ambas as ocasiões decorrem dos desdobramentos da Reforma Universitária de 1968, sob a justificativa da necessidade de formação de mão de obra qualificada e melhoria da assistência nos serviços de saúde.

Na realidade de Natal, o Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) cumpriu o seguinte protocolo burocrático à sua criação, a saber: parecer favorável da equipe avaliadora (UFRN, 1973b), aprovação do curso (UFRN, 1973c) e disponibilização de 30 vagas para o vestibular em janeiro de 1974 (UFRN, 1973d). Sobre o mesmo, cabe destacar que nasceu como Departamento e, juntamente com os cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia, Educação Física e Ciências Biológicas, passou a integrar o Centro de Ciências da Saúde (CCS).

Seu funcionamento tornou-se possível a partir da cessão feita pela EEN de sua estrutura física – salas de aula, laboratório, biblioteca –, e de pessoal – professoras e funcionários. Desse modo, o mesmo espaço físico passou a abrigar os três níveis de ensino em Enfermagem: auxiliar, técnico e o superior. Afora isso, as poucas enfermeiras existentes em Natal, quase todas atuavam nos hospitais da UFRN – HUOL e Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) – e na EEN, anexada à Faculdade de Medicina, desde 1964, como docentes ou supervisoras de estágios dos alunos (ALENCAR; TIMÓTEO, 2006; CARLOS; GERMANO; PADILHA, 2015).

Desse modo, para fazer funcionar o Departamento de Enfermagem/UFRN foi necessário abrir seleção para contratar novos enfermeiros-professores. Logo, estiveram por aqui profissionais do Ceará, Paraíba, Pernambuco e de Mossoró/RN. Sobre os mesmos, ressalta-se a presença de enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, objeto deste manuscrito, contratadas pela UFRN na condição de docentes visitantes, para atuarem nas disciplinas do Ciclo Profissionalizante.

Quanto ao Projeto HOPE Terra (1973-1985), vale informar que corresponde a um esforço institucional de cooperação internacional celebrado com a *People to People Foundation*, sediada em Washington/EUA, com a finalidade de assegurar a continuidade dos

projetos implantados pelo navio-hospital SS HOPE, no ano de 1972. A partir de então, vieram para Natal/RN, profissionais norte-americanos com experiência na docência com o propósito de alavancar o ensino superior na área da saúde – Medicina, Odontologia e Enfermagem – na condição de professores visitantes da UFRN (UFRN, 1973a; PROJETO..., 1985).

A respeito dessas considerações, este estudo teve como objetivo compreender a atuação das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, em Natal/RN (1974-1981). Desse modo, o recorte temporal inicial (1974) corresponde à chegada das primeiras americanas enfermeiras-professoras e o final (1981), a saída de Mary Anne Small, última delas a partir. Por isso, sua realização assume relevância pelo ineditismo da pesquisa, pela contribuição à memória da profissão e para o conhecimento da história do ensino superior na UFRN.

MÉTOD

Trata-se de um estudo qualitativo, narrativo, de abordagem sócio-histórica, com o qual ensejou-se a compreensão da atuação das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra. Estudos dessa natureza devem ser compreendidos sob a perspectiva do surgimento de novas possibilidades que irão conduzir à nova história da profissão. Também são responsáveis pelo desabrochar de ideias em direção ao entendimento da história do cuidado em saúde que privilegie novos significados do trabalho e do valor da Enfermagem (D'ANTONIO, 2009).

Nessa perspectiva, assumem relevância ao favorecerem a compreensão dos cenários sociais nos quais a Enfermagem esteve e está inserida. Essa postura converge à compreensão de sua história e das especificidades pertinentes à profissão, como: natureza e cotidiano do trabalho; preconceitos, estereótipos e equívocos; verdades, inverdades e seus significados (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

Em vista disso, a coleta de dados para este estudo ocorreu, primeiro, de janeiro a abril/2013, com o levantamento de fontes documentais no Arquivo Geral do Estado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN (seção Coleções Especiais), na EEN e no jornal Tribuna do Norte; e, depois, de janeiro a julho/2014, com a realização das entrevistas.

Desse modo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 (doze) colaboradores – três enfermeiras-professoras, quatro

enfermeiros-professores colaboradores, quatro ex-alunas do Departamento de Enfermagem/UFRN e uma funcionária do Projeto HOPE – que conviveram com as enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra, professoras visitantes do Curso de Enfermagem/UFRN. Para tal, utilizou-se dos recursos metodológico da História Oral e estabeleceu-se a saturação das respostas para o fechamento amostral.

Na oportunidade da realização das entrevistas foram esclarecidos: a participação voluntária; a finalidade e objetivos da pesquisa; permissão para gravá-las; comunicado da intenção de publicar os resultados, entre outros aspectos. Também foi apresentado, lido e explicado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e em acordo, solicitada sua assinatura. As entrevistas tiveram em média 86 (oitenta e seis) minutos de gravação. Após serem transcritas e transcriadas foram devolvidas aos colaboradores para verificação e correção de possíveis equívocos e erros (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Vencida essa etapa, procedeu-se à apresentação, leitura, explicação e assinatura do Termo de Cessão do Depoimento Oral. Por fim, para este estudo, optou-se por identificar os colaboradores pelos seus sobrenomes.

A análise e interpretação dos dados foram permeadas pela leitura atenta e meticulosa do material colhido, com a qual buscou-se o entendimento objetivo e sistemático dos significados. Utilizou-se a análise temática, por versar sobre assuntos específicos, para reconstruir a atuação das enfermeiras norte-americanas como professoras visitantes do Departamento de Enfermagem/UFRN. Ao final desse processo emergiram duas categorias com subcategorias, a saber: As enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra (Enfermeiras do Projeto HOPE Terra como professoras visitantes; Atividades das professoras norte-americanas do Projeto HOPE Terra; e Memórias dos estudantes de suas professoras norte-americanas); e A professora Mary Anne Small pelas memórias de quem conviveu (Apresentando a Professora Mary Anne Small; e as atividades da Professora Mary Anne Small).

À vista disso, este estudo atendeu às recomendações da Resolução nº 466/12 (BRASIL, 2012), do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos, e contou com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o Parecer Consubstanciado de nº 425.196, de 14/10/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO PROJETO HOPE TERRA

O Projeto HOPE Terra (1973-1985) corresponde a uma ampliação da empreitada de cooperação internacional entre o Brasil (UFRN e governo do RN) e os Estados Unidos (*People to People Foundation*) iniciada em 1972 com a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal. Essa nova parceria é marcada, principalmente, pela atuação de seus profissionais, na condição de professores visitantes dos cursos da área de saúde do CCS. Na sequência serão apresentadas subcategorias que revelam a participação das enfermeiras-professoras junto ao Curso de Enfermagem/UFRN.

Enfermeiras do Projeto HOPE Terra como professoras visitantes na UFRN

O material possibilitou constatar que as enfermeiras do Projeto HOPE Terra – Mary Anne Small, Margareth Mein da Costa, Jane Marie Shima, Tyana Payne e Shirley Myers Snowe – atuaram no Departamento de Enfermagem/UFRN, como professoras visitantes (UFRN, 1977). Sobre a participação dessas professoras no Curso de Enfermagem/UFRN, eis o que informaram alguns colaboradores.

Tenho dúvidas, mas acho que a ideia de convidar enfermeiras norte-americanas para trabalharem no Departamento de Enfermagem foi do Prof. Leide Moraes [...] quando chegaram, o navio-hospital já tinha partido e o Projeto chamava-se HOPE Terra [...] elas foram contratadas pela UFRN como professoras visitantes [...] ao meu ver, foi muito útil a temporada delas, mas há quem discorde [...] todas tinham experiência com o ensino (BARRETO).

Sabemos que enfermeiras americanas colaboraram com o Curso de Enfermagem/UFRN, como professoras visitantes, mas não foram imprescindíveis para o seu funcionamento [...] havia um grupo forte e experiente de enfermeiras-professoras da Escola de Auxiliares de

Enfermagem/UFRN, que estava à frente da organização do Curso e do Departamento de Enfermagem [...] claro, elas tiveram importância, mas como professoras visitantes (OLIVEIRA).

[...] quando chegaram, o Departamento de Enfermagem já estava em funcionamento e as disciplinas com a programação pronta para ser trabalhada [...] tudo arrumado e em pleno funcionamento (COELHO).

Eram jovens, talvez com menos de 30 anos de idade, mas traziam na bagagem experiências internacionais [...] óbvio, com uma formação bem diferente da nossa [...] falavam com muito sotaque, mas se entendia [...] algumas já com o curso de Mestrado (MORAIS VIEIRA).

[...] recordo das professoras Sharon Redding (Pediatria), Linda (Médico-Cirúrgico), Jane Shima (Neonatologia), Shirley (não lembro seu sobrenome e a área) e de Mary Anne Small (Saúde Pública) (VILAR).

As enfermeiras do Projeto HOPE Terra, mesmo arranhando o português, contribuíram conosco [...] umas, participaram até com a Associação Brasileira de Enfermagem, seção Rio Grande do Norte [...] refiro-me a Sharon Redding e Mary Anne Small (GERMANO).

As falas asseguram que a estruturação das disciplinas e o funcionamento do Departamento de Enfermagem/UFRN antecederam a inserção das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra no Curso de Enfermagem. Sobre as mesmas, são referenciadas como jovens, qualificadas e experientes. Quanto ao grupo de professoras, os colaboradores asseguram que estiveram outras enfermeiras-professoras norte-americanas, por períodos menores e com menos destaque. Essa situação não condiz com a da professora Sharon Redding que, mesmo sem ter sido encontrado documentos sobre sua contratação, é veementemente referenciada por alunos e professores. Importa lembrar que a chegada das mesmas coincide com o início das disciplinas do Ciclo Profissionalizante.

O ensino superior estruturado em ciclos – básico (disciplinas comuns às áreas) e profissionalizante (específicas de cada curso) – corresponde a uma das inovações promovidas pela Reforma Universitária/1968, que objetivou organizar o ensino superior a partir da adoção unificada de um modelo. Apesar das contestações, no que concerne à Enfermagem, causou um impacto positivo, ocasionando crescimento do ensino com o aumento da oferta de vagas e com o surgimento de novas escolas. Detalhe esse comprovado no RN, através do funcionamento da Faculdade de Enfermagem (FAEN/UERN), em Mossoró, e do Departamento de Enfermagem/UFRN, nos anos de 1971 e 1974, respectivamente. (LEONELLO; MIRANDA NETO; OLIVEIRA, 2011; CARLOS et al., 2014).

A respeito das professoras visitantes, os depoimentos ressaltam sua importância e contribuição, mas esclarecem um detalhe, o da existência de um grupo, forte e experiente, de enfermeiras-professoras brasileiras, responsáveis pelos processos de criação, organização e funcionamento do curso e do Departamento de Enfermagem/UFRN. Por isso, mesmo dispondo de credenciais respeitáveis, as enfermeiras-professoras norte-americanas não foram imprescindíveis à criação e organização do ensino superior em Enfermagem/UFRN.

Ainda sobre inserção dessas enfermeiras, a seguir, para fins ilustrativos, serão apresentadas as Fichas Cadastrais na Associação Brasileira de Enfermagem, seção Rio Grande do Norte, de algumas delas, corroborando com as informações dadas por uma colaboradora deste estudo.

Figura 11 – Ficha Cadastral da ABEn-RN (Mary Anne Small)

ABEN		FICHA CADASTRAL DE ASSOCIADO				
Secção						
Nome completo:		Categoria	Nº Inscrição			
Mary Anne Small			50			
Filiação: Edward J. e Rita M. Small						
Sexo:		Data Nascimento	Estado Civil			
Fem		16-12-43	Sol			
Nacionalidade		Naturalidade (Cidade-Estado)				
U. Americana		Manchester, N.H., U.S.A.				
Rua		Conjunto				
25 de Dezembro						
ENDERECO	N.º	Casa	Apt.º	Bloco	Bairro	ZC.
	874		202		Para do Meio	
	Município	Cidade	CEP.	Telefone		
	Natal	Natal	5900	22-4718		
Escola pela qual se formou						
St. Vincent School of Nursing, Worcester, Mass.						
Universidade ou Mantenedor		Cidade	Estado	Ano		
		Worcester	Mass	1964		
		U.S.A.				

Fonte: Arquivo da ABEn/RN

Figura 12 – Ficha Cadastral da ABEn-RN (Sherron Redding)

ABEN		FICHA CADASTRAL DE ASSOCIADO				
Secção		RN				
Nome completo:		Categoria	Nº Inscrição			
Sharon Redding		Enferm.	76			
Filiação: Edmond e Faye Redding						
Sexo:		Data Nascimento	Estado Civil			
feminino		21.10.46	solteira			
Nacionalidade		Naturalidade (Cidade-Estado)				
americana		Omaha - Nebraska - EUA				
Rua		Conjunto				
				Amazonas		
ENDERECO	N.º	Casa	Apt.º	Bloco	Bairro	ZC.
	-	2076	-	-	Morro Branco	-
	Município	Cidade	CEP.	Telefone		
	Natal	Natal	5900	-		
Escola pela qual se formou						
Universidade ou Mantenedor		Cidade	Estado	Ano		
Univ. de Nebraska (EUA)		Omaha	Nebraska	1968		

Fonte: Arquivo da ABEn/RN.

Atividades das professoras norte-americanas do Projeto HOPE Terra

O convênio celebrado, em 1973, entre a UFRN e a *People to People Foundation* garantiu o envio de profissionais de saúde com experiência no ensino para atuarem junto aos cursos da área de saúde como professores visitantes. No caso do Curso de Enfermagem, as

enfermeiras-professoras registram presença no período de 1974 a 1981, e sobre suas atividades, assim informaram alguns colaboradores:

As enfermeiras norte-americanas, professoras visitantes, atuaram nas disciplinas de Enfermagem Materno-Infantil, Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem Saúde Pública [...] elas contribuíram ministrando aulas teórico-práticas e na supervisão de estágios com os alunos (COELHO).

[...] desenvolviam atividades assistenciais e de extensão, mantendo-se sempre próximas ao serviço de forma a garantir a interação teoria e prática (VILAR).

[...] eram acostumadas a trabalhar em condições diferentes das nossas [...] elas ficavam admiradas como nós, brasileiros, conseguíamos trabalhar com poucos recursos, tendo que improvisar e resolver os problemas [...] se faltasse algumas coisas, elas deixavam de realizar o procedimento ou nos pediam ajuda [...] apesar de terem trabalhado no Departamento de Enfermagem, tinha limitações com a língua e, às vezes, surgiam dificuldades, porém tudo se resolvia com tranquilidade (MARTINS VIEIRA).

Eram habilidosas e gozavam de prestígio [...] Sharon Redding acumulou funções no Departamento e no Hospital Infantil Varela Santiago [...] Mary Ann Small, no Departamento e em Postos de Saúde da Cidade da Esperança e Cidade Nova (DINIZ).

Os colaboradores explicitaram as atividades desenvolvidas pelas professoras visitantes e esclarecem que não se limitaram ao Departamento de Enfermagem. Embora esse detalhe possa causar estranheza ou conotar sobrecarga de trabalho, ele está em consonância com o acordo celebrado entre a UFRN e a *People to People Foundation* acerca do fornecimento de profissionais – médicos, odontólogos e enfermeiras – a hospitais, instituições de saúde e clínicas, mediante autorização prévia (UFRN, 1973a)

No que diz respeito às atividades docentes, foi revelado que as professoras visitantes atuaram nas disciplinas que envolviam conteúdos das áreas Materno-Infantil, Saúde Pública e Médico-Cirúrgica, ministrando aulas teórico-práticas e na supervisão de estágios com os alunos. As atividades assistenciais desenvolvidas no Hospital Infantil Varela Santiago e nas Unidades de Saúde, nos bairros de Cidade Nova e Cidade da Esperança, tinham caráter de extensão e são citadas como esforço para manter próximas a teoria e a prática.

Na especificidade da Enfermagem, é fundamental o desenvolvimento de sistemas de informações a partir da compreensão da relação existente entre teoria e prática para que sejam diminuídos os hiatos assistenciais. Apesar de contrárias, devem ser valorizadas, pois a dissociação uma da outra implica em uma formação defasada e, por conseguinte, em um futuro profissional ultrapassado. Do mesmo modo, a supervalorização de uma em detrimento a outra acaba por comprometer a formação pactuada com as mudanças sociais (MOREIRA; FERREIRA, 2014).

Credita-se, pois, a conquista de prestígio e reconhecimento por parte das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra à realização das atividades de ensino e assistência. Vale ressaltar a superação de condições de trabalho diferentes das de seu país e o despertar de suas atenções para o “jeitinho brasileiro” – criativo – de improvisar para resolver adversidades laborais.

Memórias dos estudantes sobre suas professoras norte-americanas

As falas revelam impressões guardadas nas memórias dos alunos sobre suas professoras norte-americanas, a partir das quais é possível construir suas imagens. A seguir, tais recordações...

[...] iniciei o Ciclo Profissionalizante em 1975.2 com disciplinas no Departamento e Enfermagem [...] lembro que as professoras americanas participavam das aulas teórico-práticas [...] eram de uma seriedade, talvez, exagerada em relação à profissão [...] no geral, eram rigorosas e muito exigentes com os alunos (OLIVEIRA).

Elas me pareciam professoras experientes [...] chamavam atenção pela competência técnica, pelos conhecimentos e compromisso profissional [...] as americanas eram excelentes professoras,

tanto na sala de aula, como nos campos de estágios [...] com todo respeito e sem querer desmerecer ninguém, para nós, alunos, as professoras americanas eram vistas como modelo [...] apesar das limitações com o português, comunicavam-se bem [...] a saída delas foi gradual e, ao meu ver, muito bem trabalhada porque existiu a preocupação de deixar pessoas capacitadas que assumissem, com competências e habilidades, suas vagas (VILAR).

Lembro que as professoras do Projeto HOPE Terra eram qualificadas e nos passavam a imagem da excelência profissional com o perfil de simplicidade e humanidade [...] sabíamos que tinham passagem por outros países [...] pareciam simples em suas vestimentas e sem vaidade, mas focadas na postura profissional [...] elas não mediam esforços em nos transmitir seus conhecimentos [...] eram interativas e bem aceitas nos ambientes onde circulavam [...] o português era compreensível (risos) [...] lamentei o retorno delas aos Estados Unidos (FILGUEIRA).

A memória funciona como uma reconstrução seletiva, emocional e intelectual de um passado que nunca é individual. Sua conceituação não é uma tarefa fácil, visto que é passível de manipulação das forças sociais e não se restringir apenas às propriedades de conservar ou de recordar informações. Dispor de memórias consiste em um dos meios fundamentais para abordar os problemas do tempo e da história, em seus momentos sócio-históricos (LE GOFF, 2015).

São, pois, lembranças dinâmicas, mutáveis e evolutivas e, como tal, relacionam-se às condições físico-clínicas de quem as relata, podendo ser individuais (pessoais), coletivas (grupos culturais) e históricas (documentos e registros materiais). Cada uma com seu devido valor e todas merecedoras de apreciação, aplicada e meticulosa, necessária à realização do estudo desejado (MEIHY, 1996).

Desse modo, a análise dos relatos permitiu reconstruir parte da história do Departamento de Enfermagem/UFRN, em seus primeiros anos de funcionamento, e registrar suas impressões sobre as professoras visitantes, todas enfermeiras do Projeto HOPE Terra. As falas transpareceram sentimentos de carinho e admiração, com destaque ao reconhecimento profissional através da valorização da qualificação,

competência técnica, disponibilidade e bom relacionamento, apesar da seriedade, rigor, exigência com que também são lembradas. Do ponto de vista pessoal, são recordadas pelo sotaque, simplicidade e humanidade.

PROFESSORA MARY ANNE SMALL, PELAS MEMÓRIAS VIVIDAS

A seguir serão apresentadas subcategorias que tratam sobre Mary Anne Small, frequentemente citada pelos colaboradores. Sobre essa personagem, o material levantado esclareceu o acúmulo de funções – professora visitante do Departamento de Enfermagem/UFRN e enfermeira de Unidades de Saúde, em Natal/RN – e que sua permanência corresponde ao período de 1974 a 1981. A seguir, uma compilação das memórias vividas.

Apresentando a Professora Mary Anne Small

Esta seção contempla as memórias de ex-alunos da professora visitante Mary Anne Small. Serão aqui apresentados alguns depoimentos que versam sobre suas características físicas e de personalidade que permitiram reconstruir a imagem dessa personagem, cuja atuação profissional, entusiasticamente, foi destacada.

Nossa professora Mary Anne Small era magra, alta, sorridente, cabelos escuros e cacheados, boca grande e olhos vivos [...] ela falava de coração e com emoção [...] era humana, compreensiva e muito ética [...] às vezes, parecia apreensiva e nos olhava como se quisesse adivinhar nossos pensamentos [...] passava a imagem de uma profissional extremamente focada [...] uma mulher independente e avançada para a época [...] era católica, introvertida, recatada e sem muita participação social [...] sempre estava ocupada com o trabalho, dando a impressão de que trabalhava continuamente, parecendo uma máquina e que nunca descansava [...] caminhava apressada, com passadas largas e constantemente estava carregando pastas, livros e bolsas (FILGUEIRA).

Segundo a ela mesma, seu sobrenome Small era um contrassenso à sua estatura [...] cabelos na altura dos ombros, sempre desalinhados [...] tinha um sorriso fácil e largo [...] sem vaidade, usava unhas bem curtas, um anel e uma correntinha no pescoço [...] trabalhava muito, o dia inteiro [...] tomava bastante café e pouco se alimentava [...] usava um sandalhão, nada bonito, mas, talvez, confortável [...] muito ética, educada e cuidadosa no tratamento das pessoas [...] nunca a vi chamando a atenção de alguém que não fosse em reservado [...] percebíamos no olhar dela a chamada de atenção, mas nunca a falta de educação [...] nossa turma prestou-lhe uma homenagem especial na nossa formatura [...] como professora, ela foi decisiva na minha escolha por Saúde Pública [...] a vi pela última vez, na Secretaria de Saúde, apresentando uns dados sobre a sua pesquisa (FERREIRA).

Foi uma professora de destaque e a americana que permaneceu mais tempo no Departamento de Enfermagem [...] uma conhecedora das questões de Saúde Pública [...] na minha formação estudantil, ela é uma das minhas referências [...] professora habilidosa, dedicada e que sabia transmitir os conhecimentos [...] usava um jaleco azul com listinhas que foi adotado pela disciplina de Enfermagem em Saúde Pública [...] ela dava muito, mas exigia muito dos alunos [...] nós aprendemos muito com a professora Mary Anne Small (OLIVEIRA).

Possuía um fusquinha verde [...] antes de morar na praia de Ponta Negra, morou na Praia do Meio [...] naquele tempo Ponta Negra não tinha nada, era deserta, mas os americanos adoravam esse bairro [...] ela, inclusive, chegou a morar em algumas casas em Ponta Negra (PINHIERO).

Estudos biográficos contribuem para a reconstrução histórica de uma época e conferem compreensão e visibilidade a personagens dos mais variados tipos, inclusive, aos anônimos, apoiados na elaboração criteriosa e sintética da cronologia de suas vidas. Têm como finalidade

articular aspectos particulares e sociais, a partir da análise de memórias, relatos, jornais, revistas, documentos, diários, correspondências, entre outras fontes, todas ajustadas ao tempo sócio-histórico (MALATIAN, 2008).

No caso da Enfermagem, são tidos como essenciais à construção identitária de seus profissionais. Por isso, devem ser elaborados de maneira sistematizada e contextualizados para dar destaque à atuação de profissionais; orientar a criação de associações e instituições formadoras de profissionais; propositivo à novas teorias; como subsídios a estudos sobre os avanços sócio-políticos da profissão (PADILHA; NELSON; BORENSTEIN, 2011).

Assim sendo e no que concerne a professora Mary Anne Small, viu-se que os relatos de seus ex-alunos expuseram algumas características que possibilitam reconstituir a imagem de uma mulher de aspecto longilíneo, boca grande, sorridente e com cabelos escuros e cacheados, com traços de uma personalidade educada, discreta, introvertida, respeitosa.

Como professora, vestia-se com um jaleco azul claro listradinho e é lembrada por ser uma profissional determinada, comprometida, ética, competente e habilidosa, chegando a ser visualizada como modelo. Os relatos conotam a dedicação excessiva ao trabalho e apontam para sinais de estresse ao sempre se apresentar carregando livros e pastas pesadas, assim como pela marcha em passos largos, demonstrando estar apressada e/ou sobrecarregada.

Importa dizer que, passados todos esses anos, a professora Mary Anne Small, mantém-se viva na memória daqueles com quem conviveu e que seus atributos foram determinantes à conquista de uma homenagem especial da turma concluinte de 1979. Acerca dos dados aqui apresentados, cabe a ressalva de que não tiveram a pretensão de compor sua biografia, aspirou-se, tão somente, valorizar as memórias de quem com ela conviveu.

Figura 13 – Mary Anne Small



Fonte: Acervo particular da enfermeira Francineide Silva dos Santos.

As atividades da Professora Mary Anne Small

Como informado, coube à *People to People Foundation* o envio de profissionais para atuarem, preferencialmente, como professores visitantes nos cursos do CCS. A seguir, serão abordadas, especificamente, as atividades desenvolvidas pela professora Mary Anne Small.

Conheci Mary Anne Small desenvolvendo um projeto de atenção primária à saúde nos bairros de Cidade Nova, Cidade da Esperança e em Felipe Camarão [...] ela dispunha de um veículo, um motorista, material de uso e consumo e financiava as promotoras de saúde e os alunos-bolsistas [...] tal projeto consistia em ações de puericultura (acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças) a cargo dela e de assistência ao pré-natal, sob a responsabilidade de Normélia Maria Freire Diniz, sua idealizadora [...] para justificar a carga horária e assegurar a continuidade dessas ações, criou-se, junto à Pro-Reitoria de Extensão, um projeto com 20 horas semanais [...] com o retorno de Mary Anne Small, aos Estados Unidos, eu dei continuidade às atividades [...] convém informar que Mary Anne

Small teve grande influência no planejamento e na realização do primeiro Curso de Especialização em Enfermagem em Saúde Pública/UFRN (BRITO).

Como colega, Mary Anne era uma professora muito determinada, comprometida e muito responsável [...] ela foi um diferencial, à época [...] muito experiente, já tinha trabalhado com populações carentes [...] mantinha-se atenta aos atendimentos e defendia o planejamento das ações de Enfermagem [...] preocupava-se com os altos índices de mortalidade e as doenças infectoparasitárias infantis [...] trabalhamos juntas identificando casos graves de anemia em gestantes e crianças e as conduzíamos para os serviços competentes num sistema de informações parecido com as referências e contra-referências, institucionalizadas pelo SUS [...] eram ações voltadas ao combate e controle dos agravos à saúde materno-infantil [...] como profissional, vinculou-se à Secretaria Estadual de Saúde e, nos serviços, gozava de prestígio e respeito (DINIZ).

Tive a oportunidade de ter sido aluna-bolsista e, depois, colega de Mary Anne Small [...] nossa amizade e convívio foram determinantes para que eu me interessasse por Saúde Pública [...] ela desenvolveu, juntamente com alguns alunos-bolsistas do Departamento de Enfermagem, um projeto vinculado à Pro-Reitoria de Extensão que resultou na coleta de dados para sua Dissertação de Mestrado [...] eram ações voltadas à Saúde da Criança e de Pré-Natal, com as quais foram instituídas consultas de Enfermagem [...] contávamos com as Promotoras de Saúde para algumas ações de promoção à saúde através das visitas domiciliares, semelhante ao que faz o agente comunitário, atualmente [...] também abrangeu ações de atenção primária à saúde nas Unidades de Saúde, na comunidade e em escolas dos bairros [...] dá para afirmar que foi feito mais do que é preconizado, hoje, pelos programas do Ministério da Saúde, através do SUS [...] ela

desenvolveu um trabalho extremamente avançado, à época (VILAR).

Eu e alguns colegas da minha turma trabalhamos na coleta de dados da pesquisa de Mestrado de Mary Anne Small [...] recebíamos uma bolsa para participar da pesquisa aplicando questionários em casas de Cidade Nova, Cidade da Esperança e Felipe Camarão [...] ela nos possibilitou uma formação ampliada em Saúde Pública e nos ensinou a trabalhar com a comunidade [...] quando no período de estágios, tínhamos, às sextas-feiras, reunião com a turma para discutirmos as dificuldades e trocarmos experiências, sempre na presença do Dr. Robério, médico psiquiatra [...] como ela tinha acesso à Secretaria Estadual de Saúde e conhecia o Governador Lavoisier Maia, muitos da minha turma foram contratados, imediatamente, após a formatura (FERREIRA).

Mary Anne Small colaborou bastante com o ensino de Enfermagem em Saúde Pública [...] a casa dela e o trabalho eram o Departamento de Enfermagem [...] ela era uma pessoa do fazer e, politicamente, eu achei que ela não colaborou, não [...] era obcecada por trabalho, não podia parar um instante para pensar um pouco [...] nesse tempo o país estava abrindo as portas e a gente trabalhando numa perspectiva mais democrática [...] eram muitas imposições [...] ela era muito rígida e autoritária, autoritária demais [...] tivemos algumas incompatibilidade [...] se, por um lado, Mary Anne, trouxe contribuições à atenção básica, por outro lado, criticava muito o Brasil [...] eu ficava logo zangada (GERMANO).

As falas fazem referências às atividades desenvolvidas por Mary Anne Small como professora visitante do Departamento de Enfermagem/UFRN e como enfermeira nas Unidades de Saúde, em bairros periféricos de Natal. Ela é referenciada como sendo uma profissional ativa, qualificada e conhecedora das questões pertinentes à Saúde Pública. Sua experiência e desenvoltura no trabalho fizeram-na ser vista como um diferencial, à época.

Os bairros de Cidade da Esperança, Cidade Nova e Felipe Camarão são apontados como locais onde Mary Anne Small desenvolveu e implementou medidas de combate aos agravos à saúde materno-infantil através da prática das visitas domiciliares e intervenções em escolas. Quando nas Unidades de Saúde, mantinha-se atenta aos atendimentos e é responsabilizada pelo início do planejamento das ações de Enfermagem e da consulta de pré-natal.

Essas atitudes se aproximam ao que hoje é preconizado pela Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) como estratégia técnico-científica utilizada para assegurar o gerenciamento – responsável, adequado e particularizado – do cuidado e como perspectiva para garantir a autonomia do enfermeiro (SILVA et al., 2011).

Os procedimentos da SAE dizem respeito ao Processo de Enfermagem e têm por objetivo formalizar a organização e o registro da prestação do cuidado. Sua elaboração é uma atribuição privativa do enfermeiro e seu desenvolvimento precede as seguintes etapas: coleta de dados ou histórico de enfermagem; diagnóstico de enfermagem; planejamento de enfermagem; implementação; e avaliação de enfermagem (COFEn, 2009).

Quanto ao trabalho de Mary Anne Small na periferia da cidade, um detalhe não ficou esclarecido: de que maneira ocorreu seu acesso a esses bairros?; através dos estágios curriculares da Disciplina de Enfermagem em Saúde Pública ou por orientação do Projeto HOPE Terra? Acerca disso, os relatos fazem supor que ela detinha informações prévias, tendo em vista as referências de financiamento das despesas, disponibilização de veículos e motorista, fornecimento de materiais (expediente e consumo), distribuição de bolsas para alunos de Enfermagem, formação de Promotoras de Saúde – agente comunitário de hoje – e que os dados coletados subsidiaram sua Dissertação de Mestrado.

Figura 14 – Grupo de Promotoras da Saúde, Natal/RN (1974-81)



Fonte: Acervo particular da enfermeira Vera Lúcia da Silva Ferreira.

Estes detalhes presumem uma ação deliberada, que demandou intensidade de trabalho e o cumprimento de prazos. Sobre isso, ficou a imagem de obcecação pelo trabalho e a observação de ser um profissional do fazer, contrariando a postura dos profissionais de saúde atuantes na Saúde Pública, sempre atentos, reflexivos e críticos aos determinantes sociais.

A respeito desses dados, convém informar que os resultados foram publicados, em forma de manuscrito – AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA PRIMÁRIA DE SAÚDE NA ÁREA PERURBANA* – em parceria com a aluna-bolsista Rosana Lúcia Alves de Vilar, hoje professora titular do Departamento de Enfermagem/UFRN. Trata-se de um estudo comparativo entre duas comunidades periféricas de Natal, nas quais o programa de assistência primária à saúde havia sido implementado. Sua elaboração também atendeu à finalidade de divulgar os índices de saúde e avaliar o impacto das ações desenvolvidas pelas Promotoras de Saúde (VILAR; SMALL, 1983).

* VILAR, R. L. A.; SMALL, M. A. Avaliação de um programa de assistência primária de saúde na área periurbana. **Rev. Bras. Enf.**; Brasília, v. 36, p. 199-212, 1983.

Mary Anne Small foi a última das enfermeiras-professoras norte-americanas a deixar o Departamento de Enfermagem e a que permaneceu por mais tempo (1974-1981). Durante sua estada e convivência parece ter contaminado seus alunos com a paixão à Saúde Pública. Para muitos desses, logo após a colação de grau, conseguiu emprego na Secretaria Estadual de Saúde.

Importa reafirmar que o Projeto HOPE Terra (1973-1985) destinou-se a alavancar o ensino superior na área da saúde da UFRN, mas, no caso da Enfermagem, a partida da professora Mary Anne Small, em 1981, pôs fim a essa cooperação internacional. Na atualidade, tem-se a informação de que está viva e residindo na Califórnia/EUA. Cabe informar que, para este estudo, foram realizadas várias investidas de contato – cartas, *e-mails* e telefonemas – todas sem sucesso. Quanto às suas contribuições, apesar de serem inegáveis, nenhum colaborador precisou a data de sua partida, nem referiu/recordou gestos e/ou atitudes de despedidas, menos ainda, a manutenção de contato e a continuidade da amizade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este manuscrito é necessário reafirmar que sua finalidade corresponde à intenção de contribuir com a memória da profissão, para o conhecimento da história da Enfermagem e estimular novas produções. Quanto a isso, cabe lembrar que se destinou à compreensão da atuação das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE Terra.

Sobre a presença dessas enfermeiras em Natal (1974-1981), ficou esclarecido que decorre dos desdobramentos do convênio firmado entre a UFRN e a *People to People Foundation*, responsável pelo envio de profissionais de saúde com experiência no ensino para atuarem, preferencialmente, como professores visitantes em cursos da área de saúde, nesse caso, no Departamento de Enfermagem.

Importa assinalar que a chegada dessas profissionais coincide com o início do Ciclo Profissionalizante, ou seja, com o Curso de Enfermagem em pleno funcionamento. Sabe-se, pois, que contribuíram com o ensino superior de Enfermagem/UFRN ministrando aulas e acompanhando alunos nos estágios curriculares das disciplinas de Enfermagem Materno-Infantil, Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem em Saúde Pública.

Sobre essas enfermeiras-professoras norte-americanas evidenciou-se a escassez de documentação sobre as mesmas e por isso a

imprecisão de quantas estiveram no Departamento de Enfermagem. Importa dizer que outros nomes foram relatados e que aqui estiveram por temporadas diferentes, assim como que atuaram, simultaneamente, em hospitais e instituições públicas de saúde de Natal, como informaram os colaboradores. Contudo, essas enfermeiras-professoras mantêm-se vivas nas memórias daqueles com quem conviveram, sendo recordadas com carinho pela simplicidade, habilidades, competência e desenvoltura profissional, com especial atenção à professora Mary Anne Small.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. C. G.; TIMÓTEO, R. P. S. Do sonho à realidade: a criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. In: GOMES, C. O. et al. **Do sonho à realidade**: 50 anos da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. Natal: EDUFRRN, 2006. p. 13-28.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisas. Resolução n.º466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M. A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 72-80, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/433/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

CARLOS, D. J. D. et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar-abr 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1544/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M.; PADILHA, M. I. C. S. O ensino de enfermagem e sua relação com um hospital universitário em Natal/RN (1973-2005). **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-23, mar. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2015.

COFEn. **Resolução nº 358/2009, de 15 de outubro de 2009**. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília, DF, 15 out. 2009.

D'ANTONIO, P. Thinking about place: researching and reading the global history of nursing. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 766-772, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2015.

LEONELLO, V. M.; MIRANDA NETO, M. V.; OLIVEIRA, M. A. C. A formação superior de Enfermagem no Brasil: uma visão histórica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. esp. 2, p. 1774-1779, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2015.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.

MALATIAN, T. M. A Biografia e a História. **Cadernos CEDEM**, UNESP, Marília, v. 1, n. 1, p. 16-31, jan. 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/issue/view/52/showToc>>. Acesso em: 18 out. 2015.

MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: LOYOLA, 1996.

MEIHY, J. C. S.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, F.; FERREIRA, E. Teoria, prática e relação na formação inicial na enfermagem e na docência. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, Portugal, v. 41, p. 127-148, 2014. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC41_F_Moreira_E_Ferreira.pdf>. Acesso em: 17 out 2015.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 241-252, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000500013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2015.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 575-584, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2015.

“PROJETO HOPE” vai embora: faltou interesse da UFRN. **Dois Pontos**, Natal, 11 jul. 1985.

SILVA, E. G. C. et al. O conhecimento do enfermeiro sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem: da teoria à prática. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1380-1386, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2015.

UFRN. **Resolução nº 6 CONSUNI, de 26 de janeiro de 1973.** Convênio celebrado entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a *People to People Health Foundation* para a execução de programas de ensino e conselho médico e paramédico, odontológico e de Enfermagem. Natal, 26 jan. 1973a.

_____. **Resolução nº 72 CONSEPE, de 09 de agosto de 1973.** Parecer favorável à criação do Curso Superior em Enfermagem. Natal, 9 ago. 1973b.

_____. **Resolução nº 58 CONSUNI, de 13 de agosto de 1973.** Aprova a criação dos Cursos de Educação Física, Enfermagem, Arquitetura, Engenharia Química e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculados às respectivas áreas do conhecimento, deferido ao CONSEPE a fixação das vagas iniciais de cada curso. Natal, 13 ago. 1973c.

_____. **Resolução nº 83 CONSEPE, de 22 de agosto de 1973.**

Proposta da Comissão Permanente do Vestibular para o Concurso Vestibular para o ano de 1974. Natal, 22 ago. 1973d.

_____. **Resolução CONSEPE nº 147, de 12 de dezembro de 1977.**

Concede títulos de Professor Visitante a enfermeiras do Projeto HOPE. Natal, 1977.

VILAR, R. L. A.; SMALL, M. A. Avaliação de um programa de assistência primária de saúde na área periurbana. **Rev. Bras. Enf.**; Brasília, v. 36, p. 199-212, 1983.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Ao concluir este estudo, torna-se importante reafirmar que seu propósito consistiu em registrar a contribuição do Projeto HOPE para a saúde do Rio Grande do Norte e ao ensino superior em saúde da UFRN. Quanto ao Projeto, cabe lembrar que corresponde a uma iniciativa do governo norte-americano, de ajuda humanitária a países em desenvolvimento no contexto da Guerra Fria e que tais ações tornaram-se possíveis através da utilização do navio-hospital SS HOPE, popularíssimo como navio esperança. Para isso, dispunha de uma equipe multiprofissional de saúde voluntária e contava com subsídios de particulares, cidadãos norte-americanos.

Sua realização é, pois, resultado de consultas a serviços de arquivo – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN); HUOL/UFRN; ABEn/RN; Departamento de Enfermagem/UFRN; Escola de Enfermagem/UFRN; Arquivo Geral do RN; Serviço de Arquivo da Assembleia Legislativa/RN; aos jornais Tribuna do Norte e A República – e da realização de entrevistas com quem vivenciou esta história. Esses procedimentos possibilitaram conhecer o contexto dos acontecimentos, seus determinantes e desdobramentos, bem como revelaram personagens e suas relações, favorecendo, assim, a reconstrução e o registro desta importante história.

Para tal, foi necessário vencer obstáculos. Uns, relacionados à precariedade dos serviços de arquivo, à falta de catálogos, à não gratuidade de alguns deles, à inadequação de acondicionamento e conservação do material, como também à inexistência de espaços apropriados à realização desse tipo de pesquisa. Outros dizem respeito aos poucos estudos realizados sobre a Enfermagem potiguar e à UFRN, o que reforça a relevância deste estudo pelo seu ineditismo e fomento a futuras pesquisas.

Sobre o estudo propriamente dito, cabe frisar que a vinda do Projeto HOPE tornou-se possível após a celebração do convênio entre a UFRN, o governo do estado e a *People to People Foundation*. Desse contrato, registram-se dois momentos e atuações diferenciadas. Inicialmente, no ano de 1972, com a vinda e a estadia do navio-hospital SS HOPE, em Natal, por 10 meses, e, posteriormente, nos anos de 1973 a 1985, com o envio de profissionais para alavancar o ensino superior em saúde na Universidade.

No que concerne à permanência do navio-hospital, destacam-se as atividades assistenciais de saúde em ambientes ambulatorial e

hospitalar, no navio e no Hospital Universitário. Sobre isto, o acesso aos serviços era garantido pela realização de triagem de pacientes e casos, nas dependências do Hospital Universitário e da Faculdade de Odontologia, de onde seriam dados os encaminhamentos para o tratamento clínico ou cirúrgico nos serviços da UFRN ou do navio-hospital.

Essas atividades – fossem no navio-hospital ou na UFRN – eram desenvolvidas através do sistema de trabalho entre contrapartes, ou seja, necessariamente, por um profissional de saúde de cada nacionalidade, e que isso se aplicou às demais categorias. Esperava-se, com isso, assegurar o intercâmbio profissional. Importa dizer que tais ações não se restringiram a profissionais potiguares, pois, como bem explicitaram os colaboradores, o acesso era fácil e aberto aos interessados, podendo-se constatar a regularidade da participação regional de médicos, enfermeiros, estudantes universitário e de nível médio, entre outros segmentos.

Apesar disso, a Enfermagem potiguar parece ressentida e, muito provavelmente, outras categorias profissionais também, quanto a uma programação de palestras e cursos que contemplasse proveitos multiprofissionais. Acerca disso, o material alçado faz crer que o planejamento correspondeu, especialmente, a interesses relacionados à prática e ao ensino médico. Diante disso, as enfermeiras brasileiras sinalizam que os benefícios do intercâmbio poderiam ter sido ampliados obedecendo à mesma lógica, ou seja, programação específica ou multiprofissional, divulgada através da imprensa.

Ainda sobre a Enfermagem do navio-hospital, os relatos fazem crer que o convívio foi fortemente marcado pela hierarquização das relações, rigidez nas ações e, principalmente, na execução de tarefas, podendo-se, em decorrência desses acontecimentos, supor que o Projeto HOPE apresentou poucas contribuições efetivas para a Enfermagem potiguar.

A estadia desse navio-hospital – fevereiro a dezembro de 1972 – foi um episódio que oportunizou a aproximação entre a Enfermagem norte-americana e norte-rio-grandense e que, certamente, deveria favorecer a troca de experiências, conhecimentos e habilidades. Quanto a isso, faz-se necessário esclarecer que a Enfermagem, à época, na realidade de Natal, era constituída, essencialmente, por atendentes e por uma parcela bem menor de enfermeiras e auxiliares, enquanto que a do navio-hospital apresentava-se composta, exclusivamente, por profissionais de nível superior.

A despeito do convívio entre esses dois modelos de Enfermagem, os relatos permitiram identificar semelhanças quanto à estruturação e funcionamento do Serviço de Enfermagem e, dessa maneira, possibilitaram constatar aproximações – hierarquização do serviço; acúmulo de atribuições administrativas e assistenciais; trabalho ininterrupto e sequenciado; escalas de serviços; cumprimento de rotinas de cuidado (curativos; banhos; horários e administração de medicamentos; preparos para exames entre outros) – e distanciamentos (rigidez; autoritarismo; negligenciamento da composição da Enfermagem brasileira).

No entanto, estas aproximações e distanciamentos são recordados com serenidade, sendo as enfermeiras norte-americanas lembradas como profissionais competentes, dedicadas e atentas, que trabalhavam com informações precisas, demonstrando domínio de conhecimentos científicos e técnicas e, em vista disso, gozavam de prestígio e confiança junto à equipe.

Cabe reforçar que a partida do navio-hospital SS HOPE, em dezembro de 1972, não pôs fim às atividades do Projeto em terras potiguares, conferiu, pois, uma nova feição. A partir de então, ocorreu o envio de profissionais, com comprovada experiência no ensino, para atuarem junto à UFRN, na condição de professores visitantes, com a finalidade de alavancar o ensino superior na área de saúde.

Nessa condição, passou a ser denominado de Projeto HOPE Terra (1973-1985). Sua vigência coincide com a reorganização acadêmica e administrativa da Universidade e, também, com a criação e funcionamento de novos cursos, dentre eles o de Enfermagem.

Em se tratando do ensino de Enfermagem no Rio Grande do Norte, interessa relembrar dois acontecimentos: que a Escola de Enfermagem de Natal, antiga Escola de Auxiliares de Enfermagem, destinada à formação profissional em nível médio, corresponde ao marco da implantação da Enfermagem Moderna, e que a Faculdade de Enfermagem de Mossoró foi a pioneira no ensino superior.

Importa lembrar que, em todos esses momentos, a ABEN Nacional é referida como a responsável pela emissão de pareceres técnicos sobre as possibilidades de criação e funcionamento das instituições de ensino em Enfermagem.

Referindo-se ao Curso de Enfermagem da UFRN, em Natal, a capital do estado, viu-se que sua implantação está associada aos desdobramentos da Reforma Universitária, de 1968, bem como tornou-se possível com a cessão feita pela Escola de Enfermagem de Natal de seus recursos físicos e humanos. Assim, por décadas, o mesmo prédio

abrigou os três níveis de ensino em Enfermagem – superior, técnico e elementar – com seus professores ministrando aulas em todos eles.

Essa dificuldade de pessoal foi resolvida até a realização de concurso público, com a seleção e contratação de enfermeiros-professores para o Curso de Enfermagem/UFRN, na condição de professores-colaboradores e, por causa disso, estiveram por aqui, por temporadas diferentes, profissionais de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Mossoró/RN. A essa altura o Projeto HOPE Terra estava em vigor e, a partir do ano de 1974, passou a enviar enfermeiras-professoras para atuarem o ensino superior de Enfermagem.

Quanto aos enfermeiros-professores – colaboradores e visitantes – vale ressaltar que sua chegada sucedeu ao início das disciplinas do Ciclo Básico, ou seja, com o curso em pleno funcionamento, o que reforça a importância dos mesmos no Curso de Enfermagem/UFRN, mas não imprescindíveis à criação e funcionamento do ensino de Graduação. Esse grupo de professores concentrou esforços nas disciplinas de Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Materno-Infantil e em Enfermagem em Saúde Pública, elaborando os programas, ministrando aulas teórico-práticas e acompanhando os alunos nos estágios curriculares.

Especificamente, no que se refere à participação norte-americana no Departamento de Enfermagem/UFRN, vale observar que as enfermeiras-professoras visitantes marcaram presença de 1974 a 1981, ou seja, um ano após o início do Projeto HOPE Terra e quatro anos antes do final, e, para isso, não foi encontrada nenhuma justificativa formal (documento), muito menos informal (colaboradores). Mesmo assim, os relatos dão conta de ações relevantes para a Enfermagem e os serviços de saúde, pois algumas destas enfermeiras-professoras mesclaram o trabalho docente com a assistência em instituições públicas de saúde, mantendo-se próximas aos serviços na perspectiva de favorecer a integração do ensino à prática e vice-versa. Uma delas, inclusive, ainda fortemente presente na memória dos colaboradores, é lembrada pelos atributos profissionais, chegado a ser referenciada por alguns como modelo profissional a ser seguido.

Diante disso, depreende-se que as cooperações internacionais necessitam de uma apreciação meticulosa das circunstâncias e de suas finalidades. No caso do Projeto HOPE, mesmo os resultados parecendo favoráveis e benéficos, a ponto de assegurar o retorno do navio-hospital a Maceió/AL, em 1973, não dispensam a análise criteriosa dos contextos internacional – Guerra Fria; Revolução Cubana; expansão do imperialismo norte-americano; implantação de ditaduras na América

Latina –, e nacional – condições socioeconômicas; governo militar; milagre econômico; posição geográfica estratégica; grande contingente populacional. Vê-se, portanto, que nenhuma ação dessa natureza é despreziosa, muito menos ingênua.

Por fim, espera-se que esta pesquisa tenha atingido o objetivo de compreender a importância do Projeto HOPE (1972-1985) para a saúde do Rio Grande do Norte e para o ensino superior da UFRN, com destaque ao de Enfermagem, e que repercuta, positivamente, estimulando a realização de novos estudos. Tem-se, portanto, a expectativa de que a realização deste estudo tenha contribuído para a História da Enfermagem, da saúde, do ensino superior da UFRN e, em particular, à História do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

ADEUS ao HOPE. **A República**, Natal, p. 1, 7 dez. 1972.

ADUE, I. M. et al. Las controversias entre cuantificación y cualificación em investigación. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. **Investigación cualitativa em enfermagem**: contexto y bases conceptuales. Washington, USA: OPS, 2008.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PYNSKY, CB (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

ALCÂNTARA, G. **A enfermagem moderna como categoria profissional**: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira. 1963. 125 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1963.

ALMEIDA, C. A. et al. A concepção brasileira de “cooperação Sul-Sul estruturante em saúde”. **RECIIS**: R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 25-35, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/696/1341>>. Acesso em: 21 set. 2015.

AMANTE, L. N. et al. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da idade contemporânea (século XX). In: PADILHA, MI; BORENSTEIN, MS; SANTOS, I. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2015. p. 147-181.

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ABEN. **Relatório final do levantamento de recursos e necessidades de enfermagem no Brasil – 1956/1958**. Brasília: ABEn, 1980.

_____. Diretoria Científico-cultural. **Prêmio “Marina de Andrade Resende”**: revisão aprovada na 56ª Reunião do CONABEN. Brasília, 2008.

ATUAÇÃO do HOPE faz navio permanecer mais um ano no Brasil. **A República**, Natal, p. 8, 15 jul. 1972

AUTORIZADO o funcionamento da Escola de Enfermagem: já em Natal três enfermeiras de cursos feitos do Rio de Janeiro. **O Poti**, Natal, 15 dez. 1955.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-79.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. esp., p. 411-416, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700005&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 28 out. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARNES, R. W. The hospital ship HOPE. **Med Arts Sci.**, Los Angeles, v. 23, n. 3, p. 41-43, 1969.

BARREIRA, I. A. et al. Primeira República: implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano, SP: Difusão, 2015.

BARROS, J. D. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **A expansão da história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BIANCHI, E. **Motivação pessoal e profissional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

BOCK, L. F. et al. A organização da enfermagem e da saúde no contexto da Idade Contemporânea. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 253-94.

BOB e Almira, amor a bordo do HOPE. **O Poti**, Natal, p. 15, 15 out 1972.

BORENSTEIN, M. S. **Relações de poder num Hospital de Caridade: uma visão foucaultiana**. Pelotas, RS: Universitária, 2000.

BRADSHAW, A. E. Gadamer's two horizons: listening to the voice in nursing history. **Nursing Inquiry**, Bethesda, USA, n. 1, p. 82-92, 2013.

BRANQUINHO, A. L. Q. et al. Processo de seleção de enfermeiros de um hospital de ensino da região centro-oeste brasileira. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, RJ, v. 18, n. 3, p. 394-399, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a10.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2015.

BRASIL. Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 28 jun. 1931. Seção 1, p. 10516.

_____. Decreto-Lei nº 3.171, de 02 de abril de 1941. Reorganiza o Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Educação e Saúde Pública, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 4 abr. 1941. Seção 1, p. 6815.

_____. Decreto-Lei nº 8.779, de 22 de janeiro de 1946. Cria e anexa à Faculdade de Medicina da Bahia, a Escola de Enfermagem e Serviços Sociais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 24 jan. 1946a. Seção 1, p. 1208.

_____. Ministério Educação e Saúde Pública. Decreto-Lei nº 9.387, de 20 de junho de 1946. Institui a Campanha Nacional Contra a Tuberculose e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, RJ, 20 jun. 1946b.

_____. Lei nº 775, de 06 de agosto de 1949. Dispõe sobre o ensino de enfermagem no País e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 13 ago. 1949. Seção 1, p. 11729.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Portaria nº 381, de 07 de dezembro de 1955. Autoriza o funcionamento do Curso de Auxiliar de

Enfermagem da Escola de Auxiliar de Enfermagem de Natal. **Diário Oficial do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, RJ, 13 dez. 1955.

_____. Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959. Institui a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 dez. 1959. Seção 1, p. 26185.

BRASIL. Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1960. Dispõe sobre a Classificação de Cargos do Serviço Civil do Poder Executivo, estabelece os vencimentos correspondentes, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 jul. 1960a. Seção 1, p. 10101.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Decreto nº 49.120-A, de 11 de outubro de 1960. Concede reconhecimento ao Curso de Auxiliar de Enfermagem da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, mantida pela Sociedade de Assistência Hospitalar e situada em Natal, capital Estado do Rio Grande do Norte. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 nov. 1960b. Seção 1, p. 14937.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei Federal nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960. Federaliza a Universidade do Rio Grande do Norte, cria a Universidade de Santa Catarina e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 dez. 1960c. Seção 1, p. 16173.

_____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

_____. **Parecer nº 977, de 03 de dezembro de 1965**. Aprova a necessidade de implantar e desenvolver o regime de cursos-pós-graduação em nosso ensino superior. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, DF, 3 dez. 1965. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a14n30.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

_____. **Ato Institucional nº 3, de 5 de fevereiro de 1966**. Fixa datas para as eleições de 1966, dispõe sobre as eleições indiretas e nomeação de Prefeitos das Capitais dos Estados e dá outras providências. Brasília, DF, 7 fev 1966.

_____. Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos. Brasília, DF. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 1967. Seção 1, p. 12727.

_____. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Reforma Universitária: fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 nov. 1968.

_____. Decreto-Lei nº 1.110, de 9 de junho de 1970. Cria o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), extingue o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário e o Grupo Executivo da Reforma Agrária e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jul. 1970. Seção 1, p. 5113.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Seção 1, p. 6377.

_____. Parecer nº 163, de 28 de janeiro de 1972. Aprova o currículo mínimo de Enfermagem e Obstetrícia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, fev. 1972a.

_____. Resolução nº 4, de 25 de fevereiro de 1972. Estabelece o currículo mínimo dos Cursos de Enfermagem e Obstetrícia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 1972b.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. **Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil**. Brasília, DF, 1975a.

_____. Decreto-Lei nº 76.593, de 09 de julho de 1970. Cria o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), extingue o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário e o Grupo Executivo da Reforma Agrária e dá outras providências. Brasília, DF. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 nov. 1975b. Seção 1, p. 15257.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisas. Resolução n.º466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Instituições de ensino superior e cursos cadastrados**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BRAUNCH, D. A. A. D. A member boards hospital ship. **Dent Assist.**, v. 36, n. 2, p. 35, 1967.

BURKE, P. et al. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, P. A. **Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

CAMPOS, A. L. V. Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 879-888, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2015.

CARDOSO, M. M. V. N.; MIRANDA, C. M. L. Anna Justina Ferreira Nery: um marco na história da enfermagem brasileira. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 52, n. 3, p. 339-348, set. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671999000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2015.

CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. 6. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2002.

CARLOS, D. J. D. **Passado e presente: a enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes**. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

CARLOS, D. J. D. et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar./abr 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1544/pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M. A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. **Rev. Rene.**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 72-80, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/433>>. Acesso em: 4 out 2015.

CARLOS, D. J. D; GERMANO, R. M; PADILHA, M. I. História e memória do Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal (RN): 1909-2000. **HERE: História da Enfermagem Revista Eletrônica**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 38-57, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/here_pesquisaa.no.htm>. Acesso em: 3 out. 2015.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M.; PADILHA, M. I. Participação de religiosas na composição do serviço de enfermagem em um hospital universitário (1909-2005). **Rev Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 411-419, maio/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/1532/pdf>>. Acesso em: 12 set. 2014.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, R. M.; PADILHA, M. I. O ensino de enfermagem e sua relação com um hospital universitário em Natal/RN (1973-2005). **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-23, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 out. 2015.

CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976**: documentário. Brasília: ABEn Nacional, 2008.

CARVALHO, J. B. et al. University hospital of the Federal University of Santa Catarina: the knowledge-power of nurse teacher (1975-1980). **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 766-774, set. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000300766&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2015.

CARRARO, T. E. **Enfermagem e assistência**: resgatando Florence Nightingale. 2. ed. Goiânia: AB, 2001.

CASCUDO, L. C. **História da cidade do Natal**. 4. ed. Natal: EDUFRN, 2010.

CEARÁ. Decreto Estadual nº 133, de 24 de agosto de 1943. Cria a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado do Ceará**, Fortaleza, 24 ago. 1943.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COELHO, C. P. **A Escola de Enfermagem Anna Nery**: suas histórias – nossas memórias. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1997.

COMISSÁRIO de bordo do HOPE casa com natalense. **A República**, Natal, p. 1, 12 ago. 1972.

COMPERVE divulga todos os resultados do Vestibular-1974. **A República**, Natal, p. 4, 10 jan. 1974.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: <www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso em: 8 out. 2015.

_____. **Resolução nº 358/2009, de 15 de outubro de 2009**. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília, DF, 15 out. 2009.

COREN-GO. Associação Brasileira de Enfermagem. Diretoria de Educação. **Informativo Rede de Diretorias de Educação nº 004/2011**. Expansão de Cursos de Enfermagem e Qualidade de Formação. 2011. Disponível em <http://www.corengo.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=214:aben-publica-informativo-sobre-expansao-de> Acesso em: 5 jun. 2015.

COREN-SP. 30 horas: há 57 anos Enfermagem ouve não. **Enfermagem Revista**, São Paulo, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.coren-sp.gov.br/sites/default/files/01-30-horas.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015.

COSTA, A. A. N. M. et al. Obstetrical nurse development at Universidade de Pernambuco, Brazil: a 35-year history. **Acta paul. Enferm.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 361-366, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2015.

COSTA, E. V. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, M. N. V. **História de uma travessia**: o ensino de Enfermagem em Mossoró. 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

COSTA, R. et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 661-669, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2015.

COSTA, R. et al. Florence Nightingale (1820-1910): as bases da Enfermagem Moderna no mundo. In: PADILHA, M. I., BORENSTEIN, M. S., SANTOS, I. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2015. p. 183-218.

CRISE dos Hospitais começa com o fechamento do Médico-Cirurgião. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 3, 14 abr. 1971.

CUETO, Marcos. La "cultura de la sobrevivencia" y la salud pública internacional en América Latina: la Guerra Fría y la erradicación de

enfermedades a mediados del siglo XX. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 255-273, mar. 2015.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000100255&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 out. 2015.

D'ANTONIO, P. Thinking about place: researching and reading the global history of nursing. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 766-772, dez. 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2015.

DAVIS, R. W. The HOPE ship. **Association of Perioperative Registered Nurses Journal**, Denver, Colorado, EUA, p. 65-68, 1968.

DAMAZIO, S. **Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

EM 10 MESES HOPE realizou quase 10 mil atendimentos. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 6 dez. 1972.

ESCOLA DE AUXILIARES DE ENFERMAGEM DE NATAL. **Livro Ata de Formaturas (1957-1985)**. Natal, 1961.

ESCOLA de Auxiliares de Enfermagem de Natal. **Tribuna do Norte**, Natal, 21 maio 1961.

FARIA, L.; COSTA, M. C. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2015.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2010.

FERNANDES, J. D. O sentido político, ideológico e econômico da expansão das escolas de Enfermagem. **Rev. baiana de enferm.**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 62-72, 1985.

FERNANDES, J. D.; SILVA, R. M. O.; CALHAU, L. C. Educação em enfermagem no Brasil e na Bahia: o ontem, o hoje e o amanhã.

Enfermagem em Foco, Brasília, v. 2, supl., p. 63-67, 2011. Disponível em:

<<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/84/70>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

FERNANDES, S. M. B. A.; MEDEIROS, S. M.; RIBEIRO, L. M.

Estresse ocupacional e o mundo trabalho atual: repercussões na vida cotidiana das superior. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 10, n. 2, p. 414-427, 2008.

Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a13.htm>>. Acesso em: 29 set. 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMOZOL, G. A. et al. As relações interpessoais no cuidado em saúde: uma aproximação ao problema. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 124-127, jan./mar. 2012. Disponível em:

<http://www.facenf.uerj.br/v20n1/v20n1a21.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

FREITAS, G. F. A responsabilidade ético-legal do enfermeiro. In: OGUISSO, T. (Org.). **Trajatória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri: Manole; 2007. p. 209-236.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GERMANO, R. M. **A ética e o ensino da ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 4. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2007.

_____. Organização da enfermagem brasileira. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em:

<<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3>>. Acesso em: 20 out. 2013.

GIOVANINI, T. et al. **História da enfermagem**: versões e interpretações. 2. ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2005.

GOMES, C. O. et al. **Do sonho à realidade**: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal. Natal: EDUFRN, 2006.

GROULX, L. H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 95-124.

HALLAL, D. R.; MÜLLER, R. A Embratur e os cursos superiores de turismo no Brasil. 1970-1976. **Revista Rosa dos Ventos**, Caixias do Sul, v. 6, n. 2, p. 164-179, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2528/pdf_259>. Acesso em: 12 set. 2015.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOPE não polui as águas do Potengi. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 14 jul. 1972a.

HOPE prepara-se para deixar Natal. **O Poti**, Natal, p. 5, 12 nov. 1972b.

HOSPITAL das Clínicas ganha Unidade de Terapia Intensiva. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 27 jun. 1972.

HOSPITAL poderá funcionar em 73. **Diário de Natal**, Natal, p. 3, 13 nov. 1972.

IBGE. Departamento de censos. **Censo demográfico do Rio Grande do Norte**: VIII recenseamento geral. 1970. Tomo VIII. (Série regional, 1)

JACONDINO, C. B. et al. Educação em serviço: qualificação da equipe de enfermagem para o tratamento de feridas. **Cogitare Enferm.**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 314-318, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/17867>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

JOUTARD, P. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Coord.). **Uso e abuso da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 43-62.

KAJIHARA, K. A. **A imagem do Brasil no exterior: análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR desde 1966 até os dias atuais**. 2008. 97 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

KESSLER, A. I.; KRUG, S. B. F. Do prazer ao sofrimento no trabalho da enfermagem: o discurso dos trabalhadores. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 49-55, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2015.

KOBAYASHI, E.; FARIA, L.; COSTA, M. C. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, p. 314-351, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2015.

KOERICH, M. S. et al. Tecnologias de cuidado em saúde e enfermagem e suas perspectivas filosóficas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, esp., p. 178-185, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15nspe/v15nspea22>>. Acesso em: 29 ago. 2105.

LA XI CAMPAÑA contra el hambre presta su apoyo a obras misionales y asistenciales en los cinco continentes. **ABC de Madrid**, Madrid, ES, 8 ene. 1970.

LEONELLO, V. M.; MIRANDA NETO, M. V.; OLIVEIRA, M. A. C. A formação superior de Enfermagem no Brasil: uma visão histórica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. esp. 2, p. 1774-1779, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2013.

LE GOFF, J. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.

LOYOLA, M. A.; CORREA, M. A. D. V.; GUIMARAES, E. R. D. B. Cooperação internacional na área da Saúde Coletiva: propostas para um debate. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2007-2020, jul. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2015.

MACIEL, M. E. D.; OLIVEIRA, F. N. Qualidade de vida do profissional técnico de enfermagem: a realidade de um hospital filantrópico em Dourados-MS. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, MS, v. 6, n. 1, jan. /jun. 2014, p. 83-89. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/viewFile/327/391>. Acesso em: 18 set. 2015.

MALATIAN, T. M. A Biografia e a História. **Cadernos CEDEM**: UNESP, Marília, v. 1, n. 1, p. 16-31, jan. 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/issue/view/52/showToc>>. Acesso em: 18 out. 2015.

MALISKA, I. C. A. et al. A organização da Enfermagem e da saúde no contexto da Idade Contemporânea: a revolução tecnológica (1990-2008). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2015. p. 335-377.

MARCONI, A. M.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, C. B. A Reforma Universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MEDEIROS, L. C. **O ensino de enfermagem e a prática do enfermeiro**: estudo de caso realizado com os enfermeiros egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Rio Grande do Norte. 1994. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

MEDEIROS, M.; TRIPPLE, A. F. V.; MUNARI, D. B. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX.

Rev. Eletr. Enf., v. 10, n. 1, 2008. Disponível em:

<<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXX.htm>>. Acesso em: 3 out. 2015.

MÉDICOS do HOPE realizaram no transplante de córnea. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 8, 12 maio 1972.

MELO, L. M. C.; SIMÕES, R. **Desigualdade econômica regional e *spillovers* espaciais**: evidências para o nordeste do Brasil. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

MELO, V.; CALADO, C. L. A. **Sínteses cronológicas da UFRN, 1958-2010**. Natal: EDUFRN, 2011.

MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: LOYOLA, 1996.

MEIHY, J. C. S.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MENESES, R. M. V. **Formação da enfermagem no estado potiguar**: da criação à consolidação. 2005. 173 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MOLINA, T. M. **História de la enfermería**. 2. ed. Buenos Aires: Intermédica, 1973.

MOREIRA, F.; FERREIRA, E. Teoria, prática e relação na formação inicial na enfermagem e na docência. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, Portugal, v. 41, p. 127-148, 2014. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC41_F_Moreira_E_Ferreira.pdf>. Acesso em: 17 out. 2015.

NAKAMURA, C. C. et al. Motivação no trabalho. **Maringá Management**: Revista de Ciências Empresariais, Maringá, v. 2, n. 1, p. 20-25, jan./jun. 2005. Disponível em:

<<http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/viewFile/26/13>>. Acesso em: 12 set. 2015.

NASCIMENTO, E. B.; OLIVEIRA, M. C. M. Caminhos e desafios da enfermagem no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 23, p. 131-142, set. 2006. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/23/art09_23.pdf>
Acesso em: 17 fev. 2014.

NASCIMENTO, E. S.; SANTOS, G. F.; CALDEIRA, VP. **Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado**. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 1999.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, p. 74-77, fev. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2015.

NAVIO HOPE hoje é esperança, mas também foi Consolação. **Tribuna do Norte**, Natal, 18 fev. 1972.

OGUISSO, T.; FREITAS, G. F.; TAKASHI, M. H. Edith de Magalhaes Fraenkel: o maior vulto da Enfermagem brasileira. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 47, n. 5, p. 1219-1226, out. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000501219&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2015.

PADILHA, M. I. C. S. **A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX**. Pelotas: UFPel, 1998.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 575-584, dez. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2015.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. História da Enfermagem: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade. **Esc Anna Nery R Enferm**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 532-538, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n3/v10n3a24.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S.; BALLETEROS, H. Investigación Histórica en Enfermería. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. **Investigación cualitativa en enfermería: contexto y bases conceptuales**. Washington, USA: Organización Panamericana de la Salud, 2008.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 241-252, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000500013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2015.

PADILHA, M. I. et al. As fontes historiográficas em pauta: a História oral e a pesquisa documental. In: BORENSTEIN, M.; PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história**. Florianópolis: Secco, 2011. p. 37-55.

PADILHA, M. I. As ideias que norteiam este livro. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2015. p. 23-37.

PAIM, L. A formação do enfermeiro no Brasil, na década de 70. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 5, p. 693-694, 2001.

PAIXÃO, W. **História da enfermagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis Livraria, 1979.

PASSOS, Juliana. “Operação Aliança”: entre a Operação Pan-Americana e a Aliança para o Progresso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009. 1 CD-ROM.

PEAKE, J. B. The Project HOPE and USNS Mercy Tsunami Experiment. **Military Medicine**, Bethesda, USA, v. 10, n. 27, p. 27-29, 2006.

PELLÓN, N. L. Los 154 años del grito de Ipiranga. Brasil, historia y futuro 1: en la fiesta pátria. Breve reseña de grandes episodios. **El Alcázar**, Madrid, p. 32, 9 set. 1976.

_____. Los 154 años del grito de Ipiranga. Brasil, historia y futuro 2: en la fiesta pátria. Desarrollo en marcha de un gran país. **El Alcázar**, Madrid, p. 32, 10 set. 1976.

PENNA, R. S. **Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PEREIRA, C. D. F. D. et al. Tecnologias em Enfermagem e o impacto na prática assistencial. **R-BITS**, Natal, v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/reb/article/view/3331/2727>>. Acesso em: 5 set. 2015.

PEREIRA, H. A. A. R. Os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. 1 CD-ROM.

PERNAMBUCO. Decreto Estadual nº 1.702, de 25 de junho de 1947. Cria a Escola de Enfermagem do Recife e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado de Pernambuco**, Recife, 26 jun. 1947.

PIRES, D. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 739-744, out. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2015.

PIRES, D. et al. Jornada de 30 horas semanais: condição necessária para assistência de enfermagem segura e de qualidade. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 1, n. 3. p. 114-118, 2010. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/182/119>>. Acesso em: 18 set. 2015.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: avaliação de evidências para a enfermagem. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PORTO, F.; OGUISSO, T. Anna Justina Ferreira Nery. In: PORTO, F.; AMORIM, W. (Org.). **História da Enfermagem**: identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul, SP: Yendys, 2010. p. 1-20.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. A enfermeira brasileira na mira do clique fotográfico. In: PORTO, F.; AMORIM, W. M. (Org.). **História da enfermagem brasileira**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007. p. 23-188.

PORTO, I. S.; SOUZA, A. S.; RAMADA, F. S. Cuidando de documentos em uma pesquisa de abordagem histórica: a experiência de um projeto integrado sobre o ensino de Enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 225-233, 2000.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teoria e metodologia. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-253.

“PROJETO HOPE” vai embora. Faltou interesse da UFRN. **Dois pontos**, Natal, 11 jul. 1985.

REIS, J. C. **Escola dos Annales**: a inovação em História. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RESENDE, M. A. Ensino de Enfermagem. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 110-158, 1961.

RESENDE, M. J. **A ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984. Londrina, PR: Eduel, 2013.

RIBEIRO, R. A. A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 30, p. 151-175, 2006.

RIBEIRO, R. P. et al. O adoecer pelo trabalho na enfermagem: uma revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 495-504, abr. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200031&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 set. 2015.

RIO GRANDE DO NORTE. **Ata da fundação da Sociedade de Assistência Hospitalar, de caráter privativo e beneficente, com a finalidade de prestar assistência médico-hospitalar e o amparo aos pobres do Estado**: de validade indefinida e com a seguinte composição inaugural: Januário Cicco (Diretor-médico), João Crisostomo Galvão Filho (Tesoureiro) e Fernando Gomes Pedrosa (Secretário). Natal, 25 maio 1927.

_____. Lei Estadual nº 2.307, de 25 de junho de 1958. Cria a Universidade do Rio Grande do Norte e dá outras providências. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, 25 jun. 1958.

_____. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. Convênio entre si celebram, a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, a Secretaria de Estado da Saúde Pública e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a criação das condições necessárias ao desenvolvimento do Projeto HOPE. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 2, 9 out. 1971.

_____. “HOPE” chega a Natal na quarta-feira de cinzas. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 8 fev. 1972a.

_____. O que é o HOPE? Palavras de endosso. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 9 fev. 1972b.

_____. Relações Públicas do Governo prepara recepção para o HOPE. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 9 fev. 1972c.

_____. HOPE chegou e recebeu as boas vindas de milhares de natalenses. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 1, 17 fev. 1972d.

_____. A Comissão Permanente do Vestibular (COMPERVE), no uso de suas atribuições e com fundamento na Resolução nº 83/73 do CONSEPE, de 22 de agosto de 1973, fixa o prazo de inscrição ao

Concurso Vestibular para 1974. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, 9 set. 1973.

ROCHA, S. M. M. et al. **O ensino de pós-graduação em enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1989.

ROUSSO, H. A Memória não é mais o que era. IN: FERRERIRA, M. M.; AMADO, J. **Uso & abuso da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 92-101.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em:
<http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SANTOS, P. P. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte (século XVI ao XXI)**. 2. ed. Natal: Departamento de Imprensa do Estado, 2002.

_____. **O RN na história do desenvolvimento brasileiro**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2005.

SANTOS, R. F.; CERQUEIRA, M. R. South-South Cooperation: Brazilian experiences in South America and Africa. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 23-47, mar. 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2015.

SANTOS, R. M.; LIRA, Y. C. M. S.; NASCIMENTO, R. F. **O navio HOPE: um encontro entre a enfermagem brasileira e a norte-americana**. Maceió: EDUFAL, 2009.

SECAF, V.; COSTA, HCB. **Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras**. 2. ed. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.

SCOCHI, C. G. S. et al. Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 66, n. esp., p. 80-89, set. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SILVA, B. R.; BAPTISTA, S. S. O movimento de expansão dos cursos superiores de enfermagem na Região Norte do Brasil. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 515-520, 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a06.pdf>> Acesso em: 20 out. 2013.

SILVA, E. G. C. et al. O conhecimento do enfermeiro sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem: da teoria à prática. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1380-1386, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2015.

SILVA, K. C. A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 141-171, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2015.

SILVA, M. G. C.; NÓBREGA-TERRIEN, S. M. Reflexão: a formação de enfermeiros e a expansão do ensino de Enfermagem no Ceará. **Rev Rene.**, Fortaleza, v. 7, n. 3, p. 78-84, 2006. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/753>>. Acesso em: 21 out. 2013.

SILVEIRA, C. A.; PAIVA, SMA. A evolução do Ensino de Enfermagem no Brasil: uma revisão histórica. **Ciênc Cuid Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 176-183, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6967/p>>. Acesso em: 26 out. 2013.

SOUZA, I. **Nova história de Natal**. 2. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

STUMM, E. M. F.; MACALAI, R. T.; KIRCHNER, R. M. Dificuldades enfrentadas por enfermeiros em um centro cirúrgico. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 464-471, set. 2006. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2015.

SUASSUNA, L. E. B.; MARIZ, M. S. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

TEODÓSIO, S. S. S. **Formação e processos identitários de enfermeiras no Rio Grande do Norte**: memórias de egressos (anos de 1970). 2014. 225 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TIMÓTEO, R. P. S. **O ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. 265 f. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

TRINDADE, S. L. B; ALBUQUERQUE, J. G. **Subsídios para o estudo da história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

UNIVERSIDADE estuda a criação de novos cursos. **A República**, Natal, p. 7, 20 mar. 1973.

UFRN. **Resolução nº 02 CONSUNI, de 09 de janeiro de 1964**. É incorporada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para funcionar junto a Faculdade de Medicina, a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, autorizada a funcionar pela Portaria Ministerial nº 381, de 17 de dezembro de 1955 e reconhecida pelo Decreto nº 49.120-A, de 17 de outubro de 1960. Natal, 1964.

_____. **Relatório**: 12 anos de Universidade (1959-1971): implantação e desenvolvimento. Natal: Imprensa Universitária, 1971.

_____. **Resolução nº 06 CONSUNI, de 26 de janeiro de 1973**. Convênio celebrado entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a People to People Health Foundation para a execução de programas de ensino e conselho médico e paramédico, odontológico e de Enfermagem. Natal, 26 jan. 1973a.

_____. **Resolução nº 72 CONSEPE, de 09 de agosto de 1973.**

Parecer favorável à criação do Curso Superior em Enfermagem. Natal, 9 ago. 1973b.

_____. **Resolução nº 58 CONSUNI, de 13 de agosto de 1973.**

Aprova a criação dos Cursos de Educação Física, Enfermagem, Arquitetura, Engenharia Química e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculados às respectivas áreas do conhecimento, deferido ao CONSEPE a fixação das vagas iniciais de cada curso. Natal, 13 ago. 1973c.

_____. **Resolução nº 83 CONSEPE, de 22 de agosto de 1973.**

Proposta da Comissão Permanente do Vestibular para o Concurso Vestibular para o ano de 1974. Natal, 22 ago. 1973d.

_____. **Resolução nº 35 CONSUNI, de 03 de maio de 1974.**

Autoriza a contratação, respeitando os impedimentos de ordem legal, de professoras para o Departamento de Enfermagem a níveis Assistentes e Auxiliares de Ensino. Natal, 1974.

_____. **Perfil de uma Universidade:** quadriênio 1971-1975. Natal:

Imprensa Universitária, 1975a.

_____. **Principais realizações no quadriênio 1971/75.** Natal:

Imprensa Universitária, 1975b.

_____. **Resolução CONSEPE nº 147, de 12 de dezembro de 1977.**

Concede títulos de Professor Visitante a enfermeiras do Projeto HOPE. Natal, 1977a.

_____. **Departamento de Assuntos Estudantis.** Relação dos alunos

que colaram grau em Enfermagem, no dia 10 de dezembro de 1977. Natal, 10 dez. 1977b.

VILAR, R. L. A.; SMALL, M. A. Avaliação de um programa de assistência primária de saúde na área periurbana. **Rev. Bras. Enf.**; Brasília, v. 36, p. 199-212, 1983.

WAGNER, L. R. et al. Relações interpessoais no trabalho: percepção de Técnicos e Auxiliares de Enfermagem. **Cogitare Enferm**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 107-113, jan./mar. 2009. Disponível em:

<file:///C:/Users/Eletro%2025%20ADM/Downloads/14123-47538-1-PB%20(3).pdf>. Acesso em: 23 jul. 2015.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ROTEIRO DE ENTREVISTA

A) IDENTIFICAÇÃO DO COLABORADOR

Nome.....
 Local e ano de nascimento..... Profissão.....
 Instituição e ano de formatura.....
 Ano de ingresso na UFRN
 Formação complementar (Pós-Graduação)
 Cargos exercidos na UFRN
 Sua participação no Projeto HOPE.....

B) SOBRE O PROJETO HOPE

O que foi o Projeto HOPE?
 Por que Natal/RN foi escolhida para receber o navio HOPE?
 O que se comentava, à época, sobre a vinda desse navio?
 Quem podia fazer parte desse Projeto e quais os critérios para participação?
 Como foi sua participação no Projeto?
 De que forma era realizado o intercâmbio entre os profissionais participantes do Projeto?
 Onde e como aconteciam as práticas entre os profissionais?
 Qual a importância da passagem desse navio por Natal/RN?
 Por quanto tempo permaneceram os americanos no RN após a partida do navio?
 Quem eram esses profissionais e quais atividades desenvolviam?
 Qual a contribuição do Projeto HOPE ao RN?
 Qual o impacto do Projeto HOPE para a Enfermagem do RN?
 Qual o impacto desse Projeto para a saúde do RN?
 Quais memórias você guarda desse Projeto?
 O que mais você gostaria de falar sobre o Projeto HOPE?
 Você tem algum documento, foto ou jornal da época?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**
(de acordo à Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde)

Este é um convite para o(a) senhor(a) participar da pesquisa O PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE E SEUS NEXOS COM A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR (1972-1985): MEMÓRIAS COMPARTILHADAS, coordenada pela Prof^a Dr^a Maria Itayra Coelho de Souza Padilha.

Sua participação é voluntária, o que significa que o(a) senhor(a) poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a importância da participação das enfermeiras norte-americanas, nos anos de 1970, do Projeto HOPE, no desenvolvimento da Enfermagem do Rio Grande do Norte, e justifica-se pela necessidade de preservar a memória e fomentar estudos relacionados à História da Saúde e do Ensino da Enfermagem no RN, como também pelo fato de resgatar a História de um passado recente ainda não registrada e de suma importância para o Estado.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa de abordagem sócio-histórica, baseada na Nova História, que utilizará a História Oral como técnica para a coleta de dados através da realização de entrevistas semiestruturadas, que seguirão um roteiro previamente estabelecido.

Sua participação não envolve nenhum risco. As informações obtidas serão tratadas com sigilo e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro no Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCES), UFSC, destinando-se exclusivamente a fins acadêmicos. Sua participação não implicará em gastos, assim como será assegurado o recebimento de uma cópia deste Termo.

Os procedimentos inerentes à implementação da pesquisa requerem a sua autorização para gravação das falas em gravador digital e obtenção de fotografias que possam vir a contribuir com a pesquisa.

Os esclarecimentos adicionais a respeito desta pesquisa poderão ser feitos diretamente à Prof^a Dr^a Maria Itayra Coelho de Souza Padilha (padilha@ccs.ufsc.br ou (48) 9962-4510) ou ao Doutorando Djailson

José Delgado Carlos (djailson.delgado@hotmail.com ou (84)9985.4994).

.....
Profª Drª Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

.....
Ddo. Djailson José Delgado Carlos

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,, RG, fui informado(a) sobre o objetivo, a justificativa, os benefícios e os riscos de participar desta pesquisa. Afirmo que compreendi os procedimentos quanto à confidencialidade, à guarda, à utilização e à divulgação das informações, por isso autorizo a gravação da entrevista e a utilização de fotografias por mim disponibilizadas. Declaro, portanto, que estou de acordo em participar, voluntariamente, da pesquisa O PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE E SEUS NEXOS COM A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR (1972-1985): MEMÓRIAS COMPARTILHADAS.

Natal/RN, de de

.....
Assinatura do participante

APÊNDICE C – Termo de cessão do depoimento oral**UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM****TERMO DE CESSÃO DO DEPOIMENTO ORAL**

Eu,, estado civil, RG, CPF, declaro para os devidos fins que abduco plenamente dos direitos sobre minha entrevista gravada e transcrita, autorizada para a leitura e inclusão no Projeto de Pesquisa de autoria do Ddo. Djailson José Delgado Carlos, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Maria Itayra Coelho de Souza Padilha. Dou ciência de que poderá ser utilizada integralmente, para fins acadêmicos, sem restrições de prazos e citações desde O PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE E SEUS NEXOS COM A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR (1972-1985): MEMÓRIAS COMPARTILHADAS na presente data. Concordo também que seu arquivamento fique sob a responsabilidade do Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCES), do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN), localizado na Universidade Federal de Santa Catarina, no Centro de Ciências da Saúde (CCS), CAMPUS Universitário, CEP 88.040-900, Florianópolis/SC.

Local e data:, de de 2013

.....
Entrevistado(a)

APÊNDICE D- Carta de intenção do estudo**UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM****CARTA DE INTENÇÃO DO ESTUDO
(CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO PARA A COLETA DE
DADOS)**

Ilmo(a) Sr.(a)

Objetivando contribuir com a produção científica na área da História da Saúde e do ensino em Enfermagem no estado, solicito autorização para que o enfermeiro DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possa coletar dados que subsidiem a pesquisa O PROJETO HOPE NO RIO GRANDE DO NORTE E SEUS NEXOS COM A SAÚDE E O ENSINO SUPERIOR (1972-1985): MEMÓRIAS COMPARTILHADAS, junto a essa conceituada instituição.

Na certeza de contarmos com a compreensão e empenho, agradecemos antecipadamente.

Natal (RN), de de 2013

.....
Prof^a Dr^a M^a Itayra Coelho de Souza Padilha (padilha@ccs.ufsc.br)
Coordenadora da Pesquisa

.....
Ddo. Djailson José Delgado Carlos
djailson.delgado@hotmail.com

APÊNDICE E – Carta de anuência Departamento de Enfermagem da UFRN



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

Campus Universitário, BR 101 - Lagoa Nova, CEP.: 59.072-970 – Natal-RN-Fone/Fax: (84)3215.3615 – E-mail: secdenf@hotmail.com

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que o Departamento de Enfermagem da UFRN, nesta carta de Anuência representada pela Chefia do Departamento vem acordar com a disponibilização de seus documentos arquivados para fins de pesquisa, neste departamento, do tema: ENFERMEIRAS NORTE-AMERICAS NO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS (DÉCADA DE 1970), a ser realizada pelo senhor DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS, sob a responsabilidade da Prof^ª Dr^ª Maria Itaira Padilha, em face do programa de Pós-Graduação em Enfermagem - da Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Saúde, com previsão de término para o mês de fevereiro de 2016.

Natal, 15 de agosto de 2013

A assinatura manuscrita do Prof. Dr. Gilson de Vasconcelos Torres, escrita em tinta azul, apresenta uma grafia cursiva e fluida.

Prof. Dr. Gilson de Vasconcelos Torres
Chefe do Departamento de Enfermagem da UFRN

APÊNDICE F - Carta de anuência da Escola de Enfermagem de Natal



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE NATAL

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que a Escola de Enfermagem de Natal – EEN/UFRN, nesta Carta de Anuência representada pela Diretora Geral vem acordar com a disponibilização de seus documentos arquivados para fins de pesquisa, nesta escola, do tema: ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS (DÉCADA DE 1970), a ser realizada pelo senhor DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS, sob a responsabilidade da Profª Drª MARIA ITAIRA PADILHA, em face do programa de Pós-graduação em Enfermagem – da Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Saúde, com previsão de término para o mês de fevereiro de 2016.

Natal, 15 de agosto de 2013



EDILENE RODRIGUES DA SILVA

Diretora Geral da Escola de Enfermagem de Natal/UFRN

Edilene Rodrigues da Silva
Diretora Geral da EEN
Matrícula nº 2195205

APÊNDICE G - Carta de anuência do Hospital Universitário Onofre Lopes – HUOL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES
DIREÇÃO GERAL

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que o Hospital Universitário Onofre Lopes – HUOL, nesta Carta de Anuência representada pelo seu Diretor Geral, abaixo designado, vem concordar com a disponibilização do seu acervo histórico para fins da pesquisa ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL: MEMÓRIAS COMPRATILHADAS (DÉCADA DE 1970), a ser realizada pelo senhor DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS, sob a responsabilidade da Profª Drª MARIA ITAYRA PADILHA, em face do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Catarina, com previsão de término para o mês de fevereiro de 2016.

Natal, 19 de agosto de 2013.

Atenciosamente,


José Ricardo Lagreca de Sales Cabral
 Diretor Geral do HUOL.

Prof. Dr. Irami Araújo Filho
 Diretor de Ensino-Pesquisa-Extensão
 Hospital Universitário Onofre Lopes
 Mat. 3328273-2

Missão do HUOL: "Promover de forma integrada o ensino, a pesquisa, a extensão e a assistência no âmbito das ciências da saúde e correlatas, com qualidade, ética e sustentabilidade"
Visite a home Page do Hospital (WWW.huol.ufrn.br)

Av. Nilo Peçanha, 520, Petrópolis, CEP 59.012-300 - Natal/RN
Fones: (84) 3342.5098 / Fax: (84) 3342.5068/E-mail: dir.enfermagem.huol@bol.com.br
Site: www.enfermagemhuol.blogspot.com

APÊNDICE H - Carta de anuência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN

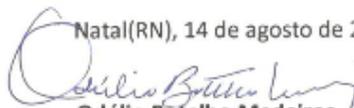


INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO
GRANDE DO NORTE – IHGRN

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN, nesta Carta de Anuência representado pelo seu Secretário-adjunto, abaixo designado, vem concordar com a disponibilização do seu acervo histórico para fins de pesquisa, na sede deste Instituto, do tema ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS (DÉCADA DE 1970), a ser realizado pelo Senhor DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS, sob a responsabilidade da Profª Drª MARIA ITAIRA PADILHA, em face do programa de Pós-Graduação em Enfermagem – da Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Saúde, com previsão de término para o mês de fevereiro de 2016.

Natal(RN), 14 de agosto de 2013


Odúlio Bótelho Medeiros
Secretário-Adjunto do IHGRN

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS (DÉCADA DE 1970)

Pesquisador: Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 18317513.5.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 425.196

Data da Relatoria: 14/10/2013

Apresentação do Projeto:

"ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS DO NAVIO HOPE E O DESENVOLVIMENTO DA ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS (DÉCADA DE 1970)". Pesquisa de abordagem histórica-social, como o objetivo de compreender a participação das enfermeiras norte-americanas do Navio HOPE no desenvolvimento da Enfermagem potiguar, principalmente no que diz respeito ao Ensino Superior, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Esta investigação será desenvolvida à luz da Nova História e utilizar-se-á de fontes primária (documentos, fotos, atas, jornais, relatórios, cartas, diários oficiais etc) e da realização de entrevistas. Os dados serão analisados sob a técnica da Análise de Conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

o objetivo primário é compreender a importância da participação das enfermeiras norte-americanas, na década de 1970, do Projeto HOPE no desenvolvimento da Enfermagem do Rio Grande do Norte. Secundariamente: 1) traçar a biografia dos personagens/pioneiras que participaram do processo de criação/implantação do Ensino Superior de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2) verificar a influência do Projeto HOPE para os serviços de saúde de Natal; 3) Analisar o intercâmbio técnico-científico ocorrido entre as enfermeiras do Projeto HOPE e a enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes; 4) conhecer a

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Balneario: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-8206 Fax: (48)3721-9696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

Continuação do Parecer: 425.196

participação das enfermeiras do Projeto HOPE ao ensino de Enfermagem do Rio Grande do Norte.

avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores os riscos identificado nessa pesquisa são mínimos e, como benefícios contribuir para a construção do conhecimento da História da Enfermagem e do ensino de Enfermagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata o presente de um projeto de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC. Um estudo que será desenvolvido na perspectiva sócio-histórica, para o qual se utilizará da pesquisa documental e da história oral, cujo propósito será

o de investigar a participação das enfermeiras norte-americanas do navio HOPE na evolução da Enfermagem do Rio Grande do Norte. Os dados serão analisados sob a técnica de Análise de Conteúdo que busca a compreensão dos significados de forma objetiva, científica e sistematicamente, de acordo com o contexto dos discursos no intuito de ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem e de propiciar uma interpretação profunda, representativa e pertinente. Espera-se com esse procedimento, a ultrapassagem do senso comum e o alcance da análise crítica dos documentos, textos, biografias, entrevistas e observações. A seleção dos colaboradores para Investigação será composta por pessoas vinculadas, à época, década de 1970, à UFRN através da Escola de Auxiliares de Enfermagem ou do Hospital e àquelas ligadas à gestão pública, municipal ou estadual, que necessariamente tenham participado do intercâmbio com navio HOPE. Projeto bem estruturado, documentação completa e TCLE adequado aos participantes, estando portanto de acordo com a Resolução nº466/12 e normas complementares. Recomendamos a sua aprovação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentação completa.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram detectadas pendências ou inadequações neste projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Rector João David Ferreira Lima
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
 UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
 Telefone: (48)3721-0208 Fax: (48)3721-0696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 425.190

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 15 de Outubro de 2013

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-0208 Fax: (48)3721-0696 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br